

OS JOGOS DA FOME ACABARAM DE FICAR MAIS VIOLENTOS



O COMPLEXO DOS ASSASSINOS

LINDSAY CUMMINGS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

OS JOGOS DA FOME ACABARAM DE FICAR MAIS VIOLENTOS

A movie poster for 'The Hunger Games: Mockingjay - Part 2'. The central figure is Katniss Everdeen, played by Jennifer Lawrence, looking directly at the viewer with a determined expression. She has a blood smudge on her forehead and is wearing a grey tank top with bloodstains on her right arm. She holds a bow in her left hand and an arrow in her right. A quiver of arrows is on her back. The background is a massive, intense fire. At the bottom, the title 'O COMPLEXO DOS ASSASSINOS' is written in large, bold, yellow capital letters, and the author 'LINDSAY CUMMINGS' is in smaller white capital letters below it.

O COMPLEXO DOS
ASSASSINOS

LINDSAY CUMMINGS

Ficha Técnica



Título: *O Complexo dos Assassinos*

Autoria: *Lindsay Cummings*

Editor: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2015 Edições Saída de Emergência.

Título original The Murder Complex © 2014 Lindsay Cummings.

Publicado originalmente nos E.U.A.

por HarperCollins Publishers, 2014

Tradução: José Manuel Lopes

Revisão: Saída de Emergência

Design da capa: Saída de Emergência

Ilustração da capa: Saída de Emergência

Data de edição E-book: Abril, 2015

ISBN: 978-989-637-777-9

Edições Saída de Emergência

R. Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082

S. Pedro do Estoril, Portugal

Tel e Fax: 214 583 770

www.saidadeemergencia.com

Este é um livro de ficção. Qualquer referência a pessoas, acontecimentos, instituições, organizações, ou locais reais será apenas a fim de fornecer um sentido de autenticidade, e será usada para fazer avançar a narrativa ficcional. Todas as outras personagens, e todos os incidentes e diálogos, provêm da imaginação da autora e deverão ser concebidos como tendo uma existência real.

Dedicatória

*Ao meu pai, Don Cummings, que é a razão por que escrevo.
Adoro-te.*

Bem-Vindos

***Bem-vindos ao Complexo dos Assassinos.
Vocês não nos podem ver. Vocês não nos podem sentir.
Mas estamos aqui.
E controlamos todos os vossos movimentos.***

É a chave para a sobrevivência, a chave da vida. O velho punhal do meu pai.

— Peri! — Chamei por cima das ondas a minha irmãzinha. Uma velha lata ondula nas águas, hipnotizando-me por momentos. Para lá dos Baixios, o mar está pejado de barcos. Alguns ainda estão a flutuar, com os mastros estendidos como braços para o céu. Outros encontram-se meio submersos, afundados e cobertos de musgo.

Por entre os barcos veem-se outras coisas. Pneus usados, a metade de um automóvel enferrujado, plástico. Um cadáver de mulher está de cabeça para baixo nas ondas, com o cabelo estendido como se fosse algas.

Por detrás de mim, na cidade, geme a Sirene Noturna. Começa baixinho, em seguida uiva mais alto para se tornar de novo mais silenciosa. Toda a gente na praia se esconde nas sombras, sabendo demasiado bem o que acontece quando o Sol se põe.

Já não é seguro. Volto a chamar a Peri. — Já são horas para nos irmos embora!

Ela levanta uma mão muito pequena e faz-me o sinal com dois dedinhos sujos que ergue por cima da cabeça.

Dois minutos. Com ela é sempre mais dois minutos.

O Sol começa a pôr-se, uma enorme bola cor de laranja, que se derrete no mar, incendeia o céu e tudo começa a dançar cheio de cores. Vermelhos, laranjas, amarelos. Lembram-me sangue, lembram-me a minha mãe.

Peri vem a correr na minha direção, levantando jatos de areia atrás dela. — Encontrei um caracol-do-mar! — grita, como uma gaivota assustada. — Como eu!

— Ai sim? Deixa-me ver. — Dou uma olhadela por cima do ombro e vejo algumas pessoas que ainda se encontram na praia, antes de me ajoelhar para ficar ao seu nível. Os grandes olhos cinzentos de Peri, da cor da espuma do mar, abrem-se muito, ao colocar-me a concha pequenina na palma da mão. É redonda e enrolada em espiral, com uma ponta aguda no topo. Um molusco surge então na sua abertura. Embora não tenha o volume suficiente para que alguém o pudesse comer, ainda estou tentada a meter esse caracol no bolso. Mas, de qualquer modo, a Iniciativa iria logo saber disso. Tão certo quanto a maré encher e vazar, a Iniciativa descobre sempre os nossos segredos.

— É uma bela concha — comento, sorrindo para ela —, mas não podemos ficar com ela.

Os números negros e espessos, que tem tatuados na testa, franzem-se contrariados. 72050. É o número de catalogação da Peri, que difere do meu apenas por um número. Os nossos códigos de barras informam a Iniciativa acerca do local onde estamos e de *quem* somos, a cada momento das nossas vidas. À medida que Peri vai crescendo, crescerá também, e nunca se há de apagar ou enrugar-se devido às nanites¹ que todos nós transportamos no sangue.

— Olha — digo-lhe, apontando a ponta do punhal na direção da concha —, vamos marcá-la. Assim, da próxima vez que a encontrares, vais lembrar-te. — Tento desenhar um pequeno coração num dos lados da concha. Está todo torto e mal se consegue ver. Deixo cair o molusco na areia para que as ondas o levem. A Peri sorri encantada. É uma versão mais pequena de mim. Tem um cabelo louro-platinado que lhe cai encaracolado até à cintura. Como o da nossa mãe.

— Muito bem, já é tempo de nos irmos embora. — Ela dá-me a mão e reboca-me pela areia, murmurando entre dentes a melodia de uma canção de embalar. Baixinho, mais ninguém além de nós as duas a consegue ouvir. A Peri sabe muito bem dar valor ao silêncio nos Baixios.

No outro extremo da praia, um pontão feito de enormes pedras penetra no mar. As ondas rebentam contra ele e molham-nos, mas isso não importa. O calor do verão cola-se a mim como nevoeiro.

Peri é a primeira a trepar pelo pontão para chegar ao outro lado. Eu sigo-a, e fico quase sem fôlego.

Piratas.

São capazes de fazer qualquer coisa para ganharem mais créditos. A Iniciativa paga-lhes para vigiarem a costa e para resolverem os problemas mais comuns, tal como encontrarem e denunciarem os cidadãos que quebrem um dos quatro Mandamentos dos Baixios.

Primeiro Mandamento: Honrar a Iniciativa.

Segundo Mandamento: Não tentarás atravessar o Perímetro.

Terceiro Mandamento: Honrar a Hora de Silêncio.

Quarto Mandamento: Não manterás objetos úteis dos Dias Passados.

— Vamos lá a pagar! — exclama um dos Piratas. Este levanta-se do seu lugar junto a uma fogueira bem acesa. Estão a cozinhar peixe.

Nós nunca poderíamos arranjar um peixe inteiro. Tudo o que conseguimos recolher é enviado para o Departamento de Rações Alimentares, para ser misturado com outros alimentos, ricos em nutrientes, até formar um puré a ser distribuído.

— Esta noite não queremos problemas — apresso-me a dizer-lhes. A Peri encosta-se muito a mim. — Só queremos chegar ao nosso barco.

O Pirata ri-se, e há dois homens que se juntam a ele. Estão todos cobertos de tatuagens. Um deles tem uma tatuagem da Iniciativa no pescoço, um olho aberto que nunca pestaneja. — Se queres ir para o mar, minha menina, terás de pagar.

A minha mão toca no punhal que trago junto à anca. São apenas três. Se estivesse sozinha, acabaria logo com a situação. Mas a Peri começa a puxar-me pela blusa e eu dou-lhe conta do medo nos seus olhos. Não posso arriscar a sua segurança. Não agora, quando as Horas da Escuridão se avizinham. E não tenho o que quer que seja para dar aos Piratas, nada que possa comprar a nossa passagem.

Mas a Peri tem.

Ela tem um par de ténis demasiado grandes e os atacadores ainda estão intactos. Trata-se de algo precioso, e parte-me o coração o facto de ter de ser eu a retirar-lhos.

— Dou-vos os atacadores — sugiro eu aos Piratas, apontando para os pés de Peri. — Mas depois têm de nos deixar passar.

O homem mais corpulento assobia. Tem mau hálito. — Esta noite estou muito generoso, minha menina. Para a próxima vez é melhor que venham preparadas. Estão a perceber?

Aceno afirmativamente com a cabeça. — Para a próxima vez talvez não fique vivo.

Ele pensa que estou a brincar.

Baixo-me para desatar os atacadores. A Peri franze o sobrolho, mas não se põe a chorar.

É forte esta minha irmãzinha.

Os Piratas pegam nos atacadores e voltam, a rir-se, para junto do peixe que estavam a passar. Eu e a Peri conseguimos passar em segurança e corremos ao longo da praia. Retiramos à pressa as folhas de palmeira e as algas do nosso barco. Trata-se de um pequeno bote onde apenas cabem duas pessoas. Desamarro a corda, empurro o barco até às ondas e deixamos a praia para trás.

— Meadow, será que vamos comer esta noite? — pergunta-me a Peri, enquanto remos através do labirinto de resíduos e de lixo. O vento afasta-lhe o cabelo da cara e eu reparo no modo como ela tem as maçãs do rosto tão salientes, como tem os olhos um pouco encovados. Está novamente a perder peso.

— Sim — respondo-lhe, acenando com a cabeça e desviando o olhar. A maneira como ela me está a observar, como se eu fosse a única coisa no mundo que merecesse ser amada, faz com que o meu coração se encha de sentimentos de culpa. Se ela soubesse o que tenho de fazer para que ela possa comer, para me certificar de que conseguimos assegurar a sobrevivência...

A duas milhas da costa paro e ponho-me a olhar fixamente para o mar enegrecido, com os ombros a arderem-me devido ao esforço da remada. O bote embate contra a nossa casa flutuante. Tudo está em silêncio, uma noite parada com as ondas a embaterem suavemente contra o barco, como de costume. Quando a minha mãe foi assassinada, pensei que o mundo também se acabasse com ela. Mas ainda continua.

¹ Nanomáquinas. (N. do T.)

É estúpido termos medo de um número.

57809. Cada vez que o vejo, tenho um calafrio.

45860. Afasto-me rapidamente, com as faces coradas, os dedos a tremer.

23412. Culpa. Ódio. Angústia. Tenho vontade de fugir e de bater com a cabeça contra uma parede de tijolo até começar a sangrar, até perder os sentidos e ignorar o mundo por completo.

Os Programados não deveriam ter sentimentos. Especialmente os rapazes. Devemos ser fortes, capazes de nos desenrascarmos. Pelo menos é isso que a Iniciativa nos diz.

É uma estupidez termos medo de números.

Mas eu tenho.

Tenho mesmo.

Todas as noites, fico acordada o tempo suficiente para poder afastar os meus pesadelos. Estou de pé nas tábuas que formam o chão do alpendre. O mar está mais escuro do que o céu e, embora mal possa enxergar as ondas a erguerem-se e a baixarem à luz do luar, sinto esse movimento por baixo dos pés. Um suave embalo que me faz sentir em segurança. Os outros barcos à nossa volta chapinham e gemem nos seus ancoradouros. Costumava haver outras pessoas a viverem nesses barcos.

Mas todas foram mortas ou desapareceram. Agora, apenas a minha família sobrevive ao mar.

Na distância consigo ver as luzes do Perímetro, a enorme muralha que rodeia os Baixios.

O meu pai contou-me sobre uma guerra que despedaçou o país e que todos os que sobreviveram tinham contraído a Peste. Esta derrete-nos as entranhas. Morre-se num instante e todos os que se encontrem perto, para verem o que acontece, também morrem.

Uma vez por outra, veem-se luzes intermitentes no topo da muralha do Perímetro, que oscilam entre o azul e o roxo. A Pulsação. Essas luzes enviam mensagens para os Alfinetes que nos foram implantados no braço logo à nascença. Ao receber essa mensagem, o Alfinete liberta nanites. Estas retiram-nos as impurezas do corpo, reparam-nos as células, como pulgas de areia na sua limpeza. É por isso que todos somos saudáveis. Devido à Pulsação, a morte por doença é algo que já não teremos de temer. A Peste já não nos poderá atacar. O Segundo Mandamento tem a ver com a nossa segurança.

E essa é a única razão por que aqui ficamos.

Volto-me para entrar em casa. A Peri deve estar a começar com os seus pesadelos. Mas antes que o faça, algo me detém.

Julgo ouvir passos.

— Peri?

Qualquer coisa embate com força contra mim e fico sem ar nos pulmões. Caio do alpendre para o mar escuro.

Alguém me agarra. Estamos a ir para o fundo do mar, muito depressa, com o luar por cima de mim a desaparecer rapidamente.

Não consigo respirar. Não consigo pensar. Vou morrer afogada.

Conta até três. Descontrai a mente. Agora sobrevive. As palavras do meu pairessoam-me claramente no pensamento, e eu obedeco.

A minha mão toca em carne humana e eu ouço um ronco surdo através da água. Consigo agarrar no punho do punhal, abrir os olhos e apontá-lo na direção do meu atacante. A lâmina quase lhe penetra, quando me apercebo de três apertões fortes no

braço. O sinal, na minha família, de estarmos prestes a desistir. Recuo, retirando o punhal. Irei, de certeza, pagar por isso.

Volto desesperadamente à superfície e aspiro o ar fresco de verão, enquanto o meu irmão vem à tona, mesmo ao meu lado.

— Mas que diabo, Meadow...! — exclama Koi, enraivecido, enquanto ambos vomitamos água salgada. — Pai! — grita ele, e o rosto do nosso pai aparece por cima da balaustrada. Atira-nos um escadote de corda e nós nadamos para ele à luz do luar.

— Raios partam! — geme Koi, à medida que trepa desajeitadamente pela escada de corda para se atirar para as tábuas do chão do alpendre como um peixe moribundo. Depois deita-se de costas e começa a respirar fundo. Vejo gavinhas de pelos platinados no seu rosto. — Quantas vezes te disse eu já... para deixares o punhal... — geme ele — aqui em casa... — outro gemido — sempre que brigamos?!

Consigo subir pela escada de corda e sento-me de cócoras ao lado dele. O meu irmão faz-me um gesto obsceno com o dedo médio, e eu estremeço ao ver um charco de sangue a espalhar-se pelas tábuas do chão do alpendre por baixo da sua coxa. O sangue, na maior parte das vezes, não me incomoda. As nanites reparam-nos as feridas muito rapidamente. Mas estas deixam-nos cicatrizes, marcas da nossa força. A ideia de ser *eu* a pôr termo à vida do Koi dá-me vontade de vomitar.

— Tu atiraste-te a mim sem que eu estivesse à espera! — digo-lhe a choramingar. Porém, apesar do sangue, não posso deixar de sorrir. O Koi alcança três vitórias por cada uma das minhas. — Bem, deixa-me ajudar-te...

— Não, não é preciso — responde-me ele, com um rugido. A ferida já começou a sarar. — Não é nada de especial. — Faz uma careta e afasta-me a mão. As suas cicatrizes são como centenas de pequenas marcas de dentes ao longo dos braços. As minhas não são tão más, apenas uns quantos pequenos cortes aqui e ali, mas quem me dera ter mais. Nos Baixios as cicatrizes são os nossos troféus. Demonstram bem como sabemos fintar a morte.

— Belo trabalho, Meadow — observa o meu pai, com um sorriso escarninho. Ele gira a manivela de uma grande roda situada à proa da nossa casa flutuante. Mais à ré, vê-se um compartimento onde se guarda uma bobina de arame. Correntes, ligadas a essa roda, libertam desse compartimento um espesso arrame farpado. Esse arame serpenteia em volta da balaustrada da nossa casa flutuante, com farpas tão aguçadas como facas. A segurança nunca é de mais. — Estás a ficar melhor. Creio que já passou.

— Sim? — Esforço-me para que a minha voz não soe esganiçada de emoção. Amanhã é o meu dia de anos. Dezasseis, e já não é sem tempo. Já estamos em junho, no sexto mês do ano, quando dois comboios especiais atravessarão os Baixios, o Vermelho e o Azul. Se conseguir apanhar um deles, farei o meu teste de colocação e, se tudo correr bem, terei finalmente um verdadeiro emprego e um ordenado. Isso irá significar mais comida e mais água para a minha família.

— Pois é... — O meu pai acena-nos para que nos juntemos a ele lá dentro. Seguimo-

lo e vemo-lo acender uma vela, logo que fechamos a porta e as portadas das janelas. Tenho a impressão de cheirar lírios, a flor favorita da minha mãe. Mas as velas perfumadas há muito desapareceram.

No outro lado da sala, consigo ver a Peri esparramada em cima do colchão, com as pernas e os braços abertos, como se tivesse acabado de cair sem sentidos após uma corrida extenuante.

— Estás nervosa? — Koi pega numa cadeira e senta-se voltado para as costas da mesma, com os braços pousados à vontade sobre o espaldar arredondado.

— Não — minto-lhe. Não quero que ele pense que sou fraca. — Explica-me como é que podemos apanhar o comboio.

Ele ri-se baixinho. — Já to expliquei, Meadow. Mil vezes. Não dês nas vistas. Não chames as atenções. Não irás ter problemas.

Olho de soslaio para o meu pai, e ele confirma as palavras do Koi com um silencioso saceno de cabeça. O nosso saco de mantimentos está aberto em cima da mesa. Tudo o que o meu pai conseguiu ganhar nessa semana. Uso o meu punhal para cortar uma fatia de pão. Esbora-se nos meus dedos quando a levo à boca, mas não me queixo. Aprendemos a ser agradecidos por tudo o que conseguimos arranjar.

— E se eu não o conseguir apanhar? — Olho para Koi. — Explica-mo outra vez, *se não te importas*...

Os seus olhos fixam-se nos meus por instantes, e sorri. É algo que ele e a Peri fazem mais vezes, uma coisa rara nos Baixios. — Hás de conseguir. Limitas-te a fazer o que te disse. Vão todos tentar entrar sofregamente para o primeiro comboio. Vai ser uma carnificina, acredita, de modo que tens de te manter mais atrás e *esperar*. Entras no segundo comboio e, em vez de entrares para a carruagem, trepas para o tejadilho.

Ele conseguiu apanhar o comboio há três anos. Mas chumbou no teste de colocação.

Ainda hoje se critica por causa disso. Leio-o nos seus olhos.

— Hás de conseguir apanhar o comboio — repete Koi. Debruça-se e coloca a mão em cima da minha. É um gesto que a minha mãe costumava ter para comigo. — És forte e, quando fizeres o teste, hás de passar.

Ficamos calados por mais algum tempo. O meu irmão pega num pedaço de madeira que deu à costa e começa a esculpi-lo. Consigo ouvir o ruído do seu canivete, a regularidade da sua respiração. As suas esculturas em madeira são sempre tão reais, como se capturassem breves instantes de vida e, silenciosamente, agradeço ao mundo por não lhe ter roubado esses pequenos instantes de felicidade. Esta noite, está a fazer uma escultura do meu pai a limpar os seus anzóis após um dia de pesca. Por vezes, penso que poderia ficar aqui sentada para sempre a observar o Koi. É uma coisa simples trabalhar a madeira desse modo, mas o resultado final é sempre fascinante.

— Porque é que não conseguiste passar no teste, Koi? — perguntei-lhe antes. Nunca me contou o motivo. Mudava sempre de assunto, ou continuava o que estava a fazer, sem me dirigir uma palavra.

Mas esta noite ele suspira e pausa o canivete.

— Lembras-te do teu treino? — pergunta-me.

O meu pai entra e coloca uma grande tigela de água fervida na mesinha. Submerjo nela as mãos, sorvo um gole, e deixo que a água morna me deslize pela garganta. O meu pai sai muito calado e, minutos depois, ouço o ribombar de uma tempestade. — Tivemos treinos em sobrevivência durante anos — observa Koi. — E que nos disse sempre o nosso pai?

Olho para a Peri. — Matar ou morrer — murmuro.

Koi acena afirmativamente com a cabeça. Volta a pegar no canivete e vejo que fica com os nós dos dedos muito brancos. — Quando entrares na sala, e *hás de entrar*, Meadow — diz-me ele, quando me vê abrir a boca para protestar —, estarás aí com uma outra pessoa. Irão testar-te com perguntas. Os resultados serão inconclusivos. São-no sempre.

Atira para o chão o pedaço de madeira e começa a trabalhar numa outra escultura. — Chumbei porque não era suficientemente forte. — As marcas que ele vai fazendo na madeira tornam-se mais fundas. Julgo estar a ver o rosto da minha mãe, mas ele atira com o canivete para cima da mesa e desvia esse pedaço de madeira, antes que eu o possa ver mais de perto. — A única razão por que regressei é porque sou um covarde. Esforcei-me por sair da sala para que o rapaz que tinha de lutar comigo pudesse viver.

— Só porque não mataste ninguém não quer dizer que sejas um covarde — comento. — Faz de ti uma boa pessoa. — Koi é corajoso porque ainda é capaz de amar e ser afável, num mundo repleto de ódio.

Mas eu... Eu não me importaria de matar para salvar a minha família, até por um pão.

— Só uma pessoa poderá sair dessa sala viva, Meadow, com um *emprego*. E serás tu. Tu conseguirás fazer aquilo que eu não fui capaz.

Olhamos fixamente um para o outro. — Matar ou morrer — diz ele. Volta a ocupar-se da sua escultura, calmo e em silêncio; ele é tão diferente de mim.

Porque, de súbito, apercebo-me do que o Koi me está a tentar dizer.

Sou uma assassina, treinada pelo meu pai, e sempre o fui. Levanto-me e pego no pedaço de madeira. A Peri irá querer ficar com ele.

— Lamento ser quem sou — digo, com um suspiro, ao acomodar-me na cama com a minha irmã. Ela volta-se, e eu sinto o seu bafo quente na face.

Esta noite estarei em segurança.

Na cidade, a segurança é uma coisa do passado. A percentagem de assassínios subiu para trezentas mortes por mês e qualquer pessoa pode ser a próxima. Foi o que aconteceu à minha mãe.

Amanhã, serei capaz de matar para não morrer.

— Limpa-me esse lixo, 72348! Que é que pensas que isto é? Uma creche? Mexe-te, Programado!

O funcionário da Descontaminação do Local de Crime e de Trauma é um grande sacana. E não um dos sacanas do costume. É novo aqui, começou a trabalhar há pouco tempo... são dos piores que poderemos encontrar, com calças novas, lavadas e muito bem passadas a ferro, talvez pela mãe dele, e é pago pelo seu abastado pai da Iniciativa.

Ele é uma Sanguessuga de primeira apanha. Esse género de pessoas está protegido por um Alfinete Versão 2.0. Os que têm os genes CTSD parecem envelhecer mais lentamente do que nós, e nenhum deles tem uma ruga ou uma cicatriz que se veja.

Mergulho a esponja num balde de lixívia e espremo-a, com o cheiro forte a invadir-me as narinas. A costumeira onda de náusea percorre-me o corpo. A Talan está a olhar fixamente para mim enquanto arranca o Alfinete do braço sem vida da vítima; nada mais a separa, para além de um par de luvas de látex, dos tendões do número 34570. O funcionário Sanguessuga aproxima-se, e a Talan coloca o Alfinete numa caixa com fechadura. As nanites serão recicladas para a próxima pessoa que tenha a infelicidade de ter nascido nos Baixios.

Sabem que mais? Penso que as Sanguessugas merecem uma morte sangrenta e serem atiradas para uma campa rasa.

A Talan debruça-se sobre outro corpo com uma cabeça quase esmagada. Vejo-a revirar os olhos azuis-claros. Rio entre dentes. Quase consigo ouvir-lhe a voz a lamentar-se: — Oh... meu DEUS... Zephyr... *Ohmeudeus*... Não é assim tão terrível para ti. És um RAPAÇ. Estou seriamente a considerar a substituição em vez disto.

Eu mostro-lhe os dentes num sorriso aberto e começo a trabalhar esfregando o chão manchado de sangue. A Talan não é nada feia. Ela é uma daquelas mulheres com um ar sexy e misterioso; cheia de curvas, no melhor sentido da palavra, com olhos eletrizantes e cabelo escuro que lhe roça a cintura fina. Ela iria ter mais rações alimentares se se tornasse uma *dessas* raparigas, não há dúvida, mas, se o fizesse, não iria durar muito. Nada nos Baixios dura muito tempo.

Um rasto de suor quente percorre-me a espinha. Fazer limpezas sob o céu da Florida não é trabalho fácil. Hoje é domingo. Dia de recolha, o pior dia da semana. É um dia de luto e reflexão.

Pego numa pá e deslizo-a por baixo de um corpo. Ao longo dos passeios de cimento rachado da cidade veem-se corpos. Cadáveres. Alguns mortos há uns dias; outros há horas. Veem-se corpos cobertos de moscas, de pássaros que depenicam nos nossos almoços e roubam madeixas de cabelo para fazerem ninhos. Mas o pior de tudo é o sangue. Seco, rios de sangue em crostas, espalhados pelas ruas da cidade como cola. O

cheiro metálico é de cortar a respiração e, quando o calor se eleva do alcatrão e o Sol incide de tal maneira forte como se estivéssemos debaixo de uma lente gigantesca, o sangue começa a borbulhar. Quando ferve durante muito tempo, começa a queimar-se.

O meu trabalho é limpá-lo. Todos os Programados desempenham os trabalhos que mais ninguém quer fazer. Como estarem encarregues do lixo; levar montes do mesmo para o Cemitério, uma grande montanha de lixo nas margens da cidade onde os membros das quadrilhas de meliantes não hesitarão em nos degolar. Podemos trabalhar como engraxadores para as Sanguessugas. Lavar-lhes os uniformes.

São tudo trabalhos para malucos, mas temos de os fazer. *Primeiro Mandamento: Honrar a Iniciativa.* Cada semana, ao domingo, eu apareço e observo tudo com muita atenção. Esfrego e limpo e agonio-me, e perco o meu almoço duas vezes. Sento-me no meio de um mar de moscas e tento não pensar no dia em que encontrei a filha da Talan estendida e toda torcida no passeio.

O pior era que a Arden ainda respirava, ali estendida, encharcada no seu próprio sangue. Os golpes eram tão fundos que nem mesmo as nanites os conseguiam estancar. Vi a Talan levantá-la do chão e tentar levá-la para que a socorressem, mas uma Sanguessuga apontou-lhe logo uma espingarda à cabeça. Uma das maiores, com balas que lhe abriam um buraco enorme no crânio. — Acaba com ela — disse-lhe ele. — Faz o teu trabalho como deve ser.

Fui eu quem o fez em vez dela.

Não podia permitir que tivesse de ser a Talan a fazê-lo.

Mas esse é o preço que pagamos por sermos Programados. Somos todos peões, órfãos, sem outra escolha. Faremos tudo para sobreviver, e as Sanguessugas certificam-se de que será assim.

A campainha soa. É altura do intervalo para almoço. À minha volta, os Programados movem-se como um único bloco, como uma vasta migração até ao Salão de Rações Alimentares. O edifício é baixo e atarracado, uma velha escola primária aproveitada dos dias antes de o mundo se ter tornado um inferno. Ao canto, um enorme buraco na parede está tapado com pedaços de lona azul. Talvez do tempo de um velho ataque aéreo antes de o Perímetro ter sido construído. Os sobreviventes originais dizem que se está melhor aqui. Dizem que até as árvores morreram devido à Peste, que os pássaros todos tombaram do céu. A minha teoria é que o mundo é uma coisa terrível, não importa onde estejamos.

— Vamos a andar depressa. Temos uma cidade para limpar, Programados! — exclama a Sanguessuga como se estivesse a ladrar. A meu lado, consigo ouvir a Talan num protesto entre dentes. Entramos no salão e somos assaltados por um cheiro a carne fora de prazo. Quente. Asfixiante. Suficientemente forte para arruinar o apetite de qualquer pessoa, mas estamos tão tremendamente esfomeados que nem nos importamos.

Ponho-me na fila atrás da Talan. O funcionário Sanguessuga que aqui está é alto e grosseiramente gordo. Como uma esfera demolidora. Ele observa enquanto mostramos os nossos números de catalogação, e grita-nos para que mantenhamos um andamento certo.

Eu olho para os ecrãs que mostram imagens do que podemos comer hoje. Um naco de qualquer coisa semelhante a carne. Penso nisso como sendo gato duas vezes frito. Um copo de água reciclada. Uma mulher, com o cabelo tão curto como o dos homens, passamos o nosso saco de ração alimentar através de uma pequena abertura na divisória de vidro. Recebemo-lo sem nos queixarmos. Se assim não fizéssemos, seríamos castigados.

Por vezes há pessoas que são castigadas até morrerem.

— Isto é uma merda — comenta a Talan logo que arranjam um lugar numa das mesas. Ela põe uma mancheia de carne na boca. — Estas Sanguessugas voltaram a cortar as nossas rações...

Eu olho para a minha insignificante porção. — Caraças, Talan, tens razão.

— Essa palavra nunca irá voltar a estar na moda — observa ela.

Encolho os ombros. — Se eu quiser que a palavra entre na moda, assim será. As palavras são praticamente deusas, não sei se estás a ver...

— Tu é que deves *estar a ver coisas*, se queres que te diga. Será que te dei uma pancada na cabeça, sem querer, com uma das pás? — Ela acaba de comer em tempo recorde.

Todos os dias nos parecem dar menos. Mais fica para as Sanguessugas comerem. O seu complexo habitacional, em forma de torre, tem um portão e encontra-se rodeado de guardas armados. Há dias em que penso meter os braços através das barras de ferro para poder arrancar uma maçã da árvore que está sempre fora do meu alcance. Mas, se o fizesse, seria mais um cadáver para a Talan levantar do chão e, se bem que ela por vezes me faça perder as estribeiras, não posso permitir que continue nesta vida sozinha. Ela é a pessoa mais próxima que tenho, a minha única família.

— Meu Deus, faria tudo para ficar gorda — observa a Talan. — Tu não? Pensa nisso, Zephyr. Imagina que estás tão empanturrado que nem consegues respirar.

Mantenho-me calado. As Sanguessugas podem não se importar com o nosso bem-estar, mas ouvem tudo o que dizemos.

Estou convencido que me observam muito de perto. Enquanto como, quase sinto os seus olhos a furarem-me as costas. Por vezes imagino que me conhecem. Que me conhecem *realmente*, de um modo ainda mais profundo do que a minha mãe ou o meu pai. Ponto a comida na boca e deixo-a deslizar pela goela. Sabe a terra e a minhocas.

— Oh, não quero acreditar no que está a acontecer! — exclama a Talan, como se rugisse. Ela põe-se de pé e eu levanto os olhos.

As Sanguessugas formaram um grupo no outro lado do salão. Revezam-se no uso dos seus chicotes negros, atingindo alguém. Estremeço.

Os que pisam o risco têm de pagar por isso. As cicatrizes que tenho nas costas são a prova do que acabei de dizer.

— Passamos a vida dedicados e preocupados com a segurança — irrompe uma das Sanguessugas em voz alta. Todos se calam e todos olham para ele.

— Dedicamos as nossas vidas para fazer deste mundo um lugar melhor! Exigimos

que nos obedeçam, pois queremos proteger-vos da dor! — acrescenta, no mesmo tom de voz. É um indivíduo alto, com cabelo escuro e um rosto magro. Axel Worth. O funcionário chefe dos Programados. — E é esta a vossa paga...!

Duas Sanguessugas levantam do chão um homem ensanguentado. Há sangue que lhe escorre do nariz. — Este homem roubou mais rações alimentares — explica o funcionário Worth. — Este homem cuspiu na nossa noção de autoridade. *Cuspiu-vos na cara.*

A Talan murmura a meu lado: — Será que poderemos agora acabar de comer?

Dou-lhe uma pisadela por baixo da mesa para a calar.

— Sabem por acaso o que fazemos aos que desobedecem? — grita Worth.

Ninguém lhe responde. Ele observa a multidão à sua volta, parece ignorar-me e eu desvio o olhar. Não quero chamar para mim as atenções. É por isso que ainda estou vivo, e a Talan devia aprender comigo antes de levar uma coronhada na cara.

— Acabamos com eles!

Worth puxa duma pistola. Não deixo de o observar enquanto ele a levanta, de braços esticados e estendidos, e puxa o gatilho. Há sangue que esguicha para a divisória de vidro e que começa a escorrer lentamente, como chuva numa vidraça.

Ninguém se mexe. Ninguém suspira, ou grita, ou chora, porque todos nós já o vimos antes.

— Mas... que... *estúpido* — diz-me a Talan.

— Também estava a pensar o mesmo — observo, e acabamos as nossas refeições. Deixam o corpo estendido no chão.

Depois do almoço, os Programados logo se encarregarão de o levarem.

Chego às linhas de comboio mesmo a tempo.

Ouve-se um silvo e uma respiração na distância. Vejo primeiro o comboio Vermelho que se apressa na minha direção. Os carris, na sua maioria, rodeiam a cidade, limitando a praia e os paus. Porém, mesmo no centro dos Baixios, junto ao Salão de Rações Alimentares, o comboio passa junto à rua.

As pessoas, suficientemente desesperadas para arranjar um lugar num dos comboios, começam a apinhar-se ao longo da linha como gafanhotos. Alguns começam a empurrar, enquanto outros ficam apenas aí de pé, aos berros e a tentar chegar-se um pouco mais à frente. O chão começa a vibrar e, quando o comboio Vermelho quase para, desencadeia-se a luta.

Todas as pessoas se tornam cruéis e intolerantes, e eu tento manter-me longe da confusão.

Espero, até chegar o comboio Azul, tal como o Koi me aconselhou. Este não é melhor do que o Vermelho, de modo que me mantenho mais recuada e reparo no modo como certos cidadãos se esgatanham como animais selvagens.

A última carruagem desliza à minha frente, um caixote de metal enferrujado com uma escada de metal atrás para a manutenção. Já há alguns que fazem o que eu estou prestes a fazer. Em breve não haverá lugares lá em cima. Corro, tentando pôr-me em bicos de pés, esquivando-me à esquerda e à direita, estendo os braços, e salto.

Seguro com as mãos num dos varões da escada de metal e tento não o largar, ficando com as pernas penduradas, a oscilar perigosamente, perto de um homem que se estica para me arrancar daí. Dou-lhe um pontapé, com força, na cara, e tento trepar por mais varões de ferro enquanto ele esbraceja, quase a desequilibrar-se.

O tejadilho do comboio está cheio de dejetos de gaivotas, mas estes evitam que o metal fique demasiado quente. Consigo rastejar até lá, apoiando-me no estômago e fico então estendida ao lado dos outros, a arfar. O rapaz que está junto de mim olha para outro lado, assim que eu olho para ele. Hoje, ele não constituirá uma ameaça.

A dada altura, as linhas hão de ramificar-se. Um dos comboios irá para leste, na direção do Perímetro. O outro irá para ocidente, passando pelo Cemitério, em direção à sede da Iniciativa. Espero ter feito a escolha certa.

Se ao menos o Koi me pudesse ver agora... Sorrio e continuo a observar tudo, à medida que os edifícios se vão afastando. Milhares de tendas enchem o paul circundante. Residências para os Programados do Estado. Por vezes imagino que, se fosse também Programada, talvez as coisas fossem mais fáceis. Que se não tivesse a Peri e o Koi a meu cargo, poderia viver livremente. Poderia fazer o que me apetecesse e, caso viesse a morrer, não deixaria cá ninguém.

No entanto, os meus irmãos são, neste mundo, o único pedaço de felicidade que ainda me resta. Nunca os poderei perder.

O Cemitério ergue-se como uma cordilheira na distância, um monte de lixo até ao céu. Quatro torres de vapor inundam-no de um constante nevoeiro, trabalhando em vão para disfarçarem o mau cheiro. As gaivotas mergulham, debicando na lixeira.

Toda a gente, nos Baixios, sabe que terá de evitar o Cemitério, acima de tudo. Os Piratas não são a única quadrilha de meliantes que aí se encontra. Os Cangalheiros são de longe os piores. Quando o comboio se apressa a passar, começo a abrir caminho até à parte de trás do tejadilho da carruagem, pronta para poder saltar, se tiver de o fazer. Mas o comboio Azul mantém o seu curso, correndo na direção em que pretendo que ele vá. Reparo no modo como o comboio Vermelho se esbate na distância. Pergunto-me se as pessoas que nele viajam, as que estão sentadas no tejadilho, encontrarão uma vida melhor. É muito possível que as suas vidas acabem hoje mesmo.

Ninguém que tivesse escolhido o comboio do Perímetro alguma vez regressou.

A sede da Iniciativa é o único edifício nos Baixios que não está a cair aos bocados. As paredes são feitas de titânio, quase tão espessas como as do próprio Perímetro e, quando as observo mais de perto, consigo ver câmaras de segurança no topo. O logótipo da Iniciativa está pintado nas paredes, um olho gigante que vê tudo.

O comboio começa a parar e toda a gente se amontoa; os que são da minha idade correm para o portão em frente do edifício. Os mais velhos, os que escolheram o comboio errado, correm para os paus, esperando desaparecerem entre a vegetação, antes de serem alvejados.

Metade dos que entrarem neste edifício já não irão sair. Pelo menos, não sairão vivos.

Olhei para a rapariga que estava ao meu lado. Oxalá tivesse uns sapatos de salto alto como os dela. São encarnados, brilhantes e bicudos. Ela sente-se muito orgulhosa, como se tivesse matado alguém para os adquirir. As suas cicatrizes dão a entender que talvez o tivesse feito. Eu devo ter cerca de um metro e sessenta e sete com as botas de couro da minha mãe, que já estão muito usadas e têm a pele estalada. De súbito, sinto que não tenho qualquer hipótese.

Um funcionário da Iniciativa aproxima-se de mim, com um leitor do número de catalogação na mão. Ergue-mo ao nível da testa e ouço a máquina a lê-lo em voz alta. «72049. Meadow Woodson».

As sobranceiras do homem arqueiam-se por instantes. — Woodson? — pergunta-me. — Tens um irmão?

Suspiro. Era a última coisa que eu poderia desejar que acontecesse. — Isso é importante? — questiono, e levo uma mão à boca. Tenho a concha de estimação da minha mãe, prateada e brilhante por baixo do sol quente, pendurada numa pulseira. Fico à espera que ele me corrija com um estalo na cara. A minha outra mão dirige-se à parte de trás da minha cintura, onde escondi o punhal do meu pai. Mas o funcionário limita-se a estudar-

me por momentos, com um sorriso nos lábios. Depois volta-me as costas e começa a percorrer a fila de pessoas formada à pressa.

No interior do edifício, as ventoinhas no teto parecem imitar o som de uma bateadeira, mesmo por cima da minha cabeça. Um outro funcionário da Iniciativa manda os rapazes para a esquerda e as raparigas para a direita. Levam-nos para a sala de espera. No momento em que aí entro, tenho vontade de dar meia-volta e sair. As paredes adquirem um brilho trémulo e os Alfinetes Pretos, do chão ao teto, enchem qualquer centímetro quadrado do espaço. Cada um deles já pertenceu a um cidadão. As nanites foram removidas, recicladas para outras pessoas. Mas os Alfinetes têm o nosso número de catalogação. Cada um deles representa alguém que talvez tivesse chegado a este edifício com a esperança de arranjar um emprego, que esteve de pé neste mesmo chão e talvez tivesse pensado as mesmas coisas em que estou agora a pensar.

Finalmente conduzem-nos através de um longo corredor branco, até uma sala demasiado pequena para o nosso grupo. Amontoamo-nos em cadeiras e sofás. Alguns sentam-se no chão, outros ficam de pé, e duas raparigas começam a disputar uma com a outra um lugar na parte da frente da sala. Ambas são removidas pelo funcionário da Iniciativa.

Outra rapariga não respeita o Quarto Mandamento: *Não manterás objetos úteis dos Dias Passados*. Ela mexe-se e uma coisa pequena cai-lhe do bolso: uma moeda. A rapariga é removida juntamente com as outras. Pergunto-me se terão famílias em casa que irão passar fome devido à falta de tato que as três revelaram.

Acomodo-me num sofá de couro branco que parece colar-se à parte de trás das minhas coxas. Ao meu lado, está a rapariga com os sapatos encarnados. Estamos tão juntas que as nossas pernas se tocam. Ela tem um ar rude, com uma cicatriz irregular numas das faces.

— Bonito — comento, sorrindo e acenando afirmativamente com a cabeça ao ver a cicatriz.

— Também tu — diz ela, avaliando as pequenas cicatrizes que me cobrem os braços.

Sentamo-nos em silêncio durante algum tempo, enquanto as raparigas começam a ser chamadas, em pares, para a sala de testes. Não demora até a divisão estar tão quente que começo a sentir o suor a escorrer-me pelo pescoço. Depois do que me parece demorar horas, já não há mais ninguém a não ser nós as duas.

— Devemos ser a seguir. — Ela volta-se para mim. — Tu não tens qualquer hipótese.

— Já iremos ver quem é que de lá sai com um emprego. — Mantenho as mãos paradas no colo. Estão suadas e eu gostaria de as limpar, mas não o faço. — Se ainda tiveres algumas dúvidas... serei eu quem eles escolhem.

Encolhe os ombros e, então, a porta em frente de nós abre-se. Um avaliador, com um grande *NoteScreen* na mão, chama os nossos nomes. Ambas nos levantamos e seguimo-lo.

Suspiro devido ao choque quando entramos. É como se me tivessem atirado para uma piscina de água fria. Ar condicionado... Quem sabe quanta energia estarão eles a gastar

para manter hoje este local fresco? Consigo reparar que a outra rapariga também teve a mesma reação.

Há câmaras ao longo das paredes desta sala. Avançamos e sentamo-nos ao lado uma da outra em cadeiras metálicas. Existe aí um avaliador com um crachá em cima da secretária. Esse crachá será para a que ficar com o emprego. Olho de soslaio para a rapariga assustada. Ela também me observa e eu começo a pensar qual irá ser o momento em que terei de a matar.

— Woodson? — O avaliador levanta-se. O seu cabelo castanho está muito esticado para trás como se lhe tivesse espalhado uma colher de óleo.

Passo com as palmas das mãos pelos meus calções de ganga. O tecido está muito usado e um pouco esfarrapado, e eu sinto-me tão pouco preparada, tão despida, tão pequena, que creio que a sala poderia engolir-me por completo.

— Sou eu — gaguejo.

Ele olha muito para mim. — Levanta-te.

Empurro a cadeira para trás e tento acalmar os nervos quando ele avança para me examinar. — És franzina — diz ele, a olhar-me de alto a baixo, e eu ranjo os dentes.

Está caladinha, Meadow.

Seria fácil matá-lo, pôr-lhe as mãos em volta do pescoço e olhá-lo bem nos olhos enquanto ele desse o último suspiro. Em vez disso, cravo as unhas na palma das mãos.

Ele olha para o *NoteScreen*. Passa a língua pelos lábios. — A tua mãe... — diz ele, com uma voz amarga. — Lark Woodson.

— Conheceu-a?

Ele escreve no ecrã do *NoteScreen*. Sei que não devemos falar a não ser que nos perguntem qualquer coisa.

— Conhecemos toda a gente. Mesmo as pessoas mais insignificantes. — Não tento olhar para outro lado enquanto ele me vai avaliando. — Será que ela te ensinou alguma coisa... que valesse a pena?

— Claro que sim. Será que a sua mãe...

— A minha ensinou-me a distinguir o que presta do que... — Observa-me novamente de alto a baixo. — Já alguma vez infringiste um dos quatro Mandamentos, cidadã?

— Não. Eu sei honrar a Iniciativa.

— És uma mentirosa desprezível.

Mas ele não tem provas. Este indivíduo não me conhece. Deveria dar-lhe a conhecer quem eu realmente sou. Mas depois, penso no rosto da Peri. Ela merece o meu esforço, de modo que lhe digo o que o meu pai me disse para dizer. — Sou forte, sei cozinhar. Fui eu quem praticamente criou a minha irmã mais nova. Hei de trabalhar no duro, se mo permitir. Aceitarei qualquer coisa que tenha para me oferecer. A minha família precisa que eu fique com este emprego.

Ele dá um suspiro fundo e continua a escrever no *NoteScreen*. Faz uma careta de nojo. — Isso é o que todas dizem, miúda.

Quando a minha companhia se levanta, parece um soldado, orgulhosa e forte, apesar dos saltos altos encarnados e do vestido largo, que lhe balanceia em torno das ancas. O avaliador interroga-a também acerca dos pais. Mas já não existe azedume no seu tom. Nada do que diz a faz parecer desmerecedora do seu tempo. Ele parece satisfeito com todas as suas respostas. São consistentes e ela nunca diz coisas incorretas.

Sento-me quieta e de cabeça levantada, embora tenha o coração quase a sair-me do peito. Sei que já chumbei. É impossível que, na presença desta rapariga, eu tenha ganhado.

O avaliador abandona a sala, levando com ele a minha adversária.

Uma mulher entra, toda vestida de branco, o que faz com que a sua pele pareça também mais pálida. Não me diz nada, limitando-se a espetar-me uma agulha no braço e a tirar sangue. Examina-me os olhos e, embora eu saiba que não sou daltónica como o Koi, sinto-me mais descontraída quando ela me diz que não tenho problemas de visão. Examina-me a capacidade auditiva, a minha capacidade de reação. Faz com que eu caminhe numa linha reta, me equilibre só num pé, e depois noutro. Vou estudando o seu rosto durante todo o processo, tentando descobrir se também chumbei nestes exames, mas ela nada deixa transparecer, limitando-se a fazer anotações num *NoteScreen*, com os lábios franzidos. É uma muralha tão espessa como o Perímetro.

Não me sinto humana. Sinto-me como um rato apanhado num labirinto.

A seguir vem o exame em papel. Respondo a perguntas acerca das minhas competências, como pescar, coser, e como limpar da forma mais correta uma ferida infectada. Há uma lista de empregos que me poderão ser atribuídos se eu passar: levar lixo para o Cemitério, trabalhar num hospital, trabalhar na Sala de Rações Alimentares, atividades de pesca, como o meu pai... O pior emprego é ter de prestar assistência a um membro da Iniciativa. Respondo o melhor que sei e posso, e agradeço à minha mãe ter-me ensinado a ler e a escrever. Quando chego à parte em que me perguntam qual é a minha maior fraqueza, deixo o espaço em branco.

Um homem entra e senta-se diante de mim. Tem uns olhos azuis que me deveriam lembrar do mar, mas parece tratar-se de uma pessoa doente e eu sinto uma dor no estômago. — Percebes por que razão estás aqui hoje? — pergunta-me.

Pigarreio. — Porque procuro uma oportunidade de poder ganhar alguma coisa para ajudar os meus familiares — respondo.

— Tens um pai, um pescador. Tens um irmão, que tem vinte e um anos, e uma irmã com sete. A tua mãe já morreu.

— Sim, senhor.

— Porque pensas tu que mereces ter um emprego? Já há uma pessoa que ganha para a tua família. O teu pai recebe um saco de rações alimentares por semana, tal como as outras famílias. Se ele trabalhar bastante e obtiver créditos suficientes, dar-lhe-emos a oportunidade de poder obter outras coisas menos necessárias, para vos manter confortáveis. Será que és gananciosa?

Baixo os olhos. — Porque não é o suficiente... — digo eu. Quero dizer mais qualquer

coisa. Quero gritar-lhe, fazer com que ele perceba como é horrível ver como a roupa da Peri lhe assenta tão mal, e como o rosto do Koi se entristece sempre que ele olha para ela.

Ele recosta-se melhor no seu cadeirão e ri-se com um breve latido, semelhante ao de um cão. — A Iniciativa já vos dá o suficiente.

— Mas nós somos quatro — riposto. — Vivemos com rações que deveriam ser para duas pessoas. Há uma criança que está a crescer de dia para dia. Ela precisa de mais.

— Assim sendo, deveriam aprender a racionar melhor — esclarece ele. — O teu pai deveria trabalhar mais e ganhar mais. — Volta a recostar-se e põe uma mão na têmpora. — Serias alguma vez capaz de roubar qualquer coisa da Iniciativa, Woodson?

Não estava à espera dessa pergunta. Sinto o meu coração a acelerar ainda mais. — Não seria suficientemente estúpida para o tentar — respondo, mas a verdade é que seria capaz de o fazer, se precisasse. Para manter a Peri viva, era mesmo capaz de matar este homem neste momento, com as minhas próprias mãos, se tal fosse necessário.

— Muito bem — diz ele, encolhendo os ombros. — Uma última pergunta — acrescenta, debruçando-se sobre a secretária: — Estarás disposta a lutar pelo que queres?

Olho para as minhas mãos. Ainda tenho sangue nas unhas depois da luta com o Koi na noite anterior. — Sim, luto sempre pelo que quero.

O homem sorri, pela primeira vez. — Muito bem — diz ele. Faz mais uma anotação. — Ótimo.

Levanta-se, dirige-se para a porta e deixa-me sozinha. Há um relógio na parede, um dos antigos que fazem tiquetaque, mantendo um ritmo constante, e não demora até que o meu coração comece a bater em sintonia com o relógio. Fico encharcada em suor.

Finalmente, a porta abre-se e a minha adversária entra com um ar muito convencido, como se já tivesse sido escolhida.

Cai-me o coração aos pés. — Parabéns — apresso-me a felicitá-la, mas ela abana a cabeça.

— Pensei que tinhas sido escolhida — diz-me ela, quase boquiaberta. Reparo que ela não tem um dente.

A porta volta a abrir-se. Ambas nos voltamos. O avaliador entra na sala. Tem um crachá prateado na mão e um sorriso doentio no rosto. — O teste foi inconclusivo. Vocês são as duas excelentes candidatas.

— Que diabo quer isso dizer? — pergunta-lhe a outra rapariga. Em seguida, com um certo humor, atreve-se a dizer: — Então ficámos ambas empregadas?

Julgo ouvir a voz do Koi.

Só uma pessoa sairá viva.

Irás fazer o que eu não consegui fazer.

O avaliador segura o crachá entre dois dedos, um prémio que ele se põe a balançar diante de nós. — A Iniciativa está à procura de alguém para o Departamento de Rações Alimentares. Alguém que saiba desenvencilhar-se. Os cidadãos, às vezes, perdem aí as estribelas, como vocês devem saber. — Ele deixa que o crachá caia no chão. Eu quero

apanhá-lo, apertá-lo contra o peito, nunca o largar. — É pena — diz ele — que só uma de vocês possa trabalhar para nós. Mas é isso que dá um certo picante à coisa, não acham? — Ele ri-se, fazendo oscilar o corpo para a frente e para trás.

— A que ficar com o crachá deverá ir até à sala ao lado para processar alguns dados.
— Com isso, volta-se e abandona a sala.

Há um momento de silêncio. Eu e a outra rapariga mantemo-nos sentadas a olharmos uma para a outra.

Ela olha para o crachá e depois para mim. Tem os olhos tão abertos como conchas de ostras, e eu começo a dar-me conta do que ela está a pensar.

Um crachá. Um emprego. Uma pessoa para as Rações.

Só uma pessoa sairá viva desta sala.

Levanto-me, um segundo antes de ela o fazer, e atiro-me para o chão para apanhar o crachá. Ela cai em cima de mim e ambas nos enredamos uma na outra, a esgatanharmos com as unhas, aos murros, a lutarmos por aquilo de que ambas necessitamos tão desesperadamente. Ela é rápida, mas não está tão bem treinada como eu. Tenta empurrar-me contra o chão, mas os seus murros são irregulares e tem os braços muito rígidos, como se fossem feitos de madeira. Atiro-a contra a parede e reparo que a cabeça dela bate com força. Por momentos, parece desorientada. Levanta-se e corre na minha direção. Eu desvio-me no último momento e vejo-a espalhar-se pelo chão fora, já sem fôlego e desatenta.

Começo a pensar que ela não teria ganhado aquelas cicatrizes a lutar a sério. Provavelmente marcou-se a si mesma para parecer mais forte aos olhos dos seus inimigos. Não é mal pensado, mas é também um sinal de verdadeira fraqueza. Parte de mim quer parar de lutar com ela. Nem sequer teve uma hipótese de me roubar o lugar.

Irás fazer o que eu não consegui fazer.

Matar ou ser morto.

Não tenho outra alternativa. Ela pega no crachá e eu agarro-a pelos ombros e bato-lhe com a cara contra o chão.

— Dá-me já isso! — grito. Ela tenta voltar-se. Pego-lhe num braço e torço-lho por detrás das costas, como uma asa de pássaro partida. — Tu não vais ganhar — digo-lhe, mas ela continua a debater-se e a gritar como um animal.

— Então mata-me — diz-me ela aos gritos. — Mata-me e serás igualzinha a eles!

Levanto a mão e grito, sentindo o punho a bater-lhe no crânio, mesmo por cima da têmpora. O corpo dela parece ficar sem forças.

Retiro-lhe o crachá da mão e depois volto-me para a porta.

No entanto, não há puxador. Não consigo sair.

Começo então a dar murros na porta e a gritar: — Já tenho o crachá. Deixem-me sair!

Nada. Ouço um ronco atrás de mim. Os olhos da rapariga começam a abrir-se.

Só uma pessoa sairá viva dessa sala.

— Ela está arrumada! — digo eu bem alto, junto à porta. Olho para as câmaras.

Levanto o crachá bem alto. — Já fiz o que tinha a fazer!

Nada. Deslizo pela parede e fico sentada, à espera. O tempo parece que nunca mais passa. Consigo ouvir gente a andar, para lá da porta, ouço gritos, vindos de qualquer lado, e sei que há outra pessoa que está a fazer aquilo que eu ainda não fiz.

É óbvio. A Iniciativa não me irá deixar sair até que eu faça o que eles querem. Respiro fundo. Isto é aquilo para que o meu pai me treinou. Isto é o que eu tenho de fazer.

Por vezes, temos de renunciar a certos aspetos da nossa humanidade para que possamos continuar a viver.

Tiro o punhal da cintura e dirijo-me à rapariga. Vejo que ela tem a cara ferida e cheia de sangue. Ergo o punhal mesmo por cima do seu coração.

Os olhos dela abrem-se e fixam-se nos meus.

Azul. A cor favorita da Peri.

— Acaba com isto! — diz-me ela, entre lágrimas. — Quero morrer. Acaba comigo.
Por favor. Não temos outra escolha.

— Vou ser rápida — murmuro.

E espeto-lhe o punhal direito ao coração.

Quando o trabalho de recolha acaba, já enchi três carros. Cada semana parece haver mais. Os carros movem-se a energia solar e são desenhados para poderem puxar o peso dos cadáveres. Depois vamos entregá-los na Sede das Sanguessugas. A Talan vai para a rua comigo. Durante o dia, não é perigoso andarmos pelas vielas, longe da multidão. Mas logo que o Sol se põe, quando as Horas da Escuridão se avizinham, toda a gente começa a andar pelo meio da rua, tentando absorver os últimos segundos de luz, antes que a noite profunda se instale.

— Há dez anos que te conheço, e tu ainda fazes o mesmo todas as noites. És aborrecido — diz-me a Talan. Dá-me o braço e põe-me a cabeça no ombro. — Porque não vens antes para casa comigo? Posso ensinar-te a fazeres-me tranças...

Reviro os olhos. — Isso parece muito bom, Talan, mas preferia que me espetassem uma faca na garganta.

— É contigo.

Acabamos diante das portas dos Arquivos da Catalogação. Encontram-se abertas todos os dias ao entardecer, durante a Hora de Silêncio. É o que fazemos sempre, e ficamos aí especados, incapazes de entrar. De vez em quando, as portas abrem-se, com um som arrastado, devido aos anos de uso. Uma lufada de ar pesado atinge-me e, por momentos, penso que talvez possa entrar.

— Vai lá, Zephyr. — A Talan começa a empurrar-me. — As raparigas não querem saber de maricas.

Eu volto-me e vejo-a de mãos nas ancas. Tem uns lábios carnudos que parecem estar sempre num trejeito de choro. Embora ambos tenhamos apenas dezassete anos, ela parece mais velha, sem desfazer. Estendo o braço e puxo-lhe o cinto com um dedo. — Quem diz que preciso de uma rapariga quando te tenho a ti? — Puxo-a mais para mim e encosto a cara à curva do seu pescoço, afastando-lhe o cabelo comprido.

— Mas que porra é esta? Estás a tentar engatar-me? — Olha para mim de boca aberta, meio divertida, meio orgulhosa, e volta a empurrar-me para longe.

— Vamos lá... — digo-lhe a brincar. — Sabes bem que queres isto. — Faço uma pose como se fosse um daqueles modelos ridículos dos quais eu e a Talan vimos algumas fotografias numa velha revista de moda de antes da Queda. A Talan quase chora de riso.

— Para — diz ela, com as mãos no estômago.

Ambos paramos de rir quando se ouve a Sirene Noturna.

— Pois bem — diz-me a Talan, logo que o apito se esvanece. — Enche-te de coragem e entra. — Os braços dela abrem as portas para que eu possa entrar. Sei que ela não virá comigo. Ver a fotografia da filha só lhe irá lembrar de que a morte da Arden é algo que ela não consegue apagar. Não foi culpa dela que a Arden tenha ido dar um

passassei quando deveria estar a fazer limpezas. Foi por causa *deles* que ela se perdeu na multidão, foi por causa *deles* que ninguém nos ajudou durante o nosso turno. O sangue da Arden está nas mãos dessas Sanguessugas. Mas a Talan sente-se culpada e nada que eu lhe possa dizer a irá convencer.

— Até amanhã, Zeph. — Volta-se e começa a descer a rua. Invejo a sua força, a sua coragem, mas, bem no fundo, creio que é só porque ela quer morrer, para poder voltar a estar com a Arden.

— Tem cautela — digo-lhe. Ela faz-me um gesto obsceno com o dedo médio, e eu sorrio enquanto a vejo desaparecer na escuridão. A Talan põe-me sempre bem-disposto, mas esse sentimento desaparece quando ouço um estalido, algures no escuro. Sinto um arrepio e entro nos Arquivos da Catalogação.

Terceiro Mandamento: Honrar a Hora de Silêncio.

Fico sem fôlego. Começo a recuar. Trata-se de um cemitério virtual. À minha volta, forrando as paredes negras dos Arquivos, estão os números e os retratos dos cidadãos falecidos. Estão todos a olhar para mim.

Há corredores que conduzem a outros locais para além do átrio principal, e eu começo a dirigir-me para a sala 17000. É aí que se encontra o memorial da minha primeira vítima.

Alguns rostos parecem saltar na minha direção, à medida que caminho, deixando que as pontas dos meus dedos continuem a roçar pelas paredes negras. 17530. Apanhei o cadáver dela na semana passada. Lembro-me desse número porque a Talan troçou do seu batom cor de laranja. — Até parece vomitado de gato — observou ela.

Os Arquivos estão em silêncio. Os meus passos são o único som que consigo ouvir, para além da minha respiração nervosa. Há centenas de outras pessoas enlutadas aqui, tantos que as paredes estão ladeadas de pessoas ajoelhadas, a despedirem-se em silêncio dos seus entes queridos.

Continuo a caminhar de cabeça baixa, temendo o momento em que irei ver os seus olhos...

Mas aqui está ele. 17907. Sento-me de pernas cruzadas no chão em frente do seu ecrã, um pequeno retângulo, a tremeluzir tristemente, quando pouso a palma da mão na sua superfície tépida.

Michael Kans. Casado. Pai de três filhos. Pescador. Falecido durante as Horas da Escuridão.

Brutal e imerecidamente assassinado por Zephyr James, era o que deveria lá estar.

O rosto do Michael é simpático e enrugado, com um grande sorriso e pés de galinha nos olhos. E eu pergunto-me o que o teria feito sorrir dessa maneira ao tirar a fotografia. Talvez fosse um dos filhos a fazer-lhe caretas. Talvez estivesse a pensar na mulher dele. Ela seria provavelmente muito bonita. Tenho a certeza que a amava.

Sentado no chão, balanço o corpo diante da placa, sem me preocupar com quem me possa estar a ver. O Michael lembra-me o meu pai. Alguém que nunca deveria ter morrido. — Tenho tanta pena... — murmuro entre dentes. Acordei com o sangue dele nas

minhas mãos, com o seu corpo mutilado a meus pés, e fragmentos de uma memória que eu não gostaria de reconstituir. Os seus gritos. As minhas mãos a estrangularem-no. O meu coração, forte e calmo, enquanto me certificava de que o seu coração tinha parado de bater para sempre. Não sei porquê nem quando o fiz. Mas sei que fui eu.

O mesmo se passa com todos eles. — Tenho tanta pena...

Percorro a minha lista de números, visitando cada memorial para lhes prestar homenagem, obrigando-me a *lembrar-me deles*.

Não sou um assassino. Nunca o poderia ser. Não é possível, não o Zephyr James. Não o pobre Programado ridículo que limpa o sangue das ruas todas as semanas, que dá as suas refeições às crianças da Reserva, e se certifica de que tudo está bem com a louca e destroçada Talan, e a tenta manter fora de perigo. Não o Zephyr James. Ele não é um assassino.

Mas é. Sou mesmo.

Nunca vi um homem chorar.

O meu pai nunca chora. Nem mesmo quando a Peri caiu da nossa casa flutuante e quase morreu afogada. Nem mesmo quando a minha mãe morreu. Pelo menos, não à minha frente.

Não. Nunca vi um homem chorar.

Mas precisamente agora, no chão, ao lado da placa da minha mãe, nos Arquivos da Catalogação, há um rapaz que soluça. Já ouvi lamentos pelas ruas, gemidos profundos e gritos agonizantes de fúria, mas o choro do rapaz é quase silencioso. Dou um passo desajeitado na sua direção, mas paro. Poderá ser uma armadilha e, de súbito, a sua fraqueza dá-me repulsa.

— Tenho muita pena... — diz ele, entre soluços. Está agora a olhar para os ladrilhos do chão, com os dedos a tocarem a imagem de uma mulher idosa e morena. Pergunto-me, por momentos, como teria ela morrido, mas depois dou-me conta. Foi assassinada, é claro, como milhares e milhares de outras pessoas neste edifício. — Tenho tanta pena — murmura de novo o rapaz.

— Pena de quê? — As palavras saem-me da boca antes mesmo que eu me aperceba. Disse-o em voz alta.

O rapaz para de se mexer, de respirar. Retiro o meu punhal, mantendo-o contra a minha coxa, caso venha a ser preciso. Isto é estúpido e vai contra tudo o que o meu pai me ensinou. Volto-me para me ir embora. Eu só desejava partilhar o meu triunfo com a minha mãe, mostrar-lhe o crachá que tenho muito bem guardado no bolso. Mas, antes mesmo que possa dar um outro passo, vejo-a. A marca de um Programado, um «X» espesso e negro tatuado na parte de trás do pescoço. A mulher da placa poderia ser sua tia, talvez mesmo sua mãe. E agora ele está sozinho.

Os Programados não têm nada. Ninguém se importa com eles. Para a Iniciativa também nada contam. Poderiam até ser invisíveis.

Tenho lírios na minha outra mão. Arranjei-os quando saía da cidade, a pensar que os poderia dar à minha mãe. Parecem picar-me e, de súbito, sei que não foram escolhidos para o memorial da minha mãe. Pelo menos, não hoje.

Avanço em bicos de pés. Ele tem a t-shirt colada às costas, revelando músculos fortes como os do Koi.

Paro, baixo-me, e ponho as flores no chão, com as pétalas brancas esmagadas quase a tocarem-lhe a ponta dos dedos.

— Eu também tenho muita pena — murmuro, tão baixinho que mal consigo ouvir a minha voz. Depois volto-me e ponho-me a correr. Deixo-o sozinho, no chão encharcado em lágrimas dos Arquivos da Catalogação.

Corro todo o caminho para casa numa tentativa de fugir das trevas.

Perco-me nos movimentos das minhas pernas, no bater descompassado do meu coração. Sou todo corpo, não penso. É bom sentirmos que nada somos, e ainda melhor fazer alguma coisa.

As linhas de comboio dirigem-se para fora da cidade, de modo que as siga. Há muito tempo a cidade era grande. Mas depois, veio um mês inteirinho de chuva que amoleceu o chão, e um enorme buraco engoliu metade dos Baixios. Mantenho-me tão longe desse buraco quanto possível, contornando-o, até chegar ao paul que constitui a Reserva dos Programados.

Começo a andar mais devagar quando me aproximo dos portões. Uma máquina de leitura de números de catalogação irrompe do metal torcido, suficientemente baixa para que eu tenha de me curvar para pôr a testa em frente dela. Ouve-se um clique e os portões abrem-se.

Diante de mim, estendem-se milhares de tendas brancas remendadas, agitadas ao vento, como fantasmas. Charcos de água lamacenta fazem com que o chão pareça um puzzle a que faltam peças, com água tão escura que, por vezes, gosto de pensar que não têm fundo, que eu poderia cair num desses charcos e afundar-me para sempre.

As árvores espalhadas crescem rentes à terra, com ramos espessos que se estendem como braços de um esqueleto, e, muitas vezes, os meus pés desaparecem na lama e tenho de parar para os poder arrancar de lá.

Umas quantas fogueiras crepitantes iluminam a noite. — Olá, Zephyr — diz-me um rapazinho. Thomas, acho que é assim que se chama, há tantas crianças que não consigo lembrar-me do nome de todas elas. — Apanhei um esquilo. Parti-lhe o pescoço com as minhas mãos.

Tem o rosto coberto de sujidade. Não há ninguém que o ensine a tomar conta de si. Mas tem um ar orgulhoso por baixo de tudo isso, e sorri para mim como se eu fosse a melhor pessoa do mundo.

— Não te esqueças de te lavar esta noite... — digo-lhe eu, a rir-me. — E parabéns pelo que fizeste ao esquilo! — Ele acena com a cabeça e eu dou-lhe uma palmadinha no ombro ao passar. Outros sorriem também e eu aceno-lhes, enquanto continuo a andar entre as tendas. Muitos deles são mais novos do que eu, mas alguns são adultos que conseguiram sobreviver. Interrompo a luta de um rapaz com uma rapariga, a digladiarem-se por causa de um pão.

A tenda remendada da Talan é mesmo em frente da minha. O meu coração sobressalta-se, como sempre acontece quando espreito lá para dentro para me certificar de que ela está bem. Acalmo-me quando a vejo, enrolada no cobertor.

— Talan — chamo, baixinho.

— Já estou em casa, *paizinho* — diz ela, fazendo um gesto para que eu a deixe em paz.

Quando entro na minha tenda, adormeço logo, no momento em que pouso a cabeça no chão duro.

Passo o resto da noite a acordar por causa dos meus próprios gritos. Todos nós temos pesadelos, mas os meus estão cheios de rostos e de números.

Quando fico finalmente com medo de voltar a adormecer, volto-me no meu saco-cama e começo a arrancar o plástico da aba que constituiu a porta da minha tenda. A noite está estrelada. Mas não são as estrelas que pretendo ver de momento.

É a Lua. A Lua que me lembra de uma rapariga ao luar.

A *minha* rapariga ao luar. Ela é a cura para os meus pesadelos, a única coisa que me faz sentir seguro, quando nem sequer posso confiar nos meus sonhos para me protegerem.

Fecho um olho e levanto o polegar, para cobrir com ele a esfera prateada pendurada no céu. Abro esse olho e fecho o outro, e aí está ela como se por magia. Sempre à minha espera.

Imagino uma vida repleta de felicidade. Uma vida segura, com três refeições por dia capazes de me fazerem sentir cheio. Não há muitas coisas que eu queira.

Exceto as estrelas e a rapariga do luar.

Um dia hei de encontrá-la. Ela deve ser real, não apenas a minha protetora imaginária. Sinto-a, fortemente, como se ela estivesse deitada a meu lado, e hoje, nos Arquivos, alguém me deu flores. É estúpido mas, por instantes, fingi que era essa rapariga, como se ela se tivesse apercebido da minha dor e a quisesse remediar. Consigo quase imaginar-lhe a voz a falar-me ao ouvido, a dizer-me que tudo irá melhorar.

No entanto, estou sozinho esta noite. Fecho os olhos.

Finalmente, acabo por sonhar com algo diferente.

Sonho com um prado cheio de flores brancas amachucadas.

O meu punhal tem um brilho de prata. Imagino que existem manchas vermelhas na profundidade do aço, da cor do sangue da rapariga com os sapatos de salto alto encarnados.

Coloco-o na bainha, junto à minha coxa, antes de saltar do comboio. Corro o resto do caminho por uma viela deserta que desce até à praia.

O que me assusta é que não me sinto mal pelo que fiz. Matei-a para poder sobreviver. Não por causa de mim mas a pensar na Peri.

Esta noite, a praia está cheia de gente. Começo a andar rapidamente pela areia. Tento ignorar uma mulher que me pede comida. Os seus dentes estão de tal modo podres que ela os consegue arrancar à mão. Vejo-a aproximar-se de mim.

— Vai-te embora — grito-lhe, e vejo-a a cambalear para outro lado.

Esta noite, o bote não se encontra no mesmo sítio, talvez tivesse sido levado para o mar, de modo que mergulho nas ondas e começo a nadar, orientando-me através dos destroços e das manchas de lixo flutuante. Quando vejo finalmente a nossa casa, a Sirene Noturna começou a soar, avisando-me de que as Horas da Escuridão estão prestes a iniciar-se.

O luar ilumina a casa flutuante e o alpendre. A Peri está aí, à minha espera, com a sua camisa de noite branca e os caracóis platinados a ondular ao vento. Tantas noites em que minha mãe aí estava... Era o seu sítio favorito, e ela costumava olhar para a costa, a ver o mundo a desaparecer com a luz, com a mesma expressão da minha irmã. Mergulho mais fundo e dirijo-me à nossa saída de emergência, depois saio da água e começo a subir a escada até ao alpendre.

— Meadow! — Peri vem a correr, pressionando o rosto contra mim. Abraço-me a ela. Ela está ainda mais magra do que ontem, se é que isso é possível. Estreito-a muito contra mim. — Conseguiu? Conseguiu o emprego? — pergunta-me.

O meu pai e o Koi emergem lá de dentro e olham muito para mim com um olhar cansado. O meu pai esteve a trabalhar o dia todo. A pescar nas docas tal como os homens dos Baixios. É um bom emprego e, se ele conseguir a sua quota pelo fim do ano, pode trazer para casa um verdadeiro peixe para nós comermos. Por vezes, vamos mesmo ao mercado para comprar mais roupa, uma caixa de fósforos, um pacote de carne seca. Mas essas coisas custam um grande número de créditos, e raramente nos entregamos a esses luxos.

Koi passou o dia a tomar conta da nossa casa flutuante e, o que é mais importante, a tomar conta da Peri. — Bem... — pergunta-me ele. — Que aconteceu?

— Olha para isto! — Sorrio e coloco o crachá nas mãos pequenas da Peri.

— És uma sacana valente — diz ela. Eu fico tão chocada que me começo a rir antes de a repreender. Ela tem um sorriso diferente esta noite. Falta-lhe um dente.

Baixo-me e passo-lhe a mão pelos caracóis — Perdeste outro dente — digo-lhe. — Sabes o que isso quer dizer, não sabes?

— O Koi disse que todos os meus dentes vão cair e que eu vou ficar parecida com um peixe.

Olho para o Koi e este reprime uma gargalhada. — Estás apenas a crescer — acrescento —, é tudo. Em breve serás tão grande como eu! — Faço-lhe cócegas, mesmo por cima das ancas, no mesmo sítio que o Koi me costumava fazer.

O riso da Peri é doce, como música. Ela cai no alpendre de casa, agarrada ao estômago e, por momentos, eu ajoelho-me, ao lado dela, desejando poder fazer com que o tempo parasse.

Em breve o meu pai irá começar a treiná-la. Não quero pensar no que ele lhe irá fazer, como irá tentar transformá-la numa pessoa dura. Como também um dia ela irá ter de fazer uma escolha: matar ou morrer.

Sei que a Peri será suficientemente forte para sobreviver. É esperta e consegue nadar depressa. Ela até já sabe ler. Eu ensinei-a, usando o livro da *História dos Baixios*. Também já sabe tomar conta de si. Mas só a ideia de a imaginar nas ruas, quase me deixa agoniada. De modo que, em vez disso, tento registar esse momento na minha memória, o seu sorriso, o modo como se ri.

— Muito bem, sosseguem... — diz o Koi. Dou um beijo na face da Peri e ela ri-se, fazendo o gesto de o apagar.

— A tua mãe sentiria orgulho, Meadow. — O meu pai está de pé, atrás de mim, a ver tudo o que eu faço, tenho a certeza. Não sei por que motivo me sinto tão vazia quando a mencionam. Não compreendo porque me sinto tão morta por dentro...

Deveria sentir-me orgulhosa. Mas o Koi está a olhar para mim como se das minhas mãos estivesse a escorrer sangue de alguém. Todos nós sabemos o que aconteceu naquela sala neste dia.

— Ela sofreu? — pergunta-me ele, num murmúrio. Eu abano a cabeça. *Não*.

Os seus olhos encontram os meus, por momentos, antes de dizer outra coisa entre dentes. — Fizeste o que tinhas de fazer. — Depois, sai e vai até à sala do motor.

— É melhor falarmos mais em privado, não acham? — O meu pai coloca-me uma mão calejada no ombro e eu retrocedo. O seu toque significa o cortar de uma faca, uma disputa súbita, um empurrão chocante para o chão. O seu toque significa treino. Nunca significa amor paternal.

Instalamo-nos à proa, ambos sentados de pernas cruzadas em frente um do outro. O motor ressoa por baixo de nós, dado que o Koi o pôs a trabalhar, e, então, a nossa casa flutuante começa a mover-se em silêncio pela superfície do mar. Esta noite o mar parece um espelho.

— Há uma coisa que deves saber — começa o meu pai, com a voz a falhar-lhe estranhamente.

— Sim... — Aceno-lhe com a cabeça, sem saber que mais dizer-lhe.

— É acerca da tua mãe. Que é que te lembrás dela, Meadow?

Fecho os olhos e parece que estou a vê-la. Alta, inteligente, com o cabelo da cor da Lua, da cor da concha de estimacção que ela me deu na última noite que a vi.

Ela era uma engenheira, era quem consertava sempre o nosso barco quando algo se estragava. E conseguia cantar. Oh, como ela cantava... e à noite, quando estou a dormir, quando sonho com ela, ouço a sua voz. É bela, como a de um pássaro a cantar uma melodia de verão, como o som de água a correr sobre seixos polidos, o vento a tocar numa série de conchas penduradas em fios, que eu fiz para ela para lhe dar pelos anos, há já muito tempo.

— Ela era perfeita. — É tudo o que consigo dizer, porque as lágrimas começaram a cair-me pela cara. Caem nas tábuas do alpendre e espalham-se, quentes e pegajosas no ar da noite.

— Ela não era perfeita — murmura o meu pai.

Ergo de súbito a cabeça. — Como é que alguém pode dizer uma coisa dessas?

— Não foi bem isso que quis dizer... — Suspira, passando a ponta dos dedos sujos pela cana do nariz. — O que quero dizer é... para ti, para os teus irmãos, ela era ótima. Mas Meadow, terás de perceber. A tua mãe era uma mulher perigosa.

Um riso triste sai-me dos lábios. Perigosa? É claro que a minha mãe era capaz de se defender. Todos nós o conseguimos, graças a ela. Mas perigosa? No último mês que ela esteve connosco, vi que as suas forças começavam a abandoná-la, à medida que se recusava aos treinos, e que a sua felicidade também começava a esvanecer-se.

O meu pai continua: — Sabes bem que a Iniciativa controla tudo. Que, por causa deles, já não temos a liberdade de fazer as nossas próprias escolhas. A água já não é nossa para a podermos beber. Não posso trazer para casa o peixe que apanho para que a minha família o possa comer, a não ser que ganhe esse direito. As vidas humanas já não são coisas valiosas, do modo como costumavam ser. Não temos qualquer valor, Meadow. Para eles somos apenas números. Nada mais.

— Estou cansada de saber tudo isso. Mas que têm essas coisas a ver com a minha mãe? — Estou a ficar frustrada, a respirar nervosamente.

— Tens um número parecido com o dela na testa. Todos nós temos. Números parecidos, reconhecíveis.

— E daí?

— Terás de te lembrar de uma coisa. És adulta, com um emprego na cidade. Amanhã irás adquirir uma Esfera de Créditos. Esta irá registar todas as tuas horas de trabalho, as rações que ganhas, e a Iniciativa passará a andar de olho em ti, muito mais do que antes. As coisas *irão* mudar. Terás de estar *sempre*, sempre pronta para te defenderes.

Não creio que ele esteja a fazer qualquer sentido. Sinto-me como se me tivessem batido na cabeça com uma viga de construção, e tudo me parece confuso, a zunir à minha volta como um moscardo. Por que motivo quererão andar de olho em mim? Não sou uma pessoa importante. A minha mãe não era uma pessoa importante. Nenhum de nós o é. Mas

não tenho tempo para pensar muito nisso, porque, de súbito, reparo num brilho prateado. O meu pai atira-se a mim com o punhal na mão, de um modo feroz e silencioso. Mais rápido do que eu alguma vez vi alguém investir.

Levanto-me e dou um grande salto para o lado, por cima da borda da casa flutuante. O arame farpado apanha-me nesse processo.

Caio à água que me enche as narinas. Tento chegar à superfície e saio das ondas a tempo de ver o meu pai a abanar a cabeça sob o luar.

— Raios partam! — grito, furiosa, por ele me ter atacado de surpresa. — A que propósito...?

— Foi uma lição — diz-me ele. — Nada para terra e regressa amanhã. Precisas de prática para sobreviveres sozinha às Horas da Escuridão.

Ele volta-se e desaparece dentro de casa.

Uma hora depois, arrasto o meu corpo dorido para terra. A areia quente nunca me pareceu tão agradável como agora, contra a minha face. Espero, até ganhar fôlego, em seguida, dirijo-me para as árvores. Escolho a mais alta e começo a trepar. E, à medida que vou subindo em silêncio, ramo a ramo, não posso deixar de pensar se as palavras do meu pai eram verdadeiras. Eu adorava a minha mãe. Mas será que, de facto, a conhecia? Começo a pensar no modo como ela estava sempre atenta, sempre alerta, como um predador.

Como eu.

A minha pulseira prende-se numa ramagem, e paro por momentos. O luar ilumina a prata polida. Há um desenho estranho e arredondado nessa concha de estimação, linhas umas por cima das outras, em todas as direções. A minha mãe nunca me disse o que esse desenho significava. Penso nas horas sem fim que ela passou metida num armário junto à sala do motor da nossa casa flutuante, com a porta fechada à chave. Era o único lugar para onde nunca podíamos ir, a parte proibida da nossa casa. Lembro-me de como ela tinha sempre os olhos vidrados quando de lá saía. O modo como ela remava para longe de casa e desaparecia durante horas. Quando regressava a meio da noite, beijava-nos a todos e punha-se a cantar, mas tinha sempre lágrimas ao canto dos olhos.

A minha mãe tinha segredos só dela. Como toda a gente nos Baixios.

— Não podes fugir ao teu destino, Meadow — murmurou-me ela ao ouvido, na última noite que a vi.

Olho para o desenho arredondado gravado na concha da pulseira que ela me deu.

O vento sopra e eu tremo, ainda que o ar esteja quente.

Hei de descobrir de que é que o meu pai estava a falar.

Hei de descobrir quem matou a minha mãe.

E, quando o fizer, hei de dar cabo deles, dolorosamente e devagarinho.

O cimento rachado e os edifícios delapidados da cidade são muito diferentes dos paus salgados, onde se diz que tudo pinga sangue e que as noites ressoam com os gemidos dos Programados moribundos. É claro que nada disso é verdade.

Mas queremos que as pessoas continuem a pensar assim. Há cores nos paus. Castanhos e verdes, e os sons que não provêm das pessoas. Ninguém nos incomoda. É o único pedaço de liberdade que temos em relação às Sanguessugas.

O trabalho à segunda-feira começa bem cedo, antes do nascer do Sol. Talan caminha ao meu lado e, juntos, empurramos um segundo carro grande, cheio de corpos mutilados e torcidos, com membros já escuros, que levamos para a Sede das Sanguessugas. Os nossos passos ecoam fantasmagóricos. Apenas as luzes de segurança permanecem acesas.

— Poderia comer cinco sacos de rações neste momento. — A Talan vai conversando, como de costume, ignorando por completo os cadáveres que começam a abanar quando o nosso carro passa por um desnível no chão. — Para dizer a verdade, podia comer um destes tipos! — Ela levanta um canto da lona encerada e eu sinto um cheiro a morte. Aquele indivíduo morreu apenas horas antes de ser recolhido.

— Bolas, Talan. Isso é nojento. Cala-te e continua a puxar o carro.

Chegamos à porta do Crematório e eu já consigo sentir o calor. Por vezes penso que nunca mais irei parar de suar. Eternas gotas a deslizarem-me pelas costas. Inclino a cabeça para o leitor mecânico, um longo retângulo negro que vai do chão até ao teto. A porta abre-se com um som arrastado e eu e a Talan empurramos o carro lá para dentro.

O rugir da fornalha é semelhante a água a correr com muita força, ou ao motor de um dos barcos das Sanguessugas a tentar pegar. Após anos a trabalharmos juntos, eu e a Talan temos uma rotina. Eu passo um leitor portátil pelas testas dos mortos, que está ligado por um fio à parede. A Talan evita vomitar enquanto levantamos juntos os corpos e os atiramos para a fornalha. O barulho é muito, e eu não consigo perceber o que ela me está a dizer. Graças a Deus. Pois, de qualquer modo, não estou disposto a ouvi-la. Tudo o que quero é pensar *nela*. Na rapariga dos meus sonhos.

Parece uma coisa estúpida, como um conto de fadas, ou como uma espécie de história melada que a Talan não hesitaria em comprar se tivesse créditos para isso. Mas todas as noites essa rapariga lá está, com o cabelo platinado a descer-lhe em ondas até à cintura, como luar líquido, com olhos cinzentos da cor do mar quando está prestes a desencadear-se uma tempestade.

Ela não é bonita. É diferente, rígida e intocável, como se tivesse sido esculpida em pedra. No entanto faz com que eu mantenha a minha sanidade quando mais nada resulta. É como se ela me pusesse os pés bem na terra, como a gravidade, só que com muito mais força. Ela protege-me das pessoas sem rosto que me perseguem todas as noites e a cada

instante do meu dia.

Há doze. Doze números. Doze seres humanos.

Matei-os a todos com as minhas mãos.

Quando eu era mais nova, a minha mãe mostrou-me umas fotografias de algo onde costumava ir, um jogo de basebol. Ela disse-me que a mãe lhe pegava ao colo durante o tempo todo para que ela não se perdesse nesse esmagador mar de gente que ocupava o estádio. Preocupava-a ficar separada da mãe, ser empurrada para tão longe que nunca mais a visse.

Lembro-me do medo que senti quando vi a fotografia. — É como os Baixios — comentei. — Eu vou perder-te, não vou?

— Tu nunca me irás perder, Meadow — dizia-me com um sorriso.

E nessa ocasião acreditei nela.

Para todo o lado que me volte, na cidade, há um outro rosto. Outros números de catalogação, outro corpo quente e suado encostado ao meu. É asfixiante. Se tropeçasse e caísse, desapareceria, e ninguém se iria preocupar ou importar-se com isso.

— Cuidado! — exclama um homem mal-humorado que eu acabei de pisar. Não tive a oportunidade de lhe pedir desculpa pois a multidão já o tinha engolido.

À distância consigo ver o Edifício da Catalogação, uma construção que parece roçar a parte de baixo das nuvens. É o único edifício da cidade que não está coberto de pó nem de porcaria, de cartazes esfarrapados que proclamam: «O Assassínio é uma Loucura. Permaneçam Seguros com a Iniciativa.»

Passo pelo prédio de apartamentos onde costumávamos viver. Eu tinha três anos quando a Iniciativa se apoderou de tudo e não me lembro de muita coisa. Lembro-me da dor, quando me tatuaram o número de catalogação na testa. Lembro-me de chorar até adormecer, e a minha mãe abrir a janela do meu quarto para que o ar da noite me acalmasse. Agora essas janelas estão entaipadas com pedaços de madeira velha recolhidos nas lixeiras. Vejo um triciclo ferrugento junto aos degraus. Um casal de idosos passa por mim, com os seus pertences. Talvez para tentarem atravessar o Perímetro, como muitos outros, pensando que a segurança fica apenas a uma breve caminhada e que vale bem uma vida inteira cheia de créditos. Talvez a pensarem que, para lá dessa barreira, a vida continua igual ao que costumava ser.

Ainda pensei voltar-me para lhes dizer que fossem para casa. Eles estão a infringir o Segundo Mandamento: *Não tentarás atravessar o Perímetro.*

Pensei avisá-los de que, se se aproximarem muito, a Pulsação enviará uma onda de choque que os paralisa. Eles provavelmente sabem isso. Devem conhecer os riscos, mas talvez o perigo já não lhes meta medo.

Corto à esquerda quando chego à biblioteca.

O meu pai levou-me lá só uma vez, quando tinha créditos para entrar. Retirou um velho livro da estante e limpou-lhe o pó. Ainda me lembro de como esse pó me fazia

coçegas no nariz à medida que se espalhava no ar. O meu pai passou-me o livro. Era pesado, como uma âncora.

— Pega bem nele, Meadow — recomendou-me. — Pega nele e foge daqui para fora.

E foi isso que fiz. Consegui passar pelas barreiras de segurança, com a cabeça muito levantada, com os caracóis platinados desviados dos meus olhos, de modo a poder ver para onde ia.

Não fazia ideia que os alarmes se poriam a tocar assim que eu saísse para a rua. Então começaram a tentar apanhar-me. Os seguranças da Iniciativa, vindos não sei de onde...

O meu pai não me veio ajudar. Desviou a cara, como se não me conhecesse.

Consegui chegar a casa antes de escurecer, ainda agarrada à *História dos Baixios*. Sou forte por causa do meu pai. Sei que não preciso de alguém para sobreviver.

De modo que, quando agora três Espaciais, membros de uma quadrilha de rua, se aproximam de mim numa travessa por detrás da biblioteca, empunhando facas ou com o cano prateado de uma pistola apontado ao meu coração, sei que estou pronta.

— Olá, querida. — A voz do primeiro homem é áspera, como a de um velho fumador. Ele olha para o meu crachá com a ânsia desesperada de um homem esfomeado. — Não me pareces suficientemente crescida para trabalhares. Porque não te tiro isso das mãos?

— Podia vender essa porra por cem créditos, patrão — sugere o homem da pistola.

— Ou duzentos, se o vendêssemos à Iniciativa — alvitra o terceiro a rir-se.

— Vai custar-vos muito mais do que créditos tirar-me isto! — digo eu, enquanto eles se aproximam. Consigo cheirar sujidade humana e álcool. O primeiro Espacial alcança-me, põe-me a mão num dos seios, enquanto o segundo vai por detrás de mim, tão perto que quase posso imaginar o seu peito a mexer-se a cada respiração. Sei o que planeiam fazer.

Como teriam arranjado eles uma pistola... Não sei bem... As pistolas não abundam. O meu pai tem uma como essa, antes de o Perímetro ter sido construído. Está escondida por baixo das tábuas do chão da nossa casa flutuante. Ver uma igual ajuda-me a controlar-me e a ficar de cabeça fria.

Tiro o crachá que trago ao pescoço e atiro-o para a rua.

O primeiro é fácil, é como asfixiar uma criança. Cai no passeio e eu arranco-lhe a pistola da mão.

O segundo investe contra mim, mas eu sou mais rápida. Desvio-me da sua lâmina e encontro o cabo do meu punhal. Enterro-lhe a lâmina no peito sem a mínima hesitação. Ele cai no chão e eu desfaço-lhe o nariz com o salto da minha bota.

As ruas estão tão cheias de gente que ninguém me ouve alvejar o terceiro.

O fundo do carro de transportes de cadáveres é de um vermelho carregado.

Depois de termos incinerado o último corpo, eu e a Talan empurrámos o carro para a arrecadação e arrumamo-lo juntamente com os outros. Esta noite, um sistema de limpeza, instalado no teto do local, irá lavar o sangue de todos eles.

Mas os mortos ainda estarão mortos. Nada poderá mudar esse estado de coisas.

— Existe um edifício na South Street cheio de porcaria — observa a Talan. Eu seguro a porta para ela entrar, mas ela encolhe os ombros quando passa por mim e abre uma outra. Sempre independente. Nunca aceita ajuda de ninguém. — Apetece-te fazer de criado durante umas horas? Para ganhares mais alguns créditos?

— Não, mas há uma prostituta na Fifth que só tem um olho — digo-lhe. — Emprestas-me alguns créditos?

— És tão simpático... — Talan empurra-me os ombros. — Se vais a uma prostituta, eu poderia fazer esse serviço.

— Nem pensar. Que nem te passe pela cabeça...

Passamos por cima de um homem que está a dormir no meio da rua, e a Talan rouba-lhe o chapéu. — Ainda estás a pensar no miúdo, não é?

Ela conhece-me muito bem.

Não um rapaz que eu tivesse assassinado. Não uma vítima.

Apenas um Programado, e para mais um novo...

Oito anos de idade. Sem um dente, com o cabelo castanho-escuro, da mesma cor do meu. Ele apareceu na semana passada com um funcionário Sanguessuga, com um «X» tatuado de fresco na parte de trás do pescoço. A cara do rapaz tinha marcas de lágrimas, e não sei se ele, desde então, já teria parado de chorar.

— É como voltar a ver a minha vida num filme — digo eu a Talan. O boné fica-lhe bem, mas só o irá tornar um alvo para outras pessoas. Toda a gente quer o que não é seu. Tiro-lho da cabeça e atiro-o para a valeta. Ela começa a rabujar, mas é um jogo a que nós brincamos muitas vezes. Em breve irá roubar outra coisa.

No fim, talvez seja apanhada a fazer isso, e então será mais uma pessoa para as Sanguessugas alvejarem na cabeça. Um alvo vivo. — Qual é a palavra que eles usam, será cleptomaníaco?

— Chama-se pedir emprestado — corrige a Talan. — Não se chama roubar.

Se um dos Vendidos visse a Talan a roubar, levá-la-iam até às Sanguessugas para obterem um bom pagamento. Quando os Vendidos apanham um Programado a infringir um Mandamento, ganham bastante, pois as Sanguessugas não podem ver *tudo*. Já veem muito, mas não tudo.

— Na verdade, sinto-me com vontade de limpar esse edifício.

— Nem penses nisso — diz-me a Talan. Ela pega-me num braço e faz-me parar. Volta-se de frente para mim, com os seus olhos azuis a brilharem friamente. — Não vou fazer um trabalho para que possas dar os teus créditos a um órfão qualquer. — Põe uma mão na anca. Uma coisa que a Arden costumava fazer. — Se o pai desse rapaz não tivesse morrido, o filho não estaria agora na Reserva. Não te compete a ti resolveres o problema.

— Mas alguém terá de o fazer.

— Tu não tens de tomar conta de toda a gente — diz a Talan. — As pessoas morrem. As crianças tornam-se Programados e o mundo é uma montanha de trampa, e daí? Não há nada que possas fazer acerca do assunto.

Ela passa-me um braço pela cintura e começa a conduzir-me pela rua.

O comboio passa por nós e faz tremer o chão por baixo dos nossos pés. Passamos pelo Cemitério, para onde vão todos os cidadãos malucos, os que enlouqueceram nos Baixios. Existem duas torres entre as montanhas de lixo que estão sempre a fumegar vapor de água, de modo que todo o lugar parece um mórbido ponto de reunião de fantasmas.

— Talvez tenhas razão acerca de ajudar pessoas — observo eu, pisando um saco de plástico que se põe a dançar ao vento —, mas, se me faz sentir melhor... porque não?

Ouçó-a suspirar fundo. — Porque há de sempre haver novos Programados. Haverá sempre gente para tu tomares conta — diz ela.

— Mas se puder ajudar *apenas um*... — Mas ela interrompe-me.

— Para de te armares em santo. E, de qualquer modo, já estás ocupado a tomar conta de mim, meu amigo. E olha que ainda bem, porque se trata de uma coisa que tens de fazer a tempo inteiro.

Pousa a cabeça no meu ombro e vamos a caminhar calados até à Reserva.

A primeira vez que eu entrei no Salão das Rações Alimentares, a minha mãe ainda era viva.

A Peri ainda era um ser pequenino na sua barriga, nesse tempo, a crescer cada vez mais. Vivíamos num apartamento numa ponta da cidade e, se bem que os assassinios ainda não tivessem começado, o mundo estava longe de ser um local seguro.

— Não quero ir — implorei à minha mãe. Eu queria ficar em casa, sentir a Peri a mexer e ouvir a minha mãe a contar-nos histórias. Em vez disso, ela deu-me um beijo na testa e pediu-me para ir com o meu pai. — Tem cuidado — recomendou-me ela. — Faz o que o teu pai te disser — disse ela ao Koi.

Ainda me lembro do som das três fechaduras, quando saímos do apartamento.

O Koi agarrava-me muito na mão, para eu não me perder. Tinha a palma da mão suada, húmida, como se tivesse acabado de sair do mar, e continuava a olhar para mim, como se eu fosse simplesmente desaparecer e nunca mais voltar.

O meu pai manteve os olhos na estrada o tempo todo, sem nunca se importar connosco, sem nunca abrandar, quando tínhamos dificuldade em abrir caminho entre a multidão.

No momento em que entrámos no Salão das Rações Alimentares, vi logo por que motivo o meu pai queria que viéssemos.

Comida.

Havia comida disposta por detrás de uma parede de vidro de modo a podermos vê-la. O Koi largou-me a mão. Foi direito à parede e pegou num saco de rações, muito orgulhoso por arranjar comida para a nossa família.

Eu gritei. Queria segui-lo, tal como fazia sempre, mas o meu pai mandou-me calar.

— Vocês podem ambos aprender com isto, Meadow — observou ele. Olhei para trás das costas do meu pai, à medida que um soldado da Iniciativa punha uma pistola contra a cabeça do Koi, com o dedo pronto a puxar pelo gatilho.

Em troca da vida do Koi tivemos de nos vir embora, o meu pai com um olho negro e sem um único saco de rações para a semana. Tivemos sorte que a Iniciativa não nos tivesse assassinado.

Nessa noite, o meu pai acorrentou o Koi à mesa da cozinha e obrigou-o a dormir de pé. — Tens de trabalhar para mereceres — avisou-o ele. — Nada que a Iniciativa nos ofereça é grátis.

Há uma fila de pessoas em frente do Salão de Rações Alimentares que se estende pela rua e ao longo das linhas ferroviárias. Há um cadáver junto à porta principal, com moscas a zumbirem em volta dos buracos dos olhos que já foram comidos pelas gaivotas.

Não sei bem por onde tenho de entrar, onde começar, de modo que fico ali durante

algum tempo, a contar o número de pessoas.

105. 150. 210, antes de a fila desaparecer ao dobrar da esquina.

— És a nova recruta?

Volto-me. Uma mulher da Iniciativa está deitada de costas em cima da caixa de um gerador, a mastigar pastilha elástica. Eu nunca mastiguei uma pastilha, mas ao vê-la apetece-me experimentar.

Aceno com a cabeça e engulo em seco.

— Então vem cá — diz ela —, eu não mordo. Chamo-me Orion. Como a constelação, não sei se estás a ver... — Tento disfarçar o meu sorriso, ao pensar na ocasião em que a Peri me perguntou se a constelação Orion era muito gorda pois tinha um cinturão muito grande.

Eu nunca falei informalmente com um funcionário da Iniciativa, muito menos com uma funcionária. Ela tem um uniforme todo negro, com botas de couro com atacadores, que lhe chegam até ao joelho, e uma pistola também negra na anca. Mas há qualquer coisa na Orion que é diferente. Reparo numa faixa branca e vermelha cosida no tecido em volta da coxa.

— É médica? — pergunto.

— Há vários de nós que o são, nos dias que vão correndo — responde-me ela. — Estamos quase a chegar atrasadas.

Atravesso a linha do comboio e mantenho uma certa distância, certificando-me de que não me aproximo muito dela. Estou furiosa. Todo o caos, todos os assassinios não fazem senão com que sintamos mais medo. São os pastores que olham para o lado quando os lobos vêm brincar. «Meadow Woodson.» Orion levanta um pequeno leitor portátil. O meu nome, rosto e número de catalogação surgem a brilhar no ecrã. Não estou a sorrir na fotografia. Lembro-me quando ma voltaram a tirar. Alguns dias após a morte da minha mãe. — Diz-me lá, é o teu primeiro emprego? As coisas aqui correm bem, de modo que deverás cá ficar a vida toda, *Lourinha*. Achas que podes lidar com isso? — Ela tem o cabelo cortado curto, revelando uma espessa linha de cicatrizes, como marcas de garras no pescoço. A Orion não é para brincadeiras. Posso dar-me conta disso ao ver-lhe os músculos fortes dos braços tatuados com caveiras, e pelo modo como ela está sempre a girar a cabeça, a observar todos os cidadãos que nos rodeiam.

Mas aposto que consigo ser ainda mais forte do que ela. — Acho que sim. Sem problemas. — Aponto com o queixo para as cicatrizes que ela tem no pescoço. — Que é que lhe aconteceu?

— Atacaram-me de surpresa há uns anos. Queres saber porquê? — Volta-se de barriga para baixo e o gerador treme um pouco quando ela dá um salto para sair de cima dele. — Em breve irás saber. — Ouço as duas buzínadelas que assinalam o início do dia de trabalho. — Segue-me, não digas nada. Não faças perguntas. Hás de descobrir por ti. — Orion acena-me com a mão. — Depressa gente, vamos a despachar!

Abrimos caminho por entre a multidão e dirigimo-nos às traseiras do edifício, onde há

menos confusão, mas ainda muita gente para que eu me possa sentir segura. Fico à espreita enquanto a Orion mostra ao leitor mecânico o seu número de catalogação. A porta abre-se com um clique e nós entramos no Salão das Rações Alimentares.

Assim que entramos, penso logo em sair e ir até ao mar, onde o ar é limpo e puro. Aqui, as moscas tentam pousar ou fugir das mãos rápidas dos soldados da Iniciativa que guardam o Salão. O ar está extremamente quente e, a cada passo, apercebo-me de uma dose de odor corporal e de um cheiro a carne podre. Filas de mesas de metal ocupam o centro do Salão. Parecem não ter sido limpas há já vários meses.

— Disseram-me que, ao fim de algum tempo, me habituaria ao cheiro — diz-me a Orion. — Mentiram-me. — Ela põe a cabeça junto a um leitor inserido numa outra porta de metal espesso. Veem-se o que me parecem ser marcas de murros no metal.

Sigo-a até uma sala enorme cheia de caixotes de madeira empilhados até ao teto. — As rações vêm nos caixotes — esclarece a Orion, dando um murro num deles. — Nada aí se estraga, de modo que não te preocupes por estarem expostos ao calor.

Tanta comida, ali à espera... Consigo imaginar a cara do meu pai se visse tudo isto.

— Não te ponhas com ideias — diz-me a Orion, levantando -me uma sobrancelha com um *piercing*. Dá uma palmada na pistola que tem na anca, mas em seguida, por estranho que me possa parecer, sorri. — Não. Se fosses suficientemente estúpida, já terias tentado qualquer coisa. Por aqui. — Sigo-a até uma parede de vidro espesso. — Estas paredes são à prova de bala — observa a Orion. Antes mesmo que eu me aperceba, vejo-a tirar a pistola e dar um tiro numa delas.

A bala fica enterrada no vidro como um dardo de jogo. Sinto um tinir nos ouvidos. — Adoro isto. — A Orion ri-se, põe a pistola no coldre e continua a andar como se nada tivesse acontecido. Existe um balcão por baixo do vidro e, de meio em meio metro, ranhuras por cima do balcão, suficientemente grandes para se poder passar por elas um prato ou um saco de rações.

— Estas ranhuras não são à prova de bala — digo eu em voz alta. Os meus ouvidos ainda estão a tinir.

Orion encolhe os ombros. — Nós também não. Torna as coisas mais interessantes, não achas?

Sinto o suor a escorrer-me pela espinha e arrepio-me. Foi aqui que a Iniciativa quase matou o Koi, há muitos anos. Olho de soslaio para a Orion.

— Pareces assustada — observa ela. — Vai-te embora agora se quiseres. Tenho a certeza que há muitas outras lourinhas que eram capazes de matar para ter este emprego.

Cruzo os braços e olho fixamente para os seus olhos castanhos. — Não penso ir-me embora, a não ser que me dê um tiro e leve o meu corpo para a rua.

A Orion ri-se. — Linda menina. Prepara-te então. — Atira-me um par de luvas espessas e diz-me para me manter atrás de uma linha desenhada no chão. — O trabalho é fácil. Esperas, enquanto eles lhes leem os números. Em seguida observas estes ecrãs que estão aqui. Temos de lhes dar exatamente o que lá estiver, e mais nada. És rija?

Aceno-lhe que sim.

— Assim esperemos. Tens uma arma?

Aceno-lhe uma vez mais.

— Se alguém se armar em parvo, usa-a. Perdemos uma rapariga na semana passada. Uma coisa de dar volta ao estômago. Vais ficar surpreendida ao ver o que as pessoas são capazes de fazer por comida.

— Talvez não — respondo. Os meus lábios contraem-se como as pontas de uma mola da roupa que se fecha. A Orion nunca deve ter passado um dia sem comer. Começo a imaginar como será a vida dela, o seu apartamento no bloco habitacional da Iniciativa.

Segura. Cheia de armas e de fruta, sem uma única ameaça quando encosta a cabeça à noite à almofada. Parte de mim odeia-a só por isso.

— Cá vamos nós — diz-me a Orion. Tira a pistola e vê o carregador. Cinco balas e uma ainda agarrada ao vidro. Respiro fundo, volto-me para as portas, e vejo o modo como os soldados da Iniciativa deixam os cidadãos entrar.

Demoro apenas alguns minutos até ficar familiarizada com o que devo fazer. Quando é lido um número, retiro um saco de rações de um caixote marcado com a porção correta. A maioria são sacos de tecido com carne seca; outros são tão pequenos que me cabem na palma da mão. Alguns cidadãos têm direito a pão, dependendo dos créditos. Eu passo as rações pela ranhura acima do balcão, de um modo rápido e regular, e encarrego-me do próximo indivíduo. O trabalho em si é fácil, apesar do calor e do cheiro.

Mas os cidadãos estão enfurecidos. Começam a empurrar-se e a arranhar-se uns aos outros para poderem chegar mais perto do início da fila. Eu sinto-me como se estivesse a olhar para olhos de animais, pois eles são como lobos que não tivessem comido há várias semanas.

Pego num saco de carne seca. Este é tão pequeno... e custa 25 créditos... É quase o que o meu pai ganha numa semana.

— Quem pensas que eu sou, um Programado? — grita um homem de ar assustado. — Paguei para esta comida. Devia ter mais!

— Nada posso fazer acerca disso.

O homem resmunga, depois mete a mão pela ranhura, a tentar abarbaratar outro dos sacos de comida que estão a meu lado. Num abrir e fechar de olhos, retiro o punhal da cintura e cravo-o entre o dedo médio e o anelar. O punho da arma vibra com um som ameaçador.

— A não ser que queira que eu acerte num apêndice maior, sugiro que pegue na sua comida e se vá embora — aviso-o. Empurro-lhe o saco de rações e ele parte, agora de olhos postos na comida.

— Linda menina — grita a Orion. Ela é rápida no que faz, de modo que eu também tento apressar-me. Não irei permitir que um membro da Iniciativa me passe a perna. O meu pai sentir-se-ia envergonhado.

À medida que a fila continua a crescer do outro lado da parede de vidro, ponho-me a

observar as mulheres. Algumas delas estão grávidas. Cai-me o coração aos pés. Quantas pessoas mais poderemos nós trazer para a nossa sociedade, antes que tudo se comece a desmoronar?

Não podemos desperdiçar uma migalha de comida, um centímetro quadrado de espaço para quem quer que seja.

Mesmo se os assassínios continuarem, as centenas de mortos todos os meses mal roçam a superfície do problema. Somos muitos. Mesmo muitos. Já tive pesadelos em que tento nadar no mar, mas há tanta gente que não me consigo mexer, nem consigo mesmo estar ao lado delas nas ondas, e depois imagino que já não há ondas. Que é apenas um mar de pessoas e que eu estou parada, sem poder fazer nada, no meio delas.

Mais tarde, quando a fila desaparece, sento-me encostada ao vidro a olhar para as centenas de caixotes agora vazios. Havia tanto esta manhã e agora já não há nada.

Uma coisa poussa-me no colo. Um pedaço de carne seca. Olho para cima e vejo a Orion sentada num dos caixotes diante de mim, a balançar as pernas para cá e para lá. — Para comemorar o teu primeiro dia — diz ela. — Come-o ou esconde-o, antes que alguém o veja.

Fecho a mão para esconder a carne e, de súbito, tudo o que quero fazer é correr para casa, para mostrar à Peri o que ganhei e vê-la sorrir. A Orion está a observar-me com os seus estranhos olhos escuros e não desvia o olhar. Há algo nela que não bate certo, algo que eu não consigo decifrar.

Não gosto disso.

Ponho o pedaço de carne no bolso, e faço-lhe uma vénia com a cabeça para lhe agradecer.

Levanto-me, pronta para sair, mas a Orion detém-me. — Atenção, *Lourinha*, tens o teu crachá?

Pego nele e atiro-lho. Os reflexos dela são rápidos, como os de um gato.

— Isto é apenas temporário. — Levanta-se. — Agora vamos ao que interessa. Vai haver um pequeno ajustamento no teu Alfinete. Vem comigo.

Vamos até uma mesinha num canto das traseiras, com duas cadeiras de madeira já muito desgonçadas. — Senta-te — diz-me ela. — Estende o braço.

Há uma caixa preta em cima da mesa. A Orion abre-a e, lá dentro, vejo uma bola também preta muito pequena, não maior do que a unha do meu dedo mindinho, que eu reconheço como sendo uma esfera de créditos. O Koi não tem uma nem nunca terá. A Iniciativa não nos dá segundas oportunidades. Na caixa há também uma lata com um aplicador e uma seringa com um gel azul que eu tenho a impressão de ser remédio para as dores. O meu pai informou-me disso e, quando a Orion vai retirá-la, eu paro-a.

— Não quero isso — afirmo. Ela ergue, uma vez mais, a mesma sobranceira com o *piercing*. Não preciso de me explicar. A dor é boa. Cada vez que a sinto, fico mais forte. Aprendo a dominá-la.

— Eu também não o quis — confessa a Orion. Ela observa-me por demasiado tempo,

mas eu não vou desviar os olhos nem mostrar fraqueza. — Tu e eu não somos assim tão diferentes — observa ela. — Braço direito em cima da mesa.

Poderia encontrar mil e um motivos para discutir com a Orion, mas, em vez disso, limito-me a sentar-me em silêncio e a esticar o braço.

O corte não é profundo mas a dor é. Ranjo os dentes e respiro fundo, mas não fecho os olhos quando ela me insere a esfera por baixo da pele.

— É aqui que os teus créditos ficarão registados. Trabalhas, tens créditos. Passas o leitor pelo braço, tens razões. Sais da linha... e a esfera fica a zero. Estás a perceber?

Vejo o modo como ela encosta a lata ao meu braço. O sangue corre-me pelo pulso. — São células líquidas de pele — explica-me. — Uma coisa com um cheiro esquisito. Como presunto. Já alguma vez comeste presunto? — Abano a cabeça. Nem sequer sei o que isso é. A Orion espalha-me o gel no corte e eu vejo o líquido acastanhado a borbulhar-me no braço. — As nanites podem restabelecer-te num instante. Mas este produto fará com que a pele fique mais resistente. Não conseguirás tirar esta esfera, a não ser que faças um golpe bem fundo com uma faca.

Segundos depois, as borbulhas acalmam e eu consigo ver uma camada de pele nova sob o meu próprio sangue seco. Essa pele nova é mais clara do que a minha e, quando lhe ponho um dedo em cima, não sinto qualquer dor. — É fantástico — admito.

— Tal como os Alfinetes, não sei se estás a ver... — A Orion olha por instantes para a minha ferida. Quando vê que eu também estou a olhar para o mesmo sítio, levanta-se e volta a pôr tudo na caixa. — A tua esfera está programada e pronta a funcionar. É resistente. Não se quebra mesmo se o teu braço se partir em dois. Não se quebra mesmo que o queiras.

» Mas o Alfinete é uma outra história. Tiras esse sacana do corpo e podes dizer adeus à tua saúde. Sabes, conheço a pessoa que os fez... — Cala-se por momentos, creio que se perdeu nas suas memórias que me parecem tristes, a avaliar pela expressão no seu rosto.

Alguém bate no vidro. Ambas damos um salto, e um soldado da Iniciativa faz um gesto para que ela vá ter com ele.

— O teu próximo turno é amanhã, ao nascer do dia. Tenho a impressão de que gosto de ti. De modo que não chegues atrasada, *Lourinha*. — E sai, sem me dizer mais nada.

«Os paus dos Baixios, antes da Iniciativa, foram em tempos conhecidos como os Everglades.» — A Talan lê um folheto de propaganda que encontrámos, depois de termos limpado, há já uns dias, as valetas atulhadas das ruas.

Ela poderia ter sido morta por roubar lixo, pois isso vai contra o Quarto Mandamento.

Devemos levar toda a propaganda para o Cemitério, de modo a que eles possam escavar na porcaria para encontrarem o que querem e o que ainda lhes possa servir. Acredito que é por terem medo que nós nos revoltemos. Mas a Talan nunca foi pessoa de fugir ao perigo e está obcecada com coisas de antes da Queda.

Enquanto ela lê, estou tão aborrecido que quase tenho vontade de arrancar os olhos para os assar na brasa para o almoço. Tenho fome suficiente para o fazer. Rodo os dedos num minúsculo charco de água a meu lado. Há pequenos peixes que fogem.

Lembro-me do primeiro dia em que para aqui vim. A marca de Programado que tenho no pescoço ainda sangrava. Tinha uma tenda nos braços e uma camisa rasgada. Acabei por perder ambas, antes que a Lua substituísse o Sol no céu.

Foi nessa ocasião que conheci a Talan. Ela também estava sozinha, mas era mais forte, talvez por ser mais teimosa. Vi-a atacar um rapaz que era duas vezes maior do que eu, depois de ele me ter chamado nomes e, desde então, ficámos amigos. Passámos a noite ao lado um do outro a olhar para as estrelas, a contarmos um ao outro histórias dos nossos pais. A dizermos que faríamos tudo o que fosse preciso para ficarmos do mesmo lado e nos mantermos em segurança.

Mantivemos a nossa promessa, mas houve muita coisa que mudou, eu na altura era mais frágil. Tinha medo de tudo. Agora, a única coisa de que tenho medo é de mim mesmo.

— Não estás a ouvir o que eu digo, Zephyr — diz-me a Talan, de mau humor. — Queres descobrir-te? Então temos de fazer isto. Ou tu o lês, ou então bem podes pôr as tuas cuequinhas de senhora e ouvires com atenção.

Porquê continuar a tentar? Não há qualquer conspiração por detrás dos assassínios. O panfleto é uma tentativa ridícula de lidar com a perda de um ente querido. Onde eu e a Talan nos deveríamos estar a concentrar seria na nossa sobrevivência. Esta porcaria não nos leva a lado nenhum. — Estou tão aborrecido... — gemo. Ela atira o panfleto para o chão e afasta-se, com a lama a sugar-lhe os pés a cada passo que dá.

— Tu não tens remédio. Não tens mesmo! — exclama ela.

Raios. Agora está zangada. Se eu pudesse regressar àquela noite em que nos conhecemos, faria com que ela me jurasse nunca se comportar como uma miúda. — Andá cá, Talan, vou ouvir-te, estava só a brincar contigo...

Mas as minhas palavras apagam-se quando o vento volta a panfleto. Demoro um

pouco a ler algumas dessas palavras, mas consigo:

«Uma informação anónima de um antigo membro da Pesquisa em Propaganda afirma que as Horas da Escuridão se encontram protegidas pela Iniciativa governamental. O ato de assassinar poderá não ser simplesmente causado pela loucura, mas poderá ser despoletado pelo objetivo a longo prazo de usar cadáveres como rações...»

— Oh, que exagero. É uma coisa doentia. — Atiro fora o panfleto. — Talan! — Já ouvi toda a espécie de teorias da conspiração, mas nenhuma me dá uma resposta satisfatória.

Regularmente, mato pessoas.

Não consigo parar. Nunca o conseguirei. A não ser que alguém descubra um modo de me impedir.

A Talan tinha razão. Eu não tenho remédio. Não há nada de bom em mim, nada mesmo. Não importa os esforços que faço para me tornar melhor, nunca conseguirei apagar tudo o que fiz.

A minha faca é artesanal. Suficientemente afiada para poder cortar a casca de uma árvore. Aperto o cabo na mão. Faz-me sentir reconfortado e seguro. Seria fácil fazê-lo. Enterrar a lâmina no meu peito, do modo como fiz a tantos outros.

Sinto uma guinada de dor.

Dor horrível, aguda, e na minha cabeça julgo ouvir uma voz.

Para.

A faca cai-me da mão. Devo estar a enlouquecer.

Tento outra vez, ponho a lâmina bem contra a pele e sinto a mesma dor, a mesma voz que me diz para parar.

Por instantes, penso reconhecê-la.

Mas não. Não é possível. Ou sou tão doido como os fulanos das teorias da conspiração, ou então é apenas a minha consciência. Devia pedir à Talan que me atasse a uma árvore à noite, ou dar todas as minhas rações para que pudesse morrer lentamente à fome.

Mas ainda aqui estaria. Ainda seria uma ameaça para toda a gente, durante toda a minha vida. Ponho a ponta da faca nos pulsos. Devagar e com muita dor. É assim que mereço morrer.

A voz grita-me, e essa guinada dolorosa regressa, mas eu tento reprimi-la, dizer a mim mesmo que tenho de ser forte.

Corto o meu corpo como se estivesse a cortar manteiga. Doze vezes. Doze linhas regulares, uma para cada vida que ceifei. Tento mesmo arrancar o meu Alfinete, retirá-lo para que as nanites não me possam curar. Mas começo a ficar com tonturas e a sentir que o mundo me abandona.

— Liberdade. — Sorrio quando me estendo no chão sob o sol morno.

Por vezes, nos meses de inverno, um nevoeiro espesso rola pelos Baixios ao nascer do dia.

Cola-se às paredes dos edifícios e cobre tudo com uma espécie de frescura.

Neste momento sou como o nevoeiro, a agarrar-me a algo que eu sei que não irá manter-me sempre. Mas vale a pena tentar. Algures, vinda da escuridão, julgo ouvir a voz da Talan: — Fica comigo! — grita ela, mas não é bem um grito, não me parece. É como se me estivesse a chamar do outro lado do mar. — Não me deixes, Zephyr James!

Vezes há em que penso que sinto mãos a tocarem-me na pele, e pergunto-me se se tratará das minhas vítimas, a puxarem-me para baixo. É como o mar, mas este mar é gelado e, quanto mais mergulho nas águas, mais me é difícil respirar.

— Porque é que ele está a sangrar? Que é que aconteceu? — Não sei de quem é a voz, será do Thomas?

Sinto murros no peito e, por instantes, é-me mais fácil respirar. Ouço um grito, ou talvez um guincho arrastado de portões a abrirem-se, mas estou muito cansado para lhes prestar atenção. Ouço passos, a correr.

Penso, por momentos, que talvez esteja a flutuar.

Abro os olhos e vejo o céu.

Está a chover.

Mesmo a propósito, dou-me conta, para o dia em que hei de morrer.

Para ir para casa, decido seguir um atalho que passa junto ao hospital. Não é tão seguro ir por aí, mas não me apetece passar pelos Arquivos da Catalogação.

Se tivessem encontrado a minha mãe a tempo, teriam conseguido levá-la para o hospital. Poderiam tê-la curado. Tenho a certeza. Mas, é claro, era já tarde de mais. Nunca vi o seu corpo.

O meu pai deu-me um abraço quando trouxe para casa as botas de couro que ela tinha. Havia ainda uma mancha de sangue numa delas e, não importava o esforço que eu punha para a remover, nunca saía.

O Sol está a desaparecer do céu. Ouve-se um trovão e, de súbito, começa a chover. Chove quase todos os dias nos Baixios. Agora já consigo ver o hospital, um pequeno quadrado de cimento entalado entre duas torres.

Eu podia fazer mudanças que fossem importantes, descobrir um modo de salvar vidas, parar com as mortes. Os meus devaneios inúteis são interrompidos por um grupo de crianças, não muito mais velhas do que eu. Estas formam um círculo e põem-se a olhar para o chão encharcado em sangue. Muitos deles são Programados, com «X» negros na parte de trás do pescoço. As roupas são ainda mais esfarrapadas do que as minhas, e têm um cheiro esquisito, apesar da chuva.

Eu devia continuar a andar até que os meus dedos dos pés tocassem na areia e a água me chamasse para casa. Mas a curiosidade leva sempre a melhor comigo. Paro.

Suspiro.

Porque é ele.

O mesmo rapaz, deitado numa poça de sangue, na rua. Está pálido, com o braço enrolado num cobertor que inunda de vermelho o cimento. Tento chegar-me à frente do grupo. Ajoelho-me a seu lado. — Que lhe aconteceu? — pergunto, como se a pergunta não me pertencesse.

— Quem és tu? — ouço alguém a perguntar.

— Chamem um médico — grito, e depois tiro o cinto e começo a apertá-lo em volta do braço do rapaz, mesmo por cima da ferida, para estancar a hemorragia, do modo como o meu pai me ensinou. — Que lhe aconteceu? — volto a perguntar.

— Este parvo tentou eliminar-se a si mesmo — informa-me uma rapariga de cabelo escuro. — Um sacaninha egoísta, deixando que eu o encontrasse. — Tem os olhos avermelhados de chorar, mas não parece surpreendida.

O suicídio é uma fraqueza. Foi o que o meu pai me ensinou. O suicídio é desistir num mundo onde deveríamos estar a combater com todas as nossas forças.

Sento-me, a aplicar pressão, a observar o rapaz, a odiá-lo por ele ter feito uma coisa daquelas. Tem os olhos fechados, como se estivesse a dormir, e um rosto muito pálido.

deixa ir-me embora agora, mas não posso deixar de olhar para ele. Ele é muito bem-parecido, com o cabelo castanho e desgrenhado na cara, e eu fico chocada ao dar-me conta de que me apetece tocar-lhe.

Alguém com esse aspeto não devia ser tão fraco.

Alguém com esse aspeto não devia morrer desta maneira.

Um médico da Iniciativa sai do edifício, com a sua bata branca a adejar ao vento. —

Que é isto? — grita-nos. — Saiam do meu passeio, seus porcos!

A multidão dispersa-se e o médico começa a examinar o rapaz.

Já vi sangue. Já vi coisas horrendas. Já vi um homem com as tripas a saírem-lhe da barriga. Mas os doze golpes abertos nos pulsos do rapaz são o pior que alguma vez vi. É que ele fez isso a si mesmo...

— Acha que o poderá salvar? — Olho para o médico, enquanto passo os dedos pela testa do rapaz. Sinto-a húmida, como cera.

— Isto é uma perda de tempo! — O médico retira um leitor mecânico do casaco e lê o número de catalogação do rapaz.

«Zephyr James. Cidadão Essencial. Dezassete anos. Tipo de sangue: AB negativo.» O médico parece ter ficado muito surpreso. Já não existe tédio no seu rosto, mas puro terror.

— Essencial? — pergunta a rapariga de cabelo escuro. Ela está debruçada sobre mim, a olhá-lo fixamente, como se estivesse furiosa por poder perdê-lo, como se ele fosse tudo para ela. — Ele não é assim tão essencial — observa ela —, é apenas um Programado.

Essencial. Essencial quer dizer importante. Nenhum Programado alguma vez foi essencial.

Nenhum Programado poderia causar tanto medo a um médico da Iniciativa.

Não sei porque me importo com isso.

Mas não consigo evitá-lo.

O médico olha por cima de nós, como se estivesse a tentar juntar as peças do puzzle. Mas, de súbito, o rapaz começa a gemer e o médico apressa-se a regressar ao hospital.

No entanto, não demora a aparecer, com uma enfermeira de cada lado. — Ele pelo menos ainda tem o Alfinete. Levem-no para dentro! — grita. — E vocês, saiam já do passeio!

Sinto que o corpo do rapaz já está a arrefecer. Ele parece tão indefeso, tão tremendamente só... Não consigo deixá-lo ali. Que será que o torna essencial? Que será que o torna diferente de nós, que estamos de pé à sua volta? Sei que o meu sangue é do tipo O. A minha mãe obrigou-nos a todos a fazer um teste. — Passe o leitor por mim! — grito.

O médico para, e volta-se lentamente para me encarar. — O quê?

Levanto-me e atravesso o passeio com dois passos largos. As minhas mãos estão cobertas do sangue do rapaz. — Disse-me para me passar o leitor pela testa. Para ver o meu número. — Ele não se mexe, de modo que eu avanço, tiro-lhe o leitor da mão, ponho-

o junto à minha testa e carrego no botão.

«Meadow Woodson. Dezassete anos. Cidadã. Tipo de sangue: O. Departamento de Rações Alimentares.»

— Usem o meu sangue. — E ponho o leitor nas mãos do médico.

— Isso é contra o protocolo — esclarece ele.

— Que se lixe o protocolo, usem o meu sangue! Não posso permitir que ele morra!

— O rapaz está em boas mãos, Menina Woodson.

Baixo a cabeça. Cai-me o coração aos pés. Ainda vou ter problemas por me ter posto a discutir, mas há qualquer coisa que me diz que eu não devo perder este rapaz de vista.

Um Programado é um Programado e nada mais. Isto não pode estar a acontecer.

— Estou disposta a dar-lhe todos os créditos que tenho — murmuro. — Dê-lhe o meu sangue.

Ele nem sequer perde tempo a pensar no assunto e parte de mim quer sorrir porque acabei por ser mais esperta do que ele. Ele não sabe que eu só trabalhei uma vez. É claro que não ganhei muito. — Pois bem — diz-me ele, com um careta.

A Peri vai perder um dia de rações. O meu pai vai ficar furioso. O Koi não vai falar comigo durante uma semana. Tenho as mãos a tremer à medida que avanço, talvez seja do choque de fazer alguma coisa por uma outra pessoa. Agrada-me pensar que seria o que a minha mãe teria feito.

Não demora até levantarem e deitarem o rapaz numa cama de hospital, e uma enfermeira pega-me por um braço, a puxar-me atrás dela, enquanto vamos percorrendo um labirinto de corredores brancos.

Quando chegamos a uma sala e me inserem uma agulha na veia, parte de mim esvai-se pelo cateter em direção ao rapaz.

Um Programado. Essencial. É impossível.

Tenho de saber o que isso quer dizer. Fecho os olhos e encosto-me à fresca mesa de metal, enquanto uma enfermeira vai cosendo em silêncio os golpes nos pulsos do rapaz. Ele volta a gemer quando o médico lhe injeta qualquer coisa no braço e lhe pulveriza pele líquida por cima das feridas. Estas são tão fundas que o médico tem de as pulverizar duas vezes. Por vezes, as nanites não funcionam com a rapidez desejada.

Quando saio finalmente do hospital, o mundo está mergulhado em escuridão. Ainda penso correr pelo meio da rua principal, ao longo das linhas do comboio.

Mas nem sempre a velocidade nos traz segurança. De modo que, em vez disso, me ponho a andar em silêncio com um passo certo, preocupada em respirar descontraidamente. É importante manter-me atenta. Não ignorar um único som.

Há alguns que dizem que os assassínios acontecem todos ao mesmo tempo, num único momento sangrento. Esta noite não vejo nada de estranho para além de uns quantos indivíduos que ainda andam na rua, arriscando-se. Os mais espertos estão escondidos, com as velas apagadas e as janelas entaipadas, se tiverem sorte suficiente para as terem.

Passo pela biblioteca, que me recorda o meu pai. Começo a andar mais depressa. Sei

que ele já deve estar furioso.

Pela primeira vez desde que vim à cidade, sinto medo.

Os Baixios tornaram-se uma cidade fantasma.

Quando contorno uma esquina, vejo fumo a elevar-se da rua. Um grupo de pessoas está em volta de uma fogueira crepitante. Cheiro qualquer coisa que está a ser cozinhada. Esse é o beijo da morte. «Estúpidos», murmuro entre dentes. Desvio-me o mais que posso da fogueira. Na distância alguém ri.

Estou quase a chegar à praia quando o ouço. O som é suave, apenas uma pancada surda, e vem da viela à minha esquerda, do lado para onde tenho de ir para chegar mais depressa à praia.

Seguro o punhal diante de mim. Começo a andar em bicos de pés, do modo como o meu pai me ensinou, e encosto-me às paredes.

Está escuro, mas a Lua oferece luz suficiente para que possa ver para onde vou. A viela, vista daqui, parece estar deserta. Passo com a minha mão pelos tijolos. Essa solidez faz-me sentir em maior segurança.

Até tatear uma coisa húmida e morna.

Muitos dos edifícios deitam água. Canalizações velhas que se estragam com o passar dos anos. Mas isto é como tocar em algo pastoso.

Levanto a minha mão para a luz do luar.

Um vermelho, espesso e brilhante, cobre-me os dedos.

Sangue.

Desvio-me da parede. Uma substância escura, quase negra à noite, escorre da parede de tijolo.

Olho para cima, devagar, seguindo-lhe o rasto.

Quando vejo o cadáver, quase dou um grito, mas consigo controlar-me. Trata-se de uma mulher. Longas madeixas de cabelo estão penduradas de uma velha escada de emergência, ainda lhe vejo o braço a balouçar.

De repente, ouço um grito, mesmo atrás de mim, na rua principal. É agudo e terrível, um som que me faz ficar toda arrepiada. Trata-se de um som semelhante ao de um líquido a atingir o solo que depois se transforma num gorgolejo.

Não vou em sua ajuda. Sei que ele já está morto. Ouço passos e um homem surge na viela.

Ele vê-me. Tem um corte na cara. Os nossos olhos encontram-se e ele dirige-me uma única palavra:

— Corre.

Volto-me e corro tão rapidamente quanto os meus pés mo permitem, para fora da cidade.

Já chegaram as Horas da Escuridão.

Esta noite a sorte está do meu lado, porque o bote está no seu sítio e não vejo Piratas em

lado nenhum.

Ponho-me a remar pelo mar o mais depressa que consigo, sem me importar com o facto de as minhas botas estarem molhadas de água salgada, ou de mal conseguir respirar. Não sou capaz de remar mais depressa.

Estúpida, estúpida, estúpida.

Nunca devia ter ficado até tão tarde, nunca me devia ter desviado do meu caminho para salvar um rapaz desconhecido que nada significa para mim, que nada significa para a minha família.

O importante é a Peri. A Peri, o Koi e o meu pai, a nossa sobrevivência, e nada mais.

Aterroriza-me que o meu pai já tivesse movido a nossa casa flutuante e me tivesse deixado para trás, para me dar uma lição.

Mas ei-lo à distância na cadeira de balouço.

O meu lar...

A proa do bote embate contra um dos lados da nossa casa flutuante e sinto que posso finalmente respirar. Mas há algo que não está bem. Normalmente, o arame farpado já teria sido corrido e a Peri estaria à minha espera.

Em vez disso, nada mais há a não ser o vento e as ondas.

— Está alguém em casa? — chamo. E começo a bater num dos lados da mesma. — Sou eu!

É então que aparece o escadote de corda que se desdobra como uma cobra. Começo a pular o bote e a subir, mas vem alguém a descer.

Não é o meu pai.

É o Koi.

— Desvia-te — pede-me ele, ao começar a descer pelo escadote.

Saio do seu caminho e fico à espera dele. Ele para então à minha frente. O seu rosto, muito parecido com o do meu pai, revela-me que está zangado.

— Foi muito simpático da tua parte teres-te vindo juntar a nós — irrompe ele.

— Atrasei-me — respondo, olhando para os meus joelhos. — Mas estou aqui, não é verdade?

— A Peri pensou que tivesses morrido.

As palavras atingiram-me em cheio no peito, como um murro. Não há nada que possa dizer em minha defesa, porque o meu irmão tem razão.

O Koi inclina-se um pouco para a frente e tira-me o remo das mãos. Reparo então que a madeira está manchada de sangue. — Que é isto, Meadow? Sangue?

— Não é o que estás a pensar — esclareço. — Alguém foi assassinado.

— Claro que foi, estamos nas Horas da Escuridão! — O Koi atira bruscamente o remo para o espaço no bote entre nós os dois. Olha para mim como se me odiasse, como se não desejasse outra coisa senão que eu caísse no mar e me afogasse. Nunca o tinha visto assim antes.

— O teu trabalho termina antes do pôr do sol. Já devias cá estar há muito tempo.

— Atrasei-me — repito, mas ele dá um murro num dos lados do bote.
— Estás a mentir, Meadow. O pai queria ir procurar-te. Que farias tu se ele perdesse a vida devido aos teus caprichos?
— Ele... queria ir à minha procura?
— Ele adora-te, Meadow.
— Ele não gosta de mim. Ele não gosta de mais nada a não ser das suas sessões de treino.

— É o modo como ele nos mostra o seu amor! Será que não percebeste? Ele perdeu a mãe. De modo que não te pode perder também.

O bote começa a balouçar. As nossas cabeças aproximam-se por segundos. O Koi não diz nada. Limita-se a ficar ali sentado, à minha frente, à espera de uma explicação. Não lhe quero contar o que fiz porque acho que não são assuntos da sua conta.

No entanto, ponho-me a pensar na Peri e no meu pai, e em como nos esforçamos tanto para permanecer juntos. Vivos.

— Houve um Programado — começo, a tentar escolher as palavras com um certo cuidado —, que estava a sangrar. Tive de lhe prestar ajuda.

— Um Programado?

— Não estás a perceber, Koi. Ele estava estendido no meio da rua. Tentou suicidar-se, e...

— Então devias tê-lo deixado morrer — interrompe-me Koi. — Desde quando é que estás muito preocupada com estranhos? Por que motivo te importaras tu com *outras coisas* que não sejam a tua família?

— Qual é o teu problema? — pergunto-lhe.

Ele está agir precisamente como o meu pai.

Engulo em seco. Os seus olhos são muito escuros, como se não fossem dele nessa noite...

— Será que não estás a ver? — pergunto-lhe. — Um Programado é uma pessoa em quem ninguém pensa, não é alguém essencial, de modo que os médicos o levaram e eu dei-lhe sangue para o salvar, e... — Paro de falar quando o Koi me agarra pelos ombros e me atira a cabeça contra um dos lados da nossa casa.

— Que é que disseste?

Tento libertar-me das suas mãos, mas o Koi sempre foi mais forte do que eu. — Tive de o fazer — disse-lhe, quase já sem fôlego.

— Tu não tinhas de fazer coisíssima nenhuma — grita o Koi antes de me empurrar de novo o rosto contra a nossa casa. O metal está frio e viscoso. — Podiam ter-te matado, Meadow. E depois, que terias tu feito? Terias também matado a Peri. Terias feito com que ela morresse à fome...

Há lágrimas nos meus olhos. Tento afastá-las como posso, porque chorar é um sinal de fraqueza. — Tive de saber o que isso queria dizer. — Soo como uma criança. *Sou* uma criança que cometeu um erro estúpido por ter sido curiosa. — Solta-me.

— Não, até me teres jurado que te comportas como uma pessoa crescida e que fazes o que tens de fazer. Nada mais.

Ele tem razão. Não há dúvida. — Está bem... — admito.

Por fim, ele solta-me. Sinto uma enorme dor de cabeça. O vento levantou-se e o bote está a balouçar fortemente. Estou enjoada.

Koi inclina-se um pouco mais para a frente e baixa a voz. Olha-me muito nos olhos. Parece-se mesmo com o meu pai. Ríspido, frio e zangado. — Se voltares a cometer um erro destes, Meadow, vou à procura desse rapaz e desta vez sou eu quem o mata. Estás a perceber?

Aceno afirmativamente com a cabeça. Sei que ele não está a mentir. O Koi nunca o faz.

Sentamo-nos, a olhar um para o outro. E então, o Koi descontraí os ombros. Agarra nos meus e dá-me um grande abraço, apertando-me de tal modo, que mal consigo respirar.

— Não podemos perder-te — diz ele. — Eu não posso ser a única pessoa que nos mantém unidos.

Há já muitos anos que não abraço alguém que não seja a Peri, de modo que, quando ponho os braços à volta dele, acabo por me sentir rígida. Pouco à vontade. — Estou muito bem — digo-lhe. — Sei tomar conta de mim.

— Eu sei — murmura. — É isso que me assusta mais. — Desvia-se. — Estás a ficar muito parecida com ela.

— Com quem?

Porém, o Koi abana a cabeça.

— Diz-me, Koi. Com quem estou eu a ficar muito parecida?

— Não interessa — diz ele. Penso... penso que as mãos dele estão a tremer, mas ele junta-as e pousa-as no colo. — Vai ter com a Peri, para ela saber que não morreste...

Trepo lentamente pelo escadote e, quando chego ao alpendre, vejo que ela está à minha espera, de lágrimas nos olhos.

— Puseste-me a chorar — diz ela, fungando. — O Koi disse-me que tu eras uma parva por me teres posto assim.

— Desculpa — digo-lhe. Ajoelho-me diante dela e limpo-lhe as lágrimas. — Chorar não é vergonha, Peri.

— Tu nunca o fazes.

— Faço sim. — Ajusto-lhe um caracol por detrás da orelha. — Mas faço-o quando tu não estás a ver.

— Se prometeres que nunca mais me vais fazer chorar, deixo de ficar zangada contigo — diz ela.

Aceno-lhe com a cabeça, e então, de repente, estou perdoada.

Passo o resto da noite no alpendre, com os meus irmãos, a olhar para as estrelas. Contamos histórias à Peri acerca da nossa mãe, e o Koi ensina-lhe a conhecer as constelações.

Quando a minha irmãzinha adormece, o meu irmão vai buscar os anzóis e um frasco de tinta preta que ele guardou desde o seu décimo aniversário. É precioso para ele. Não o desenvolveu durante anos. — Quero dar-te uma coisa — afirma ele. Pega no meu braço direito e levanta o anzol maior. Aquele que tem a ponta mais espessa e afiada. Começo a tentar desviar o braço, mas os seus olhos fixam-se nos meus. — Nós somos diferentes, Meadow, eu consigo sobreviver neste mundo. Mas tu podes ser uma pessoa de sucesso. Não quero saber o que fazes lá fora. Mas terás de me jurar que o farás sempre, para que possas sobreviver. Não para mim ou para o pai, mas para *ela*. — Ele olha para a Peri que já adormeceu. Esta noite não está a ter pesadelos.

— Estás pronta? — pergunta-me o Koi. Eu aceno-lhe com a cabeça e cerro os dentes.

Tento não gritar enquanto ele grava a palavra *Destemida* no meu antebraço. — Agora tens uma tatuagem que não é da Iniciativa — diz ele. Vejo-o a pôr-me tinta na ferida e uma ligadura no braço. — Terás de fazer o que for preciso para regressares a casa — murmura. — *Nunca* poderás acabar como ela.

Nada mais importa senão as pessoas que estão nesta casa flutuante.

Nada mais importa senão mantermo-nos vivos.

Eu serei sempre destemida.

Quando acordo, estou a flutuar em cima de nuvens.

Mantenho os olhos fechados, tentando passar os dedos pelo que me rodeia. Meu Deus, será que se trata mesmo de... *almofadas verdadeiras*?

Abro os olhos. Estou deitado numa cama de hospital, no meio de um quarto impecavelmente branco que me faz sentir mais pequeno. Tenho a cabeça a andar à roda. Olho para os meus pulsos e as memórias irrompem de súbito.

Houve uma faca. E doze cortes. Doze linhas de sangue a correrem-me do pulso, e a Talan a arrastar-me pelas ruas da cidade à medida que eu começava a morrer.

O meu pulso está marcado com uma camada mais clara de pele que parece estar retorcida, como velhas cicatrizes. Toco-a mas não me dói.

Como é que consegui sarar tão depressa? Como é que ainda estou vivo?

— Ora ainda bem que te temos de volta — saúda-me uma voz que me é familiar. Olho para cima tão depressa que os meus olhos ficam desfocados. De pé, parada à entrada da porta, vejo a Talan de braços cruzados.

— Olá — digo eu. A minha voz assemelha-se ao coaxar de uma rã. Preciso de beber água e tenho a cabeça tonta. — Que é que aconteceu? Onde estou?

A Talan aproxima-se da minha cama e puxa de uma cadeira. — Odeio-te — diz ela, entre dentes. O lábio inferior treme-lhe por instantes, e depois põe-se a chorar.

O som parece-me estranho, deslocado. Ela chora durante o que me parece ser uma eternidade. Deixo-a pousar-me a cabeça no peito e soluçar como uma criança, molhando a minha roupa de hospital com as suas lágrimas. Não sei o que fazer, não estou familiarizado com este tipo de comportamento, de modo que lhe ponho uma mão no ombro e lhe digo que tudo irá correr bem.

— Tu estavas a morrer — diz a Talan, quase sem fôlego. — E eu não sabia o que havia de fazer, de modo que te trouxe para aqui, e... — Os soluços não param.

— Mas agora já está tudo bem — digo eu. — Acalma-te, Talan. Estás a chorar como um bebé.

Quando ela levanta os olhos para me encarar, vejo que tem círculos vermelhos em volta dos olhos azuis. Parece-se mais com a rapariga que encontrei, há muitos anos.

— Tenho muita pena, ouviste?

Ela tem um sorriso amarelo e retoma a sua respiração regular. — És um otário, não és? Metade de mim *odeia-te* neste momento, Zephyr James.

— Só metade? Bem, que se lixe, fico com essa metade. — Isso põe-me a rir e, antes que me dê conta, reparo que não consigo parar.

Após alguns momentos, entra uma enfermeira. Trata-se de uma cidadã regular destacada para o trabalho, mas que sabe o que faz. — Ora já cá o temos de volta... — diz

ela. Observa os meus sinais vitais e a Talan fica de pé junto a uma parede, a olhar para mim como a minha mãe costumava fazer quando eu caía e esfolava um joelho. Como se eu fosse feito de vidro e me pudesse partir.

Talvez ela tenha razão. Mas sinto-me muito melhor agora. Talvez não estivesse ainda preparado para morrer. Talvez esteja reservado para mais alguma coisa.

— Bem, tudo me parece ótimo. — A enfermeira observa-me o pulso, o que deveria estar cortado e ferido, e acena afirmativamente com a cabeça. — A pele está a reagir muito bem. Irá ter uma cor diferente para o resto da sua vida, mas que importância tem isso, não acha? — E olha para mim como se eu me devesse rir.

— Pois... sim... — digo eu. — É claro. Já me posso ir embora?

A enfermeira franze os lábios. Ofendi-a. — Pode sair, já irei mandar cá o médico para lhe dar alta.

Quando voltamos a ficar sozinhos, a Talan aproxima-se de mim. — Estarás pronto para me dares uma explicação, ou terei de começar a chorar outra vez?

Sorrio-lhe vagamente. — Não há nada a explicar. Sempre disseste que eu sou um idiota, e agora provei-to finalmente. Fui estúpido. É tudo.

Ela encaracola uma madeixa de cabelo escuro no dedo. — Eu também já pensei em fazê-lo, não sei se sabes... — confessa. Mas isso não me surpreende. A vida da Talan é quase tão má como a minha. Talvez seja pior, por causa da Arden. Mas, quando ela me fala em suicídio, quase tremo. Tenho tentado durante todos estes anos mantê-la viva, fazer com que ela coma e fale e se levante da cama todos os dias. — Estou a falar a sério, Zephyr, já pensei em atirar-me ao mar. Ninguém me iria impedir de o fazer.

— Iria eu...

Encolhe os ombros. — Não se já estivesse morto.

Não sei o que dizer-lhe. Olho para o meu pulso com a sua pele nova.

— Se tu tivesses morrido, Zephyr, eu teria desistido. Desisti no dia em que a Arden morreu, mas *tu* mantiveste-me viva. És só tu quem me impede de enterrar uma faca no corpo. — Sorri, algo que ela não faz muitas vezes. — De modo que vamos fazer uma nova promessa. Só te poderás voltar a matar se me matares primeiro. Estamos combinados?

Demora-me algum tempo até me aperceber da dimensão das suas palavras.

Pensei que o mundo estaria melhor sem a minha presença mas esqueci-me da Talan.

Ela precisa de mim.

Estendo a mão e aperto a dela. — Estamos combinados. Mas agora explica-me, como é que conseguiste arranjar um médico Sanguessuga para me salvar a vida?

— Tem calma — diz-me a Talan —, que essa história é interessante.

Não há muitos pertences que possa considerar meus, para além do meu punhal e das botas. Mas há uma coisa que é tão especial para mim que eu sei que poderia ser a prenda exata para a Peri.

— Quero que guardes isto para mim — digo, desapertando a pulseira. A concha de estimação da minha mãe dança na velha corrente que está escurecida pelo ar salgado, mas que é ainda bastante bonita. — Era da nossa mãe. — Sorrio e os olhos dela abrem-se. Tenho de lhe dar duas voltas no pulso, mas fica-lhe muito bem. — Quando sentires saudades minhas, coloca essa concha contra o teu coração. Eu estarei sempre contigo.

Ela sorri e toca-lhe. — É linda — diz ela —, como tu.

Quando me forço a sair, pois devo estar já atrasada para o trabalho, remo rapidamente até à costa e, durante todo esse tempo, sinto que os olhos cinzentos da Peri me estão a observar.

Ainda há corpos todos torcidos pelas ruas. Alguns mostram marcas de luta, outros estão apenas estendidos em cima do betão, aparentemente a dormir. As gaivotas descrevem voos picados, debicando no amontoado de cadáveres. Parte deles também foram vasculhados por cidadãos, e alguns estão nus, dado que lhes roubaram a roupa.

A Orion está, de pistola na mão, à porta do Salão das Rações Alimentares quando lá chego. — Mais um minuto e terias chegado atrasada, *Lourinha!* — diz-me ela, enquanto eu tento atravessar a rua à pressa. — É melhor que saibas o que estás a fazer hoje!

— Sei muito bem o que faço — respondo-lhe, enquanto passo por ela para que o leitor mecânico me possa ler o número de catalogação. Hoje ela faz com que a máquina também leia a minha esfera, para que a mesma possa registar as minhas horas de trabalho e os meus créditos.

— Entra primeiro — diz-me a Orion, apontando o caminho com a pistola, que mantém quase diante do meu rosto. Mas eu não tenho medo. Entro.

Ela pega-me no braço. — Que corte mais interessante... — comenta, olhando para a prenda que o Koi me deu. As nanites já deveriam ter começado a fazer com que a ferida ganhasse uma crosta. — Qual é a história?

Eu puxo o braço e mantenho-o ao longo do corpo. — Não tem nada com isso.

Ela rabuja mas acaba por me ignorar.

O dia passa num instante. Estou a ficar acostumada a trabalhar com os sacos de rações alimentares, como se não tivesse feito outra coisa na vida senão isto. Tenho problemas com uma mulher que me consegue arranhar, até que os soldados da Iniciativa lhe encostam uma pistola à cabeça e a forçam a devolver as rações. Eu recolho-as, pois se o não fizer, será a minha vida em vez da dela que estará em perigo.

Mais tarde, as coisas pioram.

Entra um homem de pistola na mão. Quando a levanta e dispara contra a barreira de vidro, já sei que a coisa não irá resultar. A Iniciativa cai-lhe logo em cima.

É alvejado, não uma vez nem duas, mas três.

Perderam-se três balas e uma vida.

Concentro-me no meu trabalho.

Até que os Programados começam a chegar.

Levanto os olhos e vejo os seus rostos. Sujos. De faces encovadas.

A fila começa a avançar o suficiente para que os soldados da Iniciativa fechem as portas após a entrada do primeiro grupo. A luz do Sol desaparece. Volto a levantar os olhos.

Ali, na parte de trás da fila, vejo o rapaz.

Zephyr.

Meu Deus, é ela.

Ela, a rapariga do luar que me salvou.

— Eu nem sequer sei se é mesmo ela, Zephyr — observa a Talan. Estamos na fila para receber as rações. Estão quase quarenta graus e ainda não é meio-dia.

— Cabelo louro-platinado, até à cintura? — digo eu, apontando para as ancas da Talan. — Olhos cinzentos?

— Pois... sim... — diz ela. — Mas como é que poderei acreditar que uma rapariga que tu viste em sonhos tem uma existência real? Há muitas raparigas que têm o cabelo assim. É por viverem ao sol, não por aparecerem em sonhos de pessoas. Tens a certeza que te sentes bem?

— Talan, estou tão saudável como uma Sanguessuga, acredita.

A fila avança lentamente. Sinto uma estranha impressão no estômago. Antes de o médico me ter dado alta, injetou-me diretamente no estômago um líquido azul que ele me disse estar repleto de nutrientes. — Ela existe mesmo — digo eu a Talan. — E se dizes que me salvou a vida, talvez haja uma hipótese de ela ter andado também a sonhar comigo.

Talan ri-se discretamente, e pisca o olho a um rapaz de cabelo negro que passa. — A vida não é um conto de fadas.

— Pois, mas deveria ser — afirmo eu.

Ela faz um ruído de desaprovação. — Talvez possas desenhar um retrato dela e começares a perguntar às pessoas se a viram. Há muitos doidos nos Baixios. Alguém deverá dar-te uma pista.

— Estás a comportar-te como uma parvalhona, espero que tenhas consciência disso...

A Talan ri-se, mas depois fica muito séria. — Há também uma outra coisa, Zeph. Quando o médico te passou o leitor, houve uma coisa muito estranha.

— Que queres tu dizer?

Ela mordisca o lábio inferior. — Essencial. Será que esta palavra te diz alguma coisa?

— Nunca a ouvi antes — digo-lhe

Ela franze o sobrolho. — Olha, e eu também não. — Ela parece querer dizer mais qualquer coisa, no entanto, à medida que nos vamos aproximando da frente da linha, ouvimos gritos vindos de dentro do Salão de Rações Alimentares. Uma voz de homem, a reclamar que não lhe estão a dar a sua ração diária. Ouvem-se três tiros e toda a gente fica em silêncio, por momentos. Sei, sem ter mesmo de o ver, que o homem foi abatido.

A linha começa a andar mais depressa agora. A Talan está a ser um pouco agressiva, como sempre, a tentar fazer uma troca para obter o par de botas da rapariga que está à nossa frente. Quando entramos finalmente no Salão, a Sanguessuga que está de guarda às

portas acaba por fechá-las. Na verdade, é uma coisa estúpida. Ninguém vai tentar entrar à força quando uma Sanguessuga lhe pode apontar uma espingarda à cara.

— Outro dia no paraíso — alvitro eu, esperando que a Talan se ria. Ela costuma pensar que eu digo coisas com piada, mas hoje suspende a respiração.

— Que é? Que se passa?

— Oh, caraças... — exclama ela.

— Estás a ver, eu *disse-te* que a expressão ia pegar!

Ela enterra-me as unhas no braço e aponta para o outro lado da sala. — Cala-te e olha.

A respiração nesse momento para-me nos pulmões.

De pé, atrás da parede de vidro, a olhar para o chão encharcado em sangue, com uma certa ira estampada no rosto, vejo a pessoa de que juro ter estado à espera toda a minha vida.

Tento esconder-me por detrás do meu cabelo, mas o Salão das Rações Alimentares está hoje mais quente, e a Orion faz com que eu o ate atrás e o desvie do rosto.

— Regras de higiene, *Lourinha* — diz ela entre dentes. — Para além disso, fica-te bem.

Tento baixar o rosto e só levantar os olhos quando entrego a alguém as suas rações através da ranhura, mas torno-me mais lenta.

— Sinto-me doente — digo a Orion.

— Há anos que ninguém se sente doente, minha mentirosa — grita-me ela. — Essa é boa! — e começa a rir-se.

O rapaz está agora apenas atrás de cinco pessoas. Tem melhor aspeto e uma pele com a cor dos vivos. No braço ainda lhe vejo ligaduras.

Sinto-me aliviada. Sinto-me aterrorizada. Não sei bem o que estou a sentir.

— Pareces estar distraída — observa a Orion. — O melhor é apressares-te, antes que eu te dê um tiro no pé.

Tento concentrar-me no meu trabalho, mas ele está a aproximar-se. Que diria o Koi? Que diria o meu pai se soubesse que eu não estava a fazer bem o meu trabalho?

Concentra-te.

A rapariga está com ele na fila, a que estava a tomar conta dele, como se ele lhe pertencesse. Tem curvas bem feitas e é alta. Eu sou forte, mas magra e baixa. Olho para os pés. — Eu disse *olá* — ouço dizer e, quando levanto os olhos, vejo que se trata da mesma rapariga que está a observar-me. — És surda ou quê?

— Faz com que o leitor procure o teu número — peço-lhe. A rapariga revira os olhos, coloca-se junto do leitor e eu olho para o ecrã.

Talan Banner. Programada. Dezassete anos. Dose de Rações: Nível 1.

Os Programados têm direito a um pequeno pacote de carne seca e a um pãozinho que mal me cabe na palma da mão... Está cheio de nutrientes, não duvido.

Passo-lhe as rações pela ranhura, mas ela não as agarra. — *Nem sequer penses roubar-mo, minha magricélas...* — diz ela. — Acredita, não és nada o género dele. — Então arranca-me a embalagem das mãos e pestaneja, atira-me um beijo e vai-se embora.

Rio-me, pois não sei bem que mais fazer. A única coisa que faço é olhar muito para ele, e forço-me a respirar normalmente.

Zephyr.

— Olá — diz-me ele. A sua voz não é muito grave. Odeio e adoro, ao mesmo tempo, o som da sua voz. — Queria agradecer-te por me teres salvado.

— Não faço ideia do que me estás a dizer. O leitor tem de ler o teu número.

Coloca a testa contra o leitor, sem retirar os olhos de mim. Tem uns olhos de um verde muito puro.

— Não tens de ter medo — diz-me ele.

— Não estou com medo. — Por que razão não para ele de falar? Olho para a Orion que está a conversar com o guarda, e a pedir-lhe que ponha na ordem uns quantos Programados que começaram aos murros uns aos outros, no fim da fila.

— Salvaste a minha vida. Eu queria saber porquê, e agradecer-te, de qualquer modo.

— Não tens de me agradecer — digo-lhe, mantendo os olhos baixos. — Não é uma boa ideia seres visto a falar comigo, acredita.

— Pois acredito. Estaria morto se não me tivesses ajudado.

Tento fingir que não o ouço. Tento fingir que aquilo não está a acontecer. Não posso ver este rapaz. Não consigo olhá-lo nos olhos, ou pensar que lhe devo mais qualquer coisa, ou pensar que ele me deve qualquer coisa.

Pego nas suas rações e ponho-as numa embalagem. Tenho as mãos a tremer. Deixo cair o pão no chão, desastradamente.

— Desculpa, Zephyr — ouço-me a pronunciar.

Estúpida, estúpida, estúpida.

— *Lourinha!* — grita a Orion. Ela abana um dedo para me dizer que me devo despachar. Apanho o pãozinho e ponho-o no saco das rações. — Meadow, olha que o dia não tem mais horas!

Quando entrego as rações ao Zephyr, os seus dedos roçam pelos meus.

Começo a recuar, mas não sem que ele tenha tempo de me apertar a mão, uma vez. — Então é Meadow? — murmura ele. — Bem, pelo menos sei o teu nome.

A imagem do seu rosto, com um sorriso estranhamente imperfeito e olhos de esmeralda atormentam-me o resto do dia.

Meadow.

Devia saber que ela teria um nome doce como esse.

Não tem nada a ver com o seu modo de agir. Vê-se que está farta dos Baixios, como se estivesse zangada com a vida. Ela comporta-se como se fosse uma otária.

— Mas há de mudar — diz-me a Talan. Está a devorar as suas rações como um cão selvagem. — Dei-lhe uma boa razão para te querer.

— De que estás tu a falar? Que é que lhe disseste?

Talan encolhe os ombros e, com um pontapé, atira uma lata pela rua fora. Esta desaparece num instante numa correnteza de passos arrastados. — Dei-lhe a entender que tu não estavas disponível. Uma rapariga quer sempre aquilo que não pode ter. — Dá-me uma palmadinha na cara, talvez com demasiada força, e desaparece na multidão, para se entreter com o que normalmente faz, quando não está ao pé de mim.

Hoje eu deveria andar à procura de trabalho, ou a certificar-me de que os filhos mais pequenos dos Programados se encontram em segurança na Reserva. No entanto, em vez disso, passo o resto do dia na viela, por detrás do Salão de Rações Alimentares, sentado com as costas contra um caixote de lixo cheio, a pensar no que irei dizer à Meadow quando ela sair.

Olá, sou o parvo que se tentou matar.

Desculpe, menina. Será que não a vi já em algum lado?

Nada me parece aceitável. A expressão no rosto dela, quando me viu, como se estivesse furiosa, continua a atormentar-me. Ela salvou-me. Deu-me do seu sangue, arriscou a sua segurança para se impor a um médico Sanguessuga, por minha causa. Um Programado. Porquê?

Olho para o céu entre os edifícios de ambos os lados onde estou. Está mais calor do que o normal e, apesar de estar à sombra, estou encharcado em suor. O comboio acaba de passar, com um apito estridente, e eu imagino alguns cidadãos a saírem-lhe à pressa da frente. Devem ser quase quatro da tarde. Ainda terei de esperar algumas horas.

Finalmente, um soldado Sanguessuga sai da porta das traseiras do Salão, com a espingarda ao ombro. Há mais três que o seguem. — As rações acabaram hoje cedo, meu comandante — diz um deles para a palma da mão. Muitos dos soldados Sanguessugas têm microfones inseridos, e *chips* de radiotransmissão nas orelhas direitas. Os soldados riem-se e saem da viela.

Eu levanto-me e tento alisar com as mãos as pregas da camisa. O médico Sanguessuga deu-me uma nova, o que não acontece muitas vezes, se é que alguma vez aconteceu, e tomei um duche. Pela primeira vez na minha vida, talvez esteja com um ar apresentável. O suor escorre-me para os olhos.

Caraças. Talvez meio apresentável.

A porta do Salão de Rações Alimentares abre-se de par em par e a mulher com a cabeça rapada sai. Ela olha para mim, por instantes. — Seria melhor que não causasses problemas à miúda, rapazinho — diz ela, abanando a cabeça. Como eu não lhe digo nada, ela passa por mim, acrescentando entre dentes: — É contigo. — E desaparece.

Começo a sentir o coração esquisito no peito. É como se me estivesse a preparar para uma luta, como se a adrenalina se comesse a espalhar pelas minhas veias.

A porta abre-se e a Meadow sai com o cabelo platinado até às ancas. Meu Deus, é perfeita!

Tento dominar os nervos, avanço e ela volta-se para fechar a porta. Estendo o braço e ponho-lhe uma mão no ombro.

— Olha... — começo a dizer-lhe. Foi o pior erro que alguma vez cometi porque, antes mesmo que me dê conta do que se está a passar, o mundo fica ao contrário e eu estou estendido de costas, a olhar para o céu sem uma bolha de ar nos pulmões.

Devia ter ficado muito zangado. Devia ter ficado zangado e envergonhado.

Em vez disso, só consigo pensar que talvez esteja apaixonado por esta rapariga.

O Zephyr está ali estendido, a olhar para o céu com um sorriso aparvalhado no rosto.

Com certeza que o magoei.

— Não te devias ter aproximado de mim dessa maneira — digo-lhe, ainda que não saiba se ele me consegue ouvir. Começo a andar de um lado para o outro, sem saber se o deveria ajudar ou seguir o meu caminho, como o meu pai e o Koi me recomendaram.

O Zephyr geme e, por momentos, preocupa-me o facto de que ele possa estar seriamente ferido. Mas depois ouço o som mais estranho neste mundo.

Ele começa a rir-se.

Encosto-me à parede e cruzo os braços.

Vou deixar que ele me faça perguntas. Ele deve querer saber quem eu sou e por que motivo lhe iria oferecer algo de mim.

Momentos depois, ele para de rir e levanta-se. É mais alto do que eu julgava. Mais alto, talvez, do que o meu pai. Com os braços marcados por músculos magros. — Que é que queres? — pergunto-lhe.

— Já to disse antes — esclarece o Zephyr, mostrando-me a palma das mãos. Tem umas mãos muito maiores do que as minhas. Quase poderia apostar que são também mais fortes. — Queria agradecer-te por me teres salvado.

— Está bem — digo-lhe, abanando a cabeça. Desvio-me da parede e começo a andar. — Agora estamos quites. Não me sigas.

— Espera, Meadow.

Não mo diz a gritar. Apenas o diz com doçura. Suspiro e volto-me para trás. — Dá-me apenas uma oportunidade — pede-me o Zephyr.

Ninguém alguma vez olhou para mim desta maneira, como se eu fosse qualquer coisa digna de se ver.

— Prometo-te que não serei aborrecido — diz-me ele. Coça o pescoço e eu consigo ver o pedaço de pele mais clara no seu braço, onde costumavam estar cortes fundos e irregulares, de onde ele quase retirou o Alfinete. *Essencial. Programado*. Que quererá isso dizer?

Posso esquecer-me disso, pelo menos uma vez na vida. Podemos trocar as respostas de que necessitamos e eu posso continuar. O Koi nunca irá saber a diferença.

— Vou deixar que te expliques — sugiro-lhe. — E, depois disso, nunca mais me voltas a incomodar. Estamos combinados?

— Vou tentar o meu melhor — diz, acenando com a cabeça. O seu cabelo é da cor do chocolate. Apetece-me passar-lhe os dedos por ele. Quero afastar-me deste rapaz.

Não sei o que quero.

— Obrigado — diz ele. — Vem comigo.

Ele não espera por uma reação. Passa por mim e afunda-se nas ruas populosas dos Baixios.

Quando olho para trás, penso que ela se tentou ver livre de mim, que desapareceu sem me dizer adeus. Mas, logo a seguir, vejo um brilho platinado e sei que ela ainda ali está.

As Sanguessugas têm imensos edifícios espalhados pelos Baixios. Muitos prédios e muitas câmaras de vigilância, olhos gigantes e observadores, para se certificarem de que os cidadãos não saem da linha.

Há um local que tem mais olhos do que qualquer outro. O Acoradouro Cortez, onde eu costumava viver com os meus pais. Os cidadãos nesse bairro adoram as Sanguessugas como se estas fossem deuses na Terra. Embora esse lugar esteja completamente decadente, é onde, por qualquer razão, pretendo ir agora.

Paro junto das linhas de caminho de ferro e espero. A Meadow está ao meu lado, com um punhal na palma da mão, a lâmina a brilhar sob o Sol quente.

— Ainda não escureceu — digo. — Será que precisas mesmo disso?

Ela começa a brincar com a arma, conseguindo passá-la para as costas da mão para rapidamente a retomar na palma da mesma. Creio que o aspeto escuro dos seus olhos é resposta suficiente.

Não sei como entrámos no comboio. As pessoas tentam afastar-se o mais que podem dos Baixios. Mas até onde poderemos nós ir? O Perímetro é uma cobra coleante e gigantesca que se aperta cada vez mais, à medida que o número de habitantes vai subindo.

Sou o primeiro a entrar, empurrando um homem, para criar espaço para a Meadow. Quando me debruço para a ajudar a entrar, ela não me agarra na mão.

— Então? — pergunto-lhe, a rir. Ela nem sequer sorri.

Ela é um pouco como a Talan, mas pior. O comboio acelera troando de um modo ensurdecedor por baixo de nós.

— Para onde vamos? — pergunta ela finalmente. O vento afasta-lhe o cabelo do rosto e eu reparo melhor nos seus olhos. Cinzentos e zangados. Curiosos.

— É surpresa — respondo-lhe. Vou vendo, à medida que ela repete o truque de há pouco com o punhal. Que outras coisas saberá ela fazer?

Passamos a alta velocidade pela Reserva. Será que a Talan já está na sua tenda? Silenciosamente, agradeço-lhe tudo o que ela disse à Meadow. — A nossa casa é ali — digo eu, apontando para uma mancha verde e castanha. — Bem, tão próximo quanto um Programado poderá estar de outro.

Ela olha em silêncio enquanto um bando de pássaros brancos se eleva dos paus da Reserva.

— Em que pensas? — Encosto-me ligeiramente a ela e o seu corpo fica rígido.

— Penso que, dentro em breve, não haverá qualquer lugar a que as pessoas possam chamar a sua casa — observa ela.

Tem as pernas e os braços cheios de cicatrizes de diferentes formas e tamanhos, como conchas. Ponho-me a pensar quantas vezes é que ela quase teria sido morta. Será que me mataria se soubesse o que fiz?

Provavelmente.

— O teu corpo — digo. — O teu corpo é...

— Não tens nada a ver com isso.

Caraças, ela é linda e isso quase me mete medo.

— Para onde me levas? — pergunta ela, novamente. — Porque eu estou a preparar-me para saltar.

— Para um sítio onde me possa explicar — esclareço. — Quando o vires... talvez percebas por que motivo eu tentei...

— E por que motivo me deveria isso interessar? Não te conheço e também não estou lá muito interessada...

— Então? Olha que não sou assim tão mau.

Sentamo-nos muito calados. Na distância, para lá dos pauis, posso já ver os altos portões do Perímetro. Existe toda a espécie de histórias acerca dos cidadãos que tentaram passar por eles, suficientemente estúpidos para pensarem que poderiam muito simplesmente *sair*.

O que se diz é que, quando a Pulsação nos paralisa, acabamos mortos no mar. É o aviso mais sério das Sanguessugas: Ninguém brinca connosco.

Um pouco depois o comboio começa a abrandar e para na última estação do Perímetro. Saltamos da nossa carruagem e eu conduzo a Meadow através de um mar de gente. Muita gente. Gente a mais.

«Bem-vindos à Cidade de Cortez» lê-se no velho hológrafo da casa da estação. Está pendurado do edifício, ao vento, a tremeluzir, uma vez por outra. Ninguém se deu ao trabalho de o arranjar.

Volto-me para a Meadow. Ela levanta as sobranceiras e olha para mim. — Para onde vamos?

— Para um sítio diferente — digo-lhe. Ponho o meu melhor sorriso e mergulho na multidão, desejando que ela me siga.

As pessoas aqui estão a sorrir. Pelo menos algumas. Mais do que é costume nos Baixios. Há mesmo umas quantas crianças que correm para lá e para cá à nossa frente, numa brincadeira qualquer. Sinto-me como se tivéssemos voltado atrás no tempo, antes de terem começado os assassínios. Antes de a minha mãe ter morrido.

Paramos quando chegamos à surpresa que o Zephyr me queria fazer. Trata-se de um passadiço que se inicia na praia e se estende por cima do mar. Já ouvi falar deste tipo de construções de madeira. Parece-me quase impossível que a Iniciativa ainda permita a existência de um.

Mas é claro. Adiante, no final do mesmo, enorme e bem visível, vê-se um gigantesco globo prateado, seguro por uma maciça mão dourada. Inserido no polegar desta, vê-se um olho aberto.

Estou a ver-te. Faça o que fizeres, observaremos tudo.

E, de súbito, todo o lugar me parece doentio. Estas são as pessoas que os sustentam e amam. Estes... estes são os crentes. Os traidores. Os que acreditam que a Iniciativa é boa, até mesmo sagrada...

— Era aqui que eu costumava viver — conta-me o Zephyr. — Venho daqui.

Olho em volta para as casas e edifícios perto do passadiço, para os soldados da Iniciativa que patrulham as ruas, de espingardas na mão. Olho para as pessoas a falarem e a rirem-se e a pensarem que estão em segurança.

— É daqui que vens?

— Os meus pais adoravam as Sanguessugas. — O rapaz baixa a cabeça, envergonhado. — Quanto a mim, acho que o Primeiro Mandamento é o maior pecado que existe. Vem.

Passamos rente a um guarda, o seu olhar ameaçador talvez a dizer-me que ele provavelmente odeia a Iniciativa tanto como nós. Atravessamos os enormes portões de metal à entrada do longo passadiço.

— Hoje é dia do festival — informa-me Zephyr. — Celebram o dia em que as Sanguessugas tomaram o poder. Foi quando... como sabes... construíram o Perímetro. E depois começaram os assassínios.

— Mas porquê? — Penso que talvez tenham sido todos submetidos a uma lavagem ao cérebro.

Formamos uma fila para nos lerem os nossos números e, quando chegamos ao estrado, estou a tremer de raiva. As pessoas estão a bater palmas. A celebrar. A cantar.

Estão felizes.

— Apetece-me dar cabo deles todos — digo, à boca pequena. O Zephyr põe-me uma mão no ombro. Aperta-mo, apenas uma vez. — Tem cuidado com o que aqui possas dizer

— murmura-me ao ouvido.

Há uma coisa que ainda funciona junto ao passadiço. Um enorme cogumelo de metal, alto como um prédio, com tinta vermelha a cair no seu topo arredondado. Pendurado do mesmo veem-se pelo menos cem balouços suspensos por grossas correntes.

O cogumelo ilumina-se, e começa a tocar baixinho uma música estranha, e as pessoas fazem fila, instalam-se nos balouços e estes começam a rodar.

— Vamos. — Zephyr agarra-me o pulso. Hesito, mas, quando olho para ele, vejo-o a sorrir para mim. — Pelo menos diverte-te um pouco. O mundo não é *todo* ele morte e destruição.

Ele está errado, mas deixo que me leve até aos balouços. O cogumelo giratório abranda. Os cidadãos desapertam os cintos de segurança para saírem e, em breve, a nossa fila começa a andar. — É a nossa vez — anuncia o Zephyr.

Sigo-o através de um labirinto de balouços. Quando chegamos ao nosso, sinto as suas mãos fortes na minha cintura. Ele deixa que elas aí permaneçam, por momentos, antes de me ajudar a subir.

Salta então para o meu lado. As nossas pernas tocam-se. O espaço é apertado e eu não me poderia desviar, mesmo que quisesse.

O cogumelo ilumina-se. Começamos a andar à roda, num enorme círculo, com os pés pendurados. É como flutuar num sonho. O nosso balouço fica na parte de fora, de modo que há momentos em que voamos por cima do mar. Imagino que as correntes se poderão partir e o nosso balouço levantar voo, sem aterrar nunca.

Poderíamos voar por cima do Perímetro. Poder-nos-íamos ir embora e nunca mais voltar.

O balouço ganha velocidade e o meu estômago parece descer. Grito, a rir-me como a Peri costuma fazer quando lhe faço cócegas e, de súbito, sinto-me muito mal.

Não devia ali estar com aquele rapaz.

Volto-me para o Zephyr que, segundo percebo, me tem estado a observar.

Não sorri quando os meus olhos encontram os seus. Em vez disso, limita-se a olhar, calmamente e com um ar inquisitivo.

Sinto-me derreter por dentro. Sinto que estou a fazer algo que não devia. Pigarreio. — Preciso de respostas — digo.

Ele acena com a cabeça, à medida que o balouço nos arrasta.

Ela não me pergunta como é que me tornei um Programado.

Não me pergunta por que motivo me tentei matar.

Pergunta-me apenas coisas acerca dos meus pais.

— Eles morreram quando eu tinha oito anos — digo-lhe. — Durante as Horas da Escuridão. — Não lhe quero contar muito da história. Não vou sequer ao ponto de lhe contar que os vi serem assassinados mesmo à minha frente.

Deslizamos pela multidão. As pessoas levantam a cabeça. As crianças sorriem e acenam.

— Tenho muito pena — diz a Meadow. — Quem eram eles?

— Eram apenas pessoas. Ninguém muito importante. Gente como eu.

A Meadow franze o sobrolho. — Deves estar enganado. Vi o médico aplicar-te o leitor mecânico. Este leu uma coisa que nunca tinha ouvido antes, que tu eras *essencial*.

Fica com os olhos muito abertos quando o diz, como se isso pudesse querer dizer-me alguma coisa. A Talan também mo disse. Mas eu não faço ideia do que isso possa significar.

A música do cogumelo continua a tocar, baixinho e desafinada.

— Talvez seja um código para qualquer outra coisa. — *Otário. Assassino. Alguém sem esperança de vir a ser amado por raparigas lindíssimas de cabelo platinado.*

Meadow abana a cabeça. Os seus caracóis caem-lhe diante da cara e, se não receasse que ela me partisse um dedo em dois bocados, talvez lhos empurrasse para trás da orelha. A Talan diz que as mulheres acham isso irresistível. — Ninguém é essencial, Zephyr. *Ninguém é essencial.*

— Então deve ser um erro.

— Tu deverias ter morrido — observou ela. — Estavas praticamente morto. Quando o médico te viu, sabia que eras um Programado. Ele queria deixar-te morrer. Mas depois passou-te o leitor pela testa. Devias ter visto a cara dele. — Parou, para respirar melhor. — Ficou aterrado.

De súbito, os balouços parecem estar a rodar demasiado depressa. A música está muito alta. — Isso não pode ser verdade — digo.

— Fizeste alguma coisa, disseste alguma coisa... descobriste alguma coisa...? — pergunta-me a Meadow.

Abano a cabeça. Mas, é claro, estou farto de o saber...

Podia contar-lho. Revelar-lhe, neste instante, todos os meus segredos.

— Zephyr? — Ela está a olhar para mim. Como se eu fosse alguém de quem ela gostasse. E custa-me muito, custa-me mesmo muito...

Sei que é pelo facto de ela ser curiosa e precisar de respostas para justificar ter-me

salvado. Talvez ela tivesse tido problemas. Pensasse que valeria a pena. Talvez ela tivesse pensado que eu era uma boa pessoa.

Esta rapariga talvez agarrasse no punhal e mo espetasse no coração se soubesse a verdade.

Mas ela nunca terá de vir a sabê-la.

Abano a cabeça. Tento ser convincente. — Sou apenas um mero Programado — digo-lhe, quando os balouços começam a abrandar. — Sou um órfão que se cansou de viver em Cortez, e isso foi a única coisa interessante que sempre fiz.

Os seus olhos cinzentos olham muito para os meus, como se ela estivesse à espera de me apanhar a mentir.

Mas, se há uma coisa em que eu sei ser mesmo bom, é na ocultação da verdade.

No final do pontão, há cidadãos que fazem vénias a uma estátua gigante, pressionando nela as palmas das mãos e dizendo coisas entre dentes. Olho para uma mulher com uma barriga dilatada e a tremer. Tem um rosto gordo, como um peixe-balão e, quando pressiona o ventre contra a estátua, como se estivesse a dedicar à mesma o seu bebé, tenho vontade de gritar.

O Zephyr pega-me na mão e eu deixo. É como se fosse uma corda para me salvar a vida, uma distração. Ele leva-me até ao extremo do pontão quase deserto.

Liberto-me e ponho-me a correr e, quando salto da beira do mesmo para a água tépida, para o *silêncio*, fico em paz. Quando a minha cabeça sai fora de água, vejo-o de pé, no pontão, a olhar para mim.

— Vem ter comigo — incito-o.

Fico a flutuar de costas e a rir-me.

O Zephyr salta. Quando vem ao de cima, tem o cabelo colado à testa e os olhos ainda mais verdes do que dantes.

— Odeio o mar — confessa ele.

— Penso que ainda é a coisa mais bonita que nos resta. O meu pai ensinou-me a nadar. Atou-me os braços atrás das costas, e obrigou-me a manter-me à tona, usando apenas as pernas. — Passo as mãos pela superfície da água. Esta brilha como fogo, ao sol que se põe.

O Zephyr franze o sobrolho. — O teu pai fez-te uma coisa dessas?

— Tudo o que o preocupa é ensinar-me a sobreviver. Nada mais.

Zephyr mergulha. Quando vem ao de cima e olha para mim, está a mordiscar um lábio. Fá-lo parecer mais novo, quase uma criança. Como será que ele se protege nas ruas? Algo me diz que sabe defender-se, mas aposto que num combate corpo a corpo ele iria perder.

— Talvez seja essa a maneira que ele tem para te mostrar que se preocupa... — observa ele. — Oxalá ainda tivesse o meu pai.

— É melhor estar-se só. Assim não tens outras pessoas com que te preocupares...

— Eu não estou só, tenho a Talan.

A rapariga de cabelo escuro... — Ama-la? — pergunto-lhe, porque não me consigo controlar. Sem saber porquê, fico muito nervosa, à espera da sua resposta.

Mas o Zephyr ri-se. — A Talan para mim é uma espécie de irmã mais velha, ou mais nova, tanto faz... Não somos amantes. Não tenho relações amorosas com ninguém. — Os seus olhos fixam-se nos meus e nós aproximamo-nos um pouco mais um do outro.

— Eu tenho uma irmã — digo-lhe de repente, pois é a única coisa que eu consigo pensar para lhe dizer, sem me comprometer mais.

— Fala-me dela — pede-me, ainda a observar-me com aquele olhar de quem está a ver as zonas mais profundas da minha alma.

De modo que lhe começo a contar, porque falar faz com que eu me sinta melhor. Falo-lhe da Peri, acerca de a minha mãe ter morrido e da casa flutuante onde vivemos para nos mantermos seguros. À medida que o dia vai escurecendo e que o molhe se começa a esvaziar de pessoas, falo-lhe do sangue que corre pelas ruas e de como algum dele foi provocado pelo meu punhal, pelas minhas mãos.

Zephyr tenta tocar-me devagar e com cuidado. Puxa-me um pouco mais para si e põe-se a estudar a minha tatuagem de *destemida*. As nanites já quase comeram as crostas e a tinta começa a aparecer. Parece estranhamente viva nesta luz mortiça. Ele passa os dedos pelas letras e, enquanto o faz, sinto arrepios na pele. — És perfeita — murmura ele —, não importa o que fizeste.

Sinto-me renovada, por instantes. Mas não quero baixar a minha guarda. Quero permanecer concentrada, sempre alerta. Olho para o céu. O Sol é uma bola de fogo cor de laranja, a derreter-se no mar como cera quente. Afasto-me devagar. — Devíamos ir-nos embora. Entrar no comboio e ir para casa. Já é tarde.

— És linda — afirma o Zephyr. Aproxima-se mais, as ondas empurram-nos para cá e para lá, e o coração quase me explode no peito. Ele tem uma voz de veludo. A voz dele está a expressar todas as coisas que nunca esperei que alguém me viesse a dizer.

Não tenho a certeza se desejo o que se está a passar. Quando ele se aproxima mais, nado para longe, direita à costa, passando por baixo do passadiço, até ficar na sombra. As ondas lambem os pilares de madeira que estão cobertos de percebes e algas. Não mereço a sua simpatia. A minha família diria que ele não merece a minha.

Ponho-me a atirar-lhe água quando ele começa a nadar na minha direção. Sorrio, mas ele não.

— Há uma coisa que tenho de te contar, Meadow — diz ele. — Algo acerca de mim que tu deverias saber. Eu não sou...

Uma onda mais forte atinge-me, rápida e forte, atirando-me contra ele. Agarro-me aos seus ombros e, antes mesmo de me dar conta do que está a acontecer, sinto os seus braços em volta da minha cintura. Consigo sentir-lhe o bater do coração em sintonia com o meu.

— Temos de ir — murmuro.

É tarde e em breve já não estaremos em segurança.

Temos de ir porque eu estou a ficar pelo beicinho, mais depressa do que imaginava, e estou cheia de medo acerca do que isso possa querer dizer.

— Então vamos — murmura o Zephyr. — Mas primeiro quero experimentar uma coisa.

Ele está tão perto que eu quase posso sentir-lhe o sabor.

Os lábios dela estão quase a tocar nos meus. Tão perto. Finalmente. Tenho a cabeça tonta e digo a mim mesmo que são apenas nervos, ou o mar, a balançar-nos para um lado e para o outro.

Olho-a bem nos olhos e vejo uma espécie de sol azul que lhe rodeia as pupilas cinzentas. Não consigo desviar os meus olhos dos dela.

De súbito tudo escurece e já não estou no mar, já nem sequer faço parte deste mundo.

Estou numa sala rodeada de espelhos. Olho para a esquerda. Olho para a direita. Vejo-me refletido cem vezes, vestido de preto, de punhos fechados, os olhos a arderem-me como fogo.

Uma voz, vinda de algures, começa a chamar-me. Volto-me mas sou a única pessoa na sala. — Zephyr — volta a chamar-me a voz. A voz dela é viva e cintilante e gela-me até ao âmagô.

«Bem-vindo ao Complexo dos Assassinos. Doente Zero. Iniciar Extermínio.»

Tudo o que quero fazer é matar a Meadow Woodson. Enfiar-lhe uma faca no coração que ponha fim à sua vida frágil e indigna.

Meadow Woodson. Dezasseis. Alvo. Iniciar Extermínio.

Faço a única coisa que sei fazer. Obedeço.

Talvez esteja a dormir e seja apenas um outro pesadelo. Vou acordar e regressar à casa flutuante, para a companhia da Peri, tendo chegado a casa a tempo, tendo mantido a promessa que fiz à minha irmã.

Mas, quando o ar se me esvai dos pulmões, sei que se trata de uma coisa real. Que as mãos do Zephyr, que já não são macias nem ternas, estão de facto a apertar-me o pescoço. Ondulo nos seus braços. Abro a boca como um peixe fora de água. Tento gritar mas não consigo. Ele está a matar-me, e a levantar-me por cima da sua cabeça para fora do mar, como se eu não tivesse peso absolutamente nenhum.

A minha visão começa a ver um túnel.

O meu pai.

Conta até três. Descontraí-te. Agora sobrevive.

Tento agarrar no meu punhal. Já não penso no Zephyr de há momentos. Enterro-lho no ombro. Há um jato de sangue e, quando torço a lâmina, o seu braço direito perde a força.

Atiro-me de novo às ondas, começando a nadar o mais rápido que consigo, e dirijo-me à praia.

Ele já não é o Zephyr, é um monstro.

Estou a cumprir o meu destino. Foi para isto que fui feito.

A voz urge-me para que o faça. Cada vez mais alta, até ser a única coisa que consigo ouvir.

«Mata.

Destrói.

Não há saída.

Não há retorno.

Este é o teu dever.

Purga a Terra.

Este é o Complexo dos Assassinos.»

Atiro-me ao alvo. Muito rapidamente. Um adversário que vale a pena.

— Por favor, Zephyr! Por favor!

Odeio quando começa a suplicar.

Pois as súplicas são o som mais irritante deste mundo.

O Zephyr atira-se a mim, com os dentes à mostra e um grito furioso a irromper-lhe dos lábios.

— Para! — grito-lhe. É como se ele nem me conseguisse ouvir. — Zephyr, por favor!

Ele agarra-me no braço esquerdo e eu dou-lhe um murro no maxilar, com o meu punho direito. Ouço o seu impacto, mas a força dele é incrível e, de súbito, vou pelo ar, caio em cima de um velho amontoado de madeira e as minhas costas ardem-me de dor. Levanto-me a custo, a gemer, a tentar encontrar uma saída através das sombras arenosas do passadiço. Onde estará o meu punhal? Como conseguiu ele fazer isto? — És doido?

Ele está a correr na minha direção, a mexer os braços, com sangue a escorrer-lhe do ombro. Dá um salto e a minha cabeça bate na areia húmida. Depois, sai de cima de mim, agarra-me pelos tornozelos e começa a arrastar-me pela praia. Tenho a boca e o nariz cheios de areia. Não consigo respirar.

Fecha os olhos. Inteira-te das fraquezas do teu inimigo. Rodo um pouco sobre o tornozelo e dou-lhe um pontapé nas partes baixas.

Esse momento dura o tempo suficiente para eu ver o meu punhal mesmo junto à água.

Arrasto-me pela areia, mas o Zephyr é muito rápido. Agarra-me pelos cabelos e faz com que eu me ponha em pé.

Cambaleio por momentos, depois volto-me e, com toda a rapidez, puxo-lhe a camisa de modo a tapar-lhe a cabeça e dou-lhe uma joelhada na cara. Vejo um jato de sangue, e ele começa a gemer à medida que se desvia.

Os pés escorregam-me pela areia. Pego no meu punhal e começo a correr. Consigo ouvir o Zephyr atrás de mim, como se não se tivesse ferido. Como se fosse apenas uma máquina.

Salto para o passadiço e dirijo-me para a esquerda. A cidade parece-me suficientemente segura, mas eu estou a correr às cegas. Esbarro contra a porta de uma casa que está reforçada com uma grade de metal.

— Deixem-me entrar — grito. — Ajudem-me!

Ninguém vem à porta, nunca o fazem. Escondo-me na sombra de um velho automóvel. Um homem com uma criança ergue uma faca de fabrico caseiro na minha direção. — Fora daqui — grita-me com voz sibilante. — Sai já daqui senão amanhã-te como se fosses um peixe.

Volto-me e ponho-me a correr. O céu está coberto de nuvens. Zephyr esbarra contra mim e tenta retirar-me o punhal.

As suas unhas arranham-me a pele da face e eu grito, a debater-me por baixo dele. Mas ele é forte. Determinado. Um assassino. Aperto as pernas em volta do seu pescoço, atiro-o ao chão, de lado, para cima do cimento, e dou-lhe outro murro na cara. — Zephyr,

por favor! — grito, enquanto tento pôr-me de pé e afastar-me dele, com o corpo a tremer.
— Que estás tu a fazer? Sou eu, a Meadow!

Isso apenas faz com que tudo piore. Torna a investir contra mim. Eu desvio-me para o lado e depois salto na sua direção. Com as mãos em volta da garganta dele, dou-lhe uma pancada com a cabeça. O mundo começa a andar à volta. O Zephyr cai, esmagando-me. O ar sai-me dos pulmões e, em breve, começa a faltar-me.

Na distância, posso ouvir o som do comboio, a vir na nossa direção.

Ficamos os dois parados, como se ele já soubesse o que irei fazer a seguir. Senta-se, puxando-me para cima com ele. Eu consigo encher o peito de ar, antes de ele me atirar para trás, quase a esmagar-me contra o pavimento.

Aperto-lhe o peito com as coxas até ele também já não ser capaz de respirar. Só depois lhe dou uma facada. Quando ele ruge e se afasta, ergo-me e começo a correr para as linhas férreas.

A mente deve controlar o corpo. A mente deve controlar o corpo. O som da voz do meu pai faz-me sentir mais forte e concentrada. Não irei morrer como a minha mãe, não vou permitir que a minha família tenha de enfrentar o mundo sem mim.

Mas depois olho para o Zephyr e para a expressão horrível no seu rosto, como se ele me odiasse, me quisesse ver morta, ver o meu sangue a jorrar sobre o cimento quando a minha cabeça explodir. E ele ainda aí vem. Uma vez mais.

O comboio continua a aproximar-se. Posso ver o rasto de fumo que se desprende da parte de trás. Faço mais um esforço. O Zephyr está quase ao pé de mim. Abro muito os braços, respiro fundo.

E salto.

Esbarro contra a carruagem. Agarro-me a uma travessa de metal enquanto os meus pés balanceiam no ar.

— Não resistas! — grita-me o Zephyr. O comboio faz uma curva e o meu corpo inclina-se para a esquerda. Vejo-o então a tentar agarrar-se à carruagem seguinte.

Tira uma faca do cinto e atira-a, com a lâmina a girar num ângulo perfeito para se vir enterrar até ao punho no meu pescoço. Desço rapidamente para uma travessa mais baixa e a faca só não me acerta por um triz. O comboio continua a andar, a correr pelos carris mais rapidamente do que eu alguma vez me lembro. O chão é apenas uma mancha.

Começo a trepar, uma mão de cada vez, para tentar subir para o tejadilho da carruagem. Mas o Zephyr sabe para onde me dirijo. Chego lá acima segundos antes de ele o conseguir, e começo a correr.

O vento bate-me fortemente no rosto. Quase me ponho de cócoras mas continuo a andar, e quando chego ao fim da carruagem e vejo um intervalo negro entre esta e a seguinte, volto a levantar-me.

Não sei quantas vezes salto de uma carruagem para a outra, me volto a levantar e começo de novo a correr.

O comboio passa ruidosamente por cima de uma ponte. Consigo ver as ondas lá em

baixo. O vento está demasiado agreste, a soprar-me o cabelo para trás, a morder-me os joelhos ensanguentados.

Volto-me e vejo o Zephyr a saltar para a carruagem em que me encontro. Ele rola elegantemente sobre o tejadilho da mesma e depois levanta-se.

Está furioso. Parece deitar fogo pela boca.

Volto-me e atiro-lhe o meu punhal. A lâmina gira vertiginosamente com um som ameaçador que faz com que eu comece a sorrir. Ele não grita quando sente o punhal cravar-se-lhe na coxa. Eu volto-me e salto, voo para fora do comboio que já passa a correr por cima de mim, arrastando com ele o Zephyr, para o outro lado da ponte. Ele já perdeu muito tempo e eu fico finalmente livre.

Podemos apenas sobreviver. Não precisamos de mais ninguém. O mundo alimenta-se de ódio.

E é precisamente isso que sinto por Zephyr James.

«Mata.

Destrói.

Não há saída.

Não há retorno.

Este é o teu dever.

Purga a Terra.

Este é o Complexo dos Assassinos.»

A voz é muito alta. Como o som do comboio que ainda ribomba sob os meus pés, e eu não sei como aqui cheguei, não sei o que estou a fazer. Grito por ajuda. Onde estará a Meadow? Gostava de saltar do comboio. Isso seria melhor. Qualquer coisa seria melhor.

Quero morrer.

O meu corpo não é meu. A minha mente também não me pertence.

Estou a ser controlado. Como uma máquina. Lembra-te do teu treino. Lembra-te de que, o que estás a fazer, é para o bem de todos.

Treino? Qual treino? Nunca me treinei em mais nada senão em ignorar a Talan.

Quem é a Talan? Penso ver um rosto de rapariga na minha memória, mas este desaparece antes de eu poder observá-lo melhor.

Estou perfeitamente equilibrado em cima do comboio, apesar do vento. Sou bom neste tipo de coisas. Muito bom mesmo.

Descobre o teu alvo e acaba com ele. É esse o trabalho que deverás fazer como deve ser.

É isso que eu irei fazer.

Quando apertar as mãos em volta da sua garganta miserável, não a irei largar até que o corpo dela desfaleça por completo. Até estar frio. Bem morto. Só então terei completado a minha missão. Só então terei feito o meu dever.

Esta será a primeira vez que irei roubar um barco.

Vou colocar a lâmina contra a garganta de um homem e ver-lhe o medo estampado nos olhos. Talvez o faça saltar borda fora. Depois acelero e deixo-o afogar-se.

O meu pai treinou-me, e este mundo acabou por fazer de mim um monstro.

De modo que, quando o iate passar por mim, como uma sombra negra tão silenciosa como a noite, não irei sequer pensar. Atiro-me para o bote que ele arrasta.

Preciso de descansar. Preciso de ganhar fôlego. Preciso de sarar as minhas feridas.

Imagino o Zephyr a estender-me as suas mãos sangrentas desde as profundezas. A agarrar-me. A puxar-me para baixo das ondas para que eu não seja capaz de respirar, para que em breve possa estar com a minha mãe.

Instalo-me no bote. Tiro a blusa e começo a rasgá-la pelas costuras, até obter algumas tiras para pôr em volta dos meus joelhos em ferida. Respiro fundo e tento pensar que, em breve, estarei ao pé da Peri. Nunca mais serei tão estúpida. Nunca mais irei confiar em alguém senão em mim e na minha família.

Encosto-me melhor e tento ganhar fôlego. Combato as lágrimas, pois estas apenas quereriam dizer que o Zephyr tinha ganhado. Chorar quereria dizer *que me importo*. Talvez devesse ter-lhe enterrado o punhal no coração.

Perdi-o. Perdi o meu punhal.

Durmo.

Lentamente, consigo trepar pela corda que liga o bote ao barco. A minha força vem-me de dentro, de um lugar que eu mantenho fechado até precisar mesmo dela, tal como o meu pai me ensinou.

Consigo então entrar a bordo do iate. Está tudo escuro e em silêncio. As ondas embatem gentilmente contra o casco.

O fogo espalha-se pelos meus músculos quando me acocoro para observar melhor o iate. Este tem dois andares, é todo branco e cheira a lixívia, como se o tivessem acabado de limpar.

Este barco não tem qualquer semelhança com o meu. Ninguém deveria poder ser dono de uma coisa tão bonita.

E é então que o vejo. O olho enorme pintado na parede lateral da cabina do primeiro andar.

Devo estar no extremo dos Baixios.

Ouçõ vozes vindas do andar de cima, um tilintar de vidros. Risos. Está tudo tão sossegado... Sinto-me como se me tivessem levado para um outro mundo.

Não devia estar aqui. Devia voltar e mergulhar de novo nas águas. Mas apesar de tudo

Isso, sou curiosa e preciso de um lugar onde me esconder.

Lenta e silenciosamente, começo a subir as escadas em bicos de pés. O meu coração está a bater tão depressa que o consigo sentir nos ouvidos. Tento aliviar o nó que sinto na garganta e encosto-me a uma vigia.

O comandante da Iniciativa senta-se apenas a poucos metros, de costas para mim.

Tento não respirar fundo. Sei que é ele, reconhecê-lo-ia em qualquer lado.

Tantas noites sonhei em arranjar uma seta bem afiada que lhe entrasse por uma das órbitas... Em seguida haveria de lhe arrancar pedaços do cérebro com as unhas e atirar aos peixes os restos do seu cadáver.

Vejo-o descontraído num luxuoso cadeirão de couro, com um copo cheio de um líquido espumante na sua mão de dedos pálidos. Há funcionários da Iniciativa à sua volta, e estão todos a rir-se. A celebrar. Mas a celebrar o quê?

Aproximo-me um pouco mais, para poder ver melhor. Parece-me que estão a ver um filme. Eu nunca vi um. A minha mãe disse-me que eram lindos, que nos levavam até outros mundos. Mas agora, ao ver as pessoas a correrem pelo ecrã, a escapulirem-se pela escuridão para lutarem umas com as outras, com facas e barras de metal, penso que não se trata de um mundo para onde desejasse ir. Porque já vivo nele.

Os funcionários gritam de entusiasmo, olho ora para eles ora para o ecrã. Mesmo a tempo de ver um homem de cabelo castanho a sangrar e a cambalear pela tela. Tem um rosto muito pálido. Tem um braço ferido de onde o sangue corre como se de uma torneira aberta.

É o Zephyr.

Quase dou um grito e caio para trás, pois o comandante e os seus homens não estão a ver um filme. Estão a ver, em direto, *algo que está mesmo a acontecer*.

De súbito o ecrã fica negro.

— Que é que aconteceu? — diz o comandante a um dos seus homens. — Arranjem isso. Já!

O ecrã continua negro.

Recebem uma mensagem por rádio. Não consigo ouvir a resposta, mas ouço o soldado dirigir-se ao comandante.

— A sede também está a ter o mesmo problema. Parece que todas as câmaras se avariaram.

Afasto-me do local. Já ouvi o suficiente.

Ao voltar ao andar de baixo, estou vagamente consciente das lágrimas que me dificultam a visão. Refugio-me por baixo das escadas, por detrás de enormes caixotes. Deito-me de lado, com os joelhos contra o peito. Não quero pensar nas razões para a morte, para a dor, para a perda, para a destruição.

No entanto, sei o que vi. Penso na minha mãe, no modo como o seu rosto tremia e como ela passava os dedos pelos cabelos, ansiosa, quando ouvíamos os avisos da Iniciativa através da rádio. Assim que falavam nos assassinios, ela baixava-lhe o volume.

Pegava no aparelho e levava-o para o seu escritório, deixando-me cheia de perguntas que nunca tive a coragem de lhe fazer.

Seria isto que eles estavam a fazer quando a mataram? A verem tudo desde a segurança deste mesmo iate? Sem fazerem o que quer que fosse para a ajudarem? A rirem-se, a festejarem e a fazerem apostas? A apostarem na velocidade com que ela iria desta para melhor, se ela iria gritar ou desatar num choro?

Ponho uma mão junto à boca para não vomitar.

Espreito para terra por entre os caixotes. Começo a pensar vagamente onde poderia estar o Zephyr, se ainda continua a correr atrás de mim. Ou se o mundo teve pena de mim e o deixou morrer. Ele não estava nada bem.

O iate está agora a aproximar-se de terra. Consigo ver neste momento a marina da Iniciativa mesmo em frente, com a sua frota de monstros dos mares.

— Vai, Meadow — murmuro.

É o estalido da porta em frente que faz com que me mexa, os passos na escada. Vão encontrar-me e eu sei o que vi. Matar-me. Degolar-me e depois atirar com o meu corpo pela borda fora.

Será que a Peri irá chorar, tal como eu quando descobri que a minha mãe estava morta?

Mordo a parte interior da minha bochecha, forçando o sangue a correr-me pela língua. Esse sabor volta a pôr o medo na minha alma. Há caixotes aqui. Sítios onde me esconder. Consigo abrir caminho até à parte detrás desse espaço e vejo um caixote com pregos ferrugentos.

As vozes que ouço são suficientemente altas de modo que penso que não me ouvem.

Levanto a tampa pesada e meto-me lá dentro.

Tenho os joelhos ao pé do nariz e o meu pescoço parece estar prestes a partir-se. Mal tenho espaço para respirar. E, oh, está tanto calor aqui dentro. Mesmo muito calor. Há objetos afiados que me picam. Aspiro um pouco de ar pelo nariz e dou-me conta de como cheiro mal. Mas não sou eu. O meu cabelo ainda está molhado e eu cheiro a água salgada. O odor que me rodeia é tão forte que me põe a cabeça a andar à roda. Retiro as mãos dos meus sovacos.

Uma substância pegajosa agarra-se-me aos dedos.

E então apercebo-me de que estou sentada em cima de sangue.

Quando era miúdo, perdi-me. Lembro-me de ver o rosto da minha mãe a sorrir para mim. Voltei-me por um segundo. Quando olhei para trás, ela já se tinha ido embora.

Chorei como uma rapariga. Fui empurrado e arrastado pela multidão. Era como se eu estivesse a afogar-me num mar de pessoas e, não importava para onde me voltava, apenas me afundava cada vez mais. Foi então que uma Sanguessuga me encontrou.

Tudo de que me lembro era da sua voz. Era uma voz suave, como a brisa numa noite fresca de primavera.

— Estou perdido — consegui dizer-lhe, através das minhas lágrimas.

Ela ajoelhou-se num joelho. Penso que talvez tivesse sorrido e limpado uma lágrima da minha face. — Tudo o que tinhas de fazer era pedir ajuda — observou ela, com uma voz muito meiga.

Disse-lhe que a minha mãe me tinha ensinado a nunca falar com pessoas que não conhecesse.

A memória não é muito vívida, de modo que é como tentar manter as mãos cheias de água. Embora ainda me lembre do modo como o seu número de catalogação se enrugava. Nunca me esqueço de um número.

— Mas eu sou uma pessoa que tu não conheces, Zephyr... — Ela sorriu. Eu ainda não lhe tinha dito o meu nome. — A Iniciativa conhece-te. Talvez melhor do que alguma vez tu te venhas a conhecer a ti mesmo. — Pegou-me na mão e levou-me com ela. Eu segui-a em silêncio.

Não me lembro do que acontece a seguir. O meu passado é muito confuso.

Sabia, sem sombra de dúvida, que poderia confiar nela.

Tenho de sair daqui. Não consigo respirar. Estou presa. Se sair, morro. Se ficar, morro. Consigo fazer deslizar a tampa do caixote para o lado, só o suficiente para que consiga respirar. Depois levanto a cabeça, só um bocadinho, e observo o que se passa lá fora. Há dois pés que vêm a caminhar na minha direção ao longo do convés.

— Este aqui — diz uma voz de homem, enquanto me volto a encolher dentro do caixote e quase tenho a certeza que me apanharam. Ouço o que me parecem ser os nós dos dedos dele a baterem na tampa do meu caixote. É agora. Estarei morta numa questão de segundos.

O homem começa a erguer a tampa e, por momentos, estou a olhar para o rosto de um dos trabalhadores da Iniciativa. Mas ele não se apercebe da minha presença. Vai-se embora mesmo antes de eu me levantar, mesmo antes de eu investir e lhe torcer o pescoço até ouvir um estalo.

— Não o abram, seus estupores! — grita uma outra voz. — Está cheio de Alfinetes. Esse caixote vai para o armazém. — A tampa volta a deslizar por cima de mim e eu mergulho na escuridão. — Voltem a pregá-lo. Juro que este *hardware* é inútil.

Ouço um martelo a pregar dois pregos, enquanto permaneço sozinha dentro do caixote ensanguentado.

Mas não estou verdadeiramente sozinha. Estou sentada em cima de velhos Alfinetes.

O único sítio onde o caixote irá acabar é num edifício da Iniciativa.

Ouço o gemido de algo barulhento. Experimento a tampa do caixote, mas os pregos não dão de si. Não me consigo mexer. Fico gelada de medo. Não vou conseguir sair daqui.

Ouço alguém a resmungar e já me estou a mexer, com os viscosos Alfinetes contra os calções e as pernas. Fecho os olhos e tento pensar no mar, na Peri, na minha mãe.

Apesar de tudo o que o meu pai me ensinou, vou acabar do mesmo modo que a minha mãe.

Vejo o rosto da Meadow com a pele suave arranhada por minha causa. Com o cabelo platinado sujo, coberto de sangue, e tudo devido ao que eu fiz.

Não quero magoá-la. Nunca.

Mas creio que tenho de o fazer. Tenho de fazer exatamente o que aquela mulher me diz. Confio nela. Salvou-me em tempos. Poderá fazê-lo novamente.

Ao correr, passo por outros que são como eu. Será que também conseguem ouvir os mesmos gritos nas suas cabeças? Olhamo-nos nos olhos por um breve instante quando passamos pelas ruas, e alguém nos lembra da nossa missão.

Volto a ver o rosto da Meadow. Meu Deus, isso enche-me com uma raiva tão grande que a única coisa que poderei fazer é destruir toda a gente que se cruze comigo.

A mulher, a Lark, diz-me que pare. — Abortar missão. Doente Zero. Abortar.

Ela está zangada. Está a tentar sair-me da mente, mas eu agarro-me a essa presença. É tudo o que tenho.

A Meadow fez de mim um idiota. Deu cabo da minha missão. O Complexo dos Assassinos diz-me que a sua existência ainda ameaça a Iniciativa.

Decido que, se não a conseguir encontrar, então outras pessoas terão de pagar no seu lugar.

Um homem atravessa-se à minha frente. — Estás bem, rapaz? Estás cheio de sangue...

Não respondo. Atiro-me ao seu peito. Ainda tenho o punhal da Meadow, de modo que o uso. Enterro-lho no corpo. Ouço-o bater com a cabeça no chão, com um estalo que me satisfaz, e sorrio.

A Lark está furiosa. Atormenta-me o facto de a ter de desapontar, desviar-me da minha missão e decidir o que fazer.

— Abortar missão. Abortar!

Mas, desta vez, não estou para a ouvir.

A minha mãe disse que eu sou suficientemente forte.

E sou mesmo.

Parto o pescoço de uma mulher ainda nova, e corro para a próxima pessoa que consigo alcançar.

O meu pai costumava encher-me de uma fúria tão intensa que eu um dia jurei-lhe que fugia e que nunca mais voltaria para casa.

Em vez disso, meti-me dentro de uma enorme caixa de equipamento. Decidi que ficaria lá até me encher de medo. Mas depois fiquei cheia de calor e com a cabeça à roda.

Quando tentei levantar a tampa, dei-me conta de que esta não se abria por dentro. Ainda me recordo dos suores frios, da angustiante impressão de claustrofobia que me rodeava, a sufocar-me, como se alguém me tivesse enviado para o inferno e eu tivesse tombado até ao fundo do mesmo, muitas milhas abaixo das ruas da cidade.

Tudo o que tinha a fazer era gritar e bater na tampa. Esta abriu-se com uma explosão de luz, e o meu pai ali estava de pé, com o sobrolho franzido a olhar para mim. Limpou-me as lágrimas com a parte de baixo da sua t-shirt e permitiu que me agarrasse a ele e lhe pedisse desculpa. Em seguida, afastou-me calmamente e voltou a abrir a tampa do caixote. — Agora vais voltar a entrar para aprenderes a lidar com este género de problema, Meadow.

E foi isso que fiz. À medida que ele me ajudava a instalar, sorriu. — Tu és suficientemente forte.

Oxalá o meu pai aqui estivesse agora, para arrancar a tampa deste caixote e me ajudar a sair. Para me abraçar e me dizer para nunca mais voltar a ser tão estúpida. Mas ele ensinou-me a fazer as coisas como devem ser feitas. Ensinou-me a ser forte. De modo que, neste momento, enquanto me encontro aqui enrolada a pensar nele, sei que não posso vacilar.

Nove horas.

Já aqui estou há nove horas.

Puseram o caixote em algum lado e foram-se embora. Porém, consigo ouvir o apitar dos guindastes, portas a bater, talvez camionetas, e sei que não é boa ideia tentar sair daqui. Ainda não.

Está um calor asfíxiante. É como se estivesse metida num forno escuro, como se tudo fosse começar a borbulhar e a rebentar à minha volta, e eu estivesse condenada a morrer aqui encharcada em sangue. A minha língua parece-me ser feita de lixa e tenho a garganta completamente seca.

De súbito, estão a levantar-me uma vez mais. Estendo uma mão e pego num Alfinete. É retangular e sólido, como se fosse feito de titânio. Será que as nanites ainda aí estão? Ou será que morreram já, como o seu hóspede humano? Que me disse a Orion acerca dos Alfinetes? *Impossíveis de serem destruídos.*

Consigo inserir o alfinete entre as tábuas do caixote e começo assim a tentar abri-lo. Tenho a palma da mão ferida, de modo que o Alfinete começa a cortar-me. Mas não paro,

até ver uma estreitíssima faixa de luz através da abertura.

Tento respirar o ar fresco, depois aproximo-me e ponho um olho contra essa ranhura. Encontro-me na caixa de uma camioneta.

Há trepadeiras, que se torcem e se enrolam em volta de grossos troncos de árvores. Tudo me parece selvagem e abandonado. E há água por todo o lado, castanha e enlameada com ramos nodosos que irrompem e se afundam nela.

Trata-se do local de que as pessoas falam quando pensam que mais ninguém as está a ouvir. O meu pai disse-me que, se alguma vez visse que ali estava, a minha vida iria mudar para sempre. Ele avisou-me de que nunca mais me iria conseguir esquecer do que aí tivesse visto. E, à medida que a camioneta me leva por essa estrada cheia de ervas daninhas, sei que esse é precisamente o lugar onde me encontro.

Consigo apenas ver um edifício castanho, bem escondido entre a folhagem. Quando a camioneta se aproxima mais, um dos lados do edifício começa a abrir-se, como uma grande boca a bocejar.

Estou de novo na sala dos espelhos.

— Falhaste a tua missão, Doente Zero — diz-me uma voz à minha frente. Suave. Mas tão zangada que sinto a pele dos braços arrepiar-se.

Começo a andar à roda. As minhas mãos estão cobertas de sangue.

Todo o meu corpo se encontra coberto do mesmo modo. Começo a sentir uma dor no ombro, na perna, na cabeça.

— Onde estou? — A minha voz ecoa-me de volta.

— Falhaste a tua missão, Doente Zero — repete a mesma voz.

— Qual missão? — pergunto. — Quem és tu?

A dor de cabeça torna-se-me mais aguda. Começa a latejar e a crescer como uma criatura viva e, antes que eu tenha uma oportunidade de gritar, uma mulher surge à minha frente.

— Ainda te lembras de mim?

Penso que me sorri, como quando eu era pequeno, mas não tenho a certeza.

— Falhaste. — Ouço-a suspirar e abanar a cabeça, enquanto olha para o chão. — Eu já sabia que isto iria acontecer. — Começa a andar à minha volta, silenciosa como um fantasma. — No entanto... — diz ela, parando mesmo à minha frente — foste o primeiro, irá ser triste ver-te partir.

Aproxima-se mais e pousa as suas mãos no meu peito.

Dor. Uma dor muito intensa...

Sinto um espasmo percorrer-me o corpo e tudo fica mergulhado em escuridão.

— Ele está morto?

— Não sei.

— Então espeta-lhe um pau!

— Não, nem pensar, que nojo... Espeta-lho tu, Molly.

Ouço um som de passos arrastados. Ouço uma voz muito esganiçada mesmo junto ao meu ouvido. — Pois bem, dá-me o pau, minha parvalhona.

Sinto um pau a espetar-se-me de lado. Ignoro-o, esperando que aquelas miúdas mimadas se vão embora. Mas tudo começa novamente. Continuam a espetar-me. Volto-me para o outro lado e abro os olhos. O mundo fica focado e desfocado enquanto pestanejo. Vejo dois rostos castanhos a olharem para mim. — Vão-se... embora.

As duas filhas de Programados dão um grito e o pau cai com ruído no chão, enquanto elas correm para as árvores. Quase me rio. São-me necessárias todas as forças para me conseguir sentar. Sinto a cabeça a andar à roda e dou-me conta de que estou encharcado em suor e em sangue.

— Que chatice... Que me aconteceu?

— Oh, ainda bem, estás acordado. — A Talan senta-se no chão, a meu lado, com uma garrafa de plástico de água acastanhada na mão. Dá-ma, de um modo um pouco brusco. A sua voz é tão alta que me provoca uma dor de cabeça. — Não me perguntes onde a encontrei, bebe-a, meu moinante.

— Mas que é que se passa? — pergunto, com uma voz de cana rachada.

Já me senti assim antes. Pelo menos, doze outras vezes.

Exceto hoje, não vejo um cadáver a meus pés. A minha cabeça parece uma esponja e nada faz sentido.

Desarrolho a garrafa e bebo a água aquecida. Sabe-me a ácido, mas acabo tudo em segundos e a minha garganta ainda me parece cheia de algodão.

A Talan dá-me um murro no ombro. — Já chega de jogos, Zephyr. Conta-me tudo.

Meu Deus, como tudo me magoa... — De que é que estás a falar?

— Hum... Um *flash* noticioso, caro amigo. Desapareceste ontem com aquela rapariga e, já te viste ao espelho? — Ela olha para mim, como se no meu peito tivessem de súbito crescido dois seios de mulher. — Quero dizer, Zephyr, que até parece que regressaste da guerra. Diz-me tu a mim de que é que eu estou a falar, está bem?! — irrompe ela, e o som da sua voz é mais alto do que um tiro. Só quero que ela se cale. — Olha que estou à *espera*. Para onde foste com a rapariga?

Olho para as minhas mãos. Tingidas de vermelho, cobertas de cortes que já ganharam crostas.

Por que razão não poderão as nanites também reparar-me o cérebro?

— Pois bem, não queres falar. Estou a ver. Eu... tive um encontro a sós ontem com o teu médico — informa-me a Talan, muito corada. — E ele deu-me *isto*. — Ela mostra-me uma lata da mesma pele artificial que o médico usou no meu braço.

— Talan — digo num gemido —, não te podes oferecer assim como se fosses uma Sanguessuga sem préstimo. És melhor do que isso.

— Oh, nem te atrevas... — Revira-me os olhos. — Sou uma rapariga crescida. Posso fazer o que muito bem me apetecer. Agora cala-te e despe a camisa.

Ela tira-ma pela cabeça. Meu Deus, como me arde o corpo.

— Que porcaria — ouço-a dizer. Começa a pulverizar a pele líquida no meu ombro. A minha camisa está coberta de sangue coalhado. Atiro-a para longe, enojado, e olho para a minha perna. — Aqui — digo eu, e a Talan rasga-me as calças com um punhal para poder pulverizar a ferida.

Trata-se de um punhal prateado. Bem afiado. Lembra-me a Meadow.

— Onde arranjaste tu isso? — pergunto-lhe.

Parece o punhal da Meadow. É o punhal da Meadow.

— Tinha-lo na mão quando estavas armado em cadáver. — A Talan pulveriza-me o líquido na coxa, fechando uma ferida muito funda. As nanites, a seu tempo, irão sarar-me. Mas isto é mais rápido e afasta as dores.

Ergo as mãos e passo-as pela cara. Estremeço. Tenho marcas de unhas que já ganharam crosta nas faces e na testa.

Isto não me pode estar a acontecer. Não! Outra vez, não...

Inclino-me e vomito-me todo. Sujo a Talan. Ela pragueja e afasta-se. — Deves estar a brincar comigo... Da próxima vez que apareceres assim, podes arranjar outra pessoa para tomar conta de ti. Que nojo...

Ponho a cabeça nas mãos e ignoro-a. As peças começam a encaixar-se. Meadow. A minha menina do luar. Estivemos ontem juntos. Foi perfeito. Livre.

Todo esse sangue. O seu punhal. Um carrossel louco na minha cabeça. A dor latejante pelo corpo todo. Tenho as solas dos pés queimadas. Parece-me ver um comboio direito a mim e uma sirene muito aguda a ecoar-me nos ouvidos. A última pessoa a estar comigo foi a Meadow. Por que motivo é que ela não se encontra aqui também?

Mas já sei porquê.

Tenho a impressão de ter assassinado a minha rapariga do luar.

A minha mãe olha fixamente para mim.

É uma pintura. Suaves pinceladas fizeram-na regressar à vida.

Ela tem o meu cabelo platinado, a minha estatura magra e olhos cinzentos. Mas o artista não captou tudo.

A expressão no seu rosto fá-la parecer perigosa. Queixo levantado, lábios franzidos. Uma expressão de poder, de controlo feroz. Ela está a olhar para mim, do alto do retrato, e para todos os cientistas e funcionários da Iniciativa que se acumulam no armazém. A imagem tem um caixilho dourado com embutidos elaborados.

A minha mãe não era uma pessoa especial, em particular para a Iniciativa. Por que motivo iriam eles honrá-la desse modo, uma humilde cidadã assassinada como tantas outras?

Em volta da pintura está um grupo de fotógrafos. Reconheço alguns dos rostos. A jovem a quem roubei lírios nas ruas. Um homem que assobia desafinadamente, ao lavar as ruas nos dias de recolha.

E o Zephyr.

Está mais novo. Bastante mais novo, mas eu sei que é ele. Reconheceria os seus olhos verdes em qualquer lado, a curva do maxilar, os lábios, o modo como o seu cabelo castanho lhe cai por cima das orelhas.

Por baixo dos retratos leem-se quatro palavras, escritas com letras grossas de um vermelho-sangue.

O Complexo dos Assassinos.

— Não podes escapar ao teu destino, Meadow. — A voz da minha mãe chega agora até mim, enquanto olho para as letras vermelhas. Eu tinha-me voltado e fechado os olhos nessa noite. Nunca mais lhe vi o rosto. Ela nunca voltou para o barco. Mas lembro-me agora do que ela disse ao ir-se embora, depois de me ter posto a pulseira de estimação no pulso.

Vejo os trabalhadores da Iniciativa a entrarem e a saírem da minha linha de visão. Alguns vestem batas brancas; outros, fardas de um verde militar. Trata-se de pessoas que nunca entrariam em contacto com alguém como eu. Andam de um lado para o outro, a escrever coisas em ecrãs de *NoteScreens* e a falarem em voz baixa.

Os ecrãs de computador encaixados nas paredes mostram todos a mesma informação. Números. Esses sucedem-se muito rapidamente, como se disparados por metralhadoras.

275.

290.

310.

Vejo a conta a subir.

— Ontem à noite valeu a pena — alguém observa. — Olhem para estas estatísticas!

Os números continuam a aumentar.

367.

De algum modo sei, enquanto vejo os trabalhadores a tomar notas nos seus *NoteScreens*, e a acenarem afirmativamente com a cabeça, da mesma maneira que o comandante do iate ao ver o direto, que nos ecrãs estão a aparecer o total de mortes da noite passada.

As mortes não deviam ser celebradas. Deviam ser lamentadas. E dou-me conta, enquanto ali estou, prisioneira em cima de sangue, de que nenhum desses assassinios ocorre ao acaso. Existe um sistema.

O meu pai tinha razão. Ele disse-me que, se eu aqui viesse alguma vez, nunca mais iria parar até obter certas respostas. Que eu nunca iria desistir até tudo começar a fazer sentido.

Tenho de saber por que motivo o retrato do Zephyr está pendurado na parede. Tenho de descobrir o que é o Complexo dos Assassinos. E não irei parar até descobrir por que motivo o rosto da minha mãe está, altivamente, a olhar para mim no interior de um edifício secreto da Iniciativa.

Os meus passos não me conseguem levar, com a rapidez suficiente, através dos Arquivos da Catalogação. Tenho de o encontrar, o local onde estaria o seu número... Se é que ela desapareceu... *se é que a matei...*

Vejo o seu cabelo platinado empastado em vermelho-escuro, os lábios entreabertos num grito silencioso. Imagino-me no dia de recolha, a encontrar o seu corpo no cimento manchado de sangue. E a Talan a arrancar-lhe o Alfinete do que em tempos teria sido o seu belíssimo corpo. — Oh, isto é mesmo uma coisa muito marada, Zephyr.

De modo que corro, com os pulmões a gritarem, porque tenho de saber que não é verdade. Quando entro de rompante pelas portas, a primeira coisa que vejo é a quantidade de pessoas enlutadas que aí se encontram. Mais do que o costume, especialmente dado que estamos na Hora de Silêncio.

Mantenho a cabeça baixa quando passo pela Sanguessuga que ali está de guarda. Tem uma pistola à cintura e sei que não hesitaria em usá-la.

Hoje tudo me parece avariado. É um caos total. Este lugar que tresanda a flores e a soluços abafados parece girar à minha volta. Gostaria que *tudo isto* acabasse.

— Tu — grita uma mulher ajoelhada no chão. Levanta uma mão trémula e aponta para mim.

— Foste tu quem fez isto — diz, com um gemido. — Levaste-me o meu Robert. — As lágrimas correm-lhe pela cara abaixo. — Eu vi-te!

— Não! — grito. — Não, eu nem sequer o conheço, juro! — Estão todos a olhar para nós muito chocados. Ninguém fala durante a Hora de Silêncio. Nunca.

Mas a mulher levanta-se e corre na minha direção, descontrolada. Um rapaz da minha idade para-a mesmo antes de ela me alcançar. Segura-a enquanto ela lhe cospe e o tenta arranhar como uma louca. Ele põe-lhe uma mão na boca e pretende silenciá-la.

A Sanguessuga que está de guarda ao fundo dos Arquivos começa a correr pela espiral do átrio. Consigo ouvir os seus passos e, a qualquer momento, sei que irá matar a mulher por ter feito barulho.

— Vai-te embora — sussurra o rapaz. O rosto dele também está marcado de lágrimas. — Vai-te embora e nunca mais cá voltas.

Aceno-lhe que sim e continuo a andar, a olhar por cima do ombro enquanto o guarda vem do átrio.

A mulher fica ali, completamente perdida na sua dor, e atira-se a ele. — Tu nem sequer ajudaste! Limitas-te a deixar que toda a gente morra!

— Mãe — grita o rapaz, e só depois se dá conta do que acabou de fazer.

A Sanguessuga mata os dois a tiro.

— Honrar a Hora de Silêncio — diz a Sanguessuga, a olhar para os enlutados.

Agora tudo ficou silencioso como uma tumba.

Volto-me e percorro o quarto corredor dos Arquivos. Caio de joelhos e começo a rastejar.

Digo a mim mesmo que se for até ao número de Meadow... e ela estiver morta... que não fui eu.

Não podia ter sido eu.

72048.

72051.

Encosto-me aliviado contra a parede. O número dela não está ali. A Meadow Woodson está viva.

Os meus dedos encontram os arranhões que começaram a sarar no meu rosto. São fundos, como se tivessem sido feitos à pressa por alguém que já não tinha outras opções. Deixo-me deslizar até ao chão quando penso nisso.

— *Por favor...*

Duas palavras é tudo o que ouço, mas é a sua voz.

Ela está viva. Porém, é apenas devido ao facto de eu não a ter conseguido matar.

MEADOW

— O Doente C7 está a reagir muito bem — alguém observa. Quem o diz é um homem alto que fala um pouco aos solavancos. — As melhoras são precisamente o que estávamos à espera.

— E a irmã? — Os dois homens de batas brancas param mesmo junto do caixote.

— Também está a reagir muito bem — diz o primeiro homem, e quase lhe ouço o sorriso na voz. — Estão ambos a reagir muito bem aos suplementos.

— Comandante? — Uma voz de mulher ecoa através do vasto espaço. Consigo olhar para ela, mas o ângulo não é o melhor. — Temos um problema.

— Qual? — Vejo os pés do primeiro homem inverterem a marcha. Ele tem botas militares pretas. São feitas de um couro macio e flexível que brilha como o mar à noite. Devem valer milhares de créditos.

A mulher aproxima-se agora dele. Posso ver os seus saltos altos negros. — Bem, tal como sabem, as câmaras espalhadas pela cidade desligaram-se. Poderá ser apenas uma pequena avaria elétrica, meu comandante.

— E se não for? — pergunta o comandante. — Se forem *eles*...

— Não pode ser — diz ela. — Iremos resolver esta questão. Não se preocupe, meu comandante. Mas... não é tudo.

O comandante bate com uma das botas no chão. Não fala, de modo que a mulher respira fundo e continua:

— É o Doente Zero, meu comandante — diz ela. — Ele... bem... ele ainda não conseguiu abater o seu alvo. Os nossos registos mostram que ele nem sequer foi atrás do alvo certo. Mas abateu outros. Uns que a lotaria não lhe tinha destinado. Pensei que ele fosse remediar o assunto.

— Quanto tempo ainda nos resta? — pergunta o comandante, com voz de poucos amigos.

— Um minuto, meu comandante — guincha ela.

— Ele teve um desempenho bastante bom desde que... — Parece-me ouvi-lo coçar a barba do queixo. — Quem tem o alvo e quem é que ele acabou por perseguir?

— O alvo era um rapaz da idade dele, mas o Zero nunca se aproximou desse rapaz. E, bem, quem ele acabou por perseguir foi... a outra parte do problema, meu comandante.

Está tudo em silêncio exceto pelo tiquetaquear das contagens. — Ele foi atrás de uma pessoa que nunca deveria ter estado no sistema. Ele perseguiu a filha de Lark Woodson, a Meadow.

O *NoteScreen* do comandante cai ao chão. Os ecrãs ficam vazios. O tiquetaquear para. E, quando ouço o meu nome, o meu coração também o ouve.

O mar costumava ser uma coisa bonita. Pelo menos é o que os velhos Programados nos contam.

Agora é apenas um grande charco de lixo que evito o mais que posso.

No instante em que os meus pés pisam a areia, começo a pensar no meu pai.

Ele tinha pés de galinha que se enrugavam mais sempre que sorria. Beijava sempre a minha mãe com muita meiguice, como se ela fosse frágil e se pudesse partir.

Sentia-me a mais na companhia deles. Eram tão diferentes de mim... ambos ruivos de olhos azuis. De onde vim afinal? As memórias são afiadas como punhais. Fazem com que eu fique a arder em brasa com um grande sentimento de culpa de que não consigo escapar.

Caraças.

Tento não pensar neles. Tento mesmo.

Mas, agora aqui, a ver as gaivotas a fazer voos picados direitos às ondas, com a água a elevar-se à medida que elas mergulham, só consigo pensar nos meus pais.

No aspeto deles, quando os vi afundarem-se nas ondas.

A areia é morna e macia. Diante de mim, o céu começa a escurecer. Vem aí uma tempestade e, quando olho para a minha esquerda, consigo ver a costa distante a esbater-se, envolta em nevoeiro.

— Onde estarás tu, Meadow? — digo em voz alta e, ao fazê-lo, dou-me conta de um amontoado de rochas perto da água, com o mar a desfazer-se em espuma ao bater nelas. Sem pensar, aproximo-me. Vejo um grupo de homens sentado em volta de uma fogueira apagada, a polirem armas no escuro.

Piratas. Os cães de fila das Sanguessugas que farão tudo para obter mais uns créditos.

— Meus senhores — saúdo-os, sabendo que em breve haverá uma luta.

Mas, por qualquer razão, esta noite ando à procura de uma.

O chefe dos Piratas vê-me e levanta-se. É um fulano alto, forte e bem musculado, que me parece ridículo com uma faca de seis centímetros na mão. — Se queres passar, tens de nos dar qualquer coisa que valha a pena. Pelo teu aspeto, podemos ver que és um Programado.

— Não permitimos que os do teu género entrem no mar — informa-me outro Pirata. Cheira-me a álcool, a qualquer coisa que vale milhares de créditos. Talvez tivessem apanhado um miúdo a recolher material de antes da Queda, Quarto Mandamento, e o tivessem guardado como pagamento. É nojento.

Avanço em direção a eles de mãos estendidas. — Não tenho nada. — Quero lutar. Quero... Não sei bem o que fazer, mas parece-me que o meu corpo o sabe...

— Se não pagares, não passas — esclarece o chefe. Este tem dentes podres. Talvez eu lhe devesse arrancar a murro.

— Deixa-me passar.

Eles riem-se todos e há mais dois que se levantam. — Queres morrer, Programado?

— Ia perguntar-vos a mesma coisa — respondo.

Então, antes mesmo de me aperceber do que está a acontecer, estou a mover-me mais depressa do que a trovada ao longe. Estou a dar murros, a proteger-me de outros. Parto um pescoço num abrir e fechar de olhos.

Quando tudo acaba, tenho três Piratas mortos aos pés.

O último corre pela praia como uma criança aterrorizada, e eu rio-me nas suas costas.

— Pois, fuge depressa, meu amante de Sanguessugas!

Na distância consigo ver formas fantasmáticas de barcos. Corro para o mar, mergulho e nado. Os barcos surgem-me e desaparecem-me de vista, e as ondas vão-me atirando para cima e para baixo.

Um trovão estoira por cima de mim e começa a chover, tão de repente que é como se um enorme balde de água tivesse sido despejado no mar. Não consigo sentir as lágrimas que me deslizam pela cara.

Lembro-me de gritos.

Oh, meu Deus, e lembro-me da minha mãe a implorar que os poupasse, e do meu pai a dizer que me amava, que tudo iria ficar bem se eu ao menos *parasasse*.

Parasse.

Parasse... de os atacar.

À medida que vou nadando, em busca da casa flutuante da Meadow, tudo em que consigo pensar é nos seus cadáveres a virem na minha direção do fundo do mar, a desejarem sobretudo vingar-se do filho que lhes tirou a vida.

Porque me lembro agora de tudo.

Os meus pais foram as minhas primeiras duas vítimas.

A minha mãe. Eu.

Eles estão a falar de *nós as duas*.

A minha mente não para. A Lark Woodson não era uma pessoa importante. Uma engenheira que trabalhava nos barcos da Iniciativa durante o dia, e que passava as noites fechada nos fundos da nossa casa flutuante. Uma mulher que foi assassinada na rua, como tantas outras.

Mas o meu pai disse que ela era alguém. Alguém perigoso. Alguém cujo rosto é praticamente idêntico ao meu, cujo sangue me corre nas veias e, por causa dela, nunca estarei totalmente em segurança. Devido à minha mãe, serei sempre observada. Ponho uma mão na boca e mordo-a para evitar começar aos gritos. Assim não começo a dar murros nos lados do caixote.

É o Doente Zero, meu comandante. Ele... bem... ainda não atingiu os seus objetivos diários. Objetivos diários. E quais serão esses objetivos? E a voz do comandante. Urgente. Exigente. *Quem era o alvo? E, em vez disso, quem acabou ele por perseguir?*

A filha da Lark Woodson. Eu. Mas eu não sou uma pessoa importante. Sou como a minha mãe. Por que motivo seria eu uma pessoa com quem eles se devessem importar?

Ouçoo-o sustar a respiração quando a contagem para, vi-o deixar cair o *NoteScreen* no chão, logo que mencionaram o nome da minha mãe. Quando *me* mencionaram.

Esforço-me por pôr um olho junto à ranhura. O *NoteScreen* ainda está no chão. No ecrã leio *O Complexo dos Assassinos. Doente Zero*.

Seis números. Há outros números e anotações que eu não tenho tempo de ler antes de o capitão se baixar para o apanhar.

— Silenciem-no — diz ele, com um suspiro. — Ele agora é mais forte do que nós.

— Comandante? — diz a mulher, como se não tivesse ouvido bem as palavras dele. — Podíamos trazê-lo até aqui para um teste de rotina. Tenho a certeza que há uma maneira de o ajustar...

— Então faça isso — grita ele. — Tire-o de circulação! — A sua voz ecoa. Afasta-se e a mulher começa a dar as suas ordens rápidas aos cientistas.

— Teremos de o fazer manualmente — diz um indivíduo de óculos. — O Criador não irá cooperar connosco para o desligarmos automaticamente. Especialmente no seu caso...

— Não vai ser fácil — observa a voz de alguém que eu não consigo ver. — Ele é muito esperto. Neste momento, já se deveria ter dado conta de tudo.

— *Ninguém* se deu conta *do que quer que fosse!* — adverte a mulher. Ela anda de um lado para o outro. — Façam o que for preciso. Tragam o Doente Zero até aqui ou matem-no, o que quiserem fazer. Não o podemos arranjar. Sobretudo dado que não temos os devidos códigos. Mas a rapariga... tragam-na até cá. *Viva*. Quero saber por que motivo

essa rapariga está no nosso sistema. E *como*.

De súbito, sei por que motivo o meu coração começou a bater descompassadamente e o suor a escorrer-me pela espinha. Não sei qual a coisa melhor a fazer: começar a chorar ou a rir. Porque tudo agora começa a fazer sentido.

Seis números. O Doente Zero tem o mesmo número de catalogação que o Zephyr James.

O Doente Zero *é* o Zephyr James.

Ele foi atrás de mim. Não era eu quem ele deveria ter perseguido, a rapariga no sistema deles, seja lá o que isso possa querer dizer. E agora, querem trazer-nos a ambos até aqui.

Está tudo a acontecer tão rapidamente. Num minuto estou aqui toda enrolada, encharcada em sangue e nos meus terríveis raciocínios; no próximo, o caixote já está a ser aberto, e parece que o meu mundo foi incendiado. Luz. Tanta luz...

— Mas que diabo... — Uma mulher loura olha para mim, inclinando a cabeça de lado. Leio a confusão mais completa no seu rosto. Ela é fraca. Incapaz de se defender.

Dou um salto para fora do caixote e começo a apertar-lhe o pescoço. Parto-lho.

Estou rodeada pelo caos.

Mesmo apesar da tempestade, está tudo muito calmo.

Vejo uma casa flutuante que se parece com a que a Meadow me descreveu, e começo a trepar.

Começo a andar silenciosamente pelo convés, a murmurar o seu nome, como um orotário sem remédio. A casa oscila, zangada, à medida que as ondas começam a elevar-se com o vento e, em breve, já não me é fácil manter o equilíbrio.

Caminho até uma pequena cabina e ponho as minhas mãos em concha nas janelas salpicadas de chuva. Há cortinas velhas que cobrem o vidro, mas à medida que a casa começa a oscilar, consigo ver lá para dentro.

Vejo uma velha mesa de madeira com candeeiros de petróleo, cujas chamas oscilam fantasmaticamente. Há duas cadeiras atiradas para o chão. E três colchões no canto mais distante, vazios, com os cobertores enrodilhados.

Caraças. A Meadow não está cá. Ninguém cá está.

Uma onda atinge a embarcação e as cortinas fecham-se. Depois tudo se acalma e as cortinas voltam a abrir-se.

Dois olhos cinzentos olham para mim do interior da cabina.

Cambaleio de costas pelo convés e quase caio por cima da balaustrada. Mas há dedos frios que me apertam o pulso.

— Meadow — suspiro.

Mas não é a Meadow.

Vislumbro um rapaz com o corpo todo coberto de cicatrizes, como se tivesse sido atirado para uma trituradora de ramos de árvore. Abro a boca para lhe perguntar onde é que ela está.

Ele bate-me com um remo na cabeça.

E o mundo fica às escuras.

Está sempre atenta a cada detalhe do que te rodeia, Meadow. Qualquer filha minha saberá sempre o que estará a acontecer à sua volta, onde estão os seus adversários, e quem eliminar primeiro.

Há onze trabalhadores da Iniciativa. Cinco homens, seis mulheres. Não vai ser fácil.

O homem à minha esquerda tem um metro e oitenta e cinco, cento e quarenta quilos, todo ele músculo. Um alvo demasiado poderoso. Corro em frente dele, atiro-me para o chão, à medida que ele se estica para me apanhar. Rolo então. Deslizo pelo chão como se estivesse coberta de óleo.

— Agarrem-na! Agarrem-na! — gritam algumas vozes. Tenho de correr. Tenho de sair daqui. Sou o alvo que o Zephyr nunca deveria ter perseguido. Querem encontrar-me para me interrogarem e não hão de parar até porem as mãos em nós dois.

Corro para os computadores. Vejo rostos de pessoas que reconheço, rostos de pessoas que foram assassinadas. Crianças, raparigas, rapazes.

— Ela é apenas uma rapariga, meus desastrados! Apanhem-na!

Um homem levanta uma cadeira de rodas e atira-ma à cabeça. Baixo-me, depois levanto-me e passo-lhe uma rasteira. Quando ele cai, nem sequer o tenho de evitar dado que corro por cima dele.

Outros perseguem-me mas eu apanhei-os desprevenidos, de modo que é fácil, é como jogar à apanhada com uma criança que não fosse tão rápida nem tão esperta como eu.

Vejo um carro preto em forma de caixa, no canto mais distante do edifício. Vazio. Corro para ele, desviando-me dos trabalhadores, respirando fundo, e tentando apenas concentrar-me na minha fuga.

Consigo abrir a porta do carro e saltar para o banco da frente. A chave está na ignição de modo que a rodo, esperando que funcione como um barco. O motor pega.

— Os alarmes! Acionem os alarmes! — grita o comandante no meio de todo aquele caos, e a sirene é tão súbita e estridente que faz com que tudo se imobilize por instantes.

Ouçõ um tiro. A bala aloja-se no volante, a menos de dois centímetros da minha mão.

O carro tem uma alavanca de mudanças, como o meu barco. Insiro a mais alta, depois carrego no acelerador a fundo e, finalmente, o veículo arranca a grande velocidade. Aponto-o ao enorme portão de metal que constitui a minha única esperança de sair dali.

O carro embate nele. O portão dá de si. Carrego ainda mais no acelerador e o portão começa a amolgar-se, a erguer-se por cima do carro. O metal rasga-se, com peças a saltarem por todos os lados. Ouço gritos, talvez a chamar reforços, mas eu já saí do automóvel e dirijo-me para os mangais, deixando para trás a Iniciativa, o Complexo dos Assassinos e o retrato da minha mãe.

— Que fizeste tu com a minha irmã?

O rapaz com a cara assustada inclina-se sobre mim, na escuridão. Tem uma vela numa mão e uma faca encostada à minha garganta.

— Não sei onde ela possa estar — digo-lhe. Consigo sentir o frio da lâmina a rasgar-me ligeiramente a pele. — Caraças, pá. Estou a dizer-te a verdade!

— Mentiroso! Conta-me! — Cospe-me na cara.

— Juro-te que não sei! Juro-te! — A minha voz é ridícula. Aterrorizada. Este otário bate-me com o cabo da faca, e a cabeça começa a andar-me à roda, à medida que o sangue me sai do nariz.

— Talvez o meu pai possa ser um pouco mais... persuasivo.

Sai da cabina, deixando-me sozinho.

Tento libertar-me das amarras, mas estas estão tão apertadas que já não consigo sentir os pulsos ou os tornozelos. No entanto, consigo sentir o medo e pensar lucidamente. Tudo o que eu queria era encontrar a Meadow.

A porta abre-se e um homem entra para se abrigar da chuva. Tem uma caixa de iscos de pesca na mão. Coloca-a na mesa, mesmo ao meu lado. — Sou pescador desde que me lembro — diz ele, de um modo muito casual, como se tivéssemos sido amigos durante toda a vida. É alto e bronzeado, devido a anos de permanência ao sol, tem o cabelo tão descolorado que é quase da mesma cor do cabelo da filha. Oh, caraças, é o pai dela. O psicopata que a treinou.

— És pescador, rapaz? — Abre a caixa e tira lá de dentro um novelo de linha de pesca. Ergue as sobrancelhas, enquanto olha para mim ansioso por uma resposta.

— Não... não sou.

Ri-se. — Isso são boas novidades — diz-me. — Porque hoje vou ensinar-te uma liçãozinha.

Retira um anzol de aço da caixa. Trata-se de uma coisa *enorme*. Engulo em seco e olho insistentemente para a cara dele.

— Os peixes são animais muito espertos — observa ele, enquanto passa a linha pelo furo do anzol. — Temos de amarrar a linha no sítio certo... Certificarmo-nos de que o nó é resistente, que aguenta. Senão, perdemos o peixe.

Os seus olhos encontram-se de novo com os meus. Olho para ele, com a sensação de não demorar muito até me começar a urinar.

— A Meadow é uma rapariga esperta — diz ele, enquanto puxa uma cadeira para ficar mais perto de mim, e se senta voltado para as costas da mesma. — É uma sobrevivente, tal e qual a mãe dela.

— Mas a mãe dela morreu — digo. Porque lhe disse isto? Que se passa comigo?

Ele abana a cabeça e ri-se. — Foste tu que a mataste? Mataste a minha filha?

— Eu nunca lhe faria mal. — Ele não acredita e eu também não acreditaria.

— Claro que não — diz ele. — Porque ela é minha filha. E sabes o que *eu faço* quando alguém me tenta *fazer mal*?

Tudo o que posso fazer é permanecer sentado de olhos postos no anzol. Ele levanta-se e pega-me pelo queixo.

— Dou-lhes uma lição. — Mostra-me um sorriso de desdém. Tento atacá-lo o melhor que consigo, mas ele acaba por me agarrar ainda com mais força.

— Ora, tu fizeste mal à minha filha — continua ele. — E isso... também me atinge...

Enterra-me o anzol na face. Ouço o som abafado que faz quando a ponta fura a pele de um lado ao outro e me entra na boca. Ouço-me gritar.

— Estás a ver, meu filho da mãe... Sei como manter um peixe bem preso. Se me disseres onde está a minha filha, liberto-te. — Começa então a puxar a linha.

— Não sei! — grito.

— Isso é mentira — atira-me ele à cara. — Que é que lhe fizeste? — Dá um puxão forte na linha. Consigo sentir a pele a esticar, a rasgar-se, à medida que ele vai, de um modo deliberado, dando lentos passos atrás.

— Por favor! — Cada momento é pura agonia. Sinto-me como se estivesse a arder.

— Tenho aqui um que dá luta, Koi! — A porta da cabina abre-se e o irmão da Meadow volta a entrar. — É a tua última oportunidade, meu sacana.

— Eu juro! — Tento dizer-lhe. O seu rosto contorce-se de fúria e, de súbito, ele fica imóvel.

— Pai?

Lá fora ainda chove. Consigo ouvir a chuva a cair no mar. E ouço um outro ruído semelhante a um zumbido de motores. O pai da Meadow dirige-se à grande janela de vidro laminado, e abre a cortina. Consigo ver na distância uma luz vermelha a acender e a apagar. Um barco das Sanguessugas neste lado dos Baixios? O pai da Meadow volta a correr a cortina e põe-se a praguejar.

— Que é que fizeste? — pergunta-me ele ao voltar-se. — Foste tu que os trouxeste para aqui?

— O quê? — balbucio.

— Foste tu que os trouxeste para aqui? — Está muito perto da minha cara e eu abano a cabeça, sem perceber o que ele me está a perguntar. — Koi, pega na tua irmã. Vamos embora.

— Então e a Meadow? — pergunta o Koi. — Não podemos simplesmente...

— Já te disse para ires buscar a tua irmã para nos pormos a andar! Já! — O pai da Meadow pega num velho saco castanho que parece ter sido atirado para cima do colchão. Ouço um tilintar de metal quando ele passa por mim; estou quase certo que o saco está cheio de armas.

— E para onde vamos? — pergunta o Koi.

Uma rapariguinha entra na cabina. Bolas, a Meadow não estava a exagerar. É mesmo uma versão em miniatura da Meadow, com um cabelo platinado que lhe cai até à cintura. É a Peri. A pessoa de quem ela gosta mais do que qualquer outra neste mundo. Ela olha para mim, para aquela cena de sangue e depois olha para o pai.

— Paizinho?

— Oh, meu Deus... — Já não o consigo ouvir. Tudo de que me consigo aperceber são gritos. Qualquer coisa esbarra contra um dos lados da casa flutuante. O pai da Meadow volta-se e parte os vidros da janela com um murro. O vidro espalha-se pelo chão.

Pega no Koi pelos ombros e puxa-o para si. Beija-o na testa e empurra-o para as ondas.

O pai da Meadow volta-se para olhar para mim pela última vez, para o anzol que ainda tenho espetado na cara. — Vai para o inferno, meu sacana! — exclama. Põe os braços em volta da filha e desaparece com ela através das cortinas que ondeiam ao vento. A porta da cabina abre-se de repente, arrombada e arrancada das dobradiças.

Não são as Sanguessugas.

É qualquer coisa ainda mais terrível, pois conheço o fulano que entra. Ele tem um grande olho da Iniciativa tatuado no pescoço. — Ora bem... ora bem... que temos nós aqui? — Faz estalar os nós dos dedos e eu sei que estou prestes a morrer.

Este é o fulano que eu deixei estendido na praia, depois de ter matado três dos seus homens.

E há mais cinco Piratas, de pé, atrás dele, cada um mais furioso do que o outro.

Corro até os pés me começarem a sangrar. Corro até não conseguir correr mais, e, mesmo assim, continuo através das ruas apinhadas dos Baixios, aos encontros às pessoas. Corro diante do Salão das Rações Alimentares. A Orion está de pé à porta. Eu devia estar hoje a trabalhar.

— Ora cá estás tu, *Lourinha*! — grita ela. — Vem cá! — Ergue uma mão para me cumprimentar, mas eu continuo. Ouço-a a chamar-me, a gritar para que pare. Mas não o faço. Perco-a na multidão e continuo a correr até chegar ao mar.

Logo que vejo a água, fico bastante mais aliviada.

Espero um pouco até retomar o fôlego. Quando chegar a nossa casa, vou pedir ao meu pai que me explique tudo isto. Irei finalmente ter as respostas que quero. Mergulho nas ondas e começo a nadar.

Os Piratas batem-me à vez.

Riem-se sempre que me dão um murro no estômago, ou uma cotovelada ou um carolo na cabeça. Começo a ver estrelas. Penso que já me urinei, e os Piratas não conseguem parar de se rir.

— Viemos aqui por causa da rapariga e parece que, em vez disso, recebemos um prémio adicional — observa o chefe. Estou a ver três deles.

— Então pensas que podes matar três dos meus homens? — Cospe-me na cara.

— Vai pró inferno! — exclamo.

Há uma ocasião em que desmaio, mas eles despejam-me um balde de água salgada na cara, e o ardor é de tal forma intenso que eu retomo a consciência e começo a gritar. Estou a enlouquecer. Penso que vejo a Meadow, com o rosto horrorizado enquanto olha para mim através da janela partida.

A Meadow está *aqui*. Está aqui agora e, se estes tipos a veem, ainda lhe vão fazer coisas piores do que as que me estão a fazer.

Mas é bom, porque a Meadow esquiva-se por detrás dos homens colando-se às sombras. Vejo-a ir direita à porta, no lado oposto da cabina. Abre-a. Ouço-a suspirar e inclinar-se para agarrar qualquer coisa pequena e prateada. Levanta-a e o luar fá-la muito brilhante. Uma concha de estimação. Por momentos, hesita. Dobra-se como se lhe tivessem dado um murro no ventre. Mas depois ergue-se, olha para mim e sorri.

Em seguida, desaparece.

MEADOW

A minha família foi-se embora.

Há Piratas em minha casa.

Os Piratas estão a dar uma tarefa no Zephyr.

Mas como é que ele aqui chegou? Sei que os Piratas estão aqui porque a Iniciativa os enviou para me virem buscar. Talvez também tivessem mandado o Zephyr para ele poder acabar comigo.

O meu pai irá perceber que, se os Piratas estão aqui, isso quer dizer que a Iniciativa os mandou cá.irá manter a Peri e o Koi escondidos. Estarão num sítio que eu não conheço, num sítio onde os não irei encontrar. Os Baixios abarcam uma grande extensão, cheia de milhares e milhares de pessoas.

Talvez nunca mais os encontre. Talvez nunca mais os veja.

Quero gritar, mas, em vez disso, concentro-me na única coisa que me resta.

Esgueiro-me por detrás dos homens, colando-me às sombras. Dirijo-me à porta que dá para a parte de baixo do convés. Assim que a abro, um brilho prateado faz com que pare.

A pulseira da Peri.

Agarro-a, com os dedos a tremer. É como se me tivessem dado um murro na barriga. Desço até ao ventre da nossa casa flutuante.

Era aqui que a minha mãe costumava desaparecer, fechando a porta à chave. Esta poderá ser a minha última oportunidade para entrar neste local, e não me hei de ir embora até descobrir o que se possa encontrar para lá dessa porta.

Apresso-me a fazê-lo, pressionando com um ombro a velha porta de madeira. Os Piratas estão aos gritos lá em cima, o Zephyr está aos gritos. Oxalá não me ouçam. A madeira começa a rachar e vejo uma coisa prateada por detrás da mesma.

Invade-me a confusão. Começo a arrancar a madeira e, em minutos, consigo retirá-la por completo.

Tenho diante de mim uma porta de aço.

Tudo o que aqui foi deixado que pertencia à minha mãe está por detrás dessa porta. Tenho de descobrir os seus segredos. Tenho de saber o que ela sabia.

Ouçó os gritos de agonia do Zephyr e digo a mim mesma que não me importo. Ele merece o que lhe está a acontecer. Volto-me e dou dois murros na porta e, momentos depois, dou-me conta de que existe um logótipo gravado no metal.

Lembra-me a concha de estimação da minha mãe. A mesma que usei no meu pulso desde a noite em que ela me deixou, até eu a ter dado à Peri. Com as mãos a tremer, levanto a pulseira, que abana diante dos meus olhos, e então reparo no mesmo padrão.

Pressiono a concha contra a porta. Encaixa-se perfeitamente e, de súbito, ouço um

ruído sibilante, como ar comprimido a escapar-se. A porta abre-se.

Trata-se de uma divisão muito pequena, na verdade é apenas um armário. As paredes estão cobertas de fotografias, de mapas, de recortes de jornal. Equações e símbolos que não fazem qualquer sentido. Existe um *NoteScreen* embutido numa pequeníssima secretária.

Quando toco no ecrã negro e brilhante, este parece ficar ligado.

Toco-lhe novamente.

Uma fotografia do comandante, com o braço por cima do ombro de uma mulher e ao lado de um grupo de cientistas de batas brancas, surge no ecrã. A mulher está a segurar num par de tesouras. Está prestes a cortar uma fita vermelha. O grupo está diante do edifício da Iniciativa de onde acabei de fugir. Essa mulher é a minha mãe.

Ouçó passos.

Olho rapidamente para trás. Há uma caixa de artigos para emergências, a um canto. Lá dentro vejo fósforos, uma corda e o que me parece ser um recipiente com combustível.

Desarrolho o recipiente e espalho o líquido pelo chão, encharcando com ele as paredes da pequena cozinha e do armário.

Estou já prestes a acender um fósforo quando algo me chama a atenção. Um envelope, pregado na parede, juntamente com todas as outras coisas.

Meadow, vejo nele escrito, com a letra da minha mãe. Saberá ela que eu o iria encontrar aqui? Será que já pensava que eu, mais cedo ou mais tarde, iria descobrir uma maneira de entrar na sua divisão secreta e fechada à chave? Pego no envelope e coloco-o na caixa de artigos para emergências. O Pirata está a descer as escadas, a chamar por mim, como se soubesse que eu ali estava. Não posso ir para a sala do motor pois arriscar-me-ia a ficar encurralada. Ponho a caixa para emergências por cima do ombro, e corro para o patamar.

Os nossos olhos encontram-se e o Pirata sorri. É então que paro.

— Já a apanhei, rapazes! Venham cá abaixo!

Olha-me de alto a baixo. Eu apresso-me a correr na sua direção. Deixo que ele me agarre pelas costas, à medida que me tento esquivar, tal como o meu pai me treinou para fazer. Finjo que já não tenho forças no corpo e depois enlaço as pernas por detrás dos seus joelhos, colocando todo o meu peso nessa investida. Ele não demora a perder o equilíbrio e a cair por cima do combustível, no chão de madeira.

Ele é pesado e eu apanhei-o de surpresa, de modo que consigo escapulir-me e levantar-me antes que ele o faça. Pego nos fósforos e estendo as mãos para que ele os possa ver bem.

— Que vais tu fazer com isso, miúda? — O Pirata atira a cabeça para trás e começa a rir-se. — Será que me vais queimar?

— Onde está a minha família? — pergunto-lhe.

O Pirata sorri de um modo irónico. — Talvez estejam a ser esfolados vivos que nem ratazanas. Aposto contigo em como a miúda pequena já bateu as botas.

— Vais morrer — digo-lhe. — Vais morrer queimado devido à pessoa que és e a quem tu serves, e ninguém neste mundo irá sentir a tua falta.

Acendo o fósforo num instante e deixo-o cair no chão. Ouço um sibilar rápido e, num abrir e fechar de olhos, o Pirata, as tábuas do soalho e as paredes são engolidas pelas chamas.

Fico parada por um segundo, a ver o meu mundo a ser consumido pelo fogo e a ouvir os gritos do Pirata, quando o fogo o começa a queimar.

À minha frente, o alpendre começa a estalar e a arquear-se. Os outros Piratas estão a gritar. Ouço o barco de alta velocidade quando este arranca. — Meadow!

Volto-me para trás e vejo o Zephyr, com um pedaço de uma cadeira ainda atado ao pulso. Deve ter conseguido desenhencilhar-se das amarras, e agora está a descer as escadas na minha direção, com a boca ensanguentada aberta num grito e as mãos estendidas para mim. — Tem cuidado!

Olho para cima no momento em que a madeira do teto vem abaixo.

A última coisa que ouço é a voz da minha mãe, a murmurar o meu nome.

E depois, tudo se esvanece.

A Meadow parece estar muito tranquila. Sorrio porque gostaria de ver alguém a tentar atacá-la de surpresa, pensando que ela seria um alvo fácil. Assim que ela lhe sentisse as mãos a tocarem-lhe no corpo, iria dar um novo sentido às palavras *má manobra*.

— Tu és qualquer coisa — digo. É um grande erro porque, no momento em que ela ouve a minha voz, abre os olhos de repente. Ergue-se de um salto da areia e imobiliza-me. O ar sai-me todo dos pulmões, antes mesmo de as suas mãos encontrarem a minha garganta.

— Tu mataste-os! — diz-me ela, de chofre. Está cheia de raiva. Cheia de dor e de confusão. Não tento lutar com ela. Fico ali estendido, com o seu corpo por cima do meu, permitindo que ela me comece a asfixiar. Para, quando se dá conta de que eu não lhe estou a dar luta.

— Defende-te, reage! — grita ela. — Agride-me!

Fecho os olhos. O buraco que tinha na face já sarou. As agressões infligidas pelos Piratas são apenas ferimentos de aspeto duvidoso.

— És ridículo — diz a Meadow como se cuspiasse, e sai de cima de mim para se pôr a cambalear em direção ao mar, a tropeçar nos seus próprios pés.

Cai no chão mesmo junto à água e senta-se de costas voltadas para mim. Ainda está a chover, mas não com suficiente força para apagar o incêndio. Na distância, a sua casa flutuante tenta manter-se à tona enquanto as chamas a vão devorando. Mas daí a alguns minutos, afunda-se.

Quando a chuva para, ela levanta-se e passa por mim. Desaparece no arvoredor. Ouço um restolhar de folhas e reparo que ela trepou a uma árvore.

Sento-me contra um tronco próximo e dou-me conta dos seus lamentos durante o resto da noite.

De manhã, teremos de nos esconder.

Vi o Sol a nascer do mar tantas vezes que isso já não me faz sorrir.

O céu adquire o tom rosa de uma concha. Depois torna-se cor de tangerina. A seguir adquire um vermelho tão intenso que quase me parece sangue. Vem recordar-me de que tudo o que alguma vez conheci se perdeu.

O Zephyr ainda está a dormir quando eu desço silenciosamente da árvore. Penso em cortar-lhe a garganta. Partir-lhe o pescoço. Acabar com ele.

Mas preciso de saber onde estará a minha família. Tenho de saber o que ele fez. De modo que, em vez disso, cuspo-lhe na cara quando passo por ele, e sorrio para mim mesma ao afastar-me. A praia está cheia de gente como sempre, e tenho de abrir caminho por entre corpos que estão a dormir antes de conseguir chegar à água.

O mar está morno quando mergulho nas ondas. O sal arde-me mas eu nem sequer pestanejo. Já estou quase sarada. Estendo as mãos diante de mim e fico ali parada. Sou uma caçadora.

Quando sinto a viscosidade de um peixe que passa por mim, junto as mãos e enterro-lhe as unhas nas escamas, tal como o meu pai me ensinou. Volto-me, atiro-o para a areia e vejo-o a saltar desesperadamente.

O Zephyr está por baixo das palmeiras. Não olha para cima quando me aproximo e deixo cair o peixe diante dele.

— Punhal — digo eu, e ele atira-mo sem sequer levantar os olhos. É o punhal do meu pai. Tê-lo de volta faz com que me sinta de novo cheia de força. Agacho-me em frente dele e começo a amanho o peixe. — Tentaste matar-me.

— Eu sei — admite ele, enquanto vai pondo areia por cima dos pés e a começa a calcar e a alisar.

— Assim sendo, porque me salvaste do incêndio? Porque não me deixaste morrer para acabares assim o que tinhas começado?

— Eu não te queria matar, Meadow.

— Então porque o fizeste? — Os sentimentos que eu tinha por ele e que eram ontem tão fortes nunca mais irão voltar. — Porque tentaste matar-me?

— Caraças, Meadow, *não era eu*. — Começa a resmungar e volta-me as costas. Como uma criança. — Nunca sou eu. Não o consigo explicar.

Não sei por que razão ainda ali estou sentada. Por que motivo não lhe enterrei o punhal no coração. Talvez seja por causa da dor que lhe ouço na voz. Pelo modo como se senta. Destroçado, tal como eu.

— Diz-me onde está a minha família — peço-lhe. — Mataste-a?

— Não — diz ele. — Fui até à casa flutuante para me encontrar contigo. — Treme à medida que vai falando e leva a mão à crosta que tem na cara. — O teu pai tem muito

orgulho nos seus anzóis de pesca.

Aceno-lhe afirmativamente com a cabeça. — E estás à espera que eu acredite em ti porque...?

— Na noite passada tinha um buraco enorme na bochecha. Estava amarrado a uma cadeira. Os Piratas estavam a dar-me um enxerto de porrada, Meadow. Achas que era eu quem estava a controlar a situação?

Olhei muito para ele. Não estou a conseguir pensar como deve ser. O meu pai e o Koi nunca iriam permitir que alguém ali estivesse em controlo. Até me surpreende que o Zephyr não tenha sido cortado aos bocadinhos e atirado aos tubarões.

— Tu deste cabo da tua própria casa — diz ele —, porquê?

— Há segredos que têm de ser queimados — informo-o. — Onde está a minha família? — Olho para o meu pulso, para a concha. Não consigo sequer pensar na Peri.

— Eles abandonaram a casa flutuante quando os Piratas chegaram. — Zephyr encolhe os ombros. — Deixaram-me ali para que eles me matassem.

— Mas tu merecias morrer — digo. — E ainda mereces.

— Bem sei. Quem me dera que me tivesses deixado morrer da primeira vez que me encontraste.

Sentamo-nos em silêncio pelo que parece ser uma eternidade.

— Que sabes tu acerca do Complexo dos Assassinos? — pergunto-lhe finalmente.

O corpo do Zephyr fica muito rígido. Volta-se, devagar, para olhar para mim. — Que é que me perguntaste?

— O Complexo dos Assassinos. — Ponho um pedaço de peixe cru na boca e tremo quando este me desliza pela garganta.

— Eu... eu não sei. — Pega numa concha e atira-a em direção às árvores por detrás de nós. — Por vezes ouço essas palavras. Nos meus sonhos. Ouço-as depois de ter matado alguém, como um eco. Quando acordo coberto de sangue. Estão sempre ali. Mas não faço ideia porquê.

— Encontrei um edifício secreto da Iniciativa, nos Everglades — conto-lhe. — Alguma vez lá estiveste?

— Não me parece. — Zephyr encolhe os ombros. Tem olheiras bem marcadas. Decerto não dormiu na noite passada.

— Estavam a ver os assassínios nas televisões ou nos computadores ou em algo semelhante. E havia fotografias. Tinham uma da minha mãe — digo-lhe, fazendo círculos na areia com um dedo —, e também tinham uma tua.

O Zephyr abre muito os olhos. Abana a cabeça. — Não, deve ser um engano.

— Não sou cega — digo-lhe, um pouco irritada. — Sei o que vi. E também sei que eles disseram que tu nunca me deverias ter tentado matar, mas tentaste fazê-lo... e por causa disso vão-te levar para lá. De facto, vão levar-nos para lá a ambos.

— Mas quem?

— A Iniciativa — esclareço. — Podes parar de mentir. Sei que fazes parte de um

plano nojento qualquer que eles têm, Doente Zero.

Zephyr suspende a respiração. — Doente Zero — murmura. Olha para as mãos dele como se as estivesse a ver pela primeira vez. — Tenho a impressão... tenho a impressão de que me transformaram num monstro.

— Não. És um monstro porque és mesmo um monstro — apresso-me a dizer. — Eu não estou convencida de que não saibas o que tudo isto quer dizer. — Levanto-me e ponho-me a andar de um lado para o outro. É então que reparo num saco junto às árvores. O Zephyr deve tê-lo retirado do barco. Arrasto-o pela areia na minha direção.

— Sonhei contigo, sabes? — diz-me ele, de costas para mim. — Também sonhei com os meus pais, antes de os ter assassinado. E a mulher idosa. A menina. É como se eu soubesse... como se eu soubesse quem é o próximo a morrer. E, não importa o que faça, não consigo parar. Mato-os sempre. Exceto tu...

As palavras dele esvaem-se como se levadas pela crista de uma onda. — Meadow? — diz ele, mas eu não lhe respondo. — Se o que me estiveres a dizer for verdade, vão mandar alguém para nos vir buscar. Talvez até venham eles. Não podemos ficar simplesmente à espera que aqui cheguem.

— Vai-te embora.

Ele levanta-se e penetra por entre as árvores.

Começo a pensar quanto tempo irei durar.

Pego no saco e retiro o envelope que a minha mãe me deixou. Abro-o.

Uma chave. Ela deixou-me uma chave.

«450 White Avenue» vejo inscrito nessa mesma chave. Pareço conhecer esses números como se, até certo ponto, eles me dissessem ao ouvido os segredos que encerram. Ponho os dedos dentro do envelope, com os olhos fechados e com o coração a bater-me aceleradamente.

Quando sinto um outro objeto rijo, faço uma pausa para respirar. Para prometer a mim mesma que irei manter a coragem. Retiro o objeto. É um crachá prateado da Iniciativa. O logótipo do olho fixa-me insistentemente.

Deixo-o cair na areia e afasto-me.

Existe um nome inscrito nesse metal

COMANDANTE LARK WOODSON, ESPECIALISTA

A Meadow corre através das árvores quando por fim chegam as Sanguessugas. Todos eles têm estranhos *NoteScreens* negros nas mãos.

Como se estivessem à nossa procura nesses ecrãs.

A tentarem identificar o local em que nos encontramos.

— Vêm-nos buscar — segreda-me a Meadow. Ela faz com que eu me baixe entre os arbustos e ficamos ambos ali deitados. O rosto dela está muito pálido e o seu número de catalogação parece mais escuro do que nunca. — A Iniciativa quer descobrir-te para te fazer calar, seja lá por que motivo. E também me querem apanhar devido a tudo o que vi no edifício.

— Tenho a impressão de que hoje é o nosso dia de sorte, não achas?!

Esperamos enquanto eles interrogam pessoas que estão na praia. Há uma mulher que aponta para as espinhas de peixe que a Meadow deixou. Talvez a denunciar-nos, esperando ser recompensada com uma quantia choruda. Mas não é bem-sucedida. Eles começam a espalhar-se e a entrar pela zona arborizada.

Passam por nós, tão perto que um deles quase me pisa uma mão. Que ótimos cães de caça esses tipos me saíram!

Esperamos até nos certificarmos de que eles se foram embora. Então, a Meadow levanta-se, sacode-se e olha muito para mim. — Vou-me embora e não quero que venhas atrás de mim.

Mas é isso mesmo que faço. Não vou perdê-la assim com essa facilidade. Nem sequer me importo com a situação ridícula em que isso me coloca. Caraças, a Talan, se assistisse a isto, iria faltar-se de rir.

— Penses o que penses de mim, não tens razão — digo-lhe. — Não sou uma Sanguessuga e não sei o que é o Complexo dos Assassinos. — Ela estuga o passo, de modo que começo a correr para a poder alcançar.

— Assim que baixares a tua guarda, irei matar-te — diz-me a Meadow. Os seus olhos são frios. — E não grites. Ainda não estamos a salvo.

Afasta umas quantas folhas de palmeira diante dela. Estas batem-me depois na cara. — Pois bem — digo, encolhendo os ombros. — Não faz mal.

Abrimos caminho por entre os arbustos, parando, uma vez por outra, para nos pormos à escuta. — A tua família encontra-se em segurança, não sei se sabes... — Informo-a. O cabelo balança-lhe por cima da cintura. — Saíram a tempo.

— Hum... — é tudo o que ela diz. No entanto, não sou estúpido. Sei que ela só se preocupa com eles. Sei que está cheia de esperança de os encontrar.

Em breve, os edifícios esqueléticos da cidade surgem na distância. Sente-se o cheiro a dejetos humanos recentes, o fedor do Cemitério. Reparo na chave que a Meadow tem na

mão. — Para onde vais?

— Isso não interessa — apressa-se a dizer-me. Mas depois suspira e mostra-me a chave. — Sabes onde é este sítio?

Leio a inscrição e sorrio. — A White Avenue é por aqui — digo-lhe pegando-lhe no pulso. Ela volta-se e atira-me contra um tronco de árvore, antes de me encostar o punhal ao pescoço.

— Se me tocares, morres — avisa-me ela.

— Deixa-te disso. Descontraí-te. Posso levar-te até lá. Não te vou fazer mal, Meadow.

— E por que razão iria eu acreditar em ti?

Passo as mãos pelo cabelo. — Porque estamos juntos nesta situação. Ambos queremos respostas. Precisas de mim para as decifrares.

— Não preciso de ninguém! — exclama ela. — Especialmente de ti, Doente Zero.

— Pois bem, eu preciso de ti. Preciso de descobrir o que tudo isto quer dizer. Preciso de saber o que se passa comigo. — Respiro fundo. — Por favor, Meadow.

Ela olha-me muito nos olhos. Podia jurar que consegue ouvir o coração a bater-me no peito. — Tens sorte, pois o meu pai ensinou-me a saber quando é que uma pessoa está a mentir — observa ela, entre dentes. — Pois bem, isto é mesmo bonito! — E ri-se ironicamente. — O que é mais triste é que terei agora de te manter em segurança, porque se o não fizer, eles irão matar-te e eu nunca mais terei as minhas respostas. — Ela atira com o punhal ao ar e fá-lo pousar sobre os nós dos dedos. Deixa-o a balançar por momentos, e depois fá-lo rodar. — Para mais, se a Iniciativa te assassinar... eu não terei de o fazer. Faz uma manobra errada e irás ver como este punhal te entra pelo coração.

— Devias ameaçar-me mais vezes. Eu até gosto.

Ela parece estar prestes a dar-me um murro na cara.

— Está bem — digo eu. — Nada de piadas.

Caraças.

— É por aqui. Mantém a cabeça baixa. Caminha com a multidão e não te afastes de mim, se é que consegues fazer isso...

Mantemos a cabeça baixa enquanto caminhamos, como quase toda a gente. Passamos por cima de cadáveres e tentamos não vomitar devido ao fedor. A rua ainda está húmida da chuva. As cigarras saltam-nos para as canelas. Retiro o chapéu da cabeça de um morto e ponho-o na minha. A Meadow apanha uma écharpe e enrola-a à cintura. Começamos a andar mais depressa.

— Caramba. Os Piratas estão aqui — digo-lhe. — Eles quase nunca saem da praia. Não são boas notícias.

Há uns quantos Piratas junto a um edifício, todos eles cobertos de tatuagens. Um deles tem uns óculos negros daqueles que as Sanguessugas usam, por vezes, para descobrirem e *encontrarem* um único número de catalogação entre a multidão. Ele começa

a andar atrás de nós.

— Devíamos ter coberto melhor os nossos números — murmura a Meadow. — Anda mais depressa!

— Quantas pessoas mataste tu no edifício? — pergunto-lhe, mas ela finge que não me ouviu.

Estamos a ser caçados e creio que fomos descobertos. Consigo ver pelo menos dez parvalhões. Estes continuam a usar os seus sinais e a assobiarem em código.

— Para a esquerda — digo, dando um encontrão na anca da Meadow. — Confia em mim — digo-lhe ao ouvido, e pego-lhe nas palmas das mãos suadas. Depois começamos a correr.

Para a esquerda. Para a direita. Consigo ouvi-los a correr atrás de nós, ansiosos por nos apanharem e obterem os seus créditos.

Estamos exaustos.

Vejo a White Avenue mesmo em frente, com a velha placa holográfica da rua quase dobrada ao meio, com o ecrã a tremeluzir tristemente. Começo a correr mais depressa e a arrastar a Meadow atrás de mim. A morada fica perto do enorme buraco.

Não é o que eu estava à espera. É bem pior.

O prédio onde a Meadow pretende entrar é um velho edifício cheio de unidades de armazenamento, todo torto e coberto de dejetos de pássaros; muitas destas unidades foram provavelmente abandonadas ou assaltadas.

E isso deve-se ao facto de haver algumas que já caíram no buraco. Passei por ali milhares de vezes, acarretando cadáveres na companhia da Talan. Já ninguém usa estas unidades, dado que o chão é extremamente instável.

— Não podemos entrar aí — observa a Meadow. Para e retira a mão da minha. — E se o chão der de si?

— É melhor do que ser isco para as Sanguessugas — contraponho. — Vamos.

Há um gradeamento feito com correntes que rodeia o lugar. Entramos através de um buraco no mesmo e perdemo-nos no labirinto de unidades, enquanto peço a tudo para que o chão não dê de si e nos engula.

— Para as unidades. Eles estão nas unidades! — ouço alguém gritar e, em seguida, já estamos a correr pelas filas à procura da 450.

— Nem de propósito! — Metade da 450 já está suspensa sobre o buraco. Uma Sanguessuga surge à nossa frente, de olhos esbugalhados, com uma fome predatória assim que nos reconhece. Está já prestes a gritar, mas nunca chega a ter essa oportunidade.

O punhal da Meadow assobia pelo ar e espeta-se até ao cabo na garganta do indivíduo. Ele cai, com o sangue a jorrar da ferida, para ficar estendido, já sem vida.

— Caraças — digo eu. — Tens uma pontaria espetacular.

— Desvia-o — pede-me ela, depois de ter retirado o punhal e de se ter dirigido para o cadeado na porta dessa unidade. Ouço um ruído de correntes quando ela roda a chave, mas a porta não se mexe. — Raios partam! — exclama ela. Tentamos puxar o cadeado para

cima, fazer com que este se mexa. Só depois reparo em qualquer coisa no metal, perto do chão. Um estranho logótipo composto por três raios de trovoadas.

— Que é isso? — pergunto, e a Meadow suspende a respiração.

Abaixa-se para pressionar a pulseira sobre o logótipo e a porta de metal abre-se por si só, revelando uma pequena abertura por onde poderemos entrar.

Creio que a pulseira dela tem uma outra chave.

— Entra — ordena-me a Meadow. Faço isso e entro pela escuridão. Ouço a Meadow respirar fundo antes de penetrar atrás de mim.

Não sei o que estava à espera de ver quando acendi a luz que pendia do teto.

Talvez estivesse à espera de encontrar um *NoteScreen*, com o rosto da minha mãe, que me explicasse tudo.

As palavras estão pintadas por todos os lados. *O Complexo dos Assassinos*.

Estão no chão. Nas paredes de metal. No teto. Em diferentes tonalidades de vermelho: grená, escarlate, castanho. Por todo o lado, como sangue. Ao lado das palavras veem-se grandes traços pintados, como se alguém se tivesse posto no meio da unidade e tivesse começado a atirar com baldes de tinta para todo o lado. Aos gritos.

Por que motivo queria ela que eu encontrasse este lugar? A minha mãe, que eu tanto amava, é uma pessoa muito diferente da que eu tinha em mente.

Ponho-me de pé. Toda a unidade estala, e sinto o chão dar de si.

— Tem cuidado — recomenda-me o Zephyr. — Mexe-te muito devagar.

Empurra o Pirata morto para a direita e acocora-se junto dele. — Trata-se de distribuir o peso. Não sei o que tu pensas, mas não me apetece cair neste buraco infernal.

— Se tiver oportunidade, empurro-te — digo-lhe.

A parede à minha esquerda está coberta de folhas de papel. Estão todas numeradas e a palavra ASSASSINO está pintada em vermelho vivo no cimo da parede, em enormes letras gotejantes com vários palmos de largura. Faço uma pausa para pensar melhor.

Número um. Tem uma data, como a página de um diário, de há vinte e dois anos. Antes que o Koi tivesse nascido. A escrita é apressada, mas posso ver que é a letra dela. Toco-lhe com a ponta dos dedos.

2 de outubro. A Equipa de Pesquisa da Iniciativa foi finalmente escolhida. O governo deu-nos dinheiro para financiarmos as nossas experiências. Hoje, o nosso doente respondeu bem às nossas ordens, fazendo tremer os dedos quando acionado. Estamos confiantes de que, em breve, o despertaremos do seu coma.

A minha mãe não era médica. Podia, é claro, tratar dos meus cortes e arranhões, mas despertar um homem de um coma? Li uma vez, num dos livros da minha mãe, que um coma era um sono sem fim, no qual as pessoas poderiam estar durante anos. Até mesmo décadas. Pensar que a minha mãe poderia curar um doente que estivesse em coma é tão ridículo que quase me começo a rir. Desvio-me um pouco para a direita, para a página dez, que está presa à parede.

17 de outubro. Descobri uma maneira de curar a paralisia. Todas as tentativas têm acabado com uma percentagem de sucesso de 90%. Mas não é o suficiente. Pelo menos para mim. Quero fazer mais para o bem de todos.

A minha mãe fazia coisas destas? Não, não é possível. Cambaleio até à parede em frente e toco com o pé numa resma de jornais. E aí está uma fotografia minha.

Não, não é a minha cara mas... a da minha mãe. Quando ela era ainda nova, com olhos suaves e cabelo igual ao meu. Debruço-me para a imagem, com os meus caracóis sujos de sangue a rasparem pelo papel. Ela está a sorrir do modo como a recordo.

«*Jovem Senhora Cura a Peste — Nova Esperança para Todos*» leio no título da notícia.

«*Lark Woodson, a filha de vinte anos dos Professores Adam e Jane Friedman da Universidade do Sul da Florida, descobriu uma cura para a fraqueza humana perante a doença. Essa cura irá tornar a Peste totalmente ineficaz, salvando assim a humanidade do seu fim anunciado. Woodson foi recentemente promovida a diretora de uma equipa de pesquisa intitulada A Iniciativa. A sua missão? Alterar o ADN humano para melhorar a Cura e distribuir esta por todo o lado. Já passaram semanas desde a fase experimental. Woodson resolveu o enigma que intrigou os cientistas durante anos.*»

Há um buraco na página que omite metade da história. Mas consigo perceber o suficiente.

«*“É tão espantoso”, disse Woodson, na sua casa da Florida. “Descobri uma maneira de fortalecer o sistema imunitário dos humanos, de modo a tornar impossível o contágio da Peste. De hoje em diante, uma pessoa só poderá morrer de causas naturais. A doença é uma coisa do passado. O mundo tem finalmente um futuro. Iremos continuar e durar.”*» Vejo outra fotografia da minha mãe, de pé diante do Perímetro, com um grande sorriso no rosto e a segurar, na palma da mão estendida, qualquer coisa pequena e retangular.

Um Alfinete.

Esta divisão está muito quente e parece sufocar-me com as suas paredes vermelhas gotejantes. O jornal paira até cair no chão, mas ainda consigo ver o rosto da minha mãe a olhar para mim.

— Isto é impossível — diz o Zephyr. Dá um passo em frente e toda a unidade começa a oscilar.

— Sai daí antes que nos mates a ambos.

Mas ele não parece importar-se com isso. — A tua mãe inventou os Alfinetes? E a Pulsação? Então *ela* foi a pessoa que nos curou da Peste?

Volto a olhar para a parede. A escrita rápida da minha mãe surge de novo.

— Lê-me isso — pede-me o Zephyr. — Por favor.

«*Dezembro 24*», começo. Falta o ano. «*A Iniciativa expôs a população à cura através da distribuição de água.*»

Avanço umas linhas.

«*Tudo se começa a desmoronar. A cura está a manter-nos vivos a todos, mas matou os animais terrestres maiores. Estamos a ficar sem recursos. Os cidadãos estão a morrer de fome. Graças a Deus que faço parte da Iniciativa. Comprámos quatrocentos hectares na Florida com o financiamento que recebemos pelos nossos esforços. Podemos começar agora a fazer experiências acerca de um Controlador da Cura. Foi-me dada a posição de comandante que chefia a Equipa Científica de Controlo da População. O John irá ficar*

contente com as rações alimentares que iremos receber por causa desta...»

O meu pai. Quanto de tudo isto saberia ele?

Começo a ler um outro artigo. *«O Perímetro foi finalmente selado. O resto do país está de rastos, mas aqui ainda temos a oportunidade de começar de novo.»*

E outro...

«Esta noite iniciámos as primeiras experiências no Complexo dos Assassinos. Em troca de rações alimentares para o resto da vida, a nossa doente irá ser submetida aos procedimentos. Iremos mandá-la para os Baixios, e vamos controlá-la, à medida que formos tomando as decisões por dela. Por vezes pergunto a mim mesma...»

Afasto-me da parede e sento-me no meio do chão. Engulo em seco e tento pensar racionalmente, da mesma maneira que o meu pai faria, se estivesse aqui neste momento ao meu lado. Do modo como ele me treinou. Ele iria respirar fundo. E adaptar-se à realidade da situação.

Iria encarar os factos, e eles estão aqui mesmo, diante de mim, escritos com a letra da minha mãe.

ZEPHYR

Quero arrancar a fotografia da parede e rasgá-la em bocadinhos.

É demasiado sangrento ver duas crianças a lutar até à morte. São ambas calvas, com as cabeças rapadas e lisas como o vidro. Têm números de catalogação adicionais tatuados na parte de cima da cabeça.

A7. A8. Têm os rostos mortos. Vazios de qualquer emoção. Como máquinas. É tudo uma coisa de meter nojo.

Há cientistas por detrás de uma parede de vidro, a tomar notas. É como se todos estivessem a apostar sobre quem iria ganhar aquele combate de cães, como se as crianças não fossem humanas. Mas as listas são piores. Existem nelas todos os nomes e números que cobrem uma parede de cima a baixo. Milhares deles.

Doente X. Allen Troy. Doente U78. Sicily Peters.

Vemos os nomes e, ainda que saiba o que estou prestes a descobrir, tento pensar que isso não seja verdade. — Olha para o meu couro cabeludo — peço, entre dentes, à Meadow. — Não vês aí nada... pois não?

Ela aproxima-se de mim sob a luz mortiça, com cuidado para não fazer movimentos bruscos. A unidade volta a estalar, e ela para. Deslizo então até ela. Ela toca-me no cabelo, puxando-o cuidadosamente para o lado. Eu sustenho a respiração.

— Não vejo nada, Zephyr — diz a Meadow. Mas continua a procurar. De súbito sinto o seu sobressalto e as pontas dos dedos dela no meu couro cabeludo. — Qual foi a palavra que usaste outra vez?

— Qual?

— A pior — diz ela. — Está aqui, Zephyr, tenho muita pena.

Ambos nos voltamos para a lista e vemos: Doente Zero. Zephyr James.

— Caraças! — exclamo.

— Pois — diz ela. — Caraças...

MEADOW

— Que quer isto dizer? — pergunta-me o Zephyr. As mãos dele ainda parecem estar coladas à parede onde ele viu o seu nome, como se as respostas lhe fossem chegar quanto mais tempo ali ficasse naquela posição.

Empurro-lhe a mão. — Para de olhar para isso. E vai-te embora, pela última vez.

Existem outras coisas no compartimento. Pilhas de velhos caixotes de madeira.

Tenho de me mexer, de fazer *qualquer coisa*, para além de aqui ficar com a cabeça a arder.

— Abre as caixas — peço ao Zephyr. — Mas devagar, com cuidado.

Ele dirige-se à primeira, e começa a tentar abri-la.

Está cheia de facas, de belas facas que custam milhares de créditos. O coração cai-me aos pés. Como é que ela pôde arranjar tantas? Mas, é claro, ela tinha tudo o que queria.

O segundo caixote está cheio de plantas arquitetónicas. Retiro uma e aliso-a no chão.

Edifício «A» da Iniciativa — Pesquisa Científica.

É um plano dos sistemas de refrigeração. A minha mãe era a comandante. Assim sendo, por que motivo precisaria ela de saber as entradas para estes mecanismos nos edifícios da Iniciativa? Melhor ainda, por que motivo teria ela uma unidade de armazenamento cheia de plantas arquitetónicas e de facas?

— Bolas, Meadow, conheço este edifício — murmura o Zephyr quando lhe mostro a planta.

— Já lá estiveste?

— Não. Nunca — afirma ele, abanando a cabeça. Tem os olhos vítreos e a confusão parece dar-lhe um aspeto mais novo, como se ele fosse uma criança. — Mas tenho tido sonhos acerca dele. E começo a acreditar que talvez os meus sonhos não sejam de facto sonhos.

Ouço passadas no exterior. A unidade começa a balançar. Sustenho a respiração.

Consigo ouvir correntes a serem mexidas. Estão a abrir os cadeados. Não irá demorar até terem aberto a unidade que pretendem.

— Leva estas — murmuro, e ponho uma série de plantas nos braços do Zephyr. Ele encontra uma velha mochila poeirenta, encostada a uma parede, e começa a pô-las lá dentro. Sem me perguntar nada. Limita-se a fazer o que lhe peço, como se o facto de me obedecer fosse desculpa suficiente.

Abro o caixote seguinte, mantendo uma mão no punhal e um olho nas costas do Zephyr. Trata-se de um caixote longo e retangular semelhante a um caixão e, por momentos, fico com medo de encontrar um corpo. Mas, quando o abro, começo a sorrir.

— Oh! — Sustenho a respiração, e o Zephyr surge perto dos meus ombros. Ignoro-o. É uma besta, a arma que pertencia à minha mãe. Ponho os dedos no gatilho e lembro-me

do modo como ela costumava alvejar gaivotas do alpendre da nossa casa flutuante. Eu e o Koi fazíamos corridas na água como cães de caça. Quem apanhasse o pássaro primeiro era quem tinha direito a disparar a seta seguinte.

Era sempre eu e nunca deixava de acertar.

Por que motivo não nos alimentava ela? Por que motivo não nos mudou para este complexo de edifícios para vivermos com os outros e estarmos sempre em segurança? Para nunca termos fome e estarmos sempre longe dos assassínios? Por que razão nunca nos revelou quem ela era realmente?

A besta já tem quatro setas incorporadas, com as penas nas pontas vermelhas e negras. É linda. Letal. Tão familiar. Parece estar viva.

O chão volta a tremer. Mais papéis começam a cair.

— Que é que estás a fazer? Não podemos ficar aqui! — avisa-me o Zephyr, mas eu levanto uma mão para o calar.

Deslizo um pouco pelo chão e meto a mão no caixote com facas. O Zephyr põe algumas na mochila. Encontro duas bainhas de couro e ato-as à minha perna. Embainho aí duas facas e levanto-me, pondo a besta ao ombro, ainda a sentir-me confusa acerca da minha mãe. A sentir-me zangada, mas também a sentir-me forte.

Então ouvimos o clique. Encontraram-nos.

— Esta — diz uma voz, e o meu coração quase para de bater. — Podíamos atirar esta para dentro do buraco.

— Eh, pá, imagina os gritos.

A primeira voz diz rispidamente: — Eles querem-nos vivos. Vamos. Abre-me esta coisa!

O Zephyr tenta colocar-se à minha frente, mas eu afasto-o para o lado e ponho uma seta na besta. Levanto-a bem segura diante de mim, pouso o dedo no gatilho, e deixo que a memória da voz do meu pai me acalme. *Respira. Braços bem firmes. Concentra-te.*

— Eles não têm a pulseira. Não conseguem abrir esta unidade — digo-lhe entre dentes.

A porta explode e eu caio para trás em cima do Zephyr.

— Vamos a sair, meus meninos, antes que vocês caiam!

Não temos escolha. Tenho quatro setas e eles são dez. Sete soldados da Iniciativa e três Piratas. Deixo cair a besta.

— Linda menina. Agora porta-te como uma boa cidadã e sai daí.

A unidade oscila. O Zephyr empurra-me pela porta arrancada, mesmo a tempo, enquanto a unidade começa a cair para o buraco.

As Sanguessugas atam-nos os pulsos para não podermos fugir.

Não que fôssemos suficientemente estúpidos para o tentarmos. Eles têm pistolas cravadas nas nossas costas, prontas a disparar, enquanto nos empurram pelas ruas.

— Vocês sabem que não valem muito — digo aos dois Piratas que me estão a agarrar pelos braços. As Sanguessugas caminham em frente, desviando para o lado os cidadãos. — Sou apenas um Programado. Vocês acham mesmo que as Sanguessugas vos irão dar créditos por lhes levarem um miúdo *como eu*?

— E a rapariga ainda é pior — acrescento. — Vocês não a querem. Ela é doida.

— Caladinho e toca a andar — resmunga um deles.

A Meadow olha para mim como se preferisse matar-me, em vez de o fazer aos seus captores. Embora eu não estivesse a falar a sério quando disse que ela era maluca. Estou a tentar salvar-nos disto.

Caminhamos ao longo das linhas de caminho de ferro e sei agora que estamos apenas à espera que a máquina de metal apareça. Assim que isso acontecer, iremos acabar lá dentro, a caminho da sede das Sanguessugas.

Não posso permitir que tal aconteça.

Grande parte da multidão desloca-se numa direção, mas há alguém a vir direito a nós, a empurrar toda a gente. Trata-se de um homem com uma máscara.

É apenas uma camisa rasgada que lhe oculta a cara, com buracos para os olhos e para a boca, mas apanha-me desprevenido.

— Vão para o inferno, Sanguessugas! — grita o homem.

Levanta um cartaz, pintado à mão numa folha fina de metal descartado.

É um desenho do logótipo das Sanguessugas, um olho aberto.

Mas existe um punhal mesmo no meio desse olho, e sangue que escorre de um canto do mesmo. É incrível.

— Morra a Iniciativa! — grita ele. — Que não impede que alguém nos mate!

As pessoas param na rua e ficam a olhar para ele sem acreditarem no que estão a ver. Toda a gente sabe que o último que protestou foi logo posto no cepo.

Mas hoje é diferente, porque eu estou aqui. Já fui apanhado.

— Morte às Sanguessugas! — grito. — Merecem morrer.

— Apanhem-no, não consigo alvejá-lo do sítio em que me encontro — diz o soldado Sanguessuga para os Piratas. — Nós tratamos destes dois. — Os três homens afastam-se a correr atrás do mascarado que protesta. Este continua a gritar enquanto corre pela rua, e as pessoas *desviam-se* para o deixarem passar.

— Parvo — diz a Sanguessuga. Está quase a acrescentar mais qualquer coisa, mas no instante em que vai abrir a boca, acontece algo espantoso.

O corpo dele fica todo inteiriçado, como se o homem acabasse de ser mordido por uma vespa e não conseguisse suportar a dor. Por instantes, fica com os olhos esbugalhados. Depois tosse e o sangue começa a jorrar-lhe dos lábios. Põe as mãos no peito, tenta respirar, e não demora muito até cair no chão. Tem uma seta espetada nas costas.

— Que caraças... — ouço-me a dizer.

A Sanguessuga está morta.

A multidão começa a gritar quando as setas começam a chover do céu.

As setas da minha mãe.

As penas são negras e vermelhas, a haste prateada e letal.

Uma atinge o soldado que me olha de soslaio antes de cair na rua.

A multidão começa a gritar. Empurram-se uns aos outros e tentam fugir, mas há tanta gente... Uma outra seta aloja-se no coração do soldado.

Existe apenas uma pessoa que eu sei ser capaz de disparar com essa precisão.

O meu pai.

Sobraram dois soldados, um que está a agarrar no Zephyr e o que me agarra a mim. Se quisesse, poderia atirar por terra o meu capturador, e depois atacar o outro. Porém, em vez disso, irei dar ao meu pai a satisfação de abater ambos.

Ouve-se um assobio e uma seta voa mesmo junto à minha orelha, levanta-me o cabelo mas não me fere. Espeta-se profundamente na garganta do capturador do Zephyr e o homem morre instantaneamente.

Fico à espera da última seta. O soldado que me está a prender solta-me o braço. Tenta fugir, mas a multidão à nossa volta é tão densa que ele não o consegue fazer. As pessoas ficaram onde estão, a olhar, cheias de surpresa, para os homens mortos da Iniciativa.

Passam trinta segundos. A seta não vem e eu dou-me conta de que o meu pai *quer* que eu faça esse trabalho. É claro.

Na distância ouço uma sirene a apitar. Em breve eles irão chegar com pistolas, espingardas e gás, e não haverá hipótese de escaparmos. Por detrás do soldado, posso ver o cabelo louro do meu pai, à medida que ele vai descendo por uma velha escada de segurança. Vem buscar-me.

Eu e o Zephyr atiramo-nos ao soldado. Este cai no chão mas, em vez de o matar, retiro o punhal do meu cinto e encosto-lho à garganta, onde ele já deveria estar há muito tempo.

Depois olho para as pessoas que nos rodeiam, para os seus rostos famintos e para a esperança que lhes brilha nos olhos.

— Façam o que quiserem com ele! — grito. — Ele agora é vosso.

Apressamo-nos a correr para as sombras do edifício mais próximo onde o meu pai já está à espera.

O pai da Meadow põe-me a besta junto à garganta.

— Por que motivo ainda não morreste? — pergunta-me. Tem o rosto coberto de suor e de poeira. Parece estar mais assustado do que na casa flutuante.

— *Paizinho* — diz a Meadow. Ela põe as mãos sobre a besta. — Ele não é quem tu pensas.

— Um agradecimento da tua parte seria suficiente, Meadow. Tenho andado atrás de ti o dia todo — diz-lhe ele. Mas sorri e põe-lhe a mão no ombro. — Fizeste uma boa manobra, acredita... Deste-lhes esperança pela primeira vez em muitos anos.

A Meadow fica muito corada. Meu Deus, este fulano provavelmente *nunca* a elogia.

— Onde está a Peri? E o Koi está com ela? Eles estão bem?

O pai dela sorri. — Estão ótimos. Irás vê-los em breve. Ainda tens a pulseira da tua mãe?

Não é uma pergunta de que eu estivesse à espera, sobretudo quando estamos todos encolhidos na sombra de um edifício, à espera que as Sanguessugas nos venham buscar. Mas, de qualquer modo, a Meadow levanta o pulso para mostrar ao pai a concha de estimulação.

O seu rosto fica mais descontraído. — É um transmissor de proteção. A tua mãe fê-lo para que, quando o usas, a Iniciativa não possa encontrar-te através do Alfinete. *Tal como* qualquer outra pessoa num raio de um metro e meio.

A Meadow suspira e olha para a pulseira com uma certa admiração.

— Espera aí — digo eu, abanando a cabeça. — Então esses idiotas podem apanhar-nos através dos nossos *Alfinetes*?

O pai da Meadow ri-se e abana a cabeça. — Eles podem fazer bem mais do que isso.

Ouve-se um tiro. — Segue-me. Não te afastes da Meadow — diz-me o pai dela. E começa a correr rapidamente.

Baixamo-nos numa viela e começamos a correr. Conseguimos chegar aos paus salgados. Estou já prestes a que a máquina leia o meu número de catalogação, para que nos possamos esconder na segurança da Reserva, mas o pai da Meadow agarra-me pelo braço.

— Quando deixas que te leiam o número, acabas por alertá-los. Usa a tua cabeça.

Ouço o comboio a passar. Vai e vem através do centro dos Baixios sempre à hora certa.

Corremos para as linhas. A máquina torna-se visível, com a sua massa de metal ferrugento coberta por velho sangue já seco.

— Tenta não morreres! — A Meadow sorri, com os olhos em fogo.

Salto e agarro-me à primeira coisa que encontro. Tenho as pernas suspensas. Caraças,

vou cair, ser devorado pelas linhas e cortado em pedacinhos.

Mas o pai da Meadow agarra-me por um pulso e puxa-me. Ao fim de alguns segundos, já estou estendido de barriga para baixo, no interior da carruagem, com o coração a bater contra o chão rijo.

— Este comboio é nosso! Fora daqui, já! — sibila um homem a um canto. Cheira-me a álcool e a suor. E, ah, existe um rapariguinha a seu lado com lágrimas nos olhos.

Tem o vestido rasgado, o cabelo emaranhado e marcas vermelhas nos braços e nas pernas. Ela põe as mãos no peito e olha para nós como se quisesse gritar por socorro, mas nenhuma palavra lhe saem da boca.

A Meadow tira a besta ao pai e aponta-a à cara bêbada do otário. — Salta já do comboio, meu bêbado sacana — diz-lhe ela.

— Eu cá faço o que me apetercer. — O homem ri-se.

— Salta já do comboio antes que esta seta te atravesse a garganta — diz-lhe a Meadow, aproximando-se mais dele. — Posso matar-te devagarinho. Podes morrer afogado no teu próprio sangue. Ou então posso usar um punhal para te arrancar os olhos. A escolha é tua.

— És doida — diz o homem, mas levanta-se, começa a cambalear e aproxima-se da porta, já com os dedos dos pés fora da carruagem, pronto a saltar do comboio.

Mas não tem de o fazer. A Meadow atinge-o na parte de trás do pescoço. Ele desaparece quando o comboio faz uma curva, e a rapariguinha sorri de orelha a orelha.

— Sabes nadar bem? — pergunta-lhe a Meadow.

Ela acena com a cabeça, com os olhos castanhos muito abertos. — A minha mãe ensinou-me.

— Quando o comboio passar por cima da ponte, quero que saltes para a água. Queres para terra, que trepes a uma árvore e que fiques aí até de manhã. Estás a perceber? — A rapariguinha acena-lhe que sim e, quando o comboio passa ruidosamente pela ponte, vejo-a saltar, sem um momento de hesitação.

MEADOW

O comboio para.

— Já receava isto — observa o meu pai. — Estão a cortar todo o trânsito até que vos consigam encontrar. Meadow, não sei o que fizeste. Mas já os ouvi falar, e sei que irão fazer tudo para vos apanhar. Talvez cheguem mesmo a capturar o teu irmão e a tua irmã, se isso lhes facilitar a vida. Vamos para um sítio seguro. Vamos lá.

Saltamos do comboio e começamos a correr atrás do meu pai.

Ele leva-nos mesmo para a orla do Cemitério.

Este surge diante de nós como um animal gigante, com as chaminés a fazerem com que o lugar pareça vivo. Um monstro a respirar, à espera de nos engolir inteiros.

Acabo por parar, e o Zephyr faz o mesmo a meu lado. O meu pai volta-se para trás quando se dá conta de que já não o estamos a seguir.

— É o único lugar, Meadow. Para já, até eu poder estabelecer contacto com os outros.

Não lhe pergunto quem são os outros. Tento ultrapassar o meu medo e sigo o meu pai até ao outro lugar na cidade onde jurei que nunca iria entrar.

Há duas montanhas de lixo ao nosso lado. O vapor faz com que a temperatura se eleve estupidamente. Tenho a roupa já colada ao corpo e é-me difícil respirar. À medida que vamos andando, consigo ouvir os ruídos das baratas e dos grilos que trepam pelo lixo.

— A Peri e o Koi estão aqui? — pergunto.

— Estão com um velho amigo meu — responde-me ele —, em segurança.

Ele leva-nos um pouco mais para a esquerda sob uma outra torre de vapor. Através do vapor e da bruma posso ver bastantes pessoas encolhidas contra o lixo. Há uma mulher com uma velha gaita de beijos a tocar uma canção. Vejo um homem e uma mulher a rasgarem as roupas um do outro, aos beijos. Um menino, com lixo até aos joelhos, assobia-nos e começa a recuar. Tem uma ratazana nas mãos.

Tento rodeá-lo, mantendo-me mais perto do Zephyr.

— Onde estão os Cangalheiros? — pergunta-me ele, baixinho.

— Creio que só saem de noite — respondo-lhe. — Não gosto deste lugar, mesmo de dia. Não consigo acreditar que a Peri possa estar algures por aqui.

O meu pai conduz-nos mais para o centro do Cemitério. Não me parece que eu fosse capaz de encontrar uma saída deste local sem a sua ajuda. Há barracas feitas de madeiras velhas e de metal descartado, encaixadas por entre os montes de lixo. Há montanhas dele, tanto quanto consigo ver, e uma série de estreitos carreiros sinuosos entre elas. Paramos finalmente diante de uma barraca com um velho tejadilho de automóvel a servir-lhe de porta. O meu pai bate nela três vezes.

Ouçó passos do outro lado, e a porta abre-se com um guincho de dobradiças ferrugentas e improvisadas.

Quase caio para trás, mas o Zephyr agarra-me.

Porque o homem que está à porta diante de nós é um daqueles que eu vi nas velhas fotografias da minha mãe.

É um membro da Iniciativa.

O homem que está à porta parece louco.

Tem cabelo branco que lhe cai em canudos sobre os ombros. Tem o olho direito coberto com um velho tapa-olhos, e eu consigo ver uma cicatriz irregular que lhe aparece por baixo do mesmo.

No instante em que a Meadow o vê, desembainha o punhal e coloca-lho junto à garganta.

— Meadow! — grito-lhe. — Para!

— Ele trabalha para a Iniciativa — diz ela, com voz de poucos amigos. — Vi-o na fotografia da minha mãe!

O idoso sustém a respiração. Depois afasta a lâmina da arma com uma palmada, e a Meadow fica tão chocada e confusa que eu acabo por me pôr a rir.

— Tira-me daqui essa faca, miúda! — diz ele. — Sou reformado e, se tu tivesses metade da esperteza da tua mãe, saberias disso. O melhor é entrares, antes que eles te vejam.

O pai da Meadow ri-se e baixa-se para passar pela porta, mas ela não o segue.

Ponho-lhe uma mão no ombro. — Por vezes tens de confiar nas pessoas. Está tudo bem. Tu tens o teu punhal e tens-me a mim, uma arma automática desgovernada...

Ela quase sorri e segue-me quando entro.

A barraca está vazia. Um espaço sem nada, com uma velha lona encerada e poeirenta a cobrir o chão. O idoso desvia-a, mostrando um alçapão.

Descemos todos para um local muito escuro.

A entrada dá para um túnel, um grande cilindro de metal que parece ter feito parte de uma máquina gigantesca. O velho acende uma lanterna que brilha com uma luz azulada, algo que deverá ser de antes da Queda.

Seguimo-lo pelo túnel passando por baixo do lixo. Há tábuas e toros de madeira que sustentam o teto, em sítios onde esse cilindro se encontra corroído. Receio que, se espirrar, tudo possa vir abaixo.

— Encontrei esta maravilha há já uns tempos — afirma o idoso, batendo com os nós dos dedos no cilindro. — Precisava de alguns arranjos em certos sítios. Felizmente, em tempos, fui arquiteto. E engenheiro. Mas isso não importa.

O túnel dá finalmente para uma pequena divisão. As paredes estão forradas de metal e de um emaranhado de fios. — Um transmissor de proteção, tal como a tua pulseira, minha menina — explica ele a Meadow. — Impede que os meus antigos colegas me encontrem aqui.

Existe toda a espécie de tralha nesta divisão. Uma secretária de madeira pré-Queda, cheia de bugigangas de cobre e de bronze que rodam e zumbem. Tenho a impressão de ter

visto um balde para urinar a um canto, e sacos de rações empilhados.

Também existe uma pilha de cobertores num outro canto, e dois vultos que aí dormem.

A Meadow sustém a respiração.

— Koi! — grita ela. — Peri! — Começa a correr e quase cai por cima deles. Os irmãos dela acordam. É como uma espécie de reunião, com todos a sorrirem e a rirem-se.

Eu não tenho esse tratamento. Nunca o terei.

Depois, a Meadow volta-se e aponta para mim, segredando qualquer coisa ao irmão.

Oh, caras.

Quando ele me encara, poderia jurar que me iria matar.

— Trato de ti mais tarde — diz ele. E fecha os punhos.

A Meadow e a família sentam-se no chão. Eu sento-me ao lado do idoso que se apresenta como Kansas.

— Sei o que tu és — diz-me ele. Olha para mim com o seu único olho são, como se eu fosse explodir a qualquer momento. — Sei tudo a teu respeito.

— Deves ser o único — observo eu. — A Meadow não confia em ti e gostaria que soubesses que eu também não.

— Eu também já não confio muito em mim. Sobretudo depois de tudo o que fiz. Mas agora vamos comer. Trabalhei quarenta anos para acumular todas estas rações alimentares.

Abrimos os sacos, e temos a primeira boa refeição desde há muito tempo.

Depois de comermos, peço-lhes para me retirar. Sinto-me a asfixiar naquele local e preciso de alguns minutos para respirar. Quando saio, é já fim de tarde, abro caminho através dos montes de lixo e, ao fazê-lo, não posso deixar de pensar por que motivo o meu pai teria escondido de mim todas estas coisas. Um refúgio secreto no Cemitério, um ex-funcionário da Iniciativa que está do nosso lado, a verdade acerca da minha mãe.

— Sabes que andar por aqui não é muito seguro — ouço uma voz dizer por detrás de mim.

Volto-me e vejo o meu pai. Não o senti aproximar-se. Se ele fosse um inimigo, eu já poderia estar morta.

— Senta-te um pouco a meu lado — sugere ele. Posso deduzir, a partir do seu silêncio, que os seus pensamentos o atormentam tanto como os meus.

— Por quanto tempo? — pergunto-lhe, para iniciar a conversa. — Por quanto tempo é que a minha mãe lhes pertenceu?

Ele dá um suspiro fundo. Cheio de dor. — Devias agarrar-te às memórias que ainda tens dela, Meadow.

— Preciso de saber a verdade.

Ele volta-me as costas e, ao fazê-lo, algo dentro de mim se perturba. Julgava que iria sentir um pedaço do meu mundo a encaixar-se no lugar. Em vez disso, ele está a arrastar-me para uma escuridão que ameaça engolir-me por completo.

— Será que vocês os dois não fizeram já o *suficiente*? Fui perseguida por toda a cidade. Tive de destruir *o nosso lar*, e tive de matar demasiados indivíduos. Ainda estou a ser perseguida. Quero respostas. *Mereço* essas respostas.

— Tu mereces o que ganhas — diz ele e, ao falar, sinto que me pouisa uma mão no ombro.

Já conheço essa manobra. Sei o que ele está prestes a fazer e anseio por isso.

Volto-me para o encarar. Mas, antes mesmo que me mexa, ele levanta a mão. Tem um pedaço de tecido negro nos dedos. — Nada te será dado. Terás de ser tu a alcançá-lo.

Fico sentada enquanto ele me põe uma venda nos olhos.

— Ouve os sons à tua volta. — A voz dele chega-me da direita. Volto-me e salto, mas sinto uma deslocação de vento quando ele se desvia do meu ataque. Puxa-me pelas pernas e eu fico estendida no chão, com a boca cheia de terra e de lixo.

— Não te defendeste nada bem, Meadow. Concentra-te.

Cerro os dentes e levanto-me, tentando escutar a voz do meu pai, a sua respiração. Mais à esquerda. Invisto, e dessa vez atinjo-o, mas ele desvia-se uma vez mais. Volto-me e sinto as mãos dele em redor da garganta.

— Estás morta — afirma, soltando-me. — Outra vez.

Falho duas vezes. Três vezes. Já tenho sangue na testa, a ensopar-me a venda.

— Faz com que isso *signifique* qualquer coisa para ti. Tens de querer com muita força.

E quero. Penso na Peri e no Koi. Penso na minha mãe e no modo como ela escondeu de nós quem era. Sempre senti a escuridão dentro de mim e desta vez não irá ser diferente.

— Não te concentres nos olhos, ouve-lhes apenas a respiração e segue-lhes os movimentos. — A voz do meu pai está agora à minha direita. Ele está a falar de pessoas como o Zephyr. Mas será que são inimigos quando o que fazem é algo que não conseguem controlar?

Ponho-me à escuta mas ele é silencioso como um predador.

Sinto uma brisa. Um tinir de metal, um esvoaçar de papéis, o esgravatar das baratas. O vapor que me cai nos ombros torna o calor insuportável. Ponho todos os meus sentidos no que me rodeia e imagino-o à minha volta, à espera que eu falhe mais uma vez. Mas desta vez não vai ser esse o caso.

Há uma pequena mudança na tonalidade do mundo quando qualquer coisa me bloqueia do vento. É a ausência de som, como se o meu pai o absorvesse. Visualizo as ondas sonoras a girarem em volta dele, e arrisco. Atiro-me a ele, impelida pela minha raiva, pela minha dor, pelo meu medo. Caímos no chão e eu ponho a ponta do meu punhal contra a sua garganta. Por momentos, quero feri-lo. Quero pôr-lhe cicatrizes no corpo e magoá-lo do mesmo modo como ele me magoou a mim. Mas isso iria apenas enchê-lo de orgulho, de modo que embainho o punhal. — Dá-me as malditas respostas...

Aparto-me dele e fico estendida no chão. Retiro a venda.

— A tua mãe armou-se em Deus. A mudar as leis do universo. Os pais dela trabalharam toda a vida na ciência. Quando morreram, devido à Peste, a tua mãe dedicou-se a vingá-los. Descobriu uma cura.

— Os Alfinetes e a Pulsação — digo eu, e ele acena-me que sim.

— Arranjaram delegações por todo o país. Em breve, todos estavam curados.

Fecho os olhos e disponho-me a ouvir sem fazer juízos de valor.

— Mas a morte também tem o seu lugar no mundo — continua ele. — Não a podes erradicar sem consequências.

O meu pai volta-se, e olha fixamente para mim.

— Lembras-te de quando costumavas colecionar conchas?

Aceno-lhe com a cabeça. A minha mãe levava-me para a praia todos os dias quando eu era criança. Examinávamos a areia e encontrávamos tesouros. Ela contava-me histórias acerca da proveniência de cada um. Uma sereia. Dois amigos em costas separadas, enviando provas de amor através do mar. Não demorou até eu ter acumulado muitos... Não havia espaço suficiente no meu frasco para os guardar. E, de súbito, percebo o que o meu pai quer dizer.

Sem a morte, só existe vida. Lembro-me de como eu e a minha mãe nos debruçávamos, num dos lados da nossa casa flutuante, e víamos os meus tesouros

preciosos a desaparecerem no mar.

— *Começaremos de novo, Meadow* — dizia-me ela.

Foi isso que ela decidiu fazer connosco?

— Não havia maneira de ela poder emendar o que tinha feito. Damos ao mundo um *milagre* — ele pronuncia esta última palavra como se fosse o seu oposto — e não o podemos anular. Foi assim que nasceram os Baixios, e os muros foram construídos para nos manter todos aqui. E o Complexo dos Assassinos foi criado.

Sinto uma náusea a crescer-me do estômago e quase a vir-me à boca. Não quero ouvir o que ele irá dizer a seguir. Não quero inteirar-me de que tudo o que vim a saber é verdade.

— Inicialmente, era apenas um local de testes. Ela assumiu o papel de Deus. Retirou às pessoas o que lhes tinha dado, e não só. Ela usava o Complexo dos Assassinos para decidir quem iria morrer, e quando...

— Não estou a perceber — digo-lhe. — Porque não reverter simplesmente essa cura? Será que não podíamos retirar os Alfinetes?

O meu pai ri-se. — Os Alfinetes são apenas um embuste, Meadow. Não existem nanites nos nossos Alfinetes. Estas já foram postas no nosso sangue há muito tempo, através da água. Ainda estão dentro de nós, Meadow, mas todos temos um Alfinete para que possam saber onde estamos. Os Baixios são um enorme centro de testes, e *todos nós* fazemos parte dessa experiência. Ou, pelo menos, foi assim que tudo começou. Deveria durar apenas alguns anos. Agora mantêm-nos aqui. Estamos encurralados e o mundo lá fora ainda está pior. A Pulsação, por mais inacreditável que te pareça, mantém os outros fora deste espaço. Bem, assumindo que existe alguém para lá deste mesmo espaço.

— E o Complexo dos Assassinos? — pergunto-lhe. — Por que motivo ainda o mantêm?

O meu pai suspira. — A cura está no sangue de todos e, uma vez lá, assim permanece, passando de geração em geração. Ninguém morre, Meadow...

— E as pessoas como o Zephyr? Que se passa com elas?

Ele volta-se e ergue a cabeça para olhar para as estrelas. — São *fabricadas*, Meadow. Os doentes... Não através de um nascimento, mas no laboratório. Os seus corpos crescem muito depressa e, logo que atingem a maturidade desejada, a cirurgia é muito simples. Existe um implante que é ativado quando a lotaria os escolhe para uma missão. São-lhes dadas memórias felizes. Memórias tristes. Tudo o que possa ser necessário para que acreditem que nasceram e que foram criados neste mundo, juntamente com as outras pessoas.

»Fazem deles Programados. À noite, são vigiados dentro da Reserva. Essa foi uma ideia da tua mãe. Que cidadão iria suspeitar desses Programados órfãos? Na realidade eles acabam por ser úteis. É tudo um embuste. Eles são como máquinas.

Zephyr. Pobre Zephyr.

— As coisas mudaram quando a lotaria *te escolheu*, Meadow.

— O quê?

— O Complexo dos Assassinos escolheu-te. Para morreres. Tu não devias estar no sistema. Mas estavas lá, como se alguém tivesse inserido o teu nome nele. Talvez por vingança...

— E ela fez com que isso parasse... Quero dizer... fez com que me retirassem do sistema, não é verdade?

O vento afasta-me o cabelo dos olhos e dou-me conta de que o meu pai me está a observar. — Ela amava-te, Meadow.

— Perguntei-te se ela me retirou do sistema.

Ele toca no alto do nariz com dois dedos. — Ela acreditava que a lotaria era lei. Que ninguém a deveria mudar ou alterar...

— Então estava pronta a sacrificar-me?

— Não, ela retirou-te da lista antes que alguém te pudesse matar. — Suspira, colocando-me uma mão no ombro. — Nunca conseguimos apurar quem te voltou a lá pôr. Essas pessoas ainda podem andar por aí e, um dia, Meadow, talvez chegue a tua hora. A tua mãe já cá não está. Já não te pode proteger. Terás de fazer o que for necessário para que possas sobreviver. Foi para isso que te treinei durante toda a tua vida.

Se é verdade o que ele me diz, isso quer então dizer que, fosse quem fosse, teria voltado a atacar. O Zephyr não me deveria ter perseguido. Mas fê-lo. Tentou matar-me. Fui programada no seu cérebro. Talvez há anos. — Porquê eu? — pergunto. — Porque não o Koi ou a Peri? Ou tu? E a mãe morreu. Não há assim motivo para a estarmos a criticar. Porque é que eles não nos deixam em paz?

O meu pai fecha os olhos e suspira. — Porque tu eras muito especial para a tua mãe — continua ele. — E matar toda uma geração não é uma coisa que as pessoas possam perdoar, Meadow. Pôr-te no sistema foi afinal um ato de vingança contra a tua mãe. Para destruir tudo o que ela mais gostava, tu... e o sistema dela.

— E a mãe? — pergunto, à medida que tento assimilar toda esta informação. A minha voz está estranhamente calma. — Que é que lhe aconteceu realmente?

— Já não precisavam dela. Ela queria despedir-se e levar-nos a todos para fora dos Baixios, para o mundo real, onde poderíamos correr riscos. De modo que a mataram antes que ela o pudesse fazer. Eu via-a, Meadow. Estava... completamente destruída. — Ergue-se para se ir embora, mas depois volta-se para mim e para.

— Existe uma Resistência. Se alguma coisa me acontecer, quero que os encontres e te juntes a eles. Quero que lutes contra aquilo que a tua mãe começou.

Em seguida, vejo-o ir-se embora.

Irei fazer tudo o que for preciso para parar o que a minha mãe começou.

Disso tenho a certeza.

A Meadow regressa quando a Sirene Noturna começa a tocar. — Olha — diz-me ela. — Vamos falar. Longe de... — Ela aponta com a cabeça para o irmão.

— Tudo bem comigo. Não gosto de estar sozinho.

Seguimos ao longo da escuridão do túnel. Eu fico muito calado, até que ela me pergunta: — De que é que tens medo?

— Para dizer a verdade, tenho medo de mim — admito. Porque é verdade. Não quero ver os rostos nem os números esta noite. Não quero ver as pessoas que matei devido às experiências psicológicas da mãe dela.

A Meadow segura-me na mão.

Ninguém me costuma tocar.

— Ainda bem que não nos matámos um ao outro — diz ela. Talvez eu devesse rir-me. Ela quase o faz.

— Qual é a tua história, Zephyr?

— Já estás farta de saber a minha história. Sabes precisamente *o que* sou.

— Tu não és uma coisa, Zephyr, és uma pessoa — observa ela. A sua voz parece-me estudada, como se estivesse à procura de algo que ela, de facto, tivesse medo de ir encontrar. — Consegues senti-lo? O Complexo dos Assassinos?

— É difícil explicar — admito. — É como se houvesse outra pessoa dentro de mim. Uma pessoa doida que apenas pretende magoar os outros. No outro dia, quando te vim procurar à tua casa flutuante... matei três Piratas. E isso fez-me *sentir bem*.

— Mas estavas programado para o fazeres, não estavas? — pergunta-me ela. — E isso só acontece durante as Horas de Escuridão?

— Não, não estava programado. É como se eu estivesse a mudar. Um dia talvez venha a ser tão cruel como as Sanguessugas.

Ela franze o sobrolho. — E tens memórias? Dos tempos antes disso tudo?

— Algumas — respondo-lhe. E é verdade. Tenho memórias. Sustento-me delas para poder continuar.

— Fala-me de uma — pede-me ela. Há algo estranho nos seus olhos que eu não consigo identificar. Inclina-se um pouco para a frente, como se precisasse de ouvir as minhas histórias.

Não me lembro de alguém que alguma vez *precisasse* de ouvir o que eu tenho para dizer. Nem mesmo a Talan. — Nós costumávamos sentar-nos no passadiço para ver o pôr do sol, eu e os meus pais.

— Hum... — diz ela e, quando me volto, vejo que ela tem os olhos fechados e que está encostada contra a parede do túnel, com um sorriso nos lábios, como se se estivesse a alimentar das minhas memórias. Que se passará de errado com as dela?

A continuo a falar porque quero que ela continue a sorrir. — Eu também tinha um irmão mais velho. Ele teve uma filha e, sempre que eu lhe pegava ao colo, ela costumava rir-se nos meus braços. Foi o som mais feliz que alguma vez ouvi. Ela ainda não sabia como era o mundo.

A minha boca continua a pronunciar as palavras e não tento calar-me. Pela primeira vez, alguém quer ouvir-me. — Tenho muitas memórias. Muitas mesmo... mas a maioria delas são muito esbatidas... como quando... quando os meus pais morreram, disseram que não conseguiam encontrar o meu irmão... como se ele nem sequer fosse verdadeiro.

— Não quero ouvir essas coisas. Conta-me mais acerca de quando eras pequeno.

— Costumávamos ir até ao parque... o que fica junto ao mar — continuo. Gostaria de lhe pôr um braço por cima do ombro. Mas, quando tento fazê-lo, ela fica tensa. Pego-lhe antes na mão. Saímos do túnel e vamos até à entrada da barraca.

— O meu pai empurrava-me nos balouços e eu sentia-me como se estivesse a voar... No entanto tenho uma memória favorita — confesso. — Foi na manhã em que acordei e te vi no Salão das Rações Alimentares. — Chego-me mais para ela e pego-lhe no queixo. — Olha para mim — peço-lhe, mas ela abana a cabeça. — Olha, não te vou magoar, Meadow. *Devo-te a vida*, lembras-te?

Ela levanta os olhos lentamente. — O meu pai disse-me que, se estiveres programado, irás tentar atacar-me quando olhares para os meus olhos — esclarece ela.

— Então, vou manter os meus fechados.

Fecho os olhos e sinto a respiração dela no meu rosto.

— Gostaria de acreditar em ti — murmura ela. — É como se sempre te tivesse conhecido.

Estendo a mão e toco-lhe na face. Ela tem uma pele tão suave... — Quem me dera poder encontrar palavras para te dizer como tu és linda — digo-lhe, entre dentes.

— Tens os olhos fechados. — Ela ri-se de um modo nervoso. — Como podes dizer isso se nem sequer estás a olhar para mim?

— Estás a estragar este momento.

— Olha que não... — diz ela. Começa a inclinar-se para mim e eu começo a inclinar-me para ela.

Estou quase prestes a beijá-la quando uma voz se ouve através do túnel. — Já te aproximaste o suficiente, Zephyr.

Volto-me e vejo um vulto a caminhar na nossa direção. — Ora, caraças! — exclamo, em voz baixa. — Achas que sim?

É o irmão dela.

— Koi — diz a Meadow, desviando-se de mim. Ela parece observar as suas unhas como se estas fossem a coisa mais interessante neste mundo.

Será que ficou *envergonhada*?

— Afasta-te já da minha irmã — diz o Koi. Ele aproxima-se e inclina-se um pouco para ela, como se a Meadow precisasse de ser protegida.

— Deixa estar, Koi, não aconteceu nada! — tranquiliza-o ela.

— Tenho estado à espera há já muito tempo para fazer isto *a um deles*. — A voz do irmão dela ouve-se. Mantém o braço em frente da Meadow, desviando-a de mim e, em seguida, antes mesmo que eu me dê conta, dá-me um murro na cara.

— Koi! — grita a Meadow, e tenta desviá-lo, mas ele empurra-a e atira-se a mim, imobilizando-me no chão com o seu peso.

Os murros sucedem-se rápidos e com força.

Um na face. Outro na testa. Outro quase me atinge nas fontes, mas eu retrocedo e protejo-me desse golpe.

Quando a Meadow o consegue separar de mim, tenho a cara a escorrer sangue, e o mundo parece-me uma coisa vaga a andar à roda.

— Que diabo estás tu a fazer? — grita-lhe a Meadow. Está furiosa e adquire uma voz dura como aço afiado. — Sai daqui, Zephyr.

— Não, quero que ele fique — diz o Koi —, para que eu o possa matar!

— O raio que te parta — diz a Meadow aos gritos, e coloca-se em frente dele. — Nós precisamos dele.

— Para quê? — retorque Koi. — Ele matou-a, Meadow. Ele matou a nossa mãe.

Ela começa a cambalear para trás. — De que estás tu a falar, Koi?

— Os doentes...! Ela criou-os e isso enlouqueceu-a! Eles mataram-na!

— Então tu sabias — cicia-lhe a Meadow. — Durante todo este tempo *tu sabias* e nunca mo disseste? Como me pudeste fazer uma coisa dessas?

Ela desvia-o e ambos começam a falar em voz baixa. Eu consigo apanhar pedaços do que estão a dizer acerca de mim. Acerca dos outros como eu.

Não quero ouvi-los.

Afasto-me deles e dirijo-me ao Cemitério. Tenho os olhos cheios de lágrimas, sangue a escorrer-me da boca, questões a ferverem-me na cabeça. Nada daquilo faz sentido.

Não sei como, chego a uma das torres de vapor. Fico ali parado e deixo que o calor e a escuridão me toldem os pensamentos. Por instantes, começo a pensar em arranjar qualquer coisa afiada. Em acabar com a minha vida *de uma vez por todas*. A Meadow não me poderá impedir.

Mas depois lembro-me do que prometi à Talan. E, caraças, agora há a Meadow e eu não a quero deixar.

Ouçó passos. Ouço-a a chamar-me, mas não lhe respondo.

Não me apetece que me encontrem.

Mas ela acaba por me encontrar, tal como o otário do irmão dela.

— O que é que eu sou? — pergunto, olhando para ele.

— És uma máquina — responde-me. — Tem o cérebro programado. Isso faz com que mates pessoas. Quando a Iniciativa quer que mates alguém, tudo o que têm de fazer é carregar num botão.

— Temos de parar com isso. — A Meadow está a olhar-me nos olhos. Tem o corpo

suado e o cabelo colado à pele. Volta-se para o irmão e depois para mim. — Temos de fazer parar a Iniciativa. Temos de acabar com o que a nossa mãe começou.

— Eu também alinho — digo, porque seria capaz de fazer tudo por esta rapariga. Até a seguiria para o Inferno se tal fosse preciso. E, conhecendo-a, é talvez para aí que nos dirigimos. — Haverá alguma maneira de reverter tudo isso? Um modo de... de mo tirarem do cérebro?

O Koi olha muito para mim. Quase fico à espera que ele me volte a atacar. Mas depois olha para a Meadow. Esta está a observar-me.

— Sentes alguma coisa por ele? — pergunta-lhe.

— *Sim*. Ele não tem a culpa do que faz. Percebo isso bem, Koi, e tu devias percebê-lo também.

São as palavras mais simpáticas que alguma vez ouvi.

— Oxalá não percebesses — diz o Koi. A sua respiração é agora mais calma. Tem os ombros descaídos e o olhar menos zangado, como o da irmã. Abana a cabeça e volta-se para mim. — Não sei muito acerca do Complexo dos Assassinos. Mas se queres respostas, não as vais encontrar aqui.

— A Iniciativa — observa a Meadow, enquanto um pedaço de papel é levantado pelo vento e dança a seus pés — virá buscar o Zephyr para o desligar.

Koi acena afirmativamente com a cabeça. — Podes entregar-te — diz ele, encolhendo os ombros. — A mim não me fazia diferença...

— Para com isso! — A Meadow parece muito revoltada.

Olho para as minhas mãos e estas já não me parecem minhas.

— E se eu me entregar... será que eles irão parar de te perseguir, a ti e à tua família?

— Tu *não irás* fazer isso, Zephyr. Eles matam-te. — A Meadow cruza os braços. — Haveremos de arranjar outra maneira de obtermos respostas. Deve haver alguém que nos possa ajudar... alguém que saiba mais acerca disto...

— Há *alguém* — diz o Koi. — Mas tudo o que tenho é um nome.

Meadow olha-o intensamente nos olhos. — Bem, e quem é?

— Uma mulher — responde ele. — Ela trabalhava com a nossa mãe. Nem sequer sei se ainda está viva, Meadow. Foi já há tantos anos...

— Mas quem é, Koi?

Ouve-se um grito vindo da escuridão. Uma rapariga corre na nossa direção e passa por nós com lágrimas no rosto.

— Que se passa? — grito.

— São os Cangalheiros — diz ela a fugir. — Os Cangalheiros estão aqui!

Chegam como gafanhotos.

Lentamente, em grupos de dois ou três, e depois juntam-se todos.

Ninguém sabe onde se escondem durante o dia. O Cemitério é um labirinto. Há muitos lugares para uma pessoa se esconder. À noite, enxameiam os carreiros. Tiram tudo a toda a gente, deixando para trás um rasto de aleijados.

Uma Cangalheira vem na minha direção, com uma armadura feita de coisas atiradas para o lixo. Há velhas latas de refrigerantes que lhe cobrem o peito. Garfos e facas foram entrançados uns nos outros para lhe protegerem os braços. Tem tinta preta espalhada na cara e, quando se aproxima de mim, fico tão horrorizada que quase recuo.

— Dá-me o punhal, miúda — diz ela, com um guincho. — Senão arranco-te esses caracóis, um a um!

O Koi consegue deitá-la ao chão e pomo-nos os três a correr.

— Mas para quê? — pergunta o Zephyr. — Eles já vivem numa lixeira. Por que motivo precisam de mais coisas?

— Porque tudo o que ainda presta está com os vivos — esclarece o Koi. As pessoas passam à pressa por nós, correndo em todas as direções. Somos como formigas apanhadas num formigueiro. — A maioria das pessoas que aqui se vem esconder é fraca. Pensam que aqui estão mais seguros do que na cidade.

Derrapamos em volta de uma esquina. Um Cangalheiro está a tentar arrancar um dente da boca de um velho. Eu atinjo-o com o meu punhal, rasgando-lhe as costas. O Koi atira-o para um monte de lixo e nós continuamos a correr.

Descrevemos um círculo e estamos já a aproximar-nos da casa do Kansas quando um dos Cangalheiros aponta para nós e grita: — São eles! A recompensa é de quinhentos créditos! *Agarrem-nos!*

Ele toca três vezes num apito.

Há Cangalheiros que parecem ter saído do nada, aos gritos e aos guinchos como se estivessem a caçar animais.

Fugimos. O Zephyr está mesmo à minha frente. Agarra-me pela mão. O meu pé prende-se num velho rolo de arame e eu caio no chão, com força. O Zephyr volta-se para me ajudar a levantar, mas um Cangalheiro agarra-o pelos ombros e fá-lo andar à roda. Há outros que me vêm tentar agarrar, mas o Koi apressa-se. Empurra-me para as sombras para, em seguida, deitar dois ao chão, usando apenas os punhos, e partir o pescoço a outro com uma calma elegância. Os colegas deste põem-se a gritar. Agora é o meu irmão quem eles querem.

— Venham cá, seus amantes de Sanguessugas! Vejam se me apanham! — O Koi começa a atirar lixo e pedras aos Cangalheiros. — Leva o Zephyr e esconde-te — diz ele,

suficientemente alto para que eu o possa ouvir. — Não vás para a barraca!

— Podemos combatê-los juntos — sugiro eu. — São muitos.

— Eles nunca são muitos para mim, mana! — Sorri. — É melhor porem-se a andar.

Volto-me para o Zephyr. Ele está a rolar no lixo com um Cangalheiro, a tentar levar-me a melhor. Mas depois vejo o rosto do Zephyr a contorcer-se e a adquirir uma expressão de fúria. Consegue ver-se livre do homem com um movimento de torção que apenas um lutador treinado poderia conhecer.

— Vamos! — grito-lhe eu e, à medida que corremos, ouço um ruído de rádios na distância.

— Foram por aqui! — grita uma Cangalheira. — Por aqui!

Um foco de luz percorre o espaço na escuridão por detrás de nós.

A Iniciativa já chegou.

Eu e a Meadow chegamos à barraca do Kansas um segundo tarde de mais.

As Sanguessugas já estão diante da porta. Têm focos de luzes que iluminam tudo. Isto não pode augurar nada de bom.

A Meadow desembainha o punhal e corre na direção deles, mas eu agarro-a e consigo controlá-la. — És doida ou quê? É uma armadilha!

— A minha... a minha irmã — diz a Meadow quase sem fôlego. Um grupo de Sanguessugas sai da barraca.

Vejo o pai da Meadow com a Peri nos braços, e cinco Sanguessugas com as pistolas apontadas às cabeças deles.

Há Cangalheiros que chegam através de uma passagem, trazendo um corpo com eles. — Temos o rapaz! Já o apanhámos!

O coração cai-me aos pés. É o Koi. Tem o cabelo empapado em sangue. Ele entregou-se para que a Meadow pudesse fugir.

Esta debate-se nos meus braços, enquanto lhe ponho uma mão em cima da boca. Deixo que me morda, estou-me nas tintas. O pai da Meadow está aos gritos, a andar em círculos, a dizer às Sanguessugas para lhe deixarem em paz os dois filhos.

Ele olha na nossa direção, como se soubesse que a Meadow está ali.

— As estrelas! — grita ele. Penso que talvez tivesse enlouquecido, mas o seu rosto expressa apenas ira, não medo. — Confia nas estrelas! Encontra-as onde a escuridão é mais segura!

Puxo a Meadow mais para o escuro, e ela pisa-me um pé, *com força*.

— Meadow, queres morrer? Para de lutar comigo!

As Sanguessugas amarram o pai da Meadow. Os braços, os pés. Amordaçam-lhe a boca com um trapo. A Peri começa a chorar e é o som mais horrível que eu alguma vez ouvi. O Koi está desmaiado e estendido no chão em frente dela, e eu nem sequer sei se ele está morto ou vivo. Para mais, a Meadow começa a chorar e eu aperto-a muito contra mim.

Vejo o Kansas a sair da barraca. Um fulano das Sanguessugas dá-lhe um saco de rações e uma espingarda, brilhante e novinha em folha. — Foi ótimo fazer negócio convosco, rapazes.

Traidor. Não passa de um *traidor*.

— Eh, e o nosso pagamento? — pergunta um Cangalheiro, saindo da escuridão.

O chefe das Sanguessugas aponta-lhe a arma. — Tu não nos entregaste a rapariga nem o rapaz. Disseste-me que mos irias trazer dentro de uma hora.

— Eles estavam aqui! Eu vi a rapariga! O Jackson quase apanhou o rapaz! Juro!

— Mas não cumpriram o prometido — diz-lhe a Sanguessuga, com voz de poucos

amigos. — E os perseguidores não os conseguem encontrar. Não te devo coisa nenhuma, meu parvo.

A Sanguessuga eleva a espingarda e dá um tiro na cabeça do Cangalheiro. Depois volta-a para o Kansas e faz o mesmo.

As Sanguessugas retiram as rações alimentares e a pistola do corpo morto do Kansas. Começam a levar a família da Meadow. Um deles pega na Peri e põe-na ao ombro.

A Meadow debate-se contra mim. Temos a pulseira dela, de modo que eles não a podem localizar. No entanto, ainda a podem ver. Ninguém, nem mesmo ela, poderá, por si só, derrotar um bando de Sanguessugas de espingardas ao ombro.

De modo que eu faço a única coisa que posso, para a manter em segurança.

Ponho a mão por trás de mim e agarro num velho cano de metal que está espetado no lixo. Ela começa a correr, e eu cerro os dentes e dou-lhe com ele na cabeça, com toda a força.

Ela cai como um pássaro.

— Desculpa — murmuro entre dentes, enquanto me baixo para lhe pegar ao colo.

Depois levo-a para a escuridão para nos escondermos à espera.

Quando nasce o dia, tenho a Meadow amarrada às grades de um respiradouro de vapor.

— Deixa-me... ir... embora! — Debate-se, tentando desamarrar-se. Bate com a cabeça no metal e eu reparo que os seus olhos se reviram devido à dor.

— Tenho muita pena — digo-lhe. Tenho a voz rouca. — Primeiro vais ter de te acalmar...

Ela parece tão pequena e tão cheia de medo neste momento... Inclino-me para lhe limpar o suor da testa e para lhe desviar o cabelo dos olhos. Mas, quando tento limpar o sangue seco que tem no lábio, ela recua e eu sou atingido na cara por uma cuspidela.

— Caraças, Meadow! Quando será que te vais acalmar? — Recuo um pouco, partindo uma lâmpada fundida. — Que querias que fizesse? Tu és responsável por os terem levado! Será que não consegues ver isso? Tinhas de ir meter o nariz onde não eras chamada e puseste-os a todos nesta alhada!

No instante em que o digo, sei que já fiz burrice.

Vejo-lhe o rosto a contorcer-se de raiva. Os seus olhos cinzentos parecem incendiar-se e o lábio inferior começa a tremer-lhe.

Ah, caraças, tenho a impressão de que sei o que está prestes a acontecer. — Não. Nem por sombras, Meadow. Nem penses nisso...

— Eu... odeio-te! — diz ela. E depois começa a chorar.

Eu volto-me, para que ela se possa entregar a isso à vontade.

— Se não me deixares sair daqui, mato-te!

— Tu matas-me, não importa o que eu faça. Bebe, Meadow.

O Zephyr põe-me uma velha garrafa de água na boca. Não tenho outra escolha senão pôr a cabeça para trás e deixar que a água me refresque a garganta.

— Tens de te acalmar — diz-me ele, depois de beber também um gole. Sento-me a observá-lo, enquanto o Sol dança no cimo de um gigantesco monte de lixo. Olho para o seu maxilar. Imagino como ele se irá sentir se eu lho partir com um murro. Imagino a satisfação de saber que ele pagou bem caro por me ter mantido longe da minha família.

Penso naquilo que o meu pai me iria dizer, no que ele *faria*, se estivesse no meu lugar neste momento.

Punha-se a respirar fundo até o coração lhe bater regularmente. Forçava-se a controlar as suas emoções e concentrava-se no que era importante. De modo que faço o que sempre fui treinada para fazer. Canalizo a força do meu pai e tento que ela me inunde.

Não tenho emoções. Sou forte.

A Iniciativa haverá de pagar bem caro por tudo isto.

Quando é já fim de tarde, a respiração da Meadow está mais calma. Ela olha para o céu, sem pestanejar. Parece um fantasma.

— Agora terei de encontrar a Resistência — diz ela. A sua voz voltou ao normal, calma e firme. — Era o que o meu pai queria que eu fizesse.

Instalo-me diante dela, mas vejo que não tira os olhos do céu. — Se eu te desamarrear, terás de me prometer que iremos lutar juntos por isto — apresso-me a dizer-lhe.

Silêncio.

— Meadow... — Ela põe a cabeça mais para trás, recusando-se a olhar para mim.

— Estás a comportar-te como uma criança — observo. — Que aconteceu à rapariga que me deu do seu sangue?

— Estás a olhar para ela... — diz-me — e, se não me desamarrares, a Iniciativa irá matar a minha família. Quem sabe se não estarão já mortos...

Engulo em seco. Ela tem razão, de facto, se alguma coisa lhes acontecer, eu nunca me perdoarei a mim mesmo. — Então vou libertar-te — digo-lhe, e inclino-me para lhe cortar as cordas. — Mas, primeiro... estás a dever-me qualquer coisa...

— E isso o que é? — Reparo que ainda está a olhar para o céu.

— Um beijo — digo-lhe.

Ela nunca me olha nos olhos.

— Então...

Ela acena-me com a cabeça e sorri, olhando finalmente para mim com uns olhos cheios de veneno. — Podes ir beijar o diabo que te carregue, Zephyr James.

De qualquer modo, desamarro-a.

Na distância, a Pulsação emite raios, intermitentemente, ora azuis ora roxos.

Não existem nanites nos nossos Alfinetes.

Já as temos no nosso sangue. Afinal esses mesmos Alfinetes não passam de uma estratégia para poderem sempre saber onde estamos.

Quando ouço a Sirene Noturna, sei o que precisa de acontecer.

— Meadow — murmuro. Estamos encostados às grades de um outro respiradouro de vapor, costas com costas, alerta em ambas as direções, à espera que se faça escuro.

— Isto vai fazer-te feliz — digo-lhe. — É agora a minha vez de ser amarrado.

Ela volta-se para olhar para mim. Creio que vai dizer alguma piada, mas, em vez disso, limita-se a acenar afirmativamente com a cabeça. Sei que ela percebe. Se eu, de qualquer modo, ferir esta rapariga, ou se realmente a matar...

Encontramos grossos fios elétricos. Sento-me contra o respiradouro e a Meadow começa a dar várias voltas ao fio para me atar o melhor possível.

— Se eu me libertar, quero que me faças parar — digo-lhe. — Não interessa o de

tiveres de fazer. Estás a perceber-me?

Ela acena-me que sim. — Pois estou.

— Se eu... se eu te disser qualquer coisa, Meadow, terás de saber que não sou eu, que não é o verdadeiro Zephyr.

— É a minha mãe... — observa Meadow. As amarras estão bem postas em volta do meu peito, braços e cintura.

Oscilo um pouco. — Põe-nas mais justas — sugiro, e tento libertar o ar do peito, enquanto a Meadow ajusta ainda mais as cordas. Quando ela termina, senta-se à minha frente e começa a escavar o chão com a ponta do punhal.

— Vem cá — digo-lhe num sussurro. Ela senta-se ao meu lado e pousa a cabeça no meu ombro. — Meadow, eu...

— Não fales, agora não...

De manhã, acordo a ouvir uma mulher a chorar.

Não tenho de perguntar qual a razão desse choro. Deverá haver, no cimento, centenas de cadáveres em cima de poças de sangue, centenas de números de catalogação que em breve irão aparecer nos ecrãs dos Arquivos.

Mas sorrio, ao levantar-me e espreguiçar-me. Porque o Zephyr ainda está amarrado e a dormir profundamente. Na noite passada não agrediu ninguém.

Decidimos que este será o nosso último dia no Cemitério. Vamos esconder-nos até ao entardecer. Começo a olhar para o lixo numa tentativa de fazer uma boleadeira com o que conseguir encontrar. Quando uma gaivota aterra para apanhar um grilo, atiro-lhe com as bolas e consigo apanhá-la. Zephyr assobia enquanto tenta acender uma fogueira.

— Estás a fazer com que eu faça má figura, Woodson.

— Não faz mal. Todas as mulheres deveriam saber cozinhar mas tu não te estás a sair nada mal — observo, e o seu riso é tão musical e doce que me faz lembrar o da Peri.

Ao pôr do sol, quando o céu parece estar a sangrar, dirigimo-nos até à margem do Cemitério e ficamos ali de pé, nas sombras.

Encontra-os onde a escuridão for mais segura. As estrelas irão mostrar-te o caminho.

Durante toda a minha vida ensinaram-me que a escuridão era a morte, o horror, o sangue, mas, agora, a escuridão é a altura em que a minha mãe põe os monstros à solta.

A escuridão é o oposto da segurança.

— Deve ter qualquer coisa a ver com a Resistência — murmura o Zephyr. Encontrámos um velho par de binóculos pré-Queda. Uma das lentes está partida, mas a outra ainda está em boas condições, de modo que nos revezamos a observar a cidade. — Que pensas que possam fazer connosco? — pergunta-me o Zephyr.

— Eles disseram que te querem desligar manualmente — digo-lhe. — Talvez estejam a fazer planos para reiniciarem o teu sistema, ou qualquer coisa parecida. Eu nem quero pensar no que me poderiam fazer a mim.

— Não te preocupes — continua o Zephyr. Põe-me o braço em volta da cintura. É estranho que alguém me agarre, mas permito que ele o faça.

— E se eu perder a minha pulseira? Pode cair-me, ou podemos ficar separados e, neste último caso a coisa só iria funcionar para mim.

— Queres arrancar os nossos Alfinetes — diz ele. Consigo ouvi-lo a suspirar. — Sabes bem que não podemos fazer isso. Toda a gente diz que morremos se os tirarmos. Como se... devido a uma onda de choque ou a algo assim. É a mesma coisa que acontece quando tentamos sair do Perímetro. Só que ainda pior.

— Temos de arriscar — sugiro. Corro o polegar por cima do alto no meu antebraço.

Durante toda a minha vida, acreditei que me iria manter imune a doenças, que isso me iria ajudar a sarar as feridas, que ajudaria o meu coração a bater sempre a um ritmo regular.

Estamos a viver no inferno. A Pulsação sempre foi o único pedaço de céu que alguma vez tivemos. Agora até isso se vem a provar ser mentira. Quero retirar este Alfinete. — De qualquer modo talvez acabemos por morrer assim que sairmos deste lugar — acrescento.

— Quem me dera ser mais positivo, como tu... — observa o Zephyr, em jeito de brincadeira. Mas depois começa a pensar e o seu sorriso transforma-se num franzir de sobrolho.

— Podíamos morrer agora mesmo — murmura. Sinto as suas mãos no meu braço, a fecharem-se sobre o sítio onde o meu Alfinete se encontra mesmo por debaixo da pele. — Podemos morrer no instante em que retiremos estas coisas, e nunca iremos saber no que tudo isto se poderia ter tornado.

— Que queres tu dizer com «isto»? — pergunto-lhe.

Zephyr abana a cabeça. Passa os dedos pelo cabelo e geme. — Tenho estado a tentar arranjar coragem para te dizer o que sinto por ti desde que te encontrei, Meadow. Mas não consigo expressá-lo em palavras. De modo que, não me mates, porque vou mostrar-to agora.

Inclina-se para a frente, com os olhos acesos como brasas, e põe as mãos em volta da minha cara.

Depois cola os lábios aos meus.

O instante é rápido. Um único segundo no tempo. E eu tento dizer a mim mesma que isto é o que *ele* quer, que estou a fazer isto para ele, e não para mim. Mas o coração dá-me um salto no peito e, de súbito, sinto-me mais viva do que nunca.

Desvio-me, tentando respirar melhor. As nossas testas ainda permanecem encostadas, e os lábios dele estão tão próximos que quase lhes consigo sentir o sabor. — Já tens o teu beijo — digo-lhe, baixinho, embora eu também tivesse tido *o meu* beijo. — Agora ficas a dever-me isto.

Na escuridão, arrancamos os Alfinetes um ao outro. Tentamos não gritar. Somos destemidos, tal como o Koi gostaria, tal como o meu pai me ensinou a ser.

— Nada aconteceu — observa o Zephyr. Volta a beijar-me, mais apaixonadamente dessa vez, e eu retribuo o beijo.

Ligamos as nossas feridas com pedaços de roupa e deixamos os nossos Alfinetes no Cemitério, onde eles, realmente, sempre deveriam ter estado.

Pela primeira vez, começamos a viver sem que a Pulsação possa saber onde estamos.

Juntos.

Caraças. O pai da Meadow disse que tudo teria que ver com confiar nas estrelas.

Na distância, consigo ouvir o comboio a trepidar nos carris, a aproximar-se.

— Vamos! — digo eu. Pego na mão da Meadow e começamos a correr, mantendo-nos o mais possível na penumbra. As Horas de Escuridão estão prestes a começar. Não olhamos um para o outro, agora que sabemos como a programação funciona.

A luz brilhante do comboio está já quase a um quilómetro de distância, quando corremos para lá do enorme buraco.

A Meadow larga-me a mão.

— Ora bem, olhem quem está aqui, quem aqui apareceu... — diz uma voz. Um homem irrompe da escuridão e, desta vez, não é um Cangalheiro ou um Pirata.

É uma Sanguessuga que tem uma espingarda apontada a nós.

Ele usa um apito e um grupo deles sai da escuridão. Caraças. Estavam escondidos mesmo aqui, na orla da cidade, à nossa espera. Não tínhamos qualquer hipótese.

— Grande estúpido — diz-lhe rispidamente outra Sanguessuga. Este tem apenas uma pequena pistola de bolso na mão que quase me dá vontade de rir.

— Vamos matá-los — sugere um deles.

— As ordens que temos é para os mantermos vivos a ambos.

Encostam-me o cano de uma outra pistola à têmpora. — Onde está a rapariga?

— Ela...

Volto-me. Ela estava *aqui* mesmo.

Caraças. Onde se teria metido a Meadow?

— Eu, hum... — Olho em volta. Penso ver um brilho prateado, alguém a correr entre dois edifícios.

— Está morta — informo-os. — Matei-a eu.

Ouçó o clique da bala a encaixar-se na câmara.

— *Vivo* — insiste uma das Sanguessugas. Aproxima-se e arranca a pistola ao colega. — Vamos levá-lo vivo!

— Está bem, Brock, traz-me essas grandes algemas. Prendam-no bem.

Uma Sanguessuga magricelas vem ter connosco. Parece não ter começado nas funções há muito tempo. Tem duas enormes algemas prateadas na mão. Encaixa-mas nos pulsos e estas ficam bem justas contra a minha pele. Quando ele lhes carrega num botão, é como se ficassem vivas, encaixando-se devido à força magnética.

— Pois bem, Brock. Muito bem. É preciso que ela saiba que nós temos o rapaz.

— Sim, meu comandante — diz a Sanguessuga. Está a levar o rádio à boca quando se ouve um tiro na noite.

O jovem cai de joelhos. Foi alvejado no peito. Ouve-se um apito e um som estranho

quando o soldado perto de mim é golpeado com uma facada num olho.

Sorrio. Não é uma faca. É o punhal da Meadow.

Não a consigo ver, mas ela anda por aí, algures na penumbra.

— Vem cá, linda menina! — grita a Sanguessuga ao meu lado. Ele põe-me de pé. — Mexe-te!

— Não. Isto é ótimo! — digo-lhe e, logo a seguir, vejo-o cair. Outro acaba também por cair de imediato e, um segundo depois, mais outro.

Ouve-se um tiro, mas este não acerta na última Sanguessuga que resta e atinge-me a mim, mesmo na coxa.

— Caraças — grito. A Meadow emerge da penumbra, com uma espingarda na mão.

Para, respira fundo e atira à última Sanguessuga, antes que esta lhe ponha uma bala na cabeça.

— Levanta-te — grita-me ela. — Corre! Vai para o comboio!

— Deste-me um tiro — digo-lhe muito indignado.

Dói que se farta.

A Meadow põe-me de pé e eu começo a correr, a cambalear. Esforço-me o mais possível e, quando salto para a carruagem em movimento, aterro com a cara no metal rijo do chão.

— Deste-me um tiro — digo-lhe, tentando recuperar o fôlego. — Não posso acreditar que me tenhas dado um tiro.

— Vais ficar bem. — Ela nem sequer está preocupada. — Para de te armares em bebé. Olha, já começou a sarar.

— Tens a pior pontaria que conheço — comento zangado, porque *não*, ainda não sarou totalmente. Ainda está a deitar sangue e a doer-me como o diabo.

— Não podemos ficar muito tempo aqui — observa a Meadow. — Todos eles já comunicaram com alguém e, em breve, irão parar este comboio. Põe-te à procura de um sinal. Estrelas. Ele disse que tinha a ver com estrelas e escuridão.

A próxima coisa acontece tão depressa que ambos somos apanhados de surpresa.

Uma mulher salta para dentro do comboio. Tudo o que vejo é o seu uniforme negro, a cabeça rapada, as sobrancelhas com *piercings*, e reconheço-a como sendo a empregada Sanguessuga do Salão de Rações Alimentares.

A Meadow grita: — Zephyr!

Ambos nos atiramos à mulher mas eu atinjo-a primeiro. Com as mãos ainda algemadas, uso o peso do corpo para a manter imobilizada no chão da carruagem. Ela debate-se e quer lutar, mas eu sou maior. A Meadow encosta-lhe o punhal à garganta, mas antes que ela lha corte, a mulher diz uma palavra.

— Resistência!

— Que disseste tu? — grita-lhe Meadow. Uma gota de sangue cai sobre a pele tatuada da Sanguessuga.

— Resistência! — repete ela, quase sem fôlego. — As estrelas!

O punhal da Meadow cai no chão de metal.

— Em que estás tu a pensar? Mata-a! — digo-lhe. — Ela está a mentir.

Mas a Meadow abana a cabeça. — O meu pai tem essa cicatriz. — Aponta para a marca no pescoço da mulher, mesmo acima da clavícula. Há uma fila de três estrelas pequenas, de modo a imitar o cinturão de Orion, a constelação. Eu e a Talan gostávamos de olhar para ela. — Quer dizer qualquer coisa.

— Tens a certeza? — pergunto-lhe.

— Tenho sim — confirma a Meadow. A sua voz tem muita segurança, mas esse não é o meu caso. — Ela está do nosso lado, por favor, Zephyr. Não tenho dúvidas.

— Sai já de cima de mim — diz-me a mulher Sanguessuga, cheia de raiva e, antes mesmo que eu me possa desviar, ela empurra-me, rola e fica agora em cima de mim, pondo as mãos em volta da minha garganta. — Se eu te quisesse matar, Doente Zero, já estarias morto. — E depois retira uma chave para me desapertar as algemas.

— As estrelas — diz a Meadow, acenando afirmativamente com a cabeça. — É claro. — Volta-se para mim e pega-me na mão, a sorrir pela primeira vez há vários dias. — Zephyr, esta é a *Orion*.

Durante todo este tempo... e eu não sabia de nada...

— Esta foi uma missão suicida. Vocês sabem disso, não é verdade? — diz a Orion. Está diante de mim com os braços cruzados. A observar-me com uns estranhos olhos escuros. — O modo como eliminaste o tipo na viela e lhe roubaste a espingarda...? Não há dúvida de que és muito esperta. Disso tenho a certeza.

— Há quanto tempo estás tu na Resistência? — pergunto-lhe.

Mas a Orion apenas abana a cabeça em desaprovação. — As respostas virão mais tarde, *Lourinha*. Tenho andado à tua procura desde que tu embarcaste na matança nos Everglades. Já não tenho mais paciência. Agora cala-te e prepara-te para saltares outra vez. — Ela levanta a sobancelha com o *piercing* na direção do Zephyr, e ele volta-se, envergonhado.

O comboio sai da cidade. Passamos pela Reserva dos Programados. Ouço o *chip* do rádio da Orion. — *Chefe. Olá, chefe. O comandante precisa do seu relatório.*

— Não digam nada — diz-nos ela entre dentes, e levanta a palma da mão para falar. — Apanhei os sacaninhas no comboio. A rapariga foi mais difícil, mas o rapaz não me deu dores de cabeça. — Pisca o olho ao Zephyr cujos músculos do maxilar lhe começam a tremer.

— Mantenha a sua posição, soldado. Nós iremos ter consigo.

A Orion põe a mão no ouvido, retira um pequeno *chip* e atira-o pela porta aberta do comboio.

— Durante todo este tempo estiveste sempre do meu lado — afirmo. — Durante todo este tempo, podias ter-me avisado acerca do Complexo dos Assassinos. Podias ter-me avisado acerca da minha mãe...

A Orion abana a cabeça em discordância. O luar faz com que a sua pele adquira um brilho branco e suave. — Há coisas que é melhor não se dizerem, *Lourinha*. — Olha para a ligadura improvisada no meu braço e no do Zephyr. — Vocês tiraram os Alfinetes?

Aceno-lhe que sim. — Mesmo antes de nos teres encontrado.

— Não devíamos... — diz o Zephyr a meu lado, mas a Orion sorri.

— Bem... bem-vindos à vida dos Malditos. Agora andarão por esta cidade como fantasmas — observa, piscando-nos o olho.

O comboio inclina-se para a esquerda, fazendo com que nos equilibremos melhor. Já passámos pelos paus, e vamos em direção ao Perímetro. Olho para a Pulsação, a piscar, mas já sem poder descobrir onde estou, e sei que eu e o Zephyr fizemos a melhor escolha.

— Eu atirei com o meu Alfinete para o saco de um Programado, há poucas horas. — Orion sorri. Tem uns dentes brancos e brilhantes. Ela viveu a vida de um soldado da Iniciativa durante uns tempos, a julgar pelo facto de estar bem alimentada.

— Não tardará até que a Reserva se encha de luzes como uma árvore de Natal. É claro que isso quer dizer que acabei. Que tudo está bem. — O comboio acelera, ladeando a parede do Perímetro. Em breve chegaremos à ponte e atravessaremos para Cortez. — Estão prontos a saltar?

— E porque não haveríamos de estar? — diz o Zephyr, pondo-me as mãos nos ombros. Eu quero afastá-lo, quero fazer isto sozinha como sempre fiz. Mas o calor dele acalma-me. Nem sempre terei de estar sozinha. Posso ter um companheiro. E talvez que, se a Orion nos levar para a Resistência, possa ter toda uma equipa.

Juntos vamos até à ponta da última carruagem.

— Eles disseram sempre que eras uma mulher de força. Então Z, a *Lourinha* deu-te um tiro numa perna? — Orion ri-se e olha para o Zephyr. — Espera até conheceres os outros.

— Os outros? — pergunta ele. — Como eu? Onde estão? — Inclina-se para a frente, com os olhos acesos de perguntas, mas antes que consiga obter uma resposta, a Orion volta a rir-se, pisca-lhe o olho e salta do comboio, desaparecendo na escuridão.

— Vamos — digo eu, pegando-lhe na mão suada.

— Não confio nela — admite o Zephyr, com os seus olhos verdes semicerrados, como os de uma cobra. — E tu?

— Eu não tenho escolha — explico-lhe, porque neste momento a Orion é a única pista que temos para podermos encontrar a Resistência, para podermos encontrar a Peri e o Koi. Só de pensar nos meus irmãos, encho-me de uma raiva que quase dá cabo de mim.

— Pois bem, Meadow, mas, se ela nos matar, serás tu a responsável e não eu.

— Devias preocupar-te menos, não te fica nada bem... — digo-lhe.

Retiro a mão da do Zephyr, respiro fundo e depois salto para o desconhecido.

Empurrei um carro cheio de cadáveres até à Sede das Sanguessugas, todas as semanas, a percorrer suor, a tentar não vomitar, desde que comecei a trabalhar como Programado.

Essa rotina nunca me fez pensar duas vezes acerca da minha segurança. Nunca me fez sentir medo, porque imaginei sempre que as Sanguessugas pensavam que eu também estava morto. Que não valia nada. Que era um Programado ridículo.

Agora que sei quem sou realmente, e o que é o Complexo dos Assassinos, tudo se inverteu.

— É ali que eles treinam os doentes — murmura a Orion a meu lado na escuridão. Estamos a rastejar pela terra como insetos. O céu troveja e vejo relâmpagos ao longe. A chuva começa a atingir-nos com força. Em breve a terra transforma-se em lama e o nosso rastejar torna-se dolorosamente lento.

A Orion continua. Caraças, ela é quase como a Talan.

— É ali que eles detêm a família da *Lourinha*, se não estou enganada. E, é claro, é onde eles têm a Direção.

— Que Direção? — pergunta a Meadow. Vejo-a olhar para a Sede das Sanguessugas, e reparo que a ira nos olhos dela é de meter medo.

— É aquilo a que nós chamamos a Direção Matricial — sussurra a Orion. — A pessoa que controlar essa Direção controla o Complexo dos Assassinos. É onde tudo se encontra ligado.

Leva-nos até à parte mais antiga dos Baixios, através de um labirinto de velhas palmeiras e de árvores cobertas de musgo, até chegarmos a uma velha estrada anterior à Queda. Grande parte dela está coberta de ervas daninhas, mas, em certos lugares, ainda se consegue ver o pavimento. Finalmente, a Orion para. Surge um relâmpago e o mundo ilumina-se por um segundo, como se alguém tivesse acendido um candeeiro por cima das árvores.

— É aqui que desaparecemos — observa a Orion, sorrindo com ironia e apontando para uma velha grelha de metal. Há outras semelhantes ao longo das ruas da cidade. Já encontrei dezenas de corpos mortos *em cima* delas. Mas nunca soube o que se esconde por baixo das mesmas. A Orion levanta a grelha e desvia-a para o lado. Consigo ver uma escada de metal. Por baixo da mesma, apenas a escuridão.

— Entrem — diz a Orion.

A Meadow e eu ficamos ali feitos parvos a olharmos para as trevas.

A Orion insiste: — Não percam tempo.

A Meadow mete as pernas pelo buraco no chão e começa a descer pela escada.

— Vamos lá, Doente Zero — incita a Orion. Eu entro e agarro-me às barras da escada. Estou quase a descer quando sinto a mão dela na minha. Olho para cima e o seu

rosto encontra-se tão perto que lhe consigo ver o suor.

— Se fizeres alguma manobra estúpida lá em baixo, se deixares que essa tua mentalidade do Complexo dos Assassinos faça das suas, e fira alguém da minha esquipa, prometo-te que te corto a garganta mesmo antes de saberes o que te está a acontecer. Estamos percebidos?

Não lhe respondo. Desço pela escada e tento não dizer mais nada.

MEADOW

Quando era pequena, eu e o Koi costumávamos mergulhar até ao fundo do mar. Sustínhamos a respiração e não tínhamos medo da profundidade, abríamos os olhos e víamos um mundo inteiramente novo, extremamente belo e sereno.

— Sempre lá estiveram, Meadow — disse-me o meu pai, quando lhe contei. — Algumas coisas são melhores quando permanecem escondidas, por baixo da superfície.

Ir para o quartel-general da Resistência é como descobrir o fundo do mar pela primeira vez. A escada leva-nos a túneis tão escuros que não consigo ver um palmo diante do nariz. A Orion vai à frente, a falar em voz baixa durante todo o tempo, para que nós a possamos seguir. Os seus murmúrios ecoam nas paredes e há um constante gotejar de água que nos molha a cabeça.

Por fim, chegamos ao fim do túnel e entramos numa enorme sala subterrânea. Esse espaço está iluminado por tochas que tremulam, e eu consigo ver uma série de vultos amontoados sentados no chão de cimento.

— Querido, já cheguei! — diz a Orion, assobiando, e ouço risos vindos de todos os lados. A um canto vejo dois rapazes num treino de boxe. Um é bastante maior do que o outro, mas o mais baixo está a ganhar, com uma graça onde não se revela um grande esforço. Outros estão em volta a vê-los, a incitá-los. Uma ratazana passa-me aos pés e um menino começa a correr atrás dela. O miúdo é ainda mais pequeno do que a Peri.

— Que lugar é este? — pergunta o Zephyr.

— Esta é a cave — diz a Orion, abrindo os braços e descrevendo um círculo. O local cheira a lixo e o ar é espesso devido a uma espécie de nevoeiro quente que nos dificulta a respiração. A água continua a cair-me na cabeça e na roupa.

Mas há algo nesta cave que faz com que pareça o lugar mais belo e mais acolhedor que alguma vez conheci.

— Não é nada de especial. Mas é a nossa casa. Já há alguns anos que aqui estamos. O trabalho é lento. Estamos a reunir as nossas próprias tropas. O nosso exército de *Doentes*, para não lhes chamarmos outra coisa. Mortos-vivos seria um termo mais apropriado. — Ri-se.

Zephyr recua.

— Venham — diz ela. — Vou mostrar-vos tudo.

Há grupos de pessoas reunidas em volta de tochas, a falarem em voz baixa, trocando livros e escrevinhando em velhos pedaços de papel. Vejo fotografias da minha mãe coladas numa das paredes de gesso cartonado. O Zephyr aponta para fotografias de soldados da Iniciativa, de edifícios, de comboios, da Reserva. A um canto, realçado por velas brancas ao longo do chão, há datas e nomes inscritos nas paredes. Alguns têm anotações escritas ao lado. *RIP2*.

Amo-te.

Ainda me debes 5 créditos.

— É o nosso memorial — explica a Orion — para aqueles que perdemos. Aqui não há nenhum Arquivo de Catalogação. Também não temos casas de banho, mas creio que estamos a viver numa, de modo que podem baixar as calças e fazer as vossas necessidades onde vos aprouver.

Tento não me desatar a rir, e desejo que a Peri pudesse conhecer esta mulher. Ela iria rir-se de todas as palavras que a Orion dissesse. Tenho a impressão de estar agora a conhecer a verdadeira Orion pela primeira vez.

Toda a cave é um grande espaço circular, com mais túneis que levam a outros locais escuros. E, no extremo direito, amarrados com pesadas correntes de ferro estão três indivíduos com sacos na cabeça.

— Quem são eles? — pergunto à Orion.

— Doentes... — diz o Zephyr. Tem os braços cruzados e os punhos fechados. — São doentes, não são?

Orion acena-lhe com a cabeça. — Escolheram juntar-se a nós e lutar pela causa. Mas ainda reagem como mortos-vivos quando a Iniciativa se lembra de os pôr em ação. Ainda não conseguimos resolver este problema, pelo menos até agora.

— Então limitam-se a amarrá-los... — observa o Zephyr. Vejo-lhe suor na testa, e reparo que tem o corpo todo encharcado. Gostaria de o poder ajudar, mas, em vez disso, mantenho as mãos junto ao corpo.

— Protegemo-los deles mesmos — explica a Orion. — A escolha foi deles.

Ela apresenta-nos a pessoas, algumas das quais parecem não ter visto a luz do dia há meses, pois estão brancas como a cal. — Todos têm uma tarefa diferente — esclarece ela. — Alguns arranjam comida. Alguns informações. Outros... — continua, olhando para um homem enorme de pele escura que está a roer um osso — saem para recrutar mortos-vivos que se queiram juntar a nós na luta.

— E qual é essa luta, exatamente? — pergunta o Zephyr.

— Não percebeste muita coisa, pois não, Zero? Nós vamos fechar o Complexo dos Assassinos. Pelo menos, iremos fazer isso um dia...

Por fim, leva-nos até ao centro da sala, onde um pequeno palco feito de tábuas foi instalado. Há um *NoteScreen* semelhante àqueles que os avaliadores da Iniciativa usam e, nele, vejo um *slideshow* de rostos com números de catalogação. — Doentes — observa a Orion, apontando para as imagens. — Felizmente conseguimos entrar no sistema deles há umas semanas. No outro dia, conseguimos desligar todas as câmaras que têm espalhadas, e isso é talvez a razão pela qual vocês os dois conseguiram chegar vivos até aqui. O problema é que perdemos a nossa técnica. Ela desapareceu subitamente. Acreditamos que a tenham matado. Agora já podemos ver quando é que os doentes irão atacar e, felizmente para ti, Zero, não é o teu dia de atuação. Mas o problema é que, ainda que saibamos...

— Não há maneira de os fazer parar — diz uma voz por detrás de mim. Volto-me e

vejo um homem ainda novo com o cabelo negro como a noite e uns olhos azuis como um céu de verão. Nunca vi alguém como ele. — Tu és a Woodson, não és? — pergunta-me, observando-me de perto. — O meu pai trabalhou com o teu.

— O meu pai? — pergunto-lhe, e Zephyr passa-me uma mão pelas costas. — Então o meu pai... trabalhou aqui? Com todos vocês? — Há rostos na escuridão, a observarem-nos, mas isso não me preocupa.

— Ele mandava-nos informação — diz o jovem, encolhendo os ombros. — Ensinou alguns de nós a lutar, há já muito tempo. Todos dizem que és a protegida dele. Há já muito que temos estado à espera que te juntasses a nós.

Troca um olhar com a Orion e depois volta-se para o Zephyr. — Com que então és o precioso Doente Zero.

A mão dele aperta fortemente a minha. — Zephyr — diz este. — Prefiro o meu nome verdadeiro.

— Não. Vou ficar pelo Zero. O meu nome é Rhone — informa-nos. — Bem-vindos à Resistência.

— Por que razão estás aqui? — pergunto-lhe. É que estou confusa. O meu pai nunca me falou da Resistência, nem de um Rhone nem da Orion.

Quanto mais descubro, mais me dou conta de que o meu pai nunca partilhou o que quer que fosse comigo.

O Rhone sorri para mim. — Estás aqui porque o teu pai nos prometeu que, quando a ocasião se proporcionasse, nos irias ajudar a fazer uma coisinha. Em troca, irei ajudar-te a juntares-te de novo a ele.

O Zephyr fica muito tenso a meu lado. Posso perceber que ele não está a gostar da ideia. Mas eu olho para o Rhone e aceno-lhe que sim. — Explica-te melhor.

— É muito simples afinal. Vais entrar na Sede da Iniciativa. Vais encontrar as pessoas que controlam a Direção Matricial e vais matá-las.

Matá-las. Finalmente, as palavras que me agradam, que eu compreendo.

— Agora já te estou a perceber — digo-lhe. O Rhone ri-se e a Orion dá-me uma palmadinha no ombro.

A única pessoa que não sorri é o Zephyr.

² Abreviatura em latim de *Requiescat in Pace* [permanece em paz] muito usada em epitáfios. (N. do T.)

Sento-me encostado a uma parede e observo a Meadow durante as horas seguintes, enquanto o Rhone e a Orion lhe mostram mapas da Sede das Sanguessugas. Dão-lhe códigos para abrir portas, até ela os poder recitar de cor. Põem-na a combater com os seus melhores lutadores, quer homens quer mulheres. Ela ganha a todos sem qualquer dificuldade. Eu observo-a com um grupo de outras pessoas, enquanto o corpo da Meadow fica todo ferido e a deitar sangue. Ela é espetacular.

Ela adora este quartel-general mas isso não me incomoda muito. O que me faz sentir preocupado são o Rhone e a Orion.

O modo como a observam, a acenar com a cabeça, a tecerem comentários entre dentes e a escreverem notas, faz-me sentir uma raiva tão intensa que sinto o meu corpo ficar gelado.

É como se ela fosse uma experiência, e creio que eles estão tão orgulhosos do seu trabalho que não conseguem desviar os olhos dela. A minha ira pulsa e prolifera e, de súbito, antes mesmo que me consiga controlar, tudo fica frio e escuro.

Sinto-me a cair no chão, à medida que a memória de qualquer coisa me invade e, quando a tento combater, o mundo esvanece-se.

Já não estou dentro da cave.

Estou de novo na sala dos espelhos, a olhar para o meu próprio reflexo. O meu rosto é mais jovem e mais macio. Mas, caraças, os meus olhos estão tão frios que quase parecem pretos.

«Progrediste muito bem, Doente Zero», alguém diz. Quando me volto, vejo a Lark a sorrir-me, como se sentisse um grande orgulho em mim. «Em breve, poderás aventurar-te pelo mundo.»

«Tenho medo», digo-lhe, olhando para os meus dedos dos pés descalços.

O sorriso da Lark começa a diluir-se. «Que é que disseste?»

«Que tenho medo. Que não quero sair daqui.» Estou todo vestido de branco, mas há um apontamento de cor na minha roupa que me chama a atenção. Quando olho para baixo, vejo vermelho nas minhas mãos. Vermelho nas minhas mangas.

É sangue.

A um canto há um corpo que está torcido no chão.

É uma mulher muito mais velha do que eu. Tem o pescoço numa posição estranha e madeixas de cabelo pela cara. Está a sangrar.

«Matei-a», digo eu à Lark. «Por que motivo a matei?»

«Apenas obedeceste ao protocolo», explica a Lark, mas, em vez de voltar a sorrir, parece... cansada. Ou triste. É impossível dizer. «Vem cá, Doente Zero.» Ela faz-me sentar diante dela para lhe dizer como me sinto.

«Será que a mulher merecia morrer?» Aponto para o cadáver. Levanto-me e aproximo-me mais do mesmo. «Que fez ela para merecer a morte?»

«Fica onde estás, Doente Zero.»

«Não quero.» Sei que talvez devesse ouvi-la, mas sinto que sou suficientemente forte para não ter de o fazer, de modo que me aproximo do corpo e lhe retiro o cabelo da cara para lhe poder olhar para os olhos.

A dor é horrível.

Uma onda de choque elétrica.

Volto-me. A Lark está a carregar num horrível botão vermelho que me causa dores de cabeça, uma dor por detrás dos olhos.

Grito. Caio para o chão.

«Tens de ouvir o que te dizem», diz-me a Lark. Volta a pôr o botão na sua bata branca. «Tens de obedecer.»

«Tenho medo», digo-lhe. Estou a tremer mas já não sinto dor.

Ouçó a voz de uma mulher a falar num altifalante, a estalar-me nos ouvidos. Parece ser a voz da Lark. Mas mais terrível.

«Ele não devia estar a dizer essas coisas. Estamos já nos 60 volts. Ele não devia ter sentimentos, pelo menos, não quando a corrente está tão alta.»

«E no entanto tem-nos, irmã», diz a Lark a olhar para mim. «É fascinante.» Pega-me pelos ombros e puxa-me mais para ela. «Ele é mais forte do que os outros. É especial. Pensem só no que ele poderá vir a fazer um dia. Pensem nas coisas para as quais o poderemos vir a usar...»

Essa memória é interrompida. Vejo a Meadow, ajoelhada a meu lado e sinto-a a abanar-me. Tento chamá-la, mas percebo que não tenho forças no corpo.

Os meus olhos fecham-se.

Durmo.

O Zephyr não acorda durante horas.

Sento-me junto à pequena cama portátil onde o colocaram, a estudar os artigos acerca da minha mãe que a Orion me deu. Uma caixa cheia deles.

A minha mãe tinha dezanove anos quando casou com o meu pai.

Tinha vinte e um quando teve o Koi, e vinte e seis quando me teve a mim e, ainda que eu saiba todas estas coisas e que sempre as tivesse conhecido, é como se ela para mim fosse uma estranha, como se eu estivesse a ler a história da mãe de outra pessoa e não da minha.

Ela tinha dezassete anos quando descobriu uma cura para a constipação comum, logo depois de os pais dela terem morrido devido à Peste. *Jovem Einstein*, leio no título. Tinha vinte anos quando criou a Cura, onde se alojavam as nanites, e que foi espalhada por todo o país através da água.

Aos vinte e seis anos, a mesma idade que tinha quando eu nasci, criou o Complexo dos Assassinos, mas essa informação não se encontra impressa. Os detalhes estão escritos na caneta num caderno. Penso que pela Orion. Ela menciona como os cidadãos dos Baixios foram convencidos a arranjar Alfinetes. Nanites suplementares. Uma mentira. As pessoas foram tão parvas ao terem acreditado nisso...

Mas talvez estivessem desesperadas por razões alimentares, desesperadas por um lugar que pensavam ser seguro.

Quando acabo de ler os papéis, sinto-me enojada.

Finalmente, o Zephyr acorda.

Abre tremulamente os olhos e fico de tal modo contente que caio por cima dele, que lhe dou um abraço mais apertado do que pretendia. Ele suspira, mas abraça-me também.

— Pensei que estivesse a morrer, meu otário — digo-lhe ao ouvido. Tem o cabelo encharcado em suor e colado à testa. Eu ponho-lhe esse mesmo cabelo para trás e enterro a cabeça no seu ombro. — Pensei que... me tinhas abandonado.

— Sinto-me como se tivesse acabado de receber um milhão de créditos — revela-me o Zephyr, na brincadeira, mas eu consigo perceber que há algo que não está bem. — Eu prometi, Meadow... Olha para mim...

Ele desvia-me e sentamo-nos lado a lado na cama de lona. — Eu vi uma coisa. Sonhei-o. Penso que se tratava de uma memória.

— De quê? — pergunto-lhe. Ele tem o rosto tão pálido como os que aí vivem.

— Estava com a tua mãe — conta-me ele, com os olhos muito abertos como uma criança. — Era mais novo, penso que estava numa sala dentro da Sede das Sanguessugas. E ela estava a castigar-me quando eu não prestava atenção ao que dizia.

— Lamento — sussurro eu. Não consigo sequer imaginar a minha mãe a atormentar

quem quer que fosse. Especialmente o Zephyr.

— Mas não é essa a questão. — Ele abana a cabeça. — Havia uma pessoa a observar-nos. Uma mulher. Esta dizia que eu era mais forte do que devia. Não sei bem o quê, algum sistema ou qualquer coisa parecida, estava ligado... e eu estava a desobedecer à tua mãe. Ouvi então a tua mãe a chamar-lhe *irmã*.

Alguém assobia atrás de nós ao emergir da penumbra. É uma rapariga, mais nova do que eu, a julgar pelo seu aspeto. É magra, tem uma pele escura e as faces encovadas. O cabelo cai-lhe em canudos pelos ombros e, nos braços, tem linhas horizontais de cor negra, tatuagens que lhe vão dos pulsos até aos cotovelos. — Então sempre é verdade — diz ela, a olhar para o Zephyr. Tem uma voz suave, como uma melodia. — És mesmo tão bom como dizem que és?

— Hum... o quê? — pergunta-lhe o Zephyr.

— Por vezes obtemos a melhor informação das pessoas quando estas pensam que ninguém está ao pé delas. Eu observei esse teu pequeno episódio. Caíste redondo no chão. Deixa-me adivinhar. Tiveste uma memória... — Ela aproxima-se de nós e senta-se de pernas cruzadas no chão, em frente da cama de lona. Também tem tatuagens pretas nas pernas.

Ela repara que eu estou a olhar para elas.

— Marcas de matanças — explica ela. — Fui eu quem as tatuou. Eu também sou uma morta-viva. E, aparentemente, até era boa no que fazia, antes de a Resistência me ter encontrado.

O Zephyr começa a respirar mais apressadamente. — Então somos iguais?

— Iguais mas diferentes. Sou como *tu*, era isso que deverias ter dito. — Põe-se a mexer em unhas dos pés e começa a sorrir para o Zephyr como se este estivesse numa montra. Quase como se ele fosse sagrado.

— Tu fazias parte do primeiro grupo que eles construíram. Aqui entre nós, chamamos a esses indivíduos os Originais.

Os Originais.

Já não me deveria surpreender, não depois de tudo o que tenho vindo a descobrir na companhia da Meadow. Mas não o consigo evitar. — Estás a mentir — digo-lhe.

A rapariga, cujo nome é Sketch, limita-se a rir. — Até agora só encontrei um de vocês. Era uma rapariga muito simpática, mas já morreu há muito tempo. Ela também tinha memórias...

— E tu também as tens? — pergunta a Meadow. Em seguida volta-se para mim e olha-me fixamente, como se eu fosse um Cangalheiro maluco ou algo semelhante.

— Não, desculpa — observa a Sketch. — Só os primeiros mortos-vivos é que as têm. Talvez seja uma falha no sistema. Ou talvez me tivessem batido na cabeça vezes de mais. Mal me consigo lembrar do que comi ao pequeno-almoço esta manhã mas, caso estejam intrigados com isso, digo-vos que foi uma ratazana.

Ela lembra-me a Talan.

Talan.

Caraças, espero que as Sanguessugas não lhe façam nada de mal.

— Como é que sabes que ele foi um dos primeiros? — pergunta Meadow à Sketch.

— Porque todos nós estudámos a história — diz esta, cuspindo para o chão e quase me acertando num pé. Uma verdadeira senhora. — Eu sou da Terceira Geração. No meu tempo já tinham resolvido todos os problemas. Mas tu, miúdo, tens um cérebro lixado dentro de ti, não tens?

Mordo o lábio e olho muito para ela.

— Um dia hei de meter as mãos nessa psicopata criadora — diz a Sketch e, em seguida, olha para a Meadow. — Sem ofensa.

Meadow encolhe os ombros, mas não diz nada.

— Então já te disseram o que temos de fazer, não foi? — pergunta-me a Sketch. Os olhos dela têm uma estranhíssima tonalidade amarela, como os de um gato. — Temos de lá entrar e combater o Protetor. O *Protetor*, miúdo... O que guarda a Direção Matricial.

Ela disse Protetor e não *Protetores*. — E diz-me, tu também vais?

— Claro que vou. Vou acabar com essa Direção, mesmo que morra no processo. — A Sketch começa a rir-se. Levanta-se e sacode as coxas tatuadas. — É uma coisa boa que a tua namorada seja uma lutadora a sério. Porque o que se diz por aqui é que tu lutas como uma criança. Só temos um dia para te prepararmos. Tenho a impressão de que não sabes o que nos espera...

Uma hora mais tarde, já estou rodeado de um grupo de membros da Resistência, e devo parecer o maior otário na história dos Baixios.

Estão todos a gritar o meu nome. E estão a rir-se de mim, às vezes de tal modo que mal conseguem respirar.

Caio no chão da cave.

Vezes sem conta.

— Para de gastar energia! — grita-me a Meadow. — Mexe-te mais depressa, Zephyr. Escolhe o teu alvo e concentra-te nele.

Levanto-me e preparo o corpo para o ataque dela. Mas, desta vez, quando ela investe, estou mais bem preparado. Atiro-me para o chão e começo a rolar para longe dela. Quando ela se volta, estendo os pés e faço-a cair mesmo ao meu lado. Todos aplaudem, e a Sketch grita qualquer coisa ordinária.

Pelo canto do olho, consigo ver a Orion e o Rhone. Não parecem estar impressionados.

A Meadow sorri. — Estás melhor! — Tem manchas de sangue seco no rosto e eu sinto-me mal por ter estado a tentar dar-lhe uma verdadeira tarefa. Mas parece nunca ter estado tão feliz nos últimos anos. Está a sorrir como uma louca. — Zephyr, *olha* para o teu corpo. És todo músculo e és rápido. Algures, dentro de ti, até sabes fazer isto. Outra vez...

Vezes sem conta eu ataco, mas ela é mais rápida do que eu. Desvia-se de cada murro, mas desfere-me uns quantos no estômago e não demora até eu estar estendido no chão, a tentar respirar como um peixe fora de água.

Um dia. *Um dia* para me preparar. Deviam ter-me dado meses.

Isto é completamente impossível. É humilhante. Sou um Original e luto como uma menina. — Isto não vale a pena — admito. — Não há tempo suficiente!

A Sketch abre caminho, através dos espetadores que se riem, até se aproximar da Meadow. Ambas baixam os olhos na minha direção.

— Memória muscular, miúdo — observa a Sketch. — Todos os mortos-vivos a têm, mas está numa parte muito profunda do teu cérebro. Vê se a pões cá para fora. Eles fizeram-te isto. Usa-a.

A Sketch estende-me a mão para me ajudar a levantar. Vale a pena escutá-la, acho eu. Fecho os olhos, à medida que ela se põe a andar à minha volta. Continuo a dizer a mim mesmo que tenho de lhe prestar atenção e concentrar-me.

— Tu sabes que és um assassino, Zephyr. Prova-o. Tenta matar-me.

— Para com isso. — Fecho ambas as mãos.

— Já o fizeste antes — diz-me ela. — Podes fazê-lo outra vez. Tenta agredir-me. Tenta matar-me, Zephyr.

— Já te disse para parares com isso. — Os pelos dos meus braços começam a ficar em pé.

— Faz com que sintas qualquer coisa. Zanga-te! Vamos lá! — Dá-me um murro no maxilar e cambaleio para trás. Bolas, ela é forte. Concentro-me no muito que me dói, deixando que a dor me invada como fogo.

Quando começa a latejar, sinto algo diferente.

Fúria.

Volto-me e corro para ela. A boca da Sketch esboça um sorriso irónico antes que eu atire com ela para o chão. Tudo à nossa volta desaparece. Os meus músculos tomam conta de tudo e as coisas começam a encaixar-se. Estou a lutar como deve ser, a fazer tudo certo, a bloquear os seus murros e pontapés, como se tivesse sido treinado toda a vida para lutar.

A multidão está a aplaudir, trocando o nome da Sketch *pelo meu*. É tão bom ouvi-los que me faz lutar como se a minha vida dependesse disso. Alguém atira uma faca à Sketch e a atmosfera muda. Troco a ira pelo ódio, e mexo-me mais rapidamente do que nunca, enquanto a Sketch começa a dar facadas no ar. A faca passa perto de mim e a ponta da mesma faz-me um rasgão no braço.

— Agora já não és tão rápido, pois não, Zero?

A Meadow olha para mim com os olhos incendiados e os punhos fechados.

Tenho de ganhar. Tenho de criar uma boa impressão aos olhos da Meadow.

Recorro a tudo o que posso do meu passado, a tudo o que está dentro de mim e, de súbito, sinto a mudança. Vejo rápidas imagens visuais de há muito tempo. A sala dos espelhos, um adversário que também está vestido de branco como eu. Vejo um homem a treinar-me para dar murros certos, para respirar de uma forma regular e para mexer convenientemente os pés. Vejo uma mulher a pulverizar as minhas feridas, a tentar reparar os estragos para me enviar de novo para a luta. Sinto dor quando a Lark carrega no botão vermelho cada vez que eu perco um combate, e obtenho prazer cada vez que ela carrega no botão azul quando ganho. Ouço o meu nome, Doente Zero, vezes sem conta.

De súbito, estou a combater com uma certa elegância, como se a batalha fosse uma dança. Vejo o rosto da Meadow a um canto. Tem a boca escancarada e os olhos cinzentos muito abertos. Atinjo a garganta da Sketch com um murro. Ela tosse, tenta respirar desesperadamente, começa a cambalear para trás. Pego-lhe no pulso, torço-lho e rio-me quando a faca que ela tinha cai para o chão.

— Dá cabo dela, Zephyr! Dá cabo dela! — grita a Meadow. Eu já tenho a faca na mão.

Passo uma rasteira à Sketch e esta cai no chão. Grita, furiosa, mas, antes que tenha uma oportunidade para se levantar, eu já estou em cima dela, escarranchado, com a faca junto à sua garganta.

Tem os olhos amarelados muito acesos.

— Ótimo — diz ela. — Excelente!

Há uma coisa escura em mim. Algo que quer que eu lhe espete a faca na garganta. Mas a Meadow começa a aplaudir. Olho para a cara dela e a faca cai-me da mão.

Levanto-me e desapareço por um dos túneis. Depois vomito tudo o que tenho no estômago, antes de me encostar, sem forças, às paredes frias e húmidas.

— Estiveste muito bem — diz-me a Meadow mais tarde nessa noite, enquanto me amarra a poucos metros dos outros como eu. — Penso que estás preparado.

A Meadow senta-se diante de mim, limpando o sangue das minhas feridas quase saradas. — Eles irão fazer tudo o que puderem para nos pararem — diz-me ela.

— Penso que já não me importo com isso.

Ela encontrou água limpa algures. É agradável senti-la na pele.

— Acredito que te posso proteger agora — digo-lhe. — Sinto que quando lá formos amanhã, tudo irá correr bem, que iremos trabalhar bem juntos.

Demora ainda um certo tempo até ela me dar resposta. Quando o faz, fala tão suavemente que nem sequer poderíamos dizer que sussurra. — Alguma vez pensaste... que talvez não sejas tu quem eles querem, ou a minha família...?

— Que queres tu dizer?

Uma fogueira, não muito longe, ilumina-lhe as cicatrizes nos braços e nas pernas. Quando ela volta a olhar para mim, cai-me o coração aos pés. Há qualquer coisa que nunca tinha vista antes nos seus olhos.

Medo.

— Levaram-nos — diz ela. A voz quase lhe falha. — Levaram a minha família mas não me levaram a mim. E acho que sei porquê.

Tento aproximar-me dela mas ela desvia-se. — Porque não te conseguiram encontrar, Meadow. Eu consegui manter-te em segurança.

— Mas não devias! — diz-me ela, cheia de ódio. Está tão zangada que eu desvio os olhos. — Eles querem-me, Zephyr. Não te querem a ti nem à minha família. Querem-me a mim.

Espero um momento até ela se acalmar. — Tu não sabes se é isso — afirmo. Mas como o poderia ela saber? Tudo o que temos feito até ao momento é andarmos feitos cegos. Na verdade não sabemos nada.

— Vejo o modo como o Rhone e a Orion olham para mim. Achas que não lhes ouvi os comentários? Toda a gente sabe qualquer coisa a meu respeito que eu não sei.

— Caraças, Meadow, tu és a *filha* da Lark Woodson. E isso não é uma coisa sem importância.

— Pois, talvez seja por isso... — afirma a Meadow. — Mas o meu pai contou-me uma coisa no Cemitério. Disse-me que há uma pessoa por aí que tem estado a tentar pôr o meu nome na lotaria... para que alguém me mate. Creio que para se vingar da minha mãe.

Fecho os olhos e penso melhor no que ela me disse. Nada me deveria surpreender, mas espanta-me o que ela me disse. — Então os meus sonhos acerca de ti... era porque eu era o indivíduo que tinha sido escolhido para te matar... por causa dessa outra pessoa.

Ela acena afirmativamente com a cabeça.

— Bem... então isso resolve a questão, Meadow. Não existe o que quer que seja de errado contigo — acrescento. — És perfeita, essa pessoa é que é maluca.

Os seus olhos fixam-se nos meus. — Será que não és capaz de parar com tudo isso? Isto não é um conto de fadas. Isto é a vida real e, neste momento, Zephyr, há algo de errado. Prefiro ir sozinha. — Levanta-se, examina o punhal e olha para mim uma última

vez. Os seus olhos não têm vida. — Se eu me entregrar, eles irão libertar a minha família.
— Será que enlouqueceste? — Tento levantar-me, mas, é claro, não me consigo mexer. — Então tu achas que, se lá apareceres, eles te vão acolher com um sorriso e dar-te a tua irmã? Não. Nós temos um trabalho a fazer. Temos de acabar com essa Direção Matricial e acabar com toda esta porcaria de uma vez.

Olho muito para ela. Não posso pensar que a irei perder.

Nunca.

— E tu pensas que nós podemos lá entrar, matar uma pessoa, e acabar com o Complexo dos Assassinos? Isso é ridículo. Não estás a pensar no Perímetro, Zephyr. Esse irá manter as pessoas aqui para sempre. Ninguém irá morrer durante muito tempo, mesmo se acabarmos com o Complexo dos Assassinos, o mundo irá continuar a crescer, e as crianças irão passar fome, e... oh, isto é de loucos! Não conseguiremos sair vivos da Sede. Até aqui temos tido sorte. Vamos lá e o mais certo é morrermos. E a minha família também irá morrer, e tu... Tudo isto terá sido *para nada*.

— Não estás a ver bem as coisas — interrompo-a. — Não estás, porque isto não diz respeito apenas a nós. Não é apenas acerca da tua família, mas de todos os Programados que andam por aí. É acerca do modo como essas Sanguessugas nos controlam, nos arrebanham nos Baixios. A exterminarem-nos, um a um. Nós poderemos morrer. A tua família poderá morrer. Mas... vale a pena tentar, não achas?

Ela senta-se no chão. Tem os olhos brilhantes de lágrimas. Engole em seco e olha para mim. — Seria mais fácil se eu me entregasse.

— Nós estamos juntos nisto, Meadow, tu e eu. Até nos isolarem um do outro e, mesmo nessa ocasião, hei de lutar.

Vejo que os seus olhos se dirigem de mim para o túnel de saída, e mais uma vez para mim.

— Tu não és uma máquina como eu — observo, entre dentes. — Não faz mal ter medo. Ao menos uma vez na tua vida, reage como *um ser humano*...

Finalmente, descaem-lhe os ombros. Respira fundo, mas as suas lágrimas são cada vez mais abundantes. Quero abraçá-la, mas não consigo, de modo que lhe pego nas mãos enquanto ela chora no meu ombro.

Momentos depois, fica mais tranquila, pousa a cabeça no meu colo e olha para mim. O seu rosto está cheio de uma escuridão de tal modo profunda que lhe retira toda a luz dos olhos. É tudo ira e ódio, e um milhão de emoções atadas e enroladas numa só, mas estas não são para mim.

— Amanhã — digo-lhe baixinho. — Espera só até amanhã e ambos poderemos ter a vingança que merecemos.

— Estás com medo? — pergunta-me ela. Eu tenho de refletir e tentar encontrar a verdade. E, dou-me conta de que, pela primeira vez, não estou com medo. Se morrer, morri. Pelo menos saberei que morri a lutar por algo de *bom*, e que a rapariga que amo estará a meu lado. — Não — sussurro-lhe. — Estou pronto.

— Ótimo — responde a Meadow, enquanto fecha os olhos para adormecer. — Porque amanhã vamos matá-los a todos.

Acordo ao som das gargalhadas da Orion.

Tudo dança à luz das tochas, estranhas sombras que hoje fazem com que os rostos pareçam ameaçadores.

— Estás pronta para isto? — pergunta-me a Sketch. Ela está a pintar riscas na cara com tinta branca. Os padrões são belos, de certo modo, e, não sei porquê, acho que o Koi seria capaz de gostar desta rapariga.

— Pintura de guerra — observa ela. — Penso que as pessoas costumavam fazer isto para se prepararem para a batalha.

A batalha. Hoje iremos travar uma batalha.

A Orion e o Rhone reúnem-nos a todos. O Zephyr tem uma pistola à cintura. Eu tenho uma besta ao ombro, e o meu punhal; a Sketch tem facas atadas ao colete, às pernas e aos braços. Recordam-me, mais uma vez, os códigos do edifício. Todos nós olhamos para uma planta desenhada à mão e extraída do diário da Orion. Tenho toda a planta arquitetónica já memorizada. — As celas dos presos na Direção Matricial são na mesma ala. Apenas têm de seguir as condutas do ar condicionado — observa a Orion. — Logo que acabarem, a única maneira de poderem sair de lá é pelo mesmo caminho pelo qual entraram. Fiquem sempre calados, caso contrário serão logo abatidos, estão a perceber?

A Sketch ri-se. — Tenho a impressão de que vamos morrer logo, assim que lá pusermos os pés...

A meu lado, o Zephyr cruza e descruza os braços.

O Rhone desenha uma linha no mapa, através das condutas do ar condicionado. — O edifício é bem maior do que parece, visto de fora. Temos um percurso e vocês têm de o seguir. A Direção Matricial, com todos os seus computadores, situa-se aqui. — Faz um círculo em volta de uma divisão nas traseiras — E o Protetor irá lá estar. Infelizmente as condutas do ar condicionado não conduzem diretamente a essa divisão. De modo que terão de encontrar uma maneira de lá entrarem, depois de darem cabo de alguns membros da Iniciativa.

— Ou então morreremos a tentar — observa a Sketch, com um sorriso irónico e algo em mim me diz que ela *quer* morrer aí, que ela adorava se isso acontecesse...

É o Zephyr que faz a pergunta sobre uma coisa em que nenhum de nós pensou. — Então... como é que entramos no edifício? Será que temos de ir pela saída do Perímetro, pelas traseiras?

Desta vez é a Orion quem responde. — Está totalmente fortificada. Mantemos os olhos nos mortos-vivos durante o tempo todo. A Iniciativa também o faz. A única maneira de aí entrarem é *através*. E ainda bem, Z, que trouxemos alguém para vos ajudar. Alguém que vocês vão ficar contentes por verem.

Ouçõ passos e qualquer coisa a ser arrastada pelo chão. — Esta é uma verdadeira lutadora — diz um dos homens que lhe pegam no braço, arrancando o saco que ela tem na cabeça. Vejo os seus olhos azul-bebé muito brilhantes e cai-me o coração aos pés.

— Talan! — exclama o Zephyr.

— Oh, *graças a Deus...* — A Talan cai nos meus braços e eu aperto-a muito contra o meu peito.

Fico tão satisfeito por ela estar *viva* que nem me dou conta de que ela, de facto, está a chorar. A Talan *a chorar...* Tem o olho direito inchado e negro, tão inchado que mal o pode abrir.

— Cheiras-me a morte — diz-me a Talan, ao dar-se conta do cheiro da minha camisa rasgada. A voz dela ainda é a voz dela, mas eu afasto-a e fico a observá-la, a olhar-lhe para os braços, para as mãos, para o pescoço, para me certificar de que ela está bem.

— Agrediram-te! Fizeram-te isto!

— Não, nem pensar — diz a Talan, piscando-me o olho. — Foi um rapaz da Reserva, um fulano saído de uma banda desenhada que está sempre a ver se me salta para a espinha. Desta vez dei-lhe qualquer coisa em que pensar, Zephyr. Devias ter visto...

— E puseram-te um saco na cabeça? — pergunto-lhe, mas ela apenas encolhe os ombros.

— Também me deram cinquenta créditos para aqui vir. Olha, por esse preço, podiam ter-me experimentado para depois me atirarem para o mar.

Uma coisa sem sentido. Sem sentido mesmo nenhum.

— Há muito tempo que usamos Programados — esclarece o Rhone a nós todos, coçando a barba por fazer no queixo. — Eles obtêm créditos para desempenharem certas tarefas, sabem manter segredo e o melhor de tudo é que a Iniciativa se está nas tintas acerca dos que não estão programados, como a Talan.

— Calma, patrão — diz a Sketch, quando fecho o punho e aperto mais a Talan contra mim. — Não irrites um morto-vivo...

Durante o resto do dia, sentamo-nos em volta de uma fogueira e examinamos o nosso plano uma vez mais. A coisa torna-se extremamente aborrecida porque a Meadow continua a exigir que toda a gente repita as várias fases, a Talan não para de falar, tal como a Orion, e eu tenho vontade de tapar os ouvidos. É quando de súbito me dou conta. Eu sou parte de uma família. Trata-se de uma família muito disfuncional, não é a que estou à espera, mas, pelo menos, é verdadeira.

Comemos uma refeição completa. Gaivotas, rações secas e raízes. A Orion chega mesmo a partilhar connosco uma velha garrafa de *whisky*, da qual todos bebemos um gole. Arde como fogo, e talvez tivesse sido boa ideia se não o provasse. A Talan ri-se, a Meadow pega-me na mão e a Sketch pinta-nos a cara com as marcas de guerra.

Termina tudo quando a Orion nos diz que já se ouviu a Sirene Noturna. Saímos lentamente da cave, e parte de mim tem quase a certeza que talvez não vá regressar.

Desde que me lembro, sempre senti o cheiro da morte.

Este está constantemente pelas ruas. Sempre no ar, como um nevoeiro espesso que faz com que nos voltemos e sigamos noutra direção, logo que nos apercebemos dele, que cobrimos a boca e limpamos os olhos lacrimejantes, enquanto os enlutados choram pelas ruas.

Mas nunca o cheirei com tanta intensidade como agora, com três corpos por cima de mim, ao lado do Zephyr e da Sketch, no carro de recolha de cadáveres.

A Orion e o Rhone puseram-nos dentro de sacos mortuários. Levaram-nos para a orla da Estrada do Lixo e largaram-nos no chão.

Houve uma vez em que apareceram dois soldados da Iniciativa, mas a Orion reagiu muito bem. — Continuem a andar, rapazes, estes são os vossos colegas que tombaram. Encontrem os fugitivos e tragam justiça à nossa causa.

A Talan veio mais tarde, a empurrar um carro. A Orion e o Rhone retiraram-nos dos sacos, ajudaram-nos a entrar para o carro e nós continuámos, sem que ninguém suspeitasse do que quer que fosse.

— Eh — ouço a voz da Talan, abafada pela lona encerada e pelos cadáveres. — Estão com fome? Hoje tive uma carga completa. Mas irá custar-vos...

Uma manobra mal feita, e ela pode pôr tudo a perder. Mas ouço o clique de um fecho e as rodas do carro a girarem por baixo de mim, à medida que a Talan o empurra para dentro do edifício.

Tento não respirar enquanto o cadáver a meu lado se encosta à minha face, com o cabelo emaranhado contra a minha pele como mancheias de feno ensanguentado. Tento não pensar no modo como ela morreu. Mas sei porquê. E hei de fazer tudo o que puder para parar com isto.

Tento recordar-me uma vez mais do nosso plano. *A Talan empurra o carro para a sala das fornalhas. Quando ela levanta a lona encerada, uso a pistola do Zephyr para alvejar as câmaras.*

A Sketch cria uma diversão de modo a que a Talan possa fugir.

Temos segundos para entrarmos nas condutas do ar condicionado.

Trás, trás, trás. Três pontapés num dos lados do carro, o que quer dizer que não há guardas à porta da sala das fornalhas. Ouço o fecho a abrir-se, com o seu ruído característico. O carro põe-se outra vez em movimento. Sinto que o coração me salta do peito.

Os dedos do Zephyr apertam os meus e eu lembro-me de que ele está ali, juntamente com a Sketch.

O carro volta a parar, consigo ouvir o rugir da fornalha e o calor atinge-me, quase

poderia jurar que lhe sinto as chamas a lamberem os lados do velho carro.

A Talan levanta a lona encerada. Ouço o ruído do fogo e o calor atinge-me como se eu fosse um bife a ser assado num churrasco.

Obrigo-me a respirar. Quando retiram o corpo que está em cima de mim, sento-me.

Mas ouço um forte barulho metálico. O som da porta da sala da fornalha a abrir-se novamente. Volto a deitar-me, tal como o Zephyr e a Sketch. A Talan olha para nós com os olhos muito abertos.

— Talan Banner! 45320? — Uma voz grossa eleva-se acima do ruído da fornalha. O meu coração começa a bater descompassadamente ao saber que ele me pode ver. Qualquer movimento, mesmo a mais leve respiração por parte de um de nós, e tudo terminará, antes mesmo de ter começado.

— Sim... — responde a Talan, e os seus dedos apertam-me o tornozelo.

— O teu colega não está contigo.

— Esse otário não veio hoje — diz ela, e eu quase aprecio o seu insulto.

— E sabes onde é que ele está?

— Não é essa *a tua* função? — observa ela, com voz de poucos amigos. Linda e rebelde. Leal a Zephyr. Sinto-me invadida por uma alegria nervosa.

— Então não te importas se eu ficar por aqui até ele aparecer.

— Ele não vem, mas, não há problema, fica o tempo que quiseres. O cheiro não te irá incomodar. Essência da Iniciativa, não é verdade?

Apercebo-me da intensidade com que a mão dele lhe atinge a cara. Os dedos dela largam-me o tornozelo quando ela cambaleia para trás.

— És uma puta ridícula e sem-abrigo. Sim, já me contaram as coisas que tu fazes. — Ri-se. — Continua com o que estás a fazer. — Ele desvia-se um pouco, deve estar à espreita, estou certa. À espera que ela faça qualquer coisa mal feita.

Abro os olhos devagar. A Talan está a olhar para mim. Tem uma mancha encarnada na cara e a sua expressão indefesa diz-me que tudo está prestes a mudar. Abano a cabeça para a fazer parar, mas é já tarde de mais.

— Eh! — grita ela por cima do ombro. — Será que me podes ajudar?

Que é que ela está a fazer? Olho para o Zephyr e para a Sketch, e os seus rostos sujos de sangue têm um ar tão assustado como o meu deverá ter.

O guarda observa com a mesma voz grossa. — Não há problema, olha que vou ajudar mesmo.

A Talan olha para nós e pisca-nos o olho. Eu, o Zephyr e a Sketch sentamo-nos no carro.

E não tarda até o guarda estar ao lado dela. — Não prestas mesmo para nada. — A sua boca forma um O perfeito. Ele olha diretamente para os meus olhos esbugalhados. — Mas que... — A mão desliza-lhe para a arma que traz à cintura. Mas não é suficientemente rápido.

Porque uma das facas da Sketch já se lhe espetou na garganta.

O sangue jorra. O cheiro metálico inunda-me as narinas quando a Talan abre a porta da fornalha e as chamas quase nos lambem. O guarda cambaleia para a frente e ela afasta-se para o lado, com um sorriso malévolo nos lábios.

— Vai, Meadow, vai! — O Zephyr agarra-me no braço e tira-me do carro. Tudo o que ouço é o rugido da fornalha e a tosse e o respirar arquejante do guarda, à medida que o sangue lhe jorra da garganta.

O Zephyr passa-me a pistola, lembrando-se do plano, embora seja já tarde de mais.

Volto-me num círculo rápido, deixando que as balas atinjam todas as câmaras que aí se encontram. Tudo fica então em silêncio e nós estamos ali, de pé, sem nos mexermos. Em segundos tudo parece ter descarrilado.

Os alarmes começam a tocar.

A última coisa que vejo, antes de nos introduzirmos nas condutas do ar condicionado, é a porta da sala da fornalha a abrir-se de par em par. Há guardas que entram a correr. O Zephyr fecha o respiradouro antes que eles nos tivessem visto. Ficamos a olhar pelas frestas, em silêncio.

Os guardas aproximam-se da Talan. A Sketch luta com outros dois. A Talan cai no chão, a rir-se histericamente, enquanto lhe batem com os cassetetes.

— Arden! — grita ela. — Arden! — Fraturam-lhe a cabeça com golpes de cassetete e arrastam-lhe o corpo sem forças para a fornalha.

Ouço o grito da Sketch, vejo as suas facas a brilharem, mas já não há nada que ela possa fazer.

Tento reprimir o meu grito quando o Zephyr me puxa mais para a escuridão.

A mágoa invade-me como uma onda velhaca.

A minha amiga. A minha melhor amiga.

— Morta. Está morta *por minha causa*.

— Temos de continuar a andar, Zephyr — murmura a Meadow por detrás de mim. —

Era o que ela queria que fizéssemos. A Sketch está a arranjar-nos mais tempo. Temos de fazer isto. Pela Talan. Volta à esquerda.

Rastejamos, deslizando sobre as nossas barrigas, através de metal frio.

Devem andar à nossa procura. Mas não nos irão encontrar. Somos invisíveis até decidirmos que já não o queremos ser, só então cairemos do teto para os destruirmos a todos.

O sangue deles irá manchar o chão, mas não importa quanto desse sangue derrarmos, a Talan nunca mais irá voltar. A ira começa a crescer em mim como fogo, como chamas muito quentes a alastrarem-se através do corpo, e só tenho vontade de gritar.

Somos dolorosamente lentos.

A parte pior são as sirenes. O ruído delas viaja através do metal como gemidos de espíritos mortos, ecoando e tinindo, de modo que os nossos ouvidos parecem que vão explodir.

Podem encontrar-nos a qualquer momento. Se começassem a alvejar o teto, não teríamos sítio para onde fugir. De vez em quando, julgo ouvir um grito. Penso que é a Sketch, que a estão a torturar, que em breve estará morta.

Finalmente, uma voz de homem surge através do que nos parece ser um altifalante, a ribombar pela tubagem do ar condicionado. — Temos a vossa amiga — diz ele. — Se se entregarem sem luta, não a matamos.

Sketch.

— De qualquer modo vão matá-la — diz o Zephyr entre dentes. — Mesmo que nos entregássemos...

Aceno afirmativamente com a cabeça. Tudo correu mal muito depressa. — E agora?

O Zephyr encolhe os ombros, mal consigo ver a cara dele, mas a escuridão não consegue disfarçar a dor na sua voz. — Não podemos voltar para trás.

Chegamos a uma bifurcação. Sei que a conduta da esquerda nos irá levar para lá da Sala do Equipamento. A da direita leva-nos à Sala das Estatísticas. Todas as condutas parecem prosseguir em ziguezague, mas finalmente haveremos de chegar às traseiras do edifício. À Direção Matricial. Às celas onde a minha família se encontra. Devíamos virar à esquerda. É a via mais rápida. Mas há segredos que eu gostaria de descobrir.

Então, escolho. — Para a direita — sussurro.

Era o que o meu pai teria gostado que eu fizesse.

Não quero olhar.

Mas, quando a Meadow levanta a tampa de um dos respiradouros, não tenho outra escolha. Deslizo até onde ela está, e olho para baixo.

A princípio a sala parece totalmente vulgar. Paredes e chão de azulejos brancos e uma fila de ecrãs de computador encaixados numa longa mesa prateada. Há algumas Sanguessugas sentadas em cadeirões, a falarem em voz baixa, com os dedos a voarem por cima dos *NoteScreens*.

Vejo a parede de vidro que parte a sala em duas. No outro lado está um rapazinho.

Tem o cabelo rapado.

Está rodeado de espelhos.

— A tua mãe e eu estivemos nesta sala. Penso que a tua tia estava sentada onde essas Sanguessugas estão agora — digo entre dentes à Meadow.

Caraças.

O rapazinho senta-se de pernas cruzadas no chão com as costas voltadas para as Sanguessugas. Está acorrentado à parede. Tem uma tatuagem negra na cabeça rapada, e um «X» na parte de trás do pescoço.

— Que lhe estarão eles a fazer? — pergunto, e consigo sentir a meu lado o encolher de ombros da Meadow. O número de catalogação do rapaz parece enruguar-se enquanto ele fala, e uma voz sumida e muito fininha pode ouvir-se do outro lado do vidro.

— Tenho de ir à casa de banho!

Uma das Sanguessugas carrega num botão. — Terás de esperar um pouco mais, C87 — diz o homem. O rapazinho abana a cabeça.

— Mas eu tenho de ir *agora*!

— Vais ter de te controlar. Temos uma grande tarefa para ti.

Começo a pensar se eles ainda terão o botão vermelho e o botão azul. O rapazinho parece afundar-se na cadeira e a sua enorme tatuagem preta dá-me calafrios. Toco na minha cabeça. É como se eu estivesse a ver o meu próprio passado, e sinto uma enorme vontade de vomitar.

A Meadow, a meu lado, tenta acomodar-se melhor.

— A minha mãe tinha uma fotografia desta sala — diz-me ela, baixinho. — Temos de continuar.

No entanto, por qualquer razão, não me consigo mexer. Uma memória começa a chamar pelo meu nome, e pede-me para se tornar presente. Tenho de me concentrar. Tenho de focar uma vez mais a minha atenção na sala branca. Uma Sanguessuga pega num cartão-chave que tem à volta do pescoço.

— Juro-te, pá, se nós transformássemos todos os Programados em doentes, não

teríamos de fazer todos estes malditos testes. — Introduz o cartão, através de uma fenda na mesa diante dele, e carrega num botão.

Uma porta abre-se em frente do rapazinho. Entram dois guardas encorpados, com verdadeiras caras de otários, que estão a segurar numa mulher com uma venda preta a cobrir-lhe os olhos. Há sangue seco no seu cabelo fino e castanho. Ela parece um esqueleto ambulante.

— Por favor — diz ela e, infelizmente, a sua voz enrouquecida mostra desespero. Ela cambaleia quando os guardas a empurram para a frente e depois para trás. Para fora da sala. A porta bate com força. — Faço tudo o que quiserem. Tudo. Juro.

— Senta-te — ordena-lhe a Sanguessuga. A mulher treme mas faz o que lhe dizem, cambaleando para a frente, até estar sentada no chão, com as pernas cruzadas, em frente ao rapazinho.

— Olá — diz-lhe este.

— ...Aaron?

— Porque é que estás a sangrar?

A Sanguessuga responde, através do altifalante: — Porque ela não acata as nossas regras, C87, estás a perceber?

O rapazinho acena que sim com a cabeça. — Percebo, sim. — Volta-se para a mulher vendada. Ela está a oscilar no chão, para a frente e para trás, como se tivesse enlouquecido. — Oxalá tivesses acatado as regras. Eles não te fazem mal se te portares bem.

A mulher faz o gesto de quem quer tirar a venda, mas uma das Sanguessugas grita uma ordem através do altifalante: — Ainda não!

Ela deixa cair a mão. — Aaron... querido... és tu?

— Eu não conheço nenhum Aaron — responde o rapazinho. A sua voz exprime sinceridade. Ele quer mesmo dizer o que diz.

A mulher começa a soluçar.

— Não tenhas medo — diz-lhe o rapazinho. — O homem com essa voz é meu amigo. Ele diz que sou um menino bem-comportado. Achas que sou bem-comportado?

A mulher começa a avançar, arrastando-se pelo chão. — Aaron... — As suas mãos tocam na pele suave das faces da criança.

— Podes contar-me uma história acerca dele? — diz o rapazinho, e a mulher suspira, desvia-se.

— Que fizeram vocês com o meu filho? — Ela arranca a venda e põe-se aos gritos. — Vocês disseram que ele tinha morrido! — Rasteja até ao rapazinho, abraça-se a ele e começa a embalá-lo, para lá e para cá.

— Vocês disseram-me que o meu filho *tinha morrido*! — Ela não para de soluçar. O rapazinho continua quieto, a pestanejar.

— Libertem-no! — grita ela, olhando para o teto e eu dou-me conta de que ela não consegue ver através do vidro.

Olha para as Sanguessugas que se limitam a ali estar, a observar tudo.

— Pois bem, acaba com isso, pá — diz um dos homens.

Oh, caraças, sei o que está prestes a acontecer. Observo horrorizado o momento em que a mulher se aproxima e olha o filho nos olhos.

No segundo em que o faz, ele muda. Os olhos dele tornam-se fendas de serpente, e vejo-o mostrar os dentes como um cão enraivecido.

— Não resistas — diz ele, e a voz é grossa e horrível. A mulher abre a boca embasbacada.

O rapazinho começa a gritar. Teria sido isto que eu fiz à Meadow? Ela pega-me na mão e aperta-ma, enquanto vemos o rapazinho a tremer e a tentar libertar-se das correntes.

Estas desprendem-se da criança e depois voltam a recolher-se na parede, como cobras.

Quero gritar. Dizer-lhe para ela parar o que está a fazer, voltar-se e começar a *correr*. Mas ela limita-se a ficar sentada. Não tem sítio onde se abrigar.

O rapazinho atira-se a ela.

Por instantes nada disso me parece real. Tudo o que consigo ouvir são os gritos da mulher. Ela e o filho estão enrolados um no outro, no chão. A parede de vidro começa a ficar mais escura, a ficar negra, porém, antes de adquirir uma cor sólida, um jato de sangue vermelho mancha o vidro, e começa a escorrer como tinta fresca até ao pavimento.

— Deves-me cinco créditos — diz uma das Sanguessugas à outra. Esta recosta-se na cadeira e põe os pés em cima da mesa de metal. — Disse-te que os que nasceram naturalmente iriam funcionar do mesmo modo que os bebés-proveta.

— Eu continuo a dizer que é um plano estúpido. Vamos comer qualquer coisa. Estou esfomeado.

Ambos abandonam a sala, muito descontraídos, como se não tivessem acabado de ver um filho raptado a assassinar a mãe. Assim que eles saem, as palavras surgem-me na memória.

Bebés-proveta.

Estão a criar Programados em laboratório.

Desviamo-nos do respiradouro o mais depressa possível. Tudo o que consigo ouvir é a respiração arrastada do Zephyr, atrás de mim. Horrorizado. Chocado. Enojado. Logo que nos afastamos o suficiente, paramos e encostamo-nos um ao outro no espaço apertado.

— O rapazinho... ele... — diz o Zephyr.

— Eu sei.

— A mãe dele. Era mesmo a mãe dele. E ele nem sequer sabia que...

Nada mais tenho a dizer. Nunca o deveria ter deixado ver o que vimos. De modo que, em vez de falar, continuamos a rastejar. Chegamos a outro respiradouro onde, dessa vez, me cabia a mim observar.

Há pelo menos cem crianças alinhadas nessa enorme sala. A treinarem. A darem pontapés. A lutarem com armas e com os punhos. Da maneira como o meu pai me ensinou. É exatamente como ele me disse. Teria sido nessa mesma sala que o Zephyr foi treinado para matar?

Continuamos. Olho através de um outro respiradouro e, neste caso, trata-se de uma espécie de sala médica. Filas e filas de recipientes semelhantes a berços alinham-se ao longo das paredes. Só que estes são maiores. Cada um tem uma criança não muito mais pequena do que nós. Há tubos que vão dos recipientes até desaparecerem nas paredes.

Consigo ver imagens em cada ecrã. Cada uma delas é diferente.

Uma criança a brincar nuns balouços com vista para o mar. Uma criança no passadiço, a ver o pôr do sol.

Um rapaz a comer gelado. Uma rapariga a construir castelos de areia na praia.

Tantas imagens, a tremeluzirem, mas todas elas vislumbres da vida real. Um verdadeiro passado.

— O meu pai tinha razão — digo eu, e quase me falha a voz.

— O quê? — murmura o Zephyr. — Que se passa?

Como posso não lhe contar? Ele merece saber a verdade.

Afasto-me um pouco e deixo que ele observe a sala.

Ouçoo a respirar nervosamente, como se a tivesse reconhecido.

— Memórias — diz ele. — Estão a... implantar-lhes memórias falsas...

— Zephyr...

— *Para*, Meadow. — Ele volta-se e afasta-se de mim. Observo-o quando para e coloca a cabeça diante do metal frio.

Estou a imaginá-lo, há vários anos, estendido num desses berços, depois de ter sido criado no laboratório. A adquirir a sua série de memórias. E agora, está a descobrir que nenhuma das suas memórias é realmente *dele*.

Nenhuma parte do passado do Zephyr é real.

Chegamos a uma nova ramificação e decidimos continuar para a esquerda, seguindo o mapa que memorizei. Por momentos, o único som é o da nossa respiração.

Paramos de nos mexer quando o fedor nos atinge.

É semelhante a ovos podres ou a leite estragado. É como dejetos humanos que estivessem vários dias sob um Sol quente. Só que é muito pior.

Chega até nós através da conduta de ar em frente, à nossa esquerda.

Desta vez, o Zephyr toma a dianteira. Não discuto com ele acerca disso, pois aterroriza-me o que possa vir a ver.

O Zephyr dá uma espreitadela para a sala. Inclina a cabeça, como se estivesse confuso. Depois pede que me junte a ele nessa observação. — Não faz mal — começa, e põe-me o braço à volta da cintura, para que eu fique mais junto dele. — Não são eles.

Aproximo-me da ranhura e olho para baixo. Fico quase sem respiração e tenho de me forçar até conseguir respirar normalmente. Não é o meu pai, não é o Koi ou a Peri. É uma mulher.

Esta está muito fraca. Magra, como um esqueleto, com o corpo que pouco mais é do que pele e ossos. A sua pele é esverdeada, quase como se estivesse a apodrecer, e está coberta por uma camada espessa de sujidade, com um cabelo que parece baço e acinzentado à luz fraca da cela. Não tenho de ser médica para ver que a estão a matar à fome.

Estão três guardas com ela, sentados contra a parede do fundo.

A mulher mexe um pouco a cabeça e, por momentos, receio que esta lhe possa cair do pescoço e começar a rolar pelo chão. É quase como se ela soubesse que alguém a está a observar. Fica imóvel e está tão magra que lhe consigo ver as veias do pescoço a pulsarem. Respiro fundo quando ela descontrai os ombros.

Mas depois volta-se, mais rapidamente do que eu julgaria possível. Olha para o respiradouro no alto da parede. Olha para nós.

Os nossos olhares encontram-se por um brevíssimo momento, antes de eu e o Zephyr nos tentarmos desviar.

Os olhos dela são cinzentos, como o mar.

Como os meus.

Aperto as coxas com as mãos. Como se estas me ajudassem a manter-me no lugar, quando tudo parece ter falhado. Nem sequer me importo já com o Zephyr.

Nada mais me interessa.

Porque conheço aquela mulher moribunda com o cabelo platinado.

— É a minha mãe.

A única coisa que sinto é um choque que parece paralisar-me.

A Meadow volta-se para mim. — Temos de sair já daqui.

— O quê? — Fico de boca aberta. — Meadow...

— Ela é *a minha mãe* — diz ela.

— Mas ela...

Consigo ver a expressão sombria no seu rosto, a olhar para mim como se eu fosse o inimigo.

— Meadow — repito.

Ela nem sequer me está a ouvir. Examina a pistola que trouxe. Três balas. Só tem cinco setas para o seu arco. Para e fica sem se mexer. — Vens?

Quando lhe respondo, a minha voz é apenas um sussurro.

— Por favor, não me obrigues a escolher.

Ela toma a decisão por mim.

A escuridão engole-me, quando ela levanta a grelha do respiradouro e salta para o interior da cela.

Ponho-me de pé no espaço apertado.

Dou um tiro na primeira câmara. O vidro parte-se e os guardas põem-se a correr quando a minha bala acerta na segunda.

— A rapariga! É a rapariga! — grita um deles, mas não demora até que eu esteja em cima dele.

Atiro-o para o chão, de modo a que ele aí bata com a cara. Atrás de mim, apercebo-me dos guardas que se aproximam, mas puxo do meu punhal e ouço o esguichar do sangue a jorrar do pescoço de um deles.

O terceiro guarda vem direito a mim, mas eu sou demasiado rápida. A minha mente e o meu corpo são duas armas que se fundiram para formar uma só. Ele tropeça e eu aproveito essa oportunidade. Ponho-lhe os braços em volta do pescoço, do modo como o meu pai me ensinou, e dou um puxão.

Sinto o estalo e isso satisfaz-me, é quase como tirar a rolha a uma garrafa. Perde as forças nos meus braços e deixo que o corpo caia para o chão.

Uma coisa atinge-me, vinda de trás. Tombo. Trata-se de reforços. Estes atiram-se para cima de mim e eu não me consigo mexer. Olho para o outro lado da sala. A minha mãe está encostada às grades da cela, e eu sei que essa será a posição em que ela me irá ver morrer.

No entanto, ela sorri.

Ouçó um tiro, tão perto do ouvido que o choque faz com que eu dê um grito. Tudo parece estar a tinir e a girar à minha volta. Outro tiro. O rosto de um guarda embate no meu. O buraco da bala que ele tem na testa parece estar a olhar para mim, e o sangue começa a correr como se de uma fonte.

Alguém retira os corpos.

O Zephyr dá um salto e vem ter comigo. Por segundos, tudo fica em silêncio.

Mas ouve-se outro tiro, vindo da porta.

— Alguém me acertou — geme o Zephyr. Agarra-se à cabeça.

Cai para o chão.

Eu afogo-me nos meus próprios gritos.

A dor não me atinge logo.

Uma sensação de ardor e de picadas atravessa-me o corpo, como se alguém me tivesse dado um choque elétrico de baixa voltagem.

E então invade-me como uma onda.

Fogo. Como o de um ferro em brasa.

Não consigo ouvir. Não consigo sentir. Apenas sinto esse fogo.

Toco na minha cabeça e, quando retiro a mão, reparo que está a sangrar.

Um guarda Sanguessuga deu-me um tiro no ouvido.

Ponho-me à procura dele mas já não o encontro. O otário arrancou-me a orelha com um tiro.

Volto-me e vejo a Meadow a correr para mim com uma fúria que eu nunca lhe tinha conhecido. No último momento ela dá um salto e esbarra com o guarda Sanguessuga que me alvejou. A Meadow retira da besta uma seta com penas. Dispara-a ao olho do homem que cai no chão, aflito, como eu.

Desde que me lembro que tenho vindo a sonhar com este momento.

Por vezes imagino eu e a minha mãe a aproximarmo-nos uma da outra, na praia. Quando nos encontramos, o céu explode de cor. Os sons são elétricos. Estamos juntas e estamos vivas.

Outras vezes, estou junto aos carris do comboio à espera que ela chegue. Espero-a durante horas e, quando ela aparece, é tão bonita como eu sempre soube que ela era.

— Meadow — diz ela. Não reconheço a voz rouca que lhe sai da boca. — Tu pareces tão crescida... Nem imaginas o que eu teria feito para te voltar a ver.

Ela pensa que eu não sou real.

Que sou uma alucinação.

— Mãe... — digo-lhe. — Eu *estou mesmo aqui*. Olha para mim.

As mãos tremem-lhe quando ela toca na minha blusa ensanguentada. Ela sustém a respiração, levanta as mãos para me tocar na face, na boca, e passa os dedos pelo meu cabelo. Vejo lágrimas nos seus olhos pálidos. — Sabia que me irias encontrar — diz ela, entre dentes, e puxa-me mais para si. O Zephyr suspira. Levanta-se e tenta andar. Cambaleia, perde o equilíbrio e depois cai deslizando pela parede.

A minha mãe afasta-se de mim quando o vê. Põe a cabeça de lado, como um cão. Os olhos dela brilham como se ela estivesse a olhar para uma droga que desejasse há anos. Apanha uma pistola do chão e dá-ma. — Doente Zero — diz ela. — Ele sempre foi forte, mas assim não... É melhor que acabes com ele.

Cambaleio para trás. — Tu... ele... ele está comigo...

— Faz o que te digo, Meadow. Este rapaz precisa de morrer. É estranho, não é... a dor? — observa a minha mãe.

Ela está louca. Quer que ele morra. Não sei mais o que fazer. Ponho-me de pé e aponto-lhe a pistola ao peito. — Ele está bem. Será que não consegues ver isso? Sou capaz de disparar se fizeres qualquer coisa como olhares para ele. Juro-o que o farei!

Ela ri-se. É uma gargalhada metálica que soa muito diferente do que eu me lembro. — Não terias coragem para o fazer, minha querida...

Ela tem razão. Nunca seria capaz de dar um tiro na minha própria mãe. Em vez disso, bato-lhe com a pistola no maxilar. Ela cai no chão. — Tu és uma pessoa doente...

— Sempre foste teimosa — observa ela, enquanto limpa o sangue da cara. Vejo que tem uns dentes negros. Podres. — Se ao menos soubesses o que eu fiz por ti. Já te salvei a vida mais vezes do que consigo lembrar-me.

Ela nunca fez nada por mim, senão dar início a um mundo cheio de conspirações, um mundo repleto de dor, de mentiras e de perdas. Eu quero voltar ao princípio. Esta mulher não é a minha mãe.

— Ele irá apenas atrasar-nos — diz ela, um pouco zangada. — É um peso morto...

— Eles têm a Peri e o Koi... e o pai...

A minha mãe recua. — Estou a ver... meu Deus, que fiz eu? Que *fiz eu*? — Começa a andar de um lado para o outro e põe-se a arrancar o cabelo.

E então, quando os alarmes começam a tocar, ela retoma a sua compostura. Fica muito direita e olha para a porta. Agora poderia fugir, fugir de mim. Mas volta-se e eu olho-a nos olhos. Ela está tão fraca... O seu olhar observa-me com uma ânsia que me deixa muito pouco à vontade.

— Vais fazer o que te digo — afirma ela. — Ainda és minha filha. De modo que fazes aquilo que te educámos para fazeres. Não deixas nenhum homem vivo.

Ela aproxima-se de um armário de metal, fora da cela, e abre-o. Há aí pistolas. Espingardas. Facas para serem atiradas. Bastões. Pouso a minha besta, pego num bastão e ponho-o ao ombro. A minha mãe atira-me uma pequena pistola preta. Tiro-lhe o carregador e vejo que está cheio de balas. Volto a pô-lo no lugar. Pego noutra recarga e escondo ambas na faixa que tenho à cintura.

Ela olha para mim, quando já tem uma espingarda ao ombro. — Estás pronta?

Sinto-me como se estivesse a ver cinco versões diferentes da minha mãe. Dor. Tristeza. Horror. Amor. Maldade.

— Meadow — diz ela, mordendo o lábio.

— Um momento — digo-lhe, e volto-me para ver onde está o Zephyr. — Tenho tanta pena... — Digo-lhe baixinho, mas quando me baixo, para o ajudar a levantar-se, os olhos dele abrem-se.

— Não — diz ele, e eu recuo, quando o vejo cerrar os dentes e começar a levantar-se. Cambaleia um pouco, mas eu espero que ele se mantenha de pé. — Agora estou bem. Estava apenas... em choque...

Dou-lhe o bastão.

Seguro firmemente com uma mão no punhal e com a outra na pistola. São a minha sanidade, juntamente com o Zephyr. Por um breve instante, recordo-me de que os meus instintos deverão ser o meu guia, não a minha mãe.

Mas quando ela entra no corredor e começa miraculosamente a correr, eu sigo-a.

Qualquer coisa acontece quando já estamos a meio do corredor.

Num momento, estou a correr atrás da Meadow, tentando manter-me de pé, tentando manter-me concentrado.

É então que surge.

Atinge-me como um atizador de lareira dentro da minha cabeça. Dou um grito agudo que ecoa pelas paredes. Caio no chão, é demasiado.

A Meadow apressa-se a vir ver o que se passa comigo. — Zephyr, que é que aconteceu?

Consigo ouvir o medo na sua voz. Quero dizer-lhe que estou bem, que tudo está bem. Mas é como se ela estivesse a muitas milhas de distância.

Contorço-me numa agonia enquanto as emoções me percorrem. Em primeiro lugar, a dor. Depois a perda do meu pai e da minha mãe, o vazio que se instalou logo após eu me ter dado conta do que tinha feito.

Depois, sinto-me como se estivesse a flutuar nas estrelas, mais feliz do que nunca.

— Quando é que ele foi ativado pela última vez? — ouço a Lark a perguntar.

— Há cerca de uma semana — responde-lhe a Meadow.

— É uma sequela — observa a mãe dela. Não existe qualquer traço de compaixão na sua voz. — Eles reiniciaram-no.

— Mas de que estás tu a falar?

— Ele era defeituoso, agora já não é. Curaram-no.

— Mas ele não está curado. *Olha* para ele!

— Têm andado a torturar-me, a tentarem que eu reinicie o sistema. Ontem acabei por ceder. Dei-lhes todos os códigos, todo o controlo.

— Fizeste, *o quê?*

Ouçó um soluço. — Lamento. Meu Deus, querida. Deitei tudo a perder. — Respira fundo. Um murmúrio trémulo. — Meadow, quando o Doente Zero era apenas um rapazinho, algo nele era *tão forte*, tão bom, que fazia com que fosse capaz de lutar contra o Complexo dos Assassinos. Era esse o seu defeito. Creio que já o descobriram. Todos somos bons até não sermos suficientemente fortes para o continuarmos a ser. Ele está curado. Agora irá mudar. Mata-o enquanto ainda tens essa oportunidade.

Estou a chorar, não consigo parar de o fazer. Tudo o que sinto é pena, pela experiência de cada morte, por cada vida que ceifei. A Meadow grita-me qualquer coisa, mas eu não consigo ouvir as palavras.

Olho para ela. Ela volta-se para mim e vejo tudo em câmara lenta. O seu cabelo a ondular. As pestanas. Os olhos cinzentos quando ela olha muito para mim.

— *Bem-vindo ao Complexo dos Assassinos. Doente Zero. Iniciar Extermínio...*

Meadow.

Amor.

«*Mata.*

Destrói.

Não há saída.

Não há retorno.

Este é o teu dever.

Purga a Terra.

Este é o Complexo dos Assassinos.»

Meadow.

Amor.

Cerro os dentes. Abro os olhos e olho muito para ela.

— NÃO!

Recuso-me a obedecer ao sistema. O esforço é tanto que o mundo parece desaparecer à minha volta.

MEADOW

O sorriso nunca desaparece do rosto do Zephyr.

Quando volta a si, momentos depois, puxo-o mais para mim e esmago os meus lábios nos dele.

— Meadow. — Sinto-o fraco quando se desvia de mim. Sem fôlego. — Consegui combatê-lo. *Consegui combatê-lo.*

— Bem sei — digo eu. — Já te disse que eras forte.

— É fascinante — diz a minha mãe. — Uma pessoa fascinante como sempre foi.

O Zephyr consegue pôr-se em pé, com uma careta. — Lark. Ela é a voz. A voz que eu ouço na minha cabeça...

Desvio os olhos dele para onde a minha mãe se encontra junto de dois guardas abatidos. De onde vieram eles? Têm as gargantas cortadas. Ela olha muito para os cadáveres como se os mesmos fossem lindíssimos. Aponta a pistola a um deles, mas o homem já está morto, no entanto ouço o som da bala a penetrar-lhe na carne. Ela sorri. — Vamos.

Os corredores estão estranhamente vazios. Não há guardas que venham ao nosso encontro, não ouço o som dos alarmes. Há um arrepio gelado que me percorre a espinha, como uma cobra. Isto não parece nada bem. Faz-me lembrar a calma que vemos no mar mesmo antes da tempestade.

— Temos um trabalho a fazer antes de irmos buscar a minha família — digo eu, apontando para o fundo do corredor. Só há um modo de ali chegarmos.

— A *tua* família? — A minha mãe levanta-me uma sobranceira, um olhar que ela me costumava dirigir quando tencionava ralar comigo.

— Sim. A *minha* família nunca me abandonaria — respondo eu. — Vamos.

— Eu não te posso levar lá, Meadow. Sei bem o que planeias fazer.

— Tem de nos levar lá! — exige o Zephyr, rangendo os dentes. — Senão vamos matá-la.

— A minha filha é forte, Doente Zero. Mas não é suficientemente forte para matar a mãe.

— Não estava a falar da Meadow — retorque o Zephyr. Pega na pistola que tinha à cinto e aponta-a para o rosto da minha mãe.

— Quem sai aos seus não degenera — observa ela, acenando afirmativamente com a cabeça. — Treinei-te bem. É por aqui. — Ela inverte a marcha e começa a caminhar pelo corredor.

Estão duas Sanguessugas à porta da sala da Direção Matricial.

E no chão, em frente dos guardas, está a Sketch estendida em cima de um charco de sangue.

— Não estou a gostar nada disto — murmura-me a Meadow ao ouvido, e eu concordo. Até agora tudo foi muito fácil. É como se eles quisessem que nós entrássemos na armadilha que nos prepararam.

— Existe um código para ter acesso a esta sala — diz a Lark.

— 74B67K23H9 — recita a Meadow entre dentes. — Não viemos aqui sem preparação.

— A Resistência está a ajudar-vos, mas eles são uns parvos, todos eles. Não basta o código para que possamos aí entrar. Existe um leitor mecânico de catalogação. Um leitor para retina. Um leitor de voz.

— Programado para quem? — pergunta a Meadow.

Ambos sabemos bem a resposta.

— Para o comandante — esclarece a Lark. — E para mim, é claro. Ele pensa que eu apaguei os meus códigos de entrada. Mas eu instalei uma opção de recurso, como qualquer pessoa minimamente inteligente faria. — Tosse e põe a manga à frente da boca. — Mas não vos irei deixar entrar. A não ser que vocês me deem qualquer coisa em troca.

A Meadow fica muito tensa. Tira a pistola e puxa o lustro ao cano da mesma usando a camisa. — Que queres tu, Lark?

Lark. Ela nem sequer lhe chama mãe. Bolas, esta foi bem apanhada, e eu quero sorrir, mas evito fazê-lo por causa da Meadow.

— Deixa-me ir embora — diz a Lark. — Deixa-me sair daqui com vida e prometo-te que nunca mais me irás ver. Eles já têm o que precisam. Eu reorganizei o sistema, dei-lhes todo o controlo. Serão capazes de me matar agora, à primeira oportunidade. Eu tenho... algo com que negociar. — Ela aproxima-se da Meadow. — Eles parecem pensar que o tempo me mudou muito. — Os seus olhos ficam muito parados por instantes, e ela começa a oscilar num e noutro pé. — Linda menina... será que eras capaz de deixar a tua mãe morrer?

— A minha mãe morreu há já muito tempo — observa a Meadow. — Já tens o que queres. Agora deixa-nos entrar e acabar de uma vez por todas com tudo isto.

Os guardas andam de um lado para o outro, à espera, como aranhas numa teia.

A Lark aponta para a pistola da Meadow. — *Abate-os* — sugere ela, entre dentes.

A Meadow acena-lhe com a cabeça e dispara, quase sem intervalo, duas balas em ambos.

Os guardas caem. Eu corro para a Sketch, ajoelho-me a seu lado e desamarro-a,

enquanto a Meadow lhe retira o saco da cabeça. Felizmente, ainda está viva.

— Já não era sem tempo, meus sacanas — diz ela. Olha por cima do meu ombro para a Lark.

— Ainda não, Sketch — aviso-a. — Nós precisamos dela.

— Como de um tiro na cabeça — geme ela. As pernas da rapariga estão a escorrer sangue, de modo que a Meadow pega no saco que ela tinha na cabeça, rasga-o, e faz-lhe ligaduras para os ferimentos. — Perdi muito sangue. Eles atacaram-me bem, com uma espécie de faca encarnada.

— Eu própria a desenhei. — A Lark sorri, com um ar maravilhado no rosto. — Esse instrumento reverte o processo de cura das nanites. Em breve irás morrer. — Ela digita o código num enorme painel que está na porta.

A sala abre-se com um silvo. Uma luz avermelhada extravasa para fora.

A Meadow e eu levamos a Sketch para o interior.

— Estás bem? — pergunto-lhe.

Ela geme. — Melhor do que tu, Zero. Estás com um aspeto do diabo.

A porta fecha-se automaticamente assim que entramos. A sala é circular, com assentos vazios, suficientes para pelo menos cem pessoas. A Sketch cai numa cadeira, a respirar ofegante. — Que porra é aquela coisa? — pergunta, apontando para a parede do fundo.

Trata-se de um ecrã iluminado com um tom cor de sangue. Há códigos de barras que surgem. Estão sempre a mudar, a aparecer em sítios diferentes. No centro está o olho da Iniciativa. Por baixo, na parede junto ao chão, existe uma linha que ondula para cima e para baixo, ininterruptamente.

— Está a medir uma pulsação cardíaca — observo. — Olhem para ela. Está ligada a uma pessoa!

Mas a Meadow está por de mais concentrada na mãe dela para me dar atenção.

— Criei-a há muito tempo — diz a Lark. *Ela*, tal como o Complexo dos Assassinos, é um ser humano fluido. Sento-me então na cadeira ao lado da Sketch.

— Como é que se desliga? — pergunta a Meadow. Caminha até ao outro lado da sala e bate com os nós dos dedos no enorme ecrã de computador. Os códigos de barras continuam a subir, a deslizar, a mudar. Nunca param. Caraças, quantos cidadãos é que esta coisa já matou? Quantos, como eu, tem este sistema vindo a controlar?

A Meadow puxa pela pistola, põe-lhe a outra carga que trazia à cintura e dispara.

A bala acerta no olho, mas evapora-se instantaneamente. Desaparece. Simplesmente *desaparece* numa voluta de fumo. A Meadow suspende a respiração.

— Existe neste sistema uma capacidade de proteção impenetrável — diz a Lark. — Também não o podem desligar ou quebrar, ou acabar com ele. É a minha grande criação, Meadow. E o meu maior arrependimento.

— Tu não te arrependes de nada — diz a Meadow, com mau humor. — Adoras o Complexo dos Assassinos. Olhas para ele como se fosse *teu filho*.

Lark muda de posição. Olha para os dedos dos pés. — Uma mãe adora sempre o seu filho, mesmo que este se torne um monstro.

— Mas tu nunca me amaste. — A Meadow senta-se no chão e põe a cabeça entre os joelhos.

— Eles disseram que haveria um Protetor — observa a Sketch a meu lado.

— Existe um Protetor — diz a Lark, abanando a cabeça. — E essa é a pior parte disto tudo.

Meadow levanta-se. — Mas quem é? — pergunta.

Parece que tudo se começa a encaixar. Consigo adivinhar a resposta.

A Lark olha para a Meadow. Esta retribui o olhar e, quando a Lark fala, tem lágrimas nos olhos.

— Tu és a Protetora, Meadow. Para que a Direção Matricial possa ser desligada, para que o Complexo dos Assassinos possa parar... tu terás de morrer.

MEADOW

Sobrevivi durante todos estes anos por causa do meu pai. Ele ensinou-me que, num mundo cheio de morte, viver era uma coisa maravilhosa.

Lutei por cada dia devido a ele. Sempre fiz o que tinha de fazer para me manter viva.

E agora, ao olhar fixamente para a Direção Matricial, e ao dar-me conta de que a sua destruição reside *dentro de mim*, quero morrer.

— Estás doida! — exclama o Zephyr.

— Mereces apodrecer no Inferno para toda a eternidade — pragueja a Sketch.

Tenho uma pistola na mão e uma bala na câmara.

— Como é que o fizeste? — pergunto à minha mãe. — Como é que ligaste isso... a mim?

— Através do teu cérebro — responde-me ela. — Quando eras bebé, programei o teu cérebro para o Complexo dos Assassinos. Quando morreres, o sistema também morre. Eu também fui implantada. Na verdade, é uma coisa brilhante. Se a Iniciativa me matar, o sistema arrastará também todos eles. A lotaria irá escolhê-los, e todos irão morrer.

— Porquê? — pergunto-lhe. — Como foste capaz de me fazer uma coisa dessas?

— Fi-lo às *duas*, Meadow. Sempre estivemos nisto juntas, tu e eu. Mas, especialmente para ti, fi-lo porque sabia que, um dia, eu poderia arrepender-me e até sentir culpa. Poderia querer acabar com tudo... desligar o sistema. Mas é a única maneira de manter tudo vivo, Meadow. Não estás a ver? — Ela esfrega as mãos e solta uma gargalhada de louca. — Um dia, a Iniciativa irá levar o Complexo dos Assassino *para todo o lado*. Assim, poderei salvar a Terra, e não apenas este nosso espaço murado.

Ela começa a andar de um lado para o outro. — Terás de compreender que houve dias em que eu queria destruir isto tudo. Mas tu... — diz ela, estendendo a mão para me tocar na face. Eu desvio-me. — Tu nunca te irias arrepender. *Nunca* serias capaz de destruir.

Estou estranhamente calma logo que compreendo as suas palavras. Foi por isso que a Iniciativa nunca tentou matar-me. Foi por isso que eles permitiram que eu viesse até eles nos meus próprios termos.

— O meu pai disse-me que existe alguém que continua a tentar colocar-me no sistema. Alguém que me quer ver morta. Será por isso? Porque sabem o que tu me fizeste?

A minha mãe acena afirmativamente com a cabeça, com um olhar estranho e inquietante no rosto. — Guardei esse segredo o mais tempo possível, para que pudesses viver uma vida normal.

— *Normal*? — Apenas consigo rir-me. — Nada é *normal* nos Baixios.

— É a sua irmã, não é? — pergunta o Zephyr. — A sua irmã é que quer que a Meadow morra. Ao contrário da senhora, ela é uma pessoa boa.

— Não fales acerca da minha irmã — grita a minha mãe para o Zephyr.

Não sei como me vão manter viva depois de a cura não surtir efeito. Será que irão extrair o meu cérebro para o manterem, bem protegido, dentro de um frasco?

— Deixem-me matar a Lark — pede a Sketch. — Deixem-me arrancar-lhe os olhos! — Ela cambaleia até onde a minha mãe se encontra, mas fica a meio caminho, pois cai no chão, inconsciente.

Está tudo perdido. — Acabou-se — digo eu.

— Meadow. — A voz do Zephyr tem tanta mágoa... Ele olha para mim e eu olho para ele, e sei o que ele está a pensar.

— Desculpa — digo-lhe. — Eu quero morrer. Quero isso mais do que tudo...

Volto-me para ele e ponho-lhe a pistola na mão suada. — Fá-lo tu — peço-lhe. — Por favor, suplico-te...

— Não! — A pistola cai no chão. — Nunca.

— Quero que sejas tu — insisto. — Tens de ser tu.

A minha mãe está de pé a um canto, a observar-nos. — Não faças isso, Meadow — diz ela. — Pensa na tua irmã mais nova. Pensa no teu irmão. Eles precisam de ti.

— Não vale a pena! — observa o Zephyr. Ele está agora a tremer, com as mãos em volta do meu rosto, a abraçar-se muito a mim. — Deixa que o mundo morra. Tu não tens escolha.

— Eu *sempre* tive uma escolha, Zephyr.

Baixo-me para apanhar a pistola. Ele tenta agarrá-la, mas eu sou mais rápida e aponto-lha. — Fica onde estás — digo-lhe, entre lágrimas. No entanto ele continua a avançar para mim, até já ter o cano da pistola encostado ao peito. — Zephyr, por favor. Eu quero isto. Tenho de fazer isto. — Olho-o muito nos olhos, tento inscrevê-los na minha memória e espero que, numa outra vida, me possa lembrar do seu suave tom verde. Quando aponto para mim a pistola, pronta a remediar o que a minha mãe estragou, ouço o único som no mundo que me poderia fazer parar neste preciso momento.

O grito da Peri.

Corremos através da sala para o exterior. Dou um tiro no trinco da porta, depois dou-lhe um pontapé para a abrir, e começo a correr ao longo de um corredor serpenteante. Existem guardas a cada esquina e eu elimino-os a todos. — É ali! — grita a minha mãe e, finalmente, vejo duas portas ao fundo do corredor. Entramos por elas apressadamente. A minha mãe usa a espingarda, dispara com uma graça onde não se revela um grande esforço, abatendo um guarda, depois outro, e em seguida mais dois, com um único tiro certo.

Existem celas ao longo das paredes da sala. Eu grito para os prisioneiros: — Onde está ela? Onde? — Eles abanam a cabeça e olham muito para mim, frágeis e esqueléticos, como se já não soubessem falar.

A Peri volta a gritar. Está próxima, algures ali dentro.

O cheiro a dejetos humanos e a morte inunda-me os pulmões, queima-me como um

ácido quente e, de súbito, ouço o som de um cartão-chave. Contorno a esquina para lá da cela onde a sala termina. Vejo uma outra porta. Esta fecha-se mesmo antes que eu a consiga alcançar.

Dou-lhe um tiro no trinco e abro-a.

E vejo luz. Lá fora. Observo o Perímetro na distância.

Barras grossas de ferro impedem-me a saída.

— Peri!

Não consigo sair. Não consigo chegar junto dela. Um guarda arrasta-a pela relva. Ela está a debater-se e a gritar. Uma grande raiva irrompe em mim.

Porque cheguei tarde de mais.

Os seus olhos pálidos encontram os meus, mesmo antes de o guarda chegar junto de uma camioneta blindada e a atirar lá para dentro. O Sol aparece por momentos por detrás de uma nuvem e a sua luz cega-me.

— Acabou-se, Meadow. Ela já vai longe — diz a minha mãe, ao meu lado. Eu baixo o meu punhal.

As portas da camioneta fecham-se. Uma porta no Perímetro abre-se e, por um breve instante, vejo o mundo para lá da muralha.

Tudo é verde. Vivo.

A camioneta apressa-se a passar.

A porta do Perímetro fecha-se.

— Não!

A Peri desapareceu.

A única saída é regressarmos por onde viemos.

A Meadow começa a vociferar com a mãe logo que chegamos ao corredor principal.

— Para onde a levaram? Diz-me!

— Para o Cume — diz ela —, a norte.

— A norte de onde? — grita a Meadow. Aponta o punhal à mãe. Uma gota de sangue pinga da ponta da arma para o chão, como uma gota de chuva.

— Nós não somos o único local para testes, Meadow. Há dois outros, um para a mutação genética e outro para a procriação. O Cume é um bom lugar. A Peri irá ser feliz aí.

— Como podes dizer uma coisa dessas? — pergunta-lhe a Meadow, com raiva. — Ela é *tua filha*.

A Lark suspira. Há rugas fundas no seu rosto sujo. — Tu nunca irás perceber, de modo que não me peças que to explique. Não és suficientemente inteligente, minha querida...

Eu cambaleio na direção da Meadow e ponho-lhe uma mão no ombro. Ela estremece, como se tivesse sido alvejada. Estreito-a nos meus braços. Beijo-lhe a cabeça, digo-lhe que tenho muita pena, digo-lhe que tudo se há de remediar.

— Não podemos ficar aqui — diz a mãe dela. — A esta hora já terão enviado os doentes.

— Tu enojas-me. És ridícula. Mereces morrer... — diz a Meadow.

— Já não há nada que possamos agora fazer por ela, Meadow. Senão talvez rezar...

— Rezar? — A Meadow atira os braços para o ar. — Tu não tens sequer alma!

A mãe dela suspira.

— Eu nunca devia ter perdido o meu tempo para te salvar, minha grande cabra! Tu já morreste para mim.

— Meadow.

— Desaparece da minha vista.

As sirenes começam de novo a apitar.

— Vamos. — Levo a Meadow comigo. Ela cambaleia um pouco, e eu uso o bastão que trouxe comigo para nos manter a ambos de pé. O meu ombro dói-me imenso e tenho a cabeça a andar à roda. Perdi demasiado sangue.

Voltamo-nos e começamos a andar pelo corredor.

Caminhamos em silêncio.

O Zephyr tem um andar vacilante mas não me deixa ajudá-lo. A minha mãe vai à nossa frente e nunca olha para trás.

Decido que, nesse dia, não irei atentar contra a minha vida.

Hei de vingar-me da Iniciativa. Hei de morrer a matá-los a todos. Se correrem para se esconderem, hei de encontrá-los. Se me pedirem misericórdia, corto-lhes a garganta.

Concentro-me em pôr um pé diante do outro. A caminhar com o Zephyr. Hei de levá-lo daqui para fora em segurança, antes de fazer o que quer que seja. Nada dizemos um ao outro enquanto seguimos a minha mãe. Ignoro para onde nos dirigimos. Creio que isso nem sequer me importa.

Finalmente eles saltam na nossa direção, vindos de todo o lado.

Um exército de desmiolados. Os bons soldados do Complexo dos Assassinos. Inundam o corredor como uma enchente de água.

— Não lhes olhes para os olhos, Meadow — recomenda-me a minha mãe. — Irás ficar bem se não os olhares nos olhos.

Não lhe quero obedecer, mas acabo por fazê-lo.

Encostamo-nos às paredes e eu mantenho a cabeça baixa.

Aperto a mão do Zephyr para lhe dar coragem.

— Estou bem, Meadow. Continua — incita-me ele.

Recorro à minha força que me parece vir de um lugar desconhecido dentro de mim. Tento recordar o que o meu pai me disse.

«Uma força silenciosa... foi com isso que tu nasceste, Meadow.»

O corredor está bloqueado por uma grade que terá descido do teto.

— E agora? — pergunto, e a minha mãe abana a cabeça.

— Essa porta — observa ela, apontando para a nossa esquerda. — Abre a porta!

Trata-se de uma espécie de despensa para produtos de limpeza. Carrego no interruptor e uma luz mortiça enche o espaço. Pego numa vassoura e ponho-a por baixo da porta, em jeito de travão. Talvez isso nos possa dar um pouco mais de tempo.

O Zephyr senta-se no chão com a cabeça entre as mãos. Eu acocoro-me junto dele e murmuro-lhe: — Vai tudo correr bem. — Surpreende-me a facilidade com que minto.

Porém, ele sabe. Ele sempre soube que as coisas iriam acabar assim.

Volto-me para a minha mãe. — E agora? — pergunto-lhe. — Onde é que estamos?

— Acabou-se tudo, Meadow.

Sento-me também no chão e encosto a cabeça à porta. — Tu não sabes disso.

Ela sorri. — Achas que não, querida? Eles não vão parar até te apanharem. És especial, Meadow. Muito, muito especial. E terás de me agradecer por isso.

— Por que motivo o fizeste?

— Queria mais — esclarece ela.

Ela não me dá desculpas. Não reconhece que me ama ou que quer o que seja melhor para mim. Limita-se a fechar os olhos.

O Zephyr geme. — Não o poderei combater duas vezes no mesmo dia — murmura ele. — Não quando tu estás tão perto, Meadow.

A minha mãe instala-se perto de mim. — A criação leva o criador — diz ela. — É maravilhoso. Sempre soube que tudo iria acabar assim.

Ela observa o Zephyr em silêncio. Eu não tiro os olhos dela. Quase consigo imaginar um pequeno raio de Sol a espalhar-se-lhe no rosto e o embalo suave da nossa casa a flutuar. Quase consigo saborear a brisa marinha e interrogo-me sobre há quantos anos é que ela também tem ansiado pela mesma. Pergunto-me se ainda sente alguma coisa, ou se o seu coração se encontra demasiado empedernido para ter vontades e desejos.

Ela levanta a cabeça e o queixo. — Consegues senti-lo?

— Sentir o quê? — pergunto-lhe, mas ela tem razão. O ar na despensa está a ficar mais frio.

— Atrás de mim — diz o Zephyr, com uma voz rouca.

Puxo-o delicadamente para o lado e esvazio a prateleira o mais rápido que posso. Latas de tinta. Velhos esfregões. Um tornado de pó.

E sinto então uma brisa, como o gosto de uma agradável liberdade nos lábios.

Afasto um rolo de arame e é então que vejo um respiradouro que conduz diretamente ao exterior.

— Zephyr, Zephyr, dá-me o bastão!

Bato com força na grelha metálica. Esta fica ligeiramente amolgada, de modo que volto a fazê-lo, vezes sem conta, até os parafusos começarem a saltar e nós vermos uma pequena janela para o exterior.

Liberdade.

A porta começa a rachar-se. Estão a bater nela.

A minha mãe passa por mim e põe-se de gatas.

Volta-se, antes de sair pela abertura. Olho-a bem nos olhos.

— Zephyr, vamos — digo-lhe eu. Volto-me então para ele. Quando volto a percorrer o espaço com os olhos, vejo que a minha mãe já não está lá.

— Sai tu primeiro — sugere ele. Estende uma mão para me ajudar. Em vez de a agarrar, ponho-lhe a minha pistola na mão e fecho-lhe os dedos em volta do metal frio.

— Meadow!

Inclino-me, e ponho-lhe umas mãos trementes em volta do rosto. — Tu serás capaz de encontrar a minha família, não é, Zephyr? Serás capaz de encontrar uma maneira de sair daqui e de os encontrar?

— Com certeza — diz ele. — Agora vamo-nos embora, Meadow, precisamos de sair já!

— Não tenhas medo, Zephyr James. — Beijo-o uma vez. — Vai.

Ele passa pelo buraco e tenho de recorrer a todas as minhas forças para não o seguir.

Assim que os seus pés desaparecem, volto a colocar a grelha no respiradouro. Coloco o bastão contra ela, depois uma prateleira, e tudo o que seja suficientemente pesado. Consigo ouvir o Zephyr aos muros, contra a grelha metálica, e a gritar o meu nome.

Desembainho o punhal e volto-me para a porta. Imagino a Peri a correr pela praia ao meu encontro. Penso no Koi, na sua concentração e no seu amor. Lembro-me da única coisa que sempre soube. Não sou filha da minha mãe. Não fujo do perigo, mas atiro-me a ele de cabeça, do modo como o meu pai me ensinou.

A porta parte-se aos bocados. Fecho os olhos.

Conta até três. Descontrai a mente. Agora sobrevive.

AGRADECIMENTOS

Nunca pensei tornar-me uma verdadeira escritora e há muitas pessoas que me ajudaram a consegui-lo. Todos vocês merecem mil obrigados e toda a felicidade. E cachorrinhos.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao meu Senhor Jesus Cristo por me ter ajudado durante a minha doença. Tu deste-me livros e estes salvaram-me a vida.

À minha agente literária, Virginia Duncan, da Greenwillow, que muito me encorajou e tornou este livro mil vezes melhor do que alguma vez poderia ser sem a sua ajuda. Obrigada por me ter dado uma oportunidade, a mim e a este livro. A senhora mudou a minha vida quando me disse que SIM.

À equipa da Epic Reads e a todos na HarperCollins, por ficarem tão entusiasmados com a série, e terem ajudado a promovê-la incondicionalmente. Aos deuses das capas, Matt Roeser e Paul Zakris, que deram um rosto a este livro e lhe tornam a capa feroz e VERMELHA.

À Equipa Fury, especialmente à Kristin Smith por me ter ajudado a rever este texto, aos bastidores, e me ter dado ideias mágicas e fascinantes.

Aos meus pais, Don e Karen Cummings, e à minha irmã Lauren, por me terem ajudado a manter a calma durante todo o processo, e por terem acreditado em mim.

Ao meu marido, Josh Price, por sempre me ter resgatado da caverna da escrita, e por me ter dado o amor e o carinho que o Zephyr dá à Meadow.

À minha melhor amiga, Cherie Stewart, por gostar de livros quase tanto como eu. Aos meus primos Abby Haxel e Landon Davies, por adorarem livros e me terem inspirado. À minha primeira amiga que se tornou fã, Jen Gray, por ter sido tão simpática, me ter dado tanto apoio, e por ter adorado este livro.

Para todo o grupo de fãs do Complexo dos Assassinos que escreveram páginas no Instagram. Adoro-vos! À Sasha Alsberg por me ter ajudado a embelezar o texto. Ao meu superfã Sama Aziz, por ter sido espetacular.

Às senhoras do meu grupo de Estudos Bíblicos de terça-feira, por anos de orações.

À equipa de #booknerdigans, por terem acreditado no meu trabalho. Vocês são os MELHORES maníacos de livros de SEMPRE. Aos YA Valentines por me terem ajudado a sobreviver à loucura do início da minha vida de autora! A todos os texanos que me deixaram olhar para partes dos seus livros ainda por publicar, pelo prazer que me proporcionaram!

Aos escritores Patrick Carman, Lauren Oliver, Veronica Roth, Marie Lu, Beth Revis, Suzanne Collins e J. K. Rowling por me terem inspirado muito. Vocês fizeram-me acreditar no sonho de vir a ser uma escritora.



LINDSAY CUMMINGS tem 22 anos e é autora da série O Complexo dos Assassinos e da trilogia Balance Keepers. Começou por escrever como hobby devido à Síndrome de Fadiga Crónica de que sofre desde o secundário. O hobby tornou-se vocação e vício. Reside em Dallas com o marido, dois cães, um ouriço, um lobo e um cavalo. Lindsay coleciona armas, adora Hot Cheetos, e não consegue parar de pintar o cabelo com cores loucas e esquisitas.

Mais informações em
www.saidadeemergencia.com